

A CRUZ E SUA SOMBRA

S. N. Haskell



Prefácio

A eternidade nunca será capaz de sondar a profundidade do amor revelado na cruz do Calvário. Foi lá que o amor infinito de Cristo e o egoísmo sem medida de Satanás se encontraram face a face. Todo o sistema do judaísmo, com seus tipos e símbolos, era uma sombra da cruz, estendendo-se do Calvário de volta aos portões do Éden, e consistia em uma profecia compactada do evangelho.

Atualmente, a pessoa que estuda o Novo Testamento por meio das luzes de interpretação dos tipos e símbolos dos serviços levíticos, encontra uma profundidade e riqueza nesse estudo que não são encontradas de outra maneira. É impossível ter uma compreensão elevada da obra de expiação de Cristo quando o Novo Testamento é estudado sem um conhecimento prévio dos alicerces, profundos e manchados de sangue, encontrados nos evangelhos do Antigo Testamento de Moisés e dos profetas.

"Em cada sacrifício a morte de Cristo era exemplificada. Em cada nuvem de incenso, ascendia Sua justiça. Seu nome ressoava ao toque de cada trombeta do jubileu. No impressionante mistério do santo dos santos habitava Sua glória".

Mediante a luz que brilha do santuário, os livros de Moisés, com seus detalhes de ofertas e sacrifícios, seus ritos e cerimônias, geralmente considerados tão vazios e sem sentido, tornam-se radiantes com consistência e beleza. Não há outro tema que una tão plenamente todas as partes da Palavra inspirada em um harmonioso

todo como o tema do santuário. Cada verdade do evangelho está centrada no serviço do santuário, e dele irradia como os raios do sol.

Cada tipo usado em todo o sistema de sacrifícios foi planejado por Deus para que simbolizasse alguma verdade espiritual. O valor desses tipos consistia no fato de que foram escolhidos pelo próprio Deus para representar as diferentes fases de todo o plano da redenção, tornado possível pela morte de Cristo. A semelhança entre tipo e antítipo nunca é acidental, mas, simplesmente, é um cumprimento do grande plano de Deus.

Em *A Cruz e Sua Sombra*, o tipo e o antítipo são colocados lado a lado, com a esperança que o leitor possa se tornar mais familiarizado com o Salvador. Não é intenção do autor desta obra atacar qualquer erro que tenha sido ensinado em relação ao serviço do santuário, ou suscitar qualquer controvérsia, mas simplesmente apresentar a verdade em sua clareza.

Este livro é o resultado de muitos anos de oração e estudo dos tipos e símbolos do serviço do santuário e está sendo posto em circulação acompanhado de uma oração para que a leitura possa prender a atenção dos desinteressados, apresentar aos cristãos uma nova perspectiva do caráter de Cristo, e guiar muitos ao Sol do amor de Deus.

Introdução

No governo de Deus, a lei é a base sobre a qual todas as coisas estão estabelecidas. A lei é o fundamento do trono de Deus, a estabilidade do Seu governo e do Seu caráter, e a expressão de Seu amor e sabedoria. A desobediência desta lei causou a queda de Satanás e suas hostes. A desobediência aos mandamentos de Deus por Adão e Eva abriu as portas da desgraça sobre o mundo e mergulhou toda a família humana em trevas impenetráveis. Mas o amor divino já havia concebido um plano pelo qual o homem poderia ser redimido. Esse plano foi revelado na promessa: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar".

Uma vez que a lei divina é tão santa quanto o próprio Deus, apenas um Ser igual a Deus poderia fazer expiação por sua transgressão. Portanto, a semente da mulher não poderia se referir a ninguém senão ao Senhor Jesus Cristo. Nessa promessa feita aos nossos primeiros pais, um raio de esperança penetrou nas trevas que envolviam as mentes do casal pecador e, quando um sistema de sacrifícios que exigia a vida de uma vítima inocente lhes foi revelado, puderam ver com mais clareza o significado da promessa – ela envolvia a morte do amado Filho de Deus para expiar seu pecado e atender às reivindicações da lei que havia sido quebrada. Por meio deste sistema de sacrifícios, a sombra da Cruz alcançou até o início e tornou-se uma estrela de esperança, iluminando o futuro terrível e sombrio, livrando-o de sua absoluta desolação.

Foi o reflexo da Cruz que irradiou até a era antediluviana, e manteve viva a esperança dos poucos fiéis naqueles anos de fatigante esperar. Foi a fé na Cruz que sustentou Noé e sua família durante aquela terrível experiência em que Deus estava punindo o mundo pela transgressão de Sua santa lei. Foi o conhecimento da Cruz e seu significado que fez com que Abraão deixasse sua terra, sua parentela e a casa de seu pai, e peregrinasse com seus filhos numa terra de desconhecidos. Dele está escrito: "Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado por justiça". Em visão profética, a Moisés foi permitido ver a Cruz de Cristo e compreender melhor o significado da serpente de bronze que ele levantou no deserto para a cura do povo. Foi essa visão que removeu o agulhão do castigo por seu próprio pecado, e reconciliou-o com o decreto de que "devia morrer no monte e ser recolhido ao seu povo".

O sistema elementar de sacrifícios instituído pelo Senhor desde o princípio para simbolizar, ou prefigurar Cristo, foi quase totalmente perdido de vista durante a escravidão dos filhos de Israel no Egito. Ao retornarem a Canaã, Moisés, sob direção divina, lhes deu um sistema mais elaborado, definido nas Escrituras como o "santuário e seus serviços". Esse santuário terrestre, com todas as minúcias de sua construção, utensílios e serviço, deveria ser edificado e administrado em harmonia com o padrão do celestial que lhe foi mostrado no Monte Sinai. Cada forma, cerimônia e detalhes desse serviço tinham um significado, e foi projetado para proporcionar ao adorador uma compreensão mais completa do grande plano da redenção.

No santuário, a Cruz de Cristo é o grande centro de todo o plano da redenção humana. Ao redor dela, reúne-se toda a verdade da Bíblia. Dela irradia luz desde o princípio até o final de ambas as dispensações. E não para por aqui. Ela penetra o grande além e concede aos filhos e filhas de fé um vislumbre das glórias do futuro eterno. Sim, mais do que isso é realizado pela Cruz. O amor de Deus é manifesto para o Universo. O príncipe deste mundo é expulso. As acusações que Satanás apresentou contra Deus são refutadas, e a injúria que ele lançou sobre o Céu é removida para sempre. A justiça e a imutabilidade da lei de Deus são mantidas, e os anjos, assim como os homens, são atraídos para o Redentor. A Cruz de Cristo torna-se a ciência e a música do Universo.

Pode-se afirmar com certeza sobre o autor de *A Cruz e Sua Sombra*, como foi dito de um herói do passado, que é "poderoso nas Escrituras". Neste livro, ele está dando ao mundo, em forma condensada, os resultados de anos de estudo sobre este grande tema. Por meio das figuras e símbolos utilizados no ministério do santuário terrestre, o autor tornou muito claro a obra final de Cristo no Santuário celestial. A semelhança e a ligação entre tipo e antítipo foram feitas tão claras que ninguém pode deixar de compreender as grandes verdades centrais do plano de salvação desdobradas no serviço e na ministração do santuário terrestre.

Nestes dias de estudo superficial e conseqüentes teorias humanas do plano da salvação, é revigorante encontrar um livro como *A Cruz e Sua Sombra*, que exalta Jesus e O apresenta ao mundo revelado nos tipos, representado nos símbolos, prefigurado

nas revelações dos profetas, revelado nas lições dadas aos Seus discípulos, e manifestado nos maravilhosos milagres operados em favor dos filhos dos homens.

Assim como a Palavra é honrada pelo autor, que o Espírito Santo, o grande Mestre da justiça, honre o autor tornando seu livro o meio de salvar muitas almas no reino eterno de Deus.

G. A. Irwin, Loma Linda, Califórnia.

Capítulo 1

Luz na Escuridão

A cada marinheiro do tempestuoso mar da vida, o Senhor entregou uma bússola que, se usada corretamente, o guiará com segurança ao eterno porto de descanso. Foi dada aos nossos primeiros pais nos portões do Éden, depois de terem permitido a entrada do pecado naquela bela Terra, bem como em suas próprias vidas. A bússola consiste nas seguintes palavras, que o Senhor disse a Satanás: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente". (Gênesis 3:15) Em cada coração, Deus plantou a inimizade contra o pecado, que, se cultivada, conduzirá à justiça e à vida eterna. Qualquer pessoa, independente de seu posto ou posição na vida, que verdadeiramente seguir a bússola divina colocada em seu coração, aceitará Cristo como seu Salvador e será conduzido ao Sol do amor e da aprovação de Deus. (João 1:9)

Como consequência dos nossos primeiros pais terem comido do fruto proibido, pairou sobre toda a Terra as trevas do decreto divino: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás". (Gênesis 2:17, margem) As marcas da morte e decadência logo foram vistas nas folhas caindo e nas flores murchando. Não havia como escapar do decreto: "O salário do pecado é a morte". (Romanos 6:23) Mas um raio de luz penetrou a escuridão quando Deus pronunciou as seguintes palavras a Satanás: "Este (a descendência da mulher) te ferirá a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar". (Gênesis 3:15) Essas

palavras revelaram o fato de que, para aqueles que nutrissem a inimizade contra o pecado, colocada por Deus no coração, haveria uma maneira de escapar da morte. Eles viveriam, e Satanás morreria; mas antes de sua morte ele feriria o calcanhar do descendente da mulher. Isso era necessário para que a morte de Satanás fosse assegurada, e que a humanidade pudesse escapar da morte eterna. (Hebreus 2:14)

Antes que o ser humano fosse colocado à prova, o amor do Pai e do Filho por ele era tão grande que Cristo empenhou Sua própria vida como resgate, caso o ser humano fosse vencido pelas tentações de Satanás. Cristo foi "o Cordeiro morto desde a fundação do mundo". (Apocalipse 13:8) Essa maravilhosa verdade foi apresentada aos nossos primeiros pais nas palavras ditas pelo Senhor a Satanás: "(a descendência da mulher) te ferirá a cabeça e tu Lhe ferirás o calcanhar".

Para que o homem pudesse perceber a enormidade do pecado, que tiraria a vida do imaculado Filho de Deus, era obrigado a trazer um cordeiro inocente, confessar seus pecados sobre a sua cabeça, então, com as próprias mãos, lhe tirar a vida, um tipo da vida de Cristo. Esta oferta pelo pecado era queimada, tipificando que, mediante a morte de Cristo, todo pecado seria finalmente destruído pelos fogos do último dia. (Malaquias 4:1-3)

Era difícil para o homem, cercado pelas trevas do pecado, compreender essas maravilhosas verdades celestiais. Os raios de luz que brilhavam do santuário celestial sobre os singelos sacrifícios do

início se tornaram tão obscurecidos pela dúvida e pelo pecado, que Deus, em Seu grande amor e misericórdia, ordenou que um santuário terrestre fosse edificado segundo o modelo divino, e sacerdotes nomeados, os quais "ministravam em figura e sombra das coisas celestes". (Hebreus 8:5) Isso foi feito para que a fé dos seres humanos pudesse apoderar-se do fato de que há um santuário no Céu, cujos serviços são para a redenção da humanidade.

O profeta Jeremias compreendeu esta grande verdade e exclamou: "Trono de glória enaltecido desde o princípio é o lugar do nosso santuário". (Jeremias 17:12) Davi conhecia a morada de Deus no Céu, e ao escrever para as gerações vindouras, ele disse: "O Senhor, do alto do Seu santuário, desde os Céus, baixou vistas à Terra". (Salmos 102:19) Os fiéis sempre compreenderam que, quando buscam a Deus de todo o coração, "sua oração chega até à santa habitação de Deus, até aos Céus". (2 Crônicas 30:27)

Toda a adoração no santuário terrestre procurava ensinar a verdade em relação ao santuário celestial. Enquanto o tabernáculo terrestre esteve presente, o caminho para o tabernáculo celestial não se tornou manifesto; (Hebreus 9:8) mas quando Cristo entrou no Céu para apresentar Seu próprio sangue em favor do homem, Deus revelou por meio de Seus profetas muita luz em relação ao santuário no Céu.

A João, o discípulo amado, foram apresentadas muitas visões desse glorioso templo. Ele contemplou o altar de ouro, no qual, misturado com suave incenso, as orações dos santos da terra são

oferecidas diante de Deus. Em visão, viu o candelabro com as suas sete lâmpadas de fogo que ardiam diante do trono de Deus. O véu do lugar santíssimo foi levantado, e ele escreve: "Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no Céu, e foi vista a arca da Aliança no Seu santuário". (Apocalipse 11:19)

É neste "verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem", que Cristo apresenta Seu sangue perante o Pai em favor da humanidade pecadora. (Hebreus 8:2) Lá está o trono de Deus, cercado por miríades das hostes angélicas, todos esperando para obedecer às Suas ordens; (Salmos 103:19, 20) e dali são enviados para responder às orações dos filhos de Deus aqui na terra. (Daniel 9:21-23)

O santuário celestial é a grande casa de força de Jeová, de onde toda ajuda necessária para vencer cada tentação de Satanás é enviada a qualquer um que a ela está ligado pela fé.

O teleférico pesadamente carregado serve como um bom exemplo do cristão; pois, com seu braço delgado alcançando o cabo acima, ele recebe energia proveniente da casa de força que se encontra a quilômetros de distância. Enquanto a conexão estiver intacta, mesmo na noite mais escura, a cabine desliza suavemente, subindo ou descendo a montanha, não apenas vertendo sua luz sobre o trilho imediato, mas lançando seus brilhantes raios de luz na escuridão longe e perto. Mas no instante em que a conexão é quebrada, quão marcante é a mudança! O bonde fica na escuridão, incapaz de avançar.

Do mesmo modo, Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote no santuário celestial, estende Sua mão através dos limites do Céu para segurar firme a mão de todo aquele que agir pela fé e apoderar-se da ajuda oferecida. Aqueles cuja fé se aproveitam dessa ajuda, podem passar com segurança pelas mais íngremes montanhas da dificuldade, mantendo seus próprios corações cheios de luz enquanto difundem luz e bênção aos outros. Enquanto, pela fé, se apegarem firmemente a Deus, terão luz e poder do santuário acima; mas se permitirem que a dúvida e a incredulidade interrompam a conexão, permanecerão na escuridão, não somente incapazes de avançar, mas também como pedras de tropeço no caminho dos outros.

Aqueles que não permitem que nada interrompa sua conexão com o Céu tornam-se moradas terrestres para o Altíssimo; "Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito". (Isaías 57:15) Aqueles que se separam do pecado e se afastam para longe dele, tornam-se um templo do Espírito Santo. (1 Coríntios 6:19, 20) Deus ama habitar nos corações de Seu povo (1 João 3:15) mas o pecado acariciado no coração impede que Seu Espírito ali habite. Cristo bate à porta de cada coração, convidando todos a trocar o pecado pela justiça, para que Ele venha e habite com eles.

Há três templos apresentados na Bíblia: O templo celestial, a morada do Altíssimo, onde Cristo intercede em nosso favor; o

templo do corpo humano, onde o Espírito de Deus governa e reina; e o templo terrestre, com seus serviços típicos, projetados para ensinar à humanidade como receber ajuda divina do grande tesouro acima, para que Deus possa honrá- los habitando com eles continuamente.

O santuário terrestre com seus tipos e símbolos é como as poderosas lentes do telescópio, que possibilitam a visão de corpos celestes que de outro modo seriam invisíveis. Ao olho do ignorante, essas lentes maravilhosas se parecem com o vidro comum; mas o astrônomo, ansioso por conhecer as maravilhas dos céus, se enche de entusiasmo enquanto olha através delas.

Assim, o cristão que estudar o serviço típico do santuário terrestre, não como uma coleção de relíquias secas e sem vida da adoração antiga, mas como uma galeria de arte maravilhosa, onde, pela mão do Artista-mestre, as diferentes partes do maravilhoso plano de redenção são retratados, ficará surpreso com a beleza revelada. É como se os símbolos praticamente falassem audivelmente a ele. Eles narram a bela história de amor do Salvador, de modo que o crente se enche de admiração enquanto os contempla. Ele vê a vívida figura do sacerdote com um manto branco como a neve levando a novilha vermelha para o vale acidentado e não cultivado, para ali oferecê-la como sacrifício pelo pecado. Contempla o sacerdote aspergindo o sangue sobre as pedras grosseiras do vale, para ensinar que Cristo morreu pelo mais indigno, pelo mais desprezível. Quem pode contemplar essa cena sem que seu coração se encha de amor por um Redentor tão compassivo?

Mais uma vez seus olhos se voltam para a imagem de um pecador desprovido, anelando ver-se livre do pecado; e contemplando seus irmãos ricos passarem com seus cordeiros como ofertas pelo pecado, os irmãos pobres com seus pombos e rolinhas, este afunda-se no desânimo, pois não tem nada vivo para oferecer. Então a luz da esperança brota em seu rosto quando alguém lhe diz: "Apenas um punhado de farinha lhe basta". E enquanto o pecador observa o sacerdote oferecer o trigo moído, como um emblema do bendito corpo que será partido por ele, e o ouve dizer: "O teu pecado te é perdoado", seu coração salta de alegria, assim como saltou o coração do pobre homem junto ao tanque de Siloé, que não tinha ninguém para ajudá-lo quando o bendito Mestre lhe disse para tomar sua cama e andar. (João 5:2-9)

Se aquele que deseja saber mais sobre Cristo e Seu infinito amor, estudar os tipos e símbolos do santuário terrestre, ligando cada um com o seu glorioso antítipo, seu coração encher-se-á de encanto. Como as lentes do telescópio, revelarão belezas maravilhosas do caráter de nosso bendito Redentor, belezas que não são reveladas de nenhuma outra maneira.

Há uma lição celestial separada e distinta ensinada por cada um dos diferentes tipos e símbolos do serviço no santuário terrestre; e quando todos são contemplados ao mesmo tempo, formam uma maravilhosa pintura mosaica do caráter divino de Cristo, que nenhum outro senão um artista celestial poderia retratá-lo.

Nomes Dados ao Santuário Celestial por Diferentes Escritores da Bíblia

"Tua habitação".	Salomão	2 Crônicas 6:39
"Um palácio".	Davi	Salmos 48:3
"Seu santo templo".	Davi	Salmos 11:4
"Santuário de Deus".	João	Apocalipse 11:19
"Tua santa e gloriosa habitação".	Isaías	Isaías 63:15
"Verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu".	Paulo	Hebreus 8:2
"A casa de Meu Pai".	Jesus	João 14:2
"Lugar de Tua morada".	Davi	Salmos 33:14
"Sua santa morada".	Jeremias	Jeremias 25:30
"O Santuário".	Paulo	Hebreus 8:2
"Santo Lugar".	Paulo	Hebreus 9:8

Nomes Dados ao Santuário Terrestre

"Um santuário terrestre".	Hebreus 9:1
"O primeiro tabernáculo".	Hebreus 9:8
"Uma parábola para a época presente".	Hebreus 9:9
"Figura das coisas que se acham nos Céus".	Hebreus 9:23
"Não a imagem real das coisas".	Hebreus 10:1
"Santuário feitos por mãos".	Hebreus 9:24
"Figura do verdadeiro".	Hebreus 9:24
"Próprio templo".	1 Coríntios 9:13

O Corpo do Cristão é chamado de Templo

"Jesus lhes respondeu: Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei... Ele, porém, Se referia ao santuário do Seu corpo".
(João 2:19, 21)

"Não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo?"
(1 Coríntios 6:19)

"Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado". (1 Coríntios 3:17)

Capítulo 2

O Tabernáculo

O tabernáculo construído no deserto era uma bela estrutura. Ao seu redor havia um pátio fechado delimitado por cortinas de linho, que eram suspensas por ganchos de prata em colunas de bronze enfeitadas com prata. Visto de qualquer lado, o tabernáculo era lindo. Os lados norte, sul e ocidental consistiam de tábuas em sentido vertical, de dez côvados de altura, cobertas de ouro, e mantidas em posição por encaixes de prata na sua base, e por barras cobertas de ouro, que passavam por argolas de ouro e se estendiam ao redor do edifício. (Êxodo 26:15-30) A entrada do pátio, ou lado oriental, era cercada por uma cortina de linho fino trançado e fios de "azul, púrpura e carmesim, obra de bordador". (Êxodo 36:37, margem) A cortina estava pendurada sobre cinco colunas de madeira de acácia cobertas de ouro, e acrescentava muito à beleza da entrada. Os ricos tons de arco-íris da cortina bordada com querubins, que formavam a porta do edifício onde Deus prometeu habitar, eram uma linda "sombra" da entrada do santuário celestial. Ali, com um arco-íris de glória circundando Seu trono, o Pai Se assenta, enquanto milhares de milhares de anjos passam de um lado para outro ao Seu comando. (Apocalipse 4:2-4; 5:11)

O telhado, ou cobertura, do tabernáculo consistia de quatro cortinas de tecido e peles. A cortina interior, como aquela da entrada do tabernáculo, eram de linho fino trançado e fios de azul, púrpura, e carmesim, com querubins dourados bordados por habilidoso

bordador. (Êxodo 26:1, margem) Isso formava o teto, que era uma pálida representação da cúpula de glória acima do trono de Deus, com as miríades de anjos prontos a cumprir Suas ordens. (Ezequiel 1:28) Por cima delas, havia uma cortina de pelo de cabra, e sobre ela uma coberta de peles de carneiro tingidas de vermelho, e sobre todas essas, uma cobertura de peles de texugos, todas elas formando uma proteção perfeita contra o tempo. (Êxodo 26:1-14) As diferentes cores das coberturas, misturando-se com a parede dourada e a belíssima cortina da entrada, ou o véu, como era chamada, combinavam-se para criar uma estrutura de inextinguível glória.

Sobre o tabernáculo pairava a coluna de nuvem durante o dia e a coluna de fogo durante a noite, que guiava os israelitas por todas as suas peregrinações. (Êxodo 40:38) No meio do calor do deserto, sob a sombra da coluna de nuvem, havia um abrigo fresco e refrescante para aqueles que serviam no tabernáculo ou adoravam em seu pátio, enquanto lá fora estava o escaldante calor do deserto. (Isaías 32:2) Que bela representação da cobertura que Deus estende sobre Seu povo no meio deste mundo mau, de modo que é possível habitar no esconderijo do Altíssimo e descansar à sombra do Onipotente (Salmos 91:1) mesmo em meio à turbulência e conflitos deste mundo ímpio.

À noite, quando o intenso calor diminuía e a escuridão cobria o deserto, então, acima do sagrado tabernáculo, pairava a nuvem, agora uma grande coluna de fogo, "à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas". (Êxodo 40:38) A presença imediata e visível de Deus iluminava todo o acampamento, de modo que todos

podiam caminhar com segurança através da escuridão. Que marcante ilustração foi assim dada para representar a caminhada do cristão! Pode não haver luz visível, mas quando a luz da presença de Deus o circunda, seu caminho é iluminado. Davi sabia disso quando escreveu: "Bem-aventurado o povo que conhece os vivas de júbilo, que anda, ó Senhor, na luz da Tua presença". (Salmos 89:15) O mais débil e confiante filho de Deus pode ter o privilégio abençoado de ser guiado pela luz da face de Deus, a salvo das armadilhas de Satanás, se entregar-Lhe seu coração.

Dentro das paredes douradas do tabernáculo, sacerdotes divinamente apontados realizavam uma obra que representava em tipos e símbolos o plano da redenção.

O trabalho de Cristo tem duas fases distintas, uma realizada no primeiro compartimento do santuário celestial, e a outra no segundo compartimento. Ele oferece salvação gratuita a todos. Muitos aceitam e iniciam a caminhada cristã. Cristo estende Seu braço infinito para cercar e sustentar todos os que invocam o Seu nome, e nenhum poder da Terra nem Satanás pode arrancar um filho de Deus de Seu cuidado protetor. (João 10:28,29) A única maneira de alguém se perder é deixar de segurar essa mão infinita. Como Pedro, se desviam o olhar de Cristo e fixam-no no mar da vida, afundam, a menos que, como ele, clamem: "Senhor, salva-me", e sejam resgatados pelo Salvador. (Mateus 14:28-31)

A obra de Cristo é ilustrada pela parábola das bodas do filho do rei. Todos os convidados, tanto maus quanto bons, estão reunidos

para as bodas; mas quando o rei entra para examinar os convidados, todos são expulsos, exceto aqueles que estão vestidos com a vestes nupciais da justiça de Cristo. "Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos". (Mateus 22:1-14)

Havia dois compartimentos no santuário, ou tabernáculo. No primeiro compartimento, um serviço era realizado diariamente durante todo o ano, o qual tipificava a obra de chamar os convidados e reuni-los para as Suas bodas. Durante um dia, no final do ano, um serviço era realizado no segundo compartimento, o qual tipificava a obra de escolher dentre os muitos que aceitaram o convite, aqueles que são dignos da vida eterna, conforme ilustrado na parábola em que os convidados eram examinados pelo rei.

Tipo

Hebreus 8:1-5. O santuário terrestre era uma sombra do santuário celestial.

Hebreus 9:1-3. O santuário terrestre tinha dois compartimentos.

Antítipo

Apocalipse 11:19. Há um templo no Céu.

Hebreus 9:24. O santuário celestial também tem dois compartimentos.

Capítulo 3

A História do Santuário

A história do serviço típico, do qual o tabernáculo terrestre era uma representação visível, teve início junto às portas do jardim do Éden, onde nossos primeiros pais trouxeram suas ofertas e as apresentaram diante do Senhor. Abel demonstrou sua fé no Salvador prometido trazendo um animal. Ele não apresentou apenas o sangue derramado do sacrifício, mas também apresentou a gordura ao Senhor, demonstrando fé no Salvador e uma disposição de abandonar seu pecado. (Gênesis 4:4; Hebreus 11:4)

Antes que o povo de Deus entrasse no Egito, sua adoração era simples. Os patriarcas viviam próximos do Senhor e não precisavam de muitas formas ou cerimônias para ensinar-lhes a grandiosa verdade de que o pecado somente poderia ser expiado mediante a morte Daquele que não tinha pecado. Eles precisavam apenas de um rústico altar e de um inocente cordeiro para ligar sua fé ao infinito portador do pecado.

À medida que os patriarcas peregrinavam de um lugar para outro, eles estabeleciam seus altares e ofereciam seus sacrifícios, e Deus Se aproximava deles, muitas vezes demonstrando Sua aceitação das ofertas ao enviar fogo do céu para consumir os sacrifícios.

De todos os sacrifícios registrados no livro de Gênesis, nenhum se aproxima tanto da grande oferta antitípica como o que foi exigido de Abraão quando Deus o chamou para oferecer seu único filho. A prova da fé não estava simplesmente no fato de que Isaque era seu único filho legítimo, mas Abraão havia compreendido que, através da posteridade de Isaque, o Messias há muito prometido viria; e ao oferecer Isaque, Abraão estava eliminando sua única esperança de salvação, bem como a do mundo. Mas sua fé não vacilou. Ele cria que o mesmo Deus que tinha feito um milagre ao dar-lhe um filho, poderia trazer esse filho de volta da morte para cumprir a promessa que Ele tinha feito. (Hebreus 11:17-19)

O Senhor escolheu o local exato para a oferta de Isaque. Ele disse a Abraão: "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que Eu te mostrarei". (Gênesis 22:2) Quando Abraão e Isaque saíram para aquela jornada memorável, foram dirigidos pelo Senhor para o Monte Moriá; e, quando chegaram ao lugar, Abraão construiu um altar e amarrou Isaque sobre ele, pronto para sacrificá-lo; mas o Senhor segurou sua mão.

O lugar onde essa lealdade a Deus foi demonstrada foi sempre honrado pelo Senhor depois daquele dia. Mas o diabo, assim como o Senhor, vigiava esse lugar. Ele sabia que era sagrado para Jeová, porque Deus havia testado a fé do homem a quem honrou chamando-o de amigo. (Tiago 2:23)

Por mais de quatrocentos anos depois que os filhos de Israel entraram na terra prometida, Satanás ocupava este lugar. Era uma fortaleza do inimigo no meio de Israel. Mas finalmente foi capturado por Davi, que o tornou a capital do seu reino; depois, Jerusalém foi chamada de "Cidade de Davi". (2 Samuel 5:6-9)

A eira de Ornã, o jebuseu, onde o anjo do Senhor apareceu a Davi, estava localizada no mesmo lugar. O profeta disse para Davi erguer um altar na eira, e ali Davi fez uma consagração especial ao Senhor. Poucos anos depois, o templo, erguido sem som de martelo, ocupava esse mesmo terreno. (2 Crônicas 3:1) Deus havia conquistado [aquele monte] e designou que o lugar fosse santificado por Sua presença. Mas o Seu povo foi infiel e, quando o Senhor da luz veio ao Seu próprio templo, foi desprezado e crucificado, e a cidade santa e o local do templo sagrado passaram às mãos dos gentios.

Satanás está guardando este lugar diligentemente neste tempo presente, com a intenção de nunca mais abrir mão dele. Mas chegará o tempo em que, a despeito de Satanás e de todo o seu exército, o mesmo Salvador, que foi rejeitado no Seu próprio templo, colocará os Seus pés sobre o Monte das Oliveiras, (Zacarias 14:4-11) e todo o local da antiga Jerusalém será purificado; então a Nova Jerusalém descerá do Céu e pousará sobre aquele lugar santificado pela consagração do povo escolhido de Deus. O glorioso templo celestial de Deus estará sobre o monte Sião [Moriá], para nunca mais cair nas mãos do inimigo. Deus diz: "Eu... estabelecerei o Meu santuário no meio deles para sempre".

Após breve esboço sobre o tema do Éden perdido ao Éden restaurado, retornaremos ao tempo em que Israel saiu do Egito.

Subjugados a uma vida de trabalho incessante e cercados pelas trevas do paganismo, os filhos de Israel perderam de vista o significado de seus sacrifícios simples. Por causa de sua servidão, foram privados dos privilégios de que desfrutavam os antigos patriarcas, de passar muito tempo em comunhão com Deus e, conseqüentemente, se aproximaram muito da idolatria egípcia. Quando Deus os tirou do Egito, Ele proclamou Sua lei no Sinai, e então lhes deu o mesmo sistema de adoração que os patriarcas haviam seguido. Mas ele teve que lidar com eles como se fossem crianças. Pelo fato de que eles unicamente conseguiam entender as verdades por meio de ilustrações simples, Deus lhes deu o sistema de adoração que Abraão, Isaque e Jacó haviam seguido, mas na forma de jardim da infância, assim como nós usamos métodos mais simples para ensinar às crianças as lições que os adultos podem compreender com facilidade.

Eles haviam se afastado tanto que não podiam compreender como Deus poderia viver com eles, sendo invisível. Então Deus disse: "E Me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles". (Êxodo 25:8) A coluna de nuvem acima do tabernáculo e a presença visível de Deus manifestada em seu interior, ajudaram os israelitas a compreender com mais facilidade a realidade da contínua presença do Senhor.

Esse santuário era uma sombra, ou modelo, do santuário celestial; e o serviço foi tão bem planejado pelo Senhor que toda obra era um tipo, ou representação, da obra que o Filho de Deus faria na Terra e no Céu para a redenção da raça perdida. Foi a mais maravilhosa lição objetiva que já foi concedida à humanidade.

O santuário foi concluído, enquanto os israelitas estavam acampados no Sinai, e durante os quarenta anos de peregrinações no deserto, o levavam com eles. Quando chegaram à terra prometida, foi estabelecido em Gilgal por alguns anos, (Josué 5:10,11) e depois levado para Siló, (Josué 18:1; 19:51) onde permaneceu por muitos anos. Quando Davi fugia de Saul, o tabernáculo estava em Nobe, (1 Crônicas 16:39; 21:29) pois ali os sacerdotes colocavam o pão da proposição diante do Senhor a cada sábado. Depois foi estabelecido num lugar alto de Gibeão. O tabernáculo permaneceu em Gibeão até ser transportado por Salomão para Jerusalém. Josefo relata que Salomão transportou para o templo, "o tabernáculo que Moisés tinha edificado, e todos os utensílios que eram para ministração dos sacrifícios a Deus".

Davi desejou edificar uma casa para o Senhor; mas, por causa de suas muitas guerras, o Senhor ordenou que seu filho a edificasse. Quando Salomão foi estabelecido em seu trono, erigiu uma magnífica estrutura e dedicou-a ao Senhor. Deus demonstrou Sua aceitação mediante Sua glória enchendo o templo. Não foi o próprio Salomão que planejou o templo; Deus revelou o plano a Davi, da mesma forma que Ele o fez com o tabernáculo a Moisés. Davi não deveria vê-lo construído, mas quando entregou a planta da

construção a Salomão, ele disse: "Tudo isto me foi dado por escrito por mandado do Senhor, a saber, todas as obras desta planta". (1 Crônicas 28:11-19)

A história do templo de Salomão é realmente uma história da experiência religiosa dos filhos de Israel. Quando eles se afastaram do Senhor, o templo foi negligenciado e algumas vezes até sofreu violência. Foi saqueado por Sisaque, rei do Egito. (1 Reis 14:25,26) Sob orientação de Joiada, foi reparado por Joás, (2 Reis 12:4-14) que depois roubou, ele próprio, seus tesouros para apaziguar os sírios. (2 Reis 12:17,18) Pouco tempo depois, Acaz não só saqueou seus tesouros, mas também profanou seus compartimentos sagrados. (2 Reis 16:14,18) Sob o reinado do bom rei Ezequias, o templo foi purificado e seu culto restaurado; (2 Crônicas 29:3-35) mas mesmo Ezequias despojou-o de seus tesouros para conseguir um tratado com os assírios. (2 Reis 21:4-7) Mais uma vez foi contaminado pela adoração idólatra de Manassés. O "bom rei Josias", quando era somente um jovem de dezoito anos, restaurou e purificou o templo, e restabeleceu o seu culto novamente. Finalmente, por causa da infidelidade do povo escolhido de Deus, o templo foi queimado até o pó, e seus tesouros levados para a Babilônia.

Dezenove anos mais tarde, a reconstrução do templo por Zorobabel foi concluída e a casa de Deus dedicada com grande alegria. (Esdras 6:16-22) Herodes dedicou quarenta e seis anos à reforma do templo de Zorobabel, até que nos dias de Cristo tinha se tornado uma estrutura magnífica. (João 2:20)

A presença de Deus habitou com Seu povo nas moradas por eles preparadas, desde o tempo em que o tabernáculo foi edificado no deserto, por todo o caminho através da história de suas jornadas espirituais até aquele memorável dia quando os tipos celebrados por quatro mil anos encontraram seu Antítipo na cruz do Calvário. Então, com um grande estrondo, o glorioso véu do magnífico edifício de Herodes foi rasgado de alto a baixo, quando o Senhor Se retirou de Seu templo para sempre. (Mateus 27:50,51) Antes disso, os serviços eram dirigidos a Deus; de agora em diante não significavam nada além de uma zombaria vazia, pois Deus havia Se retirado do santuário. (Mateus 23:37,38) O templo permaneceu em pé até 70 d.C., quando foi destruído pelos romanos. Hoje, o local sagrado é coberto por uma mesquita maometana.

A epístola aos Hebreus demonstra que o principal apóstolo claramente ensinou o cumprimento antitípico dos tipos e sombras celebrados por tantos anos. Não se deve esquecer que o dom do Espírito de profecia e o sábado do Senhor estiveram sempre ligados ao serviço do santuário. Não temos motivos para duvidar de que, durante a história da igreja cristã primitiva, o tema do santuário e a obra antitípica de Cristo no Céu eram claramente compreendidos pelos cristãos; mas quando a Bíblia foi retirada deles, quando o sábado do Senhor foi encoberto, e a voz do Espírito de profecia já não mais era ouvida dirigindo a igreja, então perderam de vista a bela obra antitípica representada pelo antigo serviço do santuário. Mas chegou o tempo de começar o grande juízo no Céu, quando o Pai e o Filho, com Sua comitiva de santos anjos, passaram para o lugar santíssimo do santuário celestial. Nenhuma cerimônia

suntuosa na Terra poderia se comparar com esse cortejo majestoso. Era plano de Deus que esse evento fosse reconhecido na Terra, e Ele fez com que uma mensagem fosse proclamada aos habitantes da Terra, dirigindo sua atenção para a obra do Filho de Deus. Isto é conhecido como a mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14:6, 7. Um grande grupo aceitou a mensagem e sua atenção foi focada no Salvador; mas eles não entenderam a obra antitípica do santuário, e, portanto, esperavam que o Salvador viesse à Terra. Contudo, em vez de vir à Terra, Ele entrou no segundo compartimento do santuário celestial para dar início à obra do juízo.

Esse grupo, que havia sido reunido como resultado da mensagem do primeiro anjo, amava seu Senhor; e com o profundo desejo de entender por que Ele não havia retornado à terra, eles se aproximaram tanto de Cristo que, em resposta às suas sinceras orações, Ele lhes dirigiu a atenção para o santuário celestial. Ali viram a arca da aliança de Deus, que contém Sua santa lei, e reconheceram suas reivindicações sobre eles, começando a santificar o sábado do Senhor. O serviço do santuário, o sábado e o Espírito de profecia sempre estiveram unidos nas épocas passadas; e quando a luz do antitípico serviço do santuário chegou ao povo de Deus, Ele mais uma vez lhes concedeu o Espírito de profecia para lhes revelar as verdades solenes em relação ao ministério de Cristo no Céu, que de outra forma não teriam compreendido.

Resumo

O Tabernáculo

Construído por Moisés no deserto.	Êxodo 40:1-38.
Guardado no templo de Salomão.	1 Reis 8:4; 1 Crônicas 22:19.

O Templo

Construído por Salomão.	2 Crônicas, cap. 2-5
Destruído pelos babilônios.	2 Crônicas 36:17-19
Reconstruído por Zorobabel.	Esdras 6:13-15
Restaurado por Herodes.	João 2:20
Rejeitado pelo Senhor.	Mateus 23:37, 39
Destruído pelos romanos.	Mateus 24:2, cumprimento 70 d.C.

A Cruz e a Coroa

Sem sangue, sem altar agora, O sacrifício está terminado;
Nenhuma chama, nem fumaça, ascende ao céu; O cordeiro não está
mais morto! Mas sangue mais rico flui de veias mais nobres, Para
limpar a alma da culpa e limpar as manchas mais vermelhas.

Agradecemos a Ti pelo sangue, O sangue de Cristo, Teu Filho;
O sangue pelo qual nossa paz é assegurada, Nossa vitória é

garantida: Grande vitória sobre o inferno, sobre o pecado e a desgraça, Que não precisa de uma segunda luta e não deixa um segundo adversário.

--H. Bonar.

Capítulo 4

A Arca

A arca era a figura central de todo o santuário. A quebra da lei contida na arca era o único motivo para todos os serviços sacrificais, tanto típicos como antitípicos. Quando o Senhor deu instruções para construir o santuário, Sua primeira instrução foi: "Também farão uma arca de madeira de acácia; de dois côvados e meio será o seu comprimento, de um côvado e meio, a largura, e de um côvado e meio, a altura". (Êxodo 25:10) Era revestida de ouro puro por dentro e por fora, e na parte superior havia uma moldura de ouro ao redor.

A cobertura da arca, o propiciatório, também era de ouro puro. Em cada extremidade do propiciatório havia um querubim de ouro batido, com as asas estendidas cobrindo a arca e com suas faces voltadas reverentemente para a lei de Deus ali contida.

Há grande consolação no fato de que o próprio Senhor cobriu a lei quebrantada com um propiciatório, ou trono de graça; e então Ele, o Deus misericordioso, tomou Seu lugar sobre esse trono, para que todo pecador que se achegue confessando seus pecados, receba misericórdia e perdão. O propiciatório, com a nuvem de glória, a representação visível da presença de Deus, e seus querubins, é uma figura, ou "sombra", do trono do grande Deus, que proclama Seu nome como "compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade". (Êxodo 34:5-7)

Dentro da arca estava a própria cópia do Senhor daquela lei santa dada à humanidade no princípio. "Onde não há lei, também não há transgressão". (Romanos 4:15) "O pecado não é levado em conta quando não há lei;" (Romanos 5:13) portanto, o Senhor nunca poderia ter expulsado nossos primeiros pais do jardim do Éden (Deuteronômio 4:10-13) por causa do seu pecado, se eles desconhecessem a Sua santa lei. Como Deus proclamou Sua lei aos nossos primeiros pais Ele nunca revelou em Seu Livro Sagrado; mas quando tornou-se necessário fazer com que Sua lei fosse conhecida por Seu povo outra vez, depois de sua longa servidão no Egito, Ele manteve registro desse evento impressionante, para que as gerações vindouras pudessem saber que Deus veio do Céu e anunciou os dez mandamentos em voz audível diante de todo o Israel.

Após Deus haver declarado os dez mandamentos do alto do Monte Sinai, Ele os escreveu sobre duas tábuas de pedra, as quais Ele entregou a Moisés com a seguinte instrução: "Tu as colocará na arca". (Êxodo 31:18) A arca foi colocada no lugar santíssimo do santuário, onde nenhum olho mortal podia contemplá-la, exceto o do sumo sacerdote, e isso apenas um dia no ano, quando entrava para aspergir na frente e em cima do propiciatório o sangue do bode sobre o qual havia caído a sorte pelo Senhor, a fim de fazer expiação pela lei quebrantada dentro da arca.

"O salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23) e a lei quebrantada exige a morte de todo pecador. No serviço típico, o sangue era aspergido por cima da lei (Levítico 16:15) para mostrar

fé no sangue de Cristo, que libertaria os justos das reivindicações, ou maldição, da lei. (Gálatas 3:13)

Deus comungava com o Seu povo a partir da nuvem de glória que pairava acima do propiciatório, entre os querubins. (Êxodo 25:21,22) Esses querubins de ouro com asas estendidas eram uma representação dos querubins cobridores que estão ao redor do trono de Deus no Céu. (Ezequiel 28:14,16)

Não pode haver governo sem lei. A própria sugestão de um reino está sempre ligada à lei. Não poderia haver qualquer julgamento sem que houvesse uma lei como padrão do mesmo. Deus declara que "todos os que com lei pecaram, mediante lei serão julgados". (Romanos 2:12) Todos os mandamentos de Deus são justiça. (Salmos 119:172) A base ou fundação do Seu trono é justiça e juízo. (Salmos 97:2, margem)

"Nada havia na arca senão as duas tábuas de pedra", (1 Reis 8:9) diz o relato divino. O vaso contendo o maná foi colocado diante do Senhor, e a vara de Arão que floresceu foi posta "diante do testemunho". (Números 17:10) Paulo ao enumerar todos os objetos do lugar santíssimo na sua devida ordem, leva alguns a supor que em algum momento o vaso de maná e a vara de Arão foram colocados dentro da arca; mas a arca foi feita com o único propósito de conter a santa lei de Deus. (Deuteronômio 10:1,20)

Nenhuma mão profana tinha permissão de tocar na arca. Uzá foi morto por estender a sua mão para segurá-la quando os bois que a

puxavam tropeçaram; (2 Samuel 6:6,7) e milhares de "homens de Bete-Semes" foram mortos por olharem para dentro dela. (1 Samuel 6:19) Ninguém, senão os levitas, tinha permissão para carregar o receptáculo sagrado. (Deuteronômio 10:8)

Por ocasião de uma batalha com os filisteus, os ímpios filhos de Eli, o sumo sacerdote, levaram a arca para o campo de batalha, e esta foi capturada pelos filisteus; mas Deus impressionou seus corações a fim de devolvê-la a Israel com uma oferta de ouro pela culpa. (1 Samuel 4:3-11) Quando o templo de Salomão foi construído, a arca foi colocada no santo dos santos, onde permaneceu até que o profeta Jeremias a tomou e escondeu numa caverna nas montanhas antes do cativeiro babilônico, para que não caísse nas mãos dos gentios. (2 Macabeus 2:1-8)

O escritor de um dos livros apócrifos afirma que, nos últimos tempos, a arca será apresentada novamente. Quer essa cópia da lei dada por Deus no Sinai seja novamente vista ou não, os fascinados habitantes da Terra contemplarão uma cópia dessa mesma lei, (Salmos 97:6; 98:2) traçada nos céus como por uma caneta de fogo, na iminência da segunda vinda de Cristo à Terra.

Essa santa lei é o padrão pelo qual todos serão julgados. Essa lei condena o culpado; porque "o pecado é a transgressão da lei". (1 João 3:4) A mesma lei que condena o pecador testemunhará a justiça daqueles que, mediante a fé em Cristo, tentaram caminhar em harmonia com seus preceitos sagrados, buscando humildemente perdão para cada transgressão. (Romanos 3:21)

Tipo

Êxodo 26:33. A arca foi colocada no lugar santíssimo.

Êxodo 25:21,22. A presença visível de Deus se manifestava acima do propiciatório.

Antítipo

Apocalipse 11:19. A Arca foi vista no Santuário.

Êxodo 34:5-7. O Senhor proclama o Seu nome como Misericordioso e Compassivo e Longânimo.

Capítulo 5

O Candelabro de Ouro

O candelabro de ouro com suas sete lâmpadas douradas estava no lado sul do primeiro compartimento do santuário. Era feito de ouro batido modelado pelo martelo do artífice. (Êxodo 25:31-37) Foram necessários muitos golpes de martelo com firmeza e habilidade para formar aquelas delicadas flores e cálices; mas o candelabro deveria ser feito conforme o modelo celestial para ensinar lições divinas à humanidade. (Êxodo 25:40, margem)

João, o discípulo amado, recebeu permissão para olhar dentro do primeiro compartimento do santuário no Céu, e ali viu sete candelabros de ouro. Ele também contemplou o Salvador no meio dos gloriosos candelabros, dos quais o candelabro terrestre era uma sombra.

Cristo, ao explicar a João o significado do que tinha visto, disse: "Os sete candelabros que viste são as sete igrejas". (Apocalipse 1:12-20 RA, NVI) O número sete na Bíblia indica um número completo. O candelabro de ouro batido com os sete cálices das lâmpadas eram uma "figura e sombra das coisas celestes". (Hebreus 8:5) Suas sete hastes, cada uma segurando no alto uma lâmpada, representavam a igreja de Deus.

O indivíduo que faz parte da "igreja dos primogênitos, que estão arrolados no céu" (Hebreus 12:23, margem) muitas vezes sentirá o

martelo do artífice; "Pois somos feitura Dele, criados em Cristo Jesus para boas obras". (Efésios 2:10) Então, "amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo". (1 Pedro 4:12) É apenas o Mestre-artífice vos moldando para vos tornar parte da grande igreja escrita no Céu.

O candelabro no tipo continha sete lâmpadas. O discípulo amado também teve uma visão das lâmpadas celestiais, das quais as terrestres eram modelos. Diante do trono de Deus no Céu, viu as sete lâmpadas de fogo, "que são os sete Espíritos de Deus". (Apocalipse 4:2,5) A igreja de Cristo é o candelabro para elevar a luz no meio da escuridão moral. O Salvador diz: "Vós sois a luz do mundo". O Espírito do Senhor é descrito como os olhos do Senhor que "passam por toda a Terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente Dele". (2 Crônicas 16:9, margem) Então, o fulgor da nossa luz depende da condição do nosso coração. O Espírito está passando por toda a Terra em busca daqueles cujos corações são perfeitos para com Deus, e com esses se "mostrará forte": sua luz não apagará.

As lâmpadas no santuário terrestre deveriam permanecer continuamente acesas. (Levítico 24:2) Assim, o cristão deve sempre deixar o Espírito de Deus governar sua vida e, assim, compartilhar sua luz.

Somente o sumo sacerdote poderia realizar a sagrada obra de acender as lâmpadas no santuário terrestre; ele as preparava e as

acendia todas as manhãs e todas as tardes. (Êxodo 30:7,8) Assim, ninguém, exceto nosso Sumo Sacerdote, que foi "tentado em todas as coisas, à nossa semelhança" (Hebreus 4:15) pode nos conceder a ajuda que necessitamos. Pela manhã, precisamos do Seu Espírito para nos dirigir durante o dia; e à tarde precisamos Dele para iluminar nossas mentes enquanto revisamos a obra do dia, para que possamos detectar as falhas e fios soltos na urdidura das nossas vidas. A obra de preparar e acender as lâmpadas era um belo tipo com uma lição diária para nós no tempo presente. Era um elo naquela maravilhosa tríplice cadeia típica de serviço celebrada cada manhã e cada tarde, enquanto "toda a multidão do povo permanecia da parte de fora, orando". (Lucas 1:10) O holocausto no pátio, o incenso e as lâmpadas acesas dentro do santuário, eram todos um tipo maravilhoso que nunca perderá sua beleza.

Sempre que um indivíduo cumprir no íntimo de sua alma o antítipo do típico holocausto "inteiro", isto é, entregando-se totalmente a Deus, colocando-se a si mesmo com tudo o que possui sobre o altar, para ser consumido no serviço de Deus, conforme Ele o dirigir, esse indivíduo, seja rico ou pobre, culto ou ignorante, será coberto com o incenso suave da justiça de Cristo, e seu nome será inscrito na igreja dos primogênitos no Céu; e aqui, nesta Terra amaldiçoada pelo pecado, enquanto vai e vem, ele será parte do grande candelabro, e da sua vida brilharão os fulgurantes raios do Espírito de Deus.

A seguinte pergunta poderá surgir em muitos corações: Como posso me tornar um portador da luz na Terra? Quando Zorobabel

estava esforçando-se sob circunstâncias muito adversas para reconstruir o templo em Jerusalém, em dado momento as dificuldades pareceram como montanhas diante dele. Então o Senhor enviou Seu profeta com uma mensagem para ampará-lo e encorajá-lo. Zacarias teve uma visão dos candelabros de ouro, e também lhe foi mostrado de onde vinha o óleo que abastecia as lâmpadas. Ele viu duas oliveiras, uma no lado direito do cálice e a outra no lado esquerdo, que por meio de tubos dourados mantinha as lâmpadas abastecidas com óleo, para que brilhassem intensamente. (Zacarias 4:1-14, margem.) O profeta perguntou ao anjo o significado do que viu. Em resposta, o anjo disse: "Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel: Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos". Então Ele enviou uma mensagem a Zorobabel para seguir em frente, e disse que a montanha das dificuldades se tornaria plana diante dele, e que tão certo como suas mãos lançaram os alicerces da casa do Senhor, assim ele a terminaria.

Zorobabel estava caminhando pela fé nas palavras dos profetas que tinham predito como e quando Jerusalém seria reconstruída; (2 Crônicas 36:20-23; Jeremias 25:12; Oseias 1:7) mas esses profetas estavam mortos, e agora ele enfrentava dificuldades que poderiam fazê-lo pensar que nem mesmo os profetas imaginaram que aconteceriam. Então Deus enviou um profeta vivo com uma mensagem de encorajamento, para manter a luz acesa, e capacitar Zorobabel a avançar e completar a obra profetizada pelos profetas mortos.

Não podemos compreender a palavra do Senhor sem o Espírito para iluminar nossas mentes. A luz brilha na medida em que tomamos a Palavra e arriscamos nosso tudo sobre ela; e quando entramos em dificuldades ao seguir as instruções dadas pelos profetas mortos, o Senhor envia mensagens de força e encorajamento por meio do profeta vivo, para nos capacitar a avançar para a vitória.

"São os dois ungidos (doadores de luz), que assistem junto ao Senhor de toda a Terra". É o Espírito de Deus, acompanhando a palavra que foi entregue ao povo, que concederá a luz. Tudo o que os profetas de Deus revelaram ao homem no passado é luz; e aqueles que observaram estritamente o testemunho de Deus por meio de Seus profetas, mesmo que centenas de anos após o testemunho ter sido apresentado, serão mencionados favoravelmente pelo profeta vivo, assim como Zacarias falou a Zorobabel.

Tipo

Antítipo

Êxodo 40:24. Candelabro de ouro no primeiro compartimento do santuário terrestre.

Apocalipse 1:12 NVI. João viu os sete candelabros de ouro no Céu.

Êxodo 25:37; 40:25. Havia sete lâmpadas no candelabro.

Apocalipse 4:2, 5. João viu sete lâmpadas de fogo diante do trono de Deus no Céu.

Êxodo 30:7, 8. O sumo sacerdote preparava e acendia as lâmpadas no santuário terrestre.

Apocalipse 1:12-18 NVI. João viu Cristo, nosso Sumo Sacerdote, no meio dos candelabros no Céu.

Levítico 24:2. As lâmpadas estavam acesas continuamente, sempre irradiando luz.

João 1:9. O Espírito Santo ilumina todo ser humano que vem ao mundo, quer ele O aceite ou O rejeite.

Capítulo 6

A Mesa dos Pães da Proposição

A mesa dos pães da proposição foi colocada no lado norte do primeiro compartimento do santuário. A mesa tinha dois côvados de comprimento, um côvado e meio de largura e um côvado e meio de altura. Era coberta de ouro puro, e como o altar do incenso, estava ornamentada com uma moldura de ouro ao redor na parte de cima. (Êxodo 25:23-30; 40:22)

No dia de sábado, os levitas faziam doze pães, ou bolos, de pães asmos. (1 Crônicas 9:32; Levítico 24:5) Esses bolos eram colocados quentes sobre a mesa a cada dia de sábado, (Levítico 24:8; 1 Samuel 21:3-6; Mateus 12:3,4) dispostos em duas fileiras, ou pilhas, seis em cada fileira, com incenso puro em cada fileira. (Levítico 24:6,7)

Durante toda a semana, o pão permanecia sobre a mesa. Por alguns tradutores é chamado "o pão da presença". No final da semana era retirado e comido pelos sacerdotes. (Levítico 24:9) Isso explica por que o sacerdote Aimeleque não tinha pão comum no sábado para dar a Davi, pois os sacerdotes estavam acostumados a comer o "pão sagrado" naquele dia. (1 Samuel 21:4) Não era lícito cozer pão comum no sábado; o mandamento é muito claro que todo o pão para o uso do sábado nas casas deveria ser cozido no sexto dia. "Isto é o que disse o Senhor: Amanhã é repouso, o santo sábado do Senhor; o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobrar

separai, guardando para a manhã seguinte. (Êxodo 16:22,23) Mas o Senhor ordenou que os levitas preparassem o pão da proposição todos os sábados. (1 Crônicas 9:32)

Todo o serviço ligado à mesa do pão da proposição era feito no sábado. O pão era preparado no sábado, e colocado sobre a mesa enquanto estava quente. No sábado seguinte era removido e comido pelos sacerdotes naquele dia.

Os sacerdotes serviam "como figura e sombra das coisas celestes", portanto, há uma lição celestial para nós no antítipo do pão da proposição. Era uma oferta contínua, permanecendo sempre diante do Senhor. Ensinava que o homem era totalmente dependente de Deus tanto para o alimento temporal como para o espiritual, e que ambos provêm Daquele que "vive sempre para interceder" por nós diante do Pai. (Hebreus 7:25)

Esse, como todos os outros tipos do serviço do santuário, encontrou seu cumprimento em Cristo. Ele é o verdadeiro pão. Ele disse: "Eu sou o pão vivo que desceu do Céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que Eu darei pela vida do mundo é a minha carne". Então, acrescentou: "Se não comerdes a carne do Filho do Homem... não tendes vida em vós mesmos". (João 6:51-53) Mesmo os discípulos não conseguiram compreender as palavras de Cristo, e murmuraram. Jesus leu os seus pensamentos, e disse- -lhes: "O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida". (João 6:63) Sua palavra é o verdadeiro pão, do qual devemos comer.

Como o pão na presença de Deus era retirado do santuário e comido, assim também disse Jesus: "A palavra que estais ouvindo não é Minha, mas do Pai, que Me enviou". (João 14:24) A Bíblia veio diretamente de Deus. Deus a deu a Cristo, Cristo a enviou por Seu anjo aos profetas, e os profetas a deram ao povo. (Apocalipse 1:1)

Muitas vezes lemos a Bíblia como uma mera forma de piedade, ou para obter algo para dar aos outros; mas se desejarmos receber seu poder vivificante em nossos próprios corações, então precisamos recebê-lo "quentinho", aquecido pelo Céu.

Não há tempo mais apropriado para deixar Deus falar aos nossos próprios corações por meio da Sua palavra do que no dia de sábado, quando deixamos de lado nossos cuidados e negócios seculares, e dedicamos tempo para estudar a Palavra Sagrada e deixá-la entrar no íntimo do nosso coração até ouvirmos Deus falar a nós, não a outro.

Os sacerdotes não deviam somente colocar o pão quente sobre a mesa no dia do sábado, mas mais tarde, esse mesmo pão devia ser comido e tornar-se parte de seu próprio ser. Era desígnio de Deus que o Seu povo, a cada sábado, pudesse obter uma nova experiência nas coisas divinas, o que os tornaria melhor equipados para enfrentar as tentações da semana. O coração que nunca recebe uma experiência mais profunda no sábado do que em qualquer outro dia, falha em observar o sábado como Deus gostaria. (Ezequiel 20:12) Podemos até dedicar alguns minutos de sossegado estudo da palavra

no dia de sábado, quando ouvimos o Senhor falando a nós individualmente; mas se as palavras não são absorvidas em nossas vidas, não nos dão nenhuma força duradoura. Quando os sacerdotes comiam o pão preparado no sábado anterior, eles o absorviam, e assim recebiam força para as tarefas diárias.

Pedro evidentemente entendeu essa verdade quando exortou a igreja a desejar o genuíno leite da palavra, a fim de que pudessem crescer por meio dele. Ele afirmou que, se assim o fizessem, seriam "um sacerdócio santo". (1 Pedro 2:2-5) Aqui está o segredo da verdadeira vida cristã. A vida eterna não chega ao coração por meio de formas e cerimônias. Elas têm a sua função; mas a vida eterna resulta de se alimentar do pão verdadeiro que vem da presença de Deus -- a Santa Palavra de Deus, a Bíblia sagrada.

Tipo

Êxodo 25:30. Pão da proposição continuamente diante do Senhor.

Levítico 24:5. Havia doze pães da proposição, o número das tribos de Israel.

Antítipo

João 6:48. Cristo disse: "Eu sou o pão da vida".

1 Coríntios 10:17. Ao falar da igreja, Paulo diz: "Nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo".

Capítulo 7

O Altar do Incenso e seu Serviço

O altar de ouro, ou altar de incenso, estava diante do véu no primeiro compartimento do santuário. Era quadrado, medindo um côvado de comprimento e largura, e dois côvados de altura, com um chifre em cada canto. O altar era feito de cetim, ou madeira de acácia e era todo coberto de ouro puro. Ao redor do topo havia uma bela moldura de ouro, e debaixo da moldura havia argolas, onde estavam as varas para levar o altar, tudo coberto de ouro puro. (Êxodo 30:1-6)

Na parte de dentro da moldura de ouro que circundava o topo do altar, fogo santo queimava continuamente, (Êxodo 30:8) do qual subia a fragrante fumaça do incenso colocado sobre ele todas as manhãs e todas as tardes. O perfume permeava todo o santuário, e era carregado pela brisa para muito além dos recintos do pátio.

O incenso, composto pela mistura de quatro resinas aromáticas de igual peso, era preparado conforme a orientação divina. Era muito sagrado, e a pessoa que preparasse algo parecido, mesmo para perfume, seria eliminado do meio do povo. (Êxodo 30:34-38)

Unicamente o sumo sacerdote devia realizar o sagrado ofício de colocar o incenso perante o Senhor no altar de ouro. (Êxodo 30:7,8) O altar e o fragrante incenso no santuário terrestre eram um exemplo da obra que nosso grande Sumo Sacerdote está realizando em nosso

favor. (Hebreus 8:5) Nossas mentes deveriam frequentemente meditar na obra de Cristo no santuário celestial. (Hebreus 3:1) A Moisés, quando orientado a edificar o santuário, foi "mostrado" o modelo celestial do qual deveria fazer uma "sombra". (Apocalipse 8:3, 4, margem.) A João, o discípulo amado, foi permitido contemplar várias vezes em visão o Salvador ministrando no santuário celestial. Ele viu um ser celestial em pé junto ao glorioso altar de ouro. Viu o incenso oferecido sobre aquele santo altar. Como deve ter se emocionado quando viu aquele incenso precioso acrescentado às pobres orações vacilantes dos santos que estão lutando aqui na Terra: Viu essas orações, depois que o incenso foi acrescentado, subindo diante de Deus, e sendo aceitas porque foram perfumadas com o incenso. "Porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E Aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que Ele intercede pelos santos". (Romanos 8:26,27) Mas mesmo o Espírito não poderia apresentar as orações de pecadores mortais diante de um Deus puro e santo sem acrescentar o fragrante incenso.

Quando Jesus estava preparando Seus discípulos para a Sua separação pessoal deles, assegurou-lhes: "Se pedirdes alguma coisa ao Pai em Meu nome, Ele vô-la concederá". (João 16:23) O poder em um nome reflete o caráter do indivíduo que porta o nome. O nome do precioso Redentor é honrado, e toda petição apresentada nesse nome é atendida nas cortes celestiais porque Jesus viveu uma vida sem pecado. Ele "não conheceu pecado". O príncipe deste mundo não tinha nada em Jesus, (João 14:30) porque Ele era puro e

santo, sem qualquer mancha de pecado. É a justiça de Cristo que faz nossas orações serem aceitas diante do Pai.

João viu a fumaça do incenso com as orações dos santos subirem diante de Deus. Nossas orações, perfumadas pela justiça de Cristo nosso Salvador, são apresentadas pelo Espírito Santo perante o Pai. Para João em visão, afigurou-se como uma nuvem de fumaça transportando orações e incenso perfumado até o trono do Infinito. O mais débil santo que sabe como insistir em suas petições junto ao trono de graça em nome de Jesus, o Único sem pecado, tem todos os tesouros do Céu à sua disposição. Nem o milionário mais rico da Terra assinando seus cheques em bancos terrenos pode se comparar de modo algum com o privilégio do cristão.

O nome de Jesus é muitas vezes adicionado às orações de uma maneira sem sentido. Muitas orações são faladas como uma mera forma de adoração, e não se elevam acima da cabeça daquele que as oferece; mas toda oração de fé chega ao ouvido do Deus do universo. Davi entendeu o que era tipificado pelo incenso, e orou: "Suba à Tua presença a minha oração, como incenso, e seja o erguer de minhas mãos como oferta vespertina". (Salmos 141:2) Assim como não havia outra parte do ministério diário que trouxesse o sacerdote tão diretamente à presença de Deus como a oferta de incenso, também não há nenhuma parte de nosso serviço religioso que nos aproxime tanto do Mestre como o abrir de nossos corações em fervorosa oração. Tanto antigamente, como no antítipo, a oração de fé entra na "santa habitação" de Deus no Céu. (2 Crônicas 30:27)

Um cordeiro era queimado sobre o altar de bronze no pátio todas as manhãs e tardes, no mesmo momento em que o incenso era renovado sobre o altar. (Êxodo 29:38-42) O altar de ouro era um "altar de intercessão contínua", representando as orações do povo de Deus subindo perante Ele continuamente; enquanto o altar de bronze era um "altar de expiação contínua", representando o afastamento e a destruição do pecado, a única coisa que nos separa de Deus e impede que nossas orações sejam atendidas.

O cordeiro da manhã e da tarde era oferecido inteiro como uma oferta queimada em favor de toda a congregação, mostrando seu desejo de abandonar o pecado e consagrar-se ao Senhor, para que suas orações pudessem ascender do altar com o fragrante incenso.

No antigo Israel, as pessoas que viviam perto do templo se reuniam na hora do sacrifício, e muitas vezes "toda a multidão do povo permanecia da parte de fora, orando na hora do incenso". (Lucas 1:10) O hábito da oração da manhã e da tarde no lar veio dessa adoração típica. O israelita fiel que estava longe do templo orava com o rosto voltado em direção ao templo onde o incenso estava subindo todas as manhãs e todas as tardes. Josefo relata que o incenso era oferecido quando o sol estava se pondo à tardinha, e pela manhã quando estava nascendo.

O tipo era belo, mas o antítipo em muito ultrapassa o tipo. No santuário celestial existe um suprimento inesgotável da justiça de Cristo. No tipo, o incenso estava sempre subindo, tipificando que a qualquer hora, de dia ou de noite, quando uma alma angustiada

clama por ajuda, ou agradece e louva pela ajuda recebida, sua oração é ouvida. Na parte da manhã, quando as tarefas do dia parecem mais do que a força humana pode suportar, a alma sobrecarregada pode lembrar que, no tipo, um novo suprimento de incenso era colocado no altar todas as manhãs, e direto do santuário celestial antitípico, a ajuda para esse dia virá para aquele que reivindica ajuda divina em nome de Jesus. (Deuteronômio 33:25) À tarde, ao rever a obra do dia e encontrá-la manchada pelo pecado, há um bendito conforto, ao nos ajoelharmos confessando nossos pecados, saber que, no Céu, o fragrante incenso da justiça de Cristo será acrescentado às nossas orações; como no tipo, a nuvem de incenso protegia o sacerdote, (Levítico 16:13) então a justiça de Cristo cobrirá as imperfeições do dia; e o Pai, olhando para nós, contemplará apenas o manto impecável da justiça de Cristo. Se percebêssemos mais plenamente o privilégio da oração, muitas vezes diríamos com o profeta: "Regozidar-me-ei muito no Senhor, ... porque me cobriu de vestes de salvação e me envolveu com o manto de justiça". (Isaías 61:10)

Nem todas as orações que são aceitas diante de Deus são atendidas imediatamente, pois nem sempre seria o melhor para nós; mas toda oração sobre a qual se tiver adicionado a fragrância da justiça de Cristo é depositada no altar do Céu, e no bom tempo de Deus será respondida. João viu aqueles que ministravam diante do trono de Deus segurando em suas mãos "taças cheias de incenso", que eram as "orações dos santos". (Apocalipse 5:8, margem) Essas orações foram aceitas, pois o incenso acrescentado era tão agradável que João menciona que as taças estavam cheias de incenso.

No cerimonial típico, aquele que tentasse usar o fragrante incenso para uso pessoal seria eliminado do meio do povo de Deus; não deveria existir qualquer imitação do incenso. (Êxodo 30:37,38) Nenhum outro fogo deveria ser usado para queimar o incenso, exceto aquele retirado do altar diante do Senhor. Nadabe e Abiú, sob a influência de bebida forte, ofereceram "fogo estranho" diante do Senhor, e foram mortos. (Levítico 10:1-10) Sua fatalidade é uma clara lição objetiva de todos os que não apreciam a perfeita justiça de Cristo, e que comparecem diante do Senhor vestidos com os "trapos imundos" de sua justiça própria. (Isaías 64:6)

Quando a praga atingiu os filhos de Israel, Arão, o sumo sacerdote, colocou incenso no incensário e correu entre o povo, "e a praga cessou". (Números 16:46-48) O incenso sagrado era queimado apenas no altar de ouro e nos incensários dos sacerdotes. Aos outros Levitas não era permitido queimá-lo. (Números 16:3-35) Os sacerdotes que realizavam a atividade que tipificava a obra de Cristo de forma especial eram os únicos que podiam queimar incenso perante o Senhor.

Os chifres do altar de ouro eram tocados muitas vezes com o sangue da oferta pelo pecado, tipificando que foi a morte de Cristo que tornou possível que nossas orações sejam atendidas e que possamos ser vestidos com Sua justiça. Assim como a fragrância do incenso não se limitava ao santuário, mas era levada através do ar aos que viviam nos arredores; de modo semelhante, quando alguém está vestido com a justiça de Cristo, uma influência emanará de seu

ser, de modo que os que entrarem em contato com ele reconhecerão que sua fragrância é de origem celestial.

Tipo

Antítipo

Êxodo 30:1-3; 40:26. O altar de ouro estava diante do véu.

Apocalipse 8:3. Há um altar de ouro no Céu diante do trono de Deus.

Êxodo 30:7, 8. O incenso era queimado no altar de ouro pelo sumo sacerdote cada manhã e cada tarde.

Apocalipse 8:3, 4. Muito incenso é acrescentado às orações de todos e os santos, e então ascendem perante de Deus.

Êxodo 30:9; Levítico 10:1-9. Aquele que queimasse incenso com fogo estranho seria destruído.

Isaías 64:6. Aquele que se vestir com sua própria justiça será destruído.

"A minha alma anseia pelo Senhor mais do que os guardas pelo romper da manhã. Mais do que os guardas pelo romper da manhã".
Salmos 130:6

Capítulo 8

Cristo, Nosso Sumo Sacerdote

O Salvador tem muitos títulos, pois "herdou mais excelente nome" (Hebreus 1:4) do que todas as hostes angélicas do Céu. Dos muitos títulos que Lhe são atribuídos, nenhum é mais amado pela humanidade do que o "Cordeiro de Deus" (João 1:29,36) e "Sumo Sacerdote". Mediante esses dois ofícios, Ele ergue a pobre humanidade caída, de forma que os seres humanos podem participar de Seu glorioso Reino de graça, mesmo vivendo nesta Terra amaldiçoada com o pecado.

No serviço típico, aquele que percebia que era pecador, deveria trazer um cordeiro como oferta pelo pecado. O sacerdote não podia ministrar em seu favor sem essa oferta. (Levítico 4:27-29) Todo esse cerimonial era somente uma grande lição de jardim da infância, tornando o caminho da salvação tão simples que ninguém poderia deixar de compreendê-lo. Quando entendemos que pecamos, nos lembramos do nosso "Cordeiro", confessamos nossos pecados, e em Seu nome eles são perdoados; então Ele ministra como Sumo Sacerdote em nosso favor perante o Pai. Ele alega os méritos de Seu sangue, e cobre a nossa vida, manchada de pecado, com o manto da Sua imaculada justiça, e comparecemos perante o Pai "aceitos no Amado". (Efésios 1:6) Como podemos deixar de amar Aquele que entregou a Sua vida por nós? Cristo pode dizer de Seu Pai: "Por isso, o Pai Me ama, porque Eu dou a Minha vida". (João 10:17)

Mesmo o amor infinito do Pai por Seu Filho foi aumentado por esse ato.

No tipo, o sangue da oferta pelo pecado era derramado no pátio, e então o sacerdote entrava no santuário com o sangue para apresentá-lo perante o Senhor. (Hebreus 9:12) O Salvador entregou Sua vida como sacrifício pelo pecado aqui nessa Terra; e ao entrar no santuário celestial como Sumo Sacerdote, Ele é chamado de "Precursor". Sob nenhuma circunstância, exceto quando entra para "dentro do véu" do santuário celestial, esse nome é aplicado ao Salvador. (Hebreus 6:19,20)

Em todas as formas monárquicas de governo, o precursor é um personagem familiar. Em um uniforme magnífico, com plumas ondulantes, vai à frente e anuncia a aproximação da comitiva real. Embora seja sempre saudado pelas multidões à sua espera, ele não é o centro da atenção; os olhos deles não o seguem enquanto ele passa, mas voltam-se para a estrada de onde ele veio para ter o primeiro vislumbre do personagem real do qual ele é o precursor.

Dentre as muitas manifestações de condescendência amorosa por parte do nosso Mestre bendito, esta é uma das maiores. Quando Ele entrou no Céu como poderoso Conquistador sobre a morte e a sepultura, diante de toda a hoste celestial e dos representantes de outros mundos, Ele entrou como nosso precursor. Apresentou o "molho das primícias", os que Ele resgatou da sepultura no momento da Sua ressurreição como uma amostra da raça pela qual Ele morreu para redimir, (Efésios 4:8, margem; Mateus 27:52,53)

dirigindo assim a atenção daquela maravilhosa assembleia para a estrada de onde viera. Para contemplar a realeza? Sim, para ver a realeza instituída mediante Seu sangue precioso. (Apocalipse 1:6; 5:10) É apenas um grupo de pobres e frágeis mortais tropeçando e muitas vezes caindo pelo caminho; mas, ao chegarem ao portal celestial, entrarão como "herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo". (Romanos 8:17)

Muito significou para nós que Cristo tenha adentrado o véu como nosso Precursor, pois todo o Céu está observando a igreja de Deus na Terra. Quando tentado pelo inimigo a duvidar do amor e do cuidado de Deus, lembre-se de que, por causa do grande sacrifício feito, você é tão amado pelo Pai que, quem "toca em você, toca na menina do Seu olho". (Zacarias 2:8) O Céu e a Terra estão estreitamente unidos desde que Cristo adentrou o véu como nosso Precursor. A atenção de cada anjo na glória está voltada para aqueles que se esforçam por seguir os passos de Cristo. (1 Pedro 2:21) "Não são todos eles (os anjos) espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?" (Hebreus 1:14) Por que haveríamos de vacilar pelo caminho e decepcionar as hostes celestiais que estão nos aguardando trilhar a mesma estrada pela qual nosso Precursor passou como um poderoso Vencedor sobre a morte e a sepultura?

Porém, jamais nos esqueçamos que é um caminho manchado de sangue. "Ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-Se Àquele que julga retamente". (1 Pedro 2:23) Não podemos seguir Seus passos em

nossa própria força. Por essa razão, "convinha que, em todas as coisas, Se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel Sumo Sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois, naquilo que Ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados. Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus". (Hebreus 2:17,18; 3:1)

No santuário terrestre, não apenas o sumo sacerdote, mas também os sacerdotes comuns ministravam, porque era impossível que um homem sozinho realizasse toda a obra; mas todo aquele conjunto de ações realizadas por todos os sacerdotes nos serviços típicos eram necessários a fim de representar a obra de nosso Sumo Sacerdote. O trabalho que eles realizavam em um ano inteiro foi posto como tipo da obra completa de nosso Sumo Sacerdote. Durante o ano "os sacerdotes (plural, ambos sumo e comuns) entravam sempre no primeiro tabernáculo, para realizar os serviços sagrados". Isso continuava durante todo o ano, exceto um dia; naquele dia, o cerimonial mudava e "no segundo (compartimento), entrava o sumo sacerdote, ele sozinho, ... não sem sangue, que oferecia por si e pelos pecados de ignorância do povo". (Hebreus 9:6,7) Esses sacerdotes ministravam em "figura e sombra das coisas celestes". (Hebreus 8:5)

Quando Cristo entrou no Céu, Ele o fez como o Antítipo do serviço terrestre que Deus havia ordenado, e iniciou Sua obra no primeiro véu do santuário celestial. Quando o cerimonial típico

ordenado por Deus no primeiro compartimento do santuário terrestre tinha encontrado plenamente seu Antítipo, Ele passou através do segundo (Hebreus 9:3) véu para o glorioso compartimento do antitípico Santo dos Santos. Lá Ele deve realizar o maravilhoso serviço que terminará com a extirpação e destruição total dos pecados dos justos, para nunca mais serem lembrados pela multidão dos remidos e nem pelo próprio Deus.

Quando Cristo estiver de pé sobre o mar de vidro, e colocar as brilhantes coroas sobre as cabeças daqueles que percorreram a estrada santificada pelas pegadas de seu Precursor, embora com passos vacilantes e em meio às lágrimas derramadas, e agora vestidos com vestes branqueadas no sangue do Cordeiro, verá a obra de Sua alma e ficará satisfeito. (Isaías 53:11) Ele Se alegrará sobre eles com canto, e todo o Céu retinirá com melodias no momento em que os anjos, que estiveram sob as ordens de seu Comandante na obra de salvar almas, se unirem no louvor, (Zacarias 2:10) cantando: "Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos". (Apocalipse 5:13)

Nosso Sumo Sacerdote

- Hebreus 7:25. "Pode salvar perfeitamente os que mediante Ele se achegam a Deus".
- Hebreus 4:15. "Compadece-Se das nossas fraquezas". "Foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado".
- Hebreus 2:18. "Pois, naquilo que Ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados".
- Hebreus 2:17. "Ele é um Sumo Sacerdote fiel e misericordioso".
- Hebreus 7:25. "Ele vive sempre para interceder por nós".

Capítulo 9

O Ministério e Obrado Sumo Sacerdote

Nos tempos antigos, os patriarcas eram sacerdotes sobre suas próprias famílias, e o plano original de Deus era que o filho mais velho devesse assumir o lugar de seu pai como sacerdote da família; mas o plano de Deus foi muitas vezes frustrado pelos pecados do filho mais velho. As palavras do Senhor a Caim indicam que ele foi destituído de sua posição herdada por causa do pecado: "Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta". (Gênesis 4:7, margem.) O pecado impediu Caim de alcançar "a excelência".

Por causa do pecado, Rúben, o primogênito de Jacó, perdeu "a excelência da dignidade e a excelência do poder", que seria seu direito herdado. (Gênesis 49:3,4; 1 Crônicas 5:1,2) Quando ainda um jovem, José cultivou esses traços de caráter que lhe deram "a excelência" acima de seus irmãos. É muito provável que a túnica de várias cores que lhe fora dado pelo pai, (Gênesis 37:3,4) tenha sido interpretado por seus irmãos como uma indicação de sua ascensão ao sacerdócio.

Deus deu o Seu primogênito pela redenção do mundo; e por essa razão, no plano de Deus, o primogênito sempre herdava privilégios especiais. A ele era concedida uma dupla porção da riqueza de seu pai, (Deuteronômio 21:17) o sacerdócio, e ao primogênito na descendência de Isaque, a honra de ser progenitor do Messias. Se o

primogênito revelava-se indigno, sua herança era dada a outros, como no caso de Rúben, onde Judá se tornou o progenitor de Cristo, José recebeu a dupla porção, e Levi recebeu o sacerdócio. (1 Crônicas 5:1,2; Números 3:6,9) O primogênito era tão frequentemente indigno por causa de pecado que, quando o Senhor tirou Israel do Egito, disse: "Eis que tenho Eu tomado os levitas do meio dos filhos de Israel, em lugar de todo primogênito... de Israel; e os levitas serão Meus". (Deuteronômio 33:8-11) Foi porque a tribo de Levi manteve-se fiel a Deus em tempo de crise, que Deus a escolheu para servir perante Ele; e quando o serviço do santuário foi estabelecido, o sacerdócio foi dado a Arão e seus filhos, e o restante da tribo de Levi deveria fazer a obra do santuário sob a direção dos sacerdotes. Arão foi apontado para ministrar como sumo sacerdote e seus filhos como sacerdotes comuns; e o filho mais velho para tomar o cargo de sumo sacerdote após a morte de Arão.

A consagração do sacerdote ao ofício sacerdotal foi uma cerimônia de grande imponência. Arão estava vestido com as roupas que foram confeccionadas para ele sob a direção de Deus. Vários sacrifícios foram oferecidos e o sangue do carneiro da consagração foi posto sobre a ponta da orelha direita, o polegar da mão direita e sobre o polegar do pé direito de Arão e seus filhos, significando que suas orelhas, mãos e pés foram consagrados ao serviço de Deus. Pães asmos [sem fermento], denotando "sinceridade e verdade", (1 Coríntios 5:8) e o ombro direito do sacrifício de consagração, foi tudo colocado nas mãos de Arão e sobre as mãos de seus filhos. Os sacerdotes deveriam tipificar Aquele de quem Isaías disse: "O governo está sobre os Seus ombros". (Isaías 9:6) Eles deveriam

suportar os fardos do povo. O óleo da unção e o sangue foram então aspergidos sobre Arão e seus filhos, tipificando o sangue de Cristo e o Espírito Santo, os únicos que poderiam qualificá-los plenamente para exercer o santo ofício. (Êxodo 29:5-35)

O sacerdócio permaneceu ininterrupto na família de Arão até que os pecados de Eli e seus filhos tornaram necessário a mudança, e por um tempo Samuel, um efraimita, assumiu o ofício de sacerdote principal em Israel. (1 Samuel 1:1,19,20) Abiatar foi removido do ministério sacerdotal em cumprimento da profecia dada a Eli. (1 Reis 2:26,27) Mas Zadoque, que assumiu o cargo de sumo sacerdote na época de Davi e Salomão, era considerado por muitos como neto de Eli. Quando os israelitas desviaram-se do Senhor, o ministério sacerdotal tornou-se corrupto, até que no tempo de Cristo era comprado e vendido por dinheiro.

Era desígnio de Deus que o sumo sacerdote devesse representar mais perfeitamente a Cristo do que qualquer outro sacerdote. A obra de cada sacerdote era um tipo do ministério de Cristo, mas os sacerdotes comuns realizavam a obra somente no pátio e no primeiro compartimento do santuário, enquanto o sumo sacerdote ministrava não só no pátio e no primeiro compartimento, como os sacerdotes comuns, mas entrava sozinho no lugar santíssimo. (Hebreus 9:7) Arão às vezes oferecia ofertas queimadas sobre o altar de bronze no pátio. (1 Crônicas 6:49)

Era impossível para um só homem realizar toda a obra do santuário que tipificava a obra de Cristo, e por isso havia um grupo

de sacerdotes comuns para auxiliar o sumo sacerdote. Faz parte da regra que um oficial superior possa assumir os ofícios abaixo dele. O sumo sacerdote oferecia holocaustos no pátio e ofertas pelo pecado no primeiro compartimento. Paulo fala do sumo sacerdote oferecendo as ofertas pelo pecado, onde o sangue era trazido para dentro do santuário. (Hebreus 13:11) Nas ofertas pelo pecado em favor dos sacerdotes e da congregação, o sangue era levado para dentro do santuário. (Levítico 4:3-7, 13-18) Parece muito apropriado que o sumo sacerdote oferecesse as ofertas pelo pecado em favor dos sacerdotes comuns e de toda a congregação. Na maioria das ofertas pelo pecado, a carne era comida no lugar santo, e o sangue não era levado para dentro do santuário. (Êxodo 30:7,8) Embora o sumo sacerdote pudesse realizar qualquer serviço no primeiro compartimento que outros sacerdotes também podiam realizar, havia um serviço diário no primeiro compartimento do santuário que ninguém além do sumo sacerdote podia realizar. Somente ele podia queimar incenso sobre o altar de ouro perante o Senhor, e preparar e acender as lâmpadas do candelabro de ouro. Todas as manhãs e todas as tardes, duas vezes ao dia durante o ano inteiro, o sumo sacerdote ministrava no primeiro compartimento do santuário.

A cerimônia de coroação dos cerimoniais do ano inteiro ocorria no décimo dia do sétimo mês, quando o sumo sacerdote entrava no santo dos santos para fazer expiação pelos pecados do povo. Sobre seu peito nas pedras do peitoral, estavam esculpidas os nomes das doze tribos, tipificando Cristo nosso Sumo Sacerdote e como Ele zela por cada um de nós individualmente, confessando nossos nomes à medida que são revisados diante de Deus.

Tipo

Êxodo 28:1, 2. Chamado de Deus.

Êxodo 29:29. O sacerdócio passava de pai para filho.

Levítico 16:1-20. O sumo sacerdote fazia a expiação típica no final do ano cerimonial.

Antítipo

Hebreus 3:1-3. Nomeado por Deus.

Hebreus 7:23, 24. Vive para sempre.

Hebreus 9:14, 26. Cristo faz expiação pelo pecado mediante o sacrifício de Si mesmo.

Capítulo 10

Os Sacerdotes

Havia duas ordens sacerdotais, a ordem de Melquisedeque e a Levítica. A ordem de Melquisedeque precedia a ordem levítica. Nos dias de Abraão, o sacerdote Melquisedeque era o rei de Salém, bem como o sacerdote do Deus Altíssimo. (Gênesis 14:17-20) Embora não haja muita coisa mencionada na Bíblia sobre a ordem sacerdotal de Melquisedeque, ela era superior à ordem levítica, pois Cristo foi feito sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. (Hebreus 6:20)

A ordem levítica estendeu-se desde o tempo em que Israel saiu do Egito até a cruz; desde então, temos o sacerdócio de Cristo, do qual todos os sacerdotes terrenos eram um tipo. Sendo Cristo um sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, vivemos agora sob a ordem sacerdotal de Melquisedeque. Existem muitos detalhes fornecidos sobre a ordem levítica; e como todos os sacerdotes levíticos ministravam "em figura e sombra das coisas celestes", quando estudamos o sacerdócio levítico estamos na verdade estudando a obra sacerdotal de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

O sacerdócio Levítico era dividido em vinte e quatro turnos. (1 Crônicas 24:1-19) Cada turno tinha seu chefe ou governador do santuário. (2 Crônicas 8:14) Isso continuou até o tempo de Cristo. (Margem de Efésios 4:8) Quando o Salvador subiu ao Céu, conduziu uma multidão de cativos; e quando em visão foi mostrado

a João o primeiro compartimento do santuário celestial, com as suas sete lâmpadas de fogo acesas diante do trono de Deus, viu vinte e quatro anciãos assentados em vinte e quatro tronos, e adoravam o Cordeiro, dizendo: "Tu... com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes". Nisto, vemos o antítipo dos vinte e quatro turnos dos sacerdotes. Os chefes, ou anciãos de cada turno têm assentos de honra e são reis e sacerdotes segundo a ordem de Melquisedeque. O restante da multidão que Cristo levou ao Céu não é mencionado, mas seria razoável supor que eles constituam os turnos dos quais os vinte e quatro anciãos são os chefes.

Somente os descendentes de Arão eram autorizados a servir como sacerdotes. (Números 3:10) No tipo, o sacerdote que não podia provar sua genealogia diretamente de Arão, o primeiro sumo sacerdote, era eliminado do sacerdócio; (Esdras 2:26) então, no antítipo, o cristão que não pode provar sua ligação direta com Cristo, o Sumo Sacerdote celestial, jamais se tornará um dos "sacerdotes reais". (1 Pedro 2:9; Apocalipse 20:15)

Deus providenciou o sustento de todas as diferentes ordens do sacerdócio mediante o mesmo método. "Ao Senhor pertence a Terra e tudo o que nela se contém". (Salmos 24:1) A prata e o ouro e os animais aos milhares sobre as montanhas pertencem a Ele. (Salmos 50:10-12) O homem é colocado como mordomo sobre a herança do Senhor, e o Senhor reivindica um décimo de tudo sobre a terra como Sua porção. "Todas as dízimas da terra, tanto dos cereais do campo

como dos frutos das árvores, são do Senhor; santas são ao Senhor". (Levítico 27:30-33)

Acerca do dízimo, diz o Senhor: "Aos filhos de Levi dei todos os dízimos em Israel por herança, pelo serviço que prestam, ou seja, o serviço da tenda da congregação". (Números 18:20-24) O indivíduo que egoistamente faz uso de todas as dez partes para si mesmo, sem reservar um décimo para o Senhor, é culpado de roubar ao Senhor. "Roubará o homem a Deus? Todavia, vós Me roubais e dizeis: Em que Te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas". (Malaquias 3:8-11) Abraão devolveu dízimo fiel a Melquisedeque; (Gênesis 14:17-20) e Jacó prometeu devolver o dízimo de tudo, mesmo se ele recebesse apenas alimento e roupa. (Gênesis 28:20-22) Aqueles que pertencem à grande família da fé e são filhos de Abraão, "praticarão as obras de Abraão". (João 8:39) Devolverão um dízimo fiel para o sustento daqueles que, como os sacerdotes levíticos, dão suas vidas pelo avanço do reino de Cristo na Terra. Assim como o sacerdote se alimentava "das coisas do templo... assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho". (1 Coríntios 9:9-14)

Tipo

Hebreus 8:5. Os sacerdotes terrestres ministravam "em figura e sombra das coisas celestes".

1 Crônicas 24:1-19, 31. Os sacerdotes eram divididos em vinte e quatro turnos, com um chefe em cada turno.

Esdras 2:61, 62. Havia um registro de todos os que tinham o direito de exercer o ofício de sacerdote.

Antítipo

Hebreus 10:10. "Somos santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas".

Apocalipse 4:4, 5; 5:8-10. João viu vinte e quatro anciãos no primeiro compartimento do santuário celestial.

Apocalipse 20:15. Ninguém cujo nome não for achado escrito no livro da vida será salvo.

Capítulo 11

Os Levitas

Uma tribo inteira de Israel foi separada para o serviço do santuário. Quando recordamos as últimas palavras faladas a Levi por seu pai Jacó, deitado em seu leito de morte, podemos nos surpreender que seus descendentes tenham sido escolhidos para essa obra sagrada. Quando Jacó se lembrou dos pecados de Levi, pronunciou quase uma maldição em vez de uma bênção sobre esse filho e encerrou-a com estas palavras: "Dividi- -los-ei em Jacó e os espalharei em Israel". (Gênesis 49:5-7)

O amor de nosso Deus é tão maravilhoso que pode transformar uma maldição em uma bênção. (Neemias 13:2) Somente um Deus poderoso pode fazer pecados escarlates se tornarem brancos como a neve. (Isaías 1:18) A natureza impulsiva que, sob o controle de Satanás, leva um homem a cometer crimes desesperados, não é removida quando ele é convertido. Essa mesma impetuosidade, consagrada e sob o controle de Cristo, o torna um valente guerreiro para o Senhor. Saulo, o perseguidor desesperado, quando convertido, tornou-se Paulo, o líder apóstolo.

O caráter destemido que, sob o controle de Satanás, levou Levi a matar os siquemitas, quando controlado pela graça de Deus, permitiu que seus descendentes tomassem posição firme ao lado do Senhor quando a povo de Israel caiu na idolatria. (Êxodo 32:26-29) Deus então transformou a maldição em bênção; Ele disse que

porque eles haviam observado a Sua lei e guardado a Sua aliança, deveriam "ensinar os Teus juízos a Jacó e a Tua lei a Israel". (Deuteronômio 33:8-11)

Para que sua influência em favor do bem pudesse ser mais amplamente sentida em todo o Israel, o Senhor, ao invés de lhes dar uma porção da terra por sua herança, como havia dado às outras tribos, designou como sua porção quarenta e oito cidades dispersas entre todas as tribos. (Números 18:20; 35:1-8) Verdadeiramente foram divididos em Jacó e espalhados em Israel, mas a maldição foi transformada em bênção.

Nosso Deus "ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre". (Hebreus 13:8) Quando Ele pronuncia o mal contra uma nação ou um indivíduo por causa de sua iniquidade, se eles se afastarem da prática do mal, Deus diz que "se arrependerá do mal" que Ele "pensava em fazer-lhe" e, como no caso de Levi, uma bênção virá em vez da maldição. (Jeremias 18:7-10)

O termo "levita" era aplicado a todos os sacerdotes, mas apenas os descendentes de Arão deviam ocupar o ofício sagrado. O restante da tribo devia executar o serviço do santuário sob a direção dos sacerdotes. Eles não eram autorizados a officiar no altar do holocausto, nem queimar incenso, nem fazer qualquer obra do sacerdote dentro do véu. Os levitas deveriam servir, ou assistir aos sacerdotes; mas os sacerdotes deveriam ministrar em favor do povo perante o Senhor. (Números 18:1-7)

Os levitas eram consagrados à obra do santuário pela imposição das mãos de toda a assembleia de Israel, e então Arão os oferecia "como oferta movida perante o Senhor, da parte dos filhos de Israel". (Números 8:9-14)

Os levitas foram escolhidos pelo Senhor no lugar dos primogênitos de Israel. (Números 8:17,18) Ao viajar no deserto, eles carregavam tudo o que pertencia ao tabernáculo; mas, embora carregassem o mobiliário sagrado, nunca foram autorizados nem mesmo a olhar para ele. (Números 4:20)

Depois que o templo foi construído, os levitas receberam a obra de servir aos sacerdotes no serviço do santuário. Eles preparavam os pães da proposição, muitas vezes lideravam o serviço de cântico, recolhiam o dízimo e realizavam grande parte da obra ligada ao serviço do Senhor. (1 Crônicas 23:24-32)

No tempo de Davi, os levitas começavam servir no santuário aos vinte e cinco anos. Aos cinquenta anos eles seriam "desobrigados de seu ofício". (Números 8:23-26, margem) Não eram dispensados; ainda ajudavam na obra, mas não se esperava que realizassem tarefas árduas.

O trabalho dos levitas ficava em grande parte restrito ao pátio, e assim tipificava a obra do ministério evangélico de hoje.

Tipo

Números 18:1-7. Os levitas serviram sob as ordens dos sacerdotes no pátio do santuário.

2 Crônicas 35:3; 30:22. Os levitas eram mestres em Israel.

Antítipo

Mateus 28:19, 20. Os ministros de Cristo devem ir a todo o mundo, o pátio antitípico.

Mateus 28:19. Cristo comissionou Seus discípulos a ensinar todas as nações.

Capítulo 12

As Vestes Sacerdotais

As vestes usadas pelos sacerdotes comuns eram de linho branco, um emblema adequado do Imaculado, do qual o ministério deles era um tipo. O manto exterior era branco, tecido de uma só peça, e estendia-se até próximo aos pés. Estava preso na cintura com um cinto de linho branco, bordado de azul, púrpura e escarlata. Uma mitra branca de linho, ou turbante, cobria a cabeça. Estes artigos, com os calções de linho que eram usados por todos os sacerdotes oficiantes, completavam o traje do sacerdote comum. Estas roupas de linho branco foram feitas "para a glória e ornamento". (Êxodo 28:40-42)

Somente a família de Arão podia usar as ricas vestes do sacerdote; mas há vestes de "linho fino, resplandecente e puro", guardadas para cada vencedor. (Apocalipse 19:8) Mesmo nesta vida, Cristo veste Seus fiéis com "as vestes da salvação" e "o manto de justiça". (Isaías 61:10)

As vestes brancas e puras eram usadas pelo sumo sacerdote em ocasiões comuns, mas quando ele entrava no lugar santíssimo para fazer expiação pelo povo, estava vestido com belíssimas vestes, que representavam perfeitamente o nosso Sumo Sacerdote enquanto confessa os nomes de Seu povo diante do tribunal do juiz de toda a Terra.

O sumo sacerdote sempre usava o longo traje de linho branco do sacerdote comum, mas sobre esse havia uma vestimenta de tecido azul de uma única peça, e belamente ornamentada ao longo das franjas com campainhas douradas, e romãs de azul, púrpura e ouro. O éfode, um manto sem mangas de linho branco, belamente bordado em ouro, azul, púrpura e escarlate, era usado sobre o manto azul. Esse era mais curto do que as outras vestes, e era preso na cintura por um cinto ricamente bordado da mesma cor.

Nas ombreiras bordadas de ouro do éfode, havia duas pedras de ônix, nas quais estavam gravados os nomes das doze tribos de Israel, seis nomes em cada ombro, assim tipificando o Poderoso que carrega sobre Seus ombros as perplexidades e os fardos de Seu povo. (Isaías 9:6)

Embora o manto azul com suas campainhas douradas e o éfode belamente bordado fossem maravilhosos, a peça que coroava toda a esplêndida vestimenta do sumo sacerdote era o peitoral colocado sobre seu coração enquanto ministrava no santo dos santos perante o Senhor. O peitoral era do mesmo material que o éfode. Era de forma quadrada e media um palmo. Nele foram engastadas em ouro doze pedras preciosas, dispostas três em cada fileira. Em cada pedra havia gravado o nome de uma das tribos de Israel. Em torno dele havia uma borda de uma variedade de pedras preciosas. As pedras no peitoral eram as mesmas que formam o fundamento da Nova Jerusalém. (Êxodo 28:2-39) O peitoral pendia suspenso dos ombros do éfode e estava preso na cintura por um cordão azul por meio de argolas de ouro.

Colocadas sobre o peitoral, uma de cada lado, havia duas pedras brilhantes, conhecidas como Urim e Tumim. Por meio delas, fazia-se saber a vontade do Senhor pelo sumo sacerdote. Quando questões eram trazidas, se a auréola de luz rodeasse a pedra preciosa à direita, a resposta era afirmativa; mas se uma sombra pousasse sobre a pedra à esquerda, a resposta era negativa.

Sendo que o peitoral estava preso ao éfode, Davi, quando pediu ao sacerdote que lhe trouxesse o éfode quando estava indeciso quanto ao caminho a seguir, na realidade pedia o peitoral, pelo qual poderia conhecer a vontade do Senhor. (1 Samuel 23:9-12)

Havia um outro artigo pertencente às roupas do sumo sacerdote, a mitra ou turbante. (Êxodo 28:36,37) Uma lâmina de ouro com a inscrição, "Santidade ao Senhor", estava presa por um laço azul na frente do turbante branco, ou mitra, usada pelos sacerdotes.

Nenhum sacerdote era autorizado a usar as roupas sacerdotais, exceto quando ministrando no santuário ou no pátio. (Ezequiel 44:19)

Há um significado impressionante no sumo sacerdote levando os nomes de todo o Israel sobre seus ombros e sobre seu coração enquanto realizava a obra que tipificava o juízo, quando o caso de cada indivíduo será examinado diante de Deus. O peitoral era chamado de "peitoral do juízo". (Êxodo 28:15) Os nomes gravados nas pedras eram um tipo dos nomes dos vencedores, que Cristo

confessará diante de Seu pai e dos anjos. Pedra é uma matéria duradoura, mas muito mais duradouro é o livro da vida, onde os nomes que Cristo tem confessado, estão escritos para sempre. (Apocalipse 3:5)

Tipo

Antítipo

Êxodo 28:32. Vestimenta de uma só peça.

João 19:23. A vestimenta terrestre de Cristo foi tecida de uma única peça.

Êxodo 28:15-21. O peitoral do juízo continha o nome das doze tribos, e era usado sobre o coração do sumo sacerdote enquanto realizava a obra que tipificava a obra do juízo.

Apocalipse 3:5. Assim como cada nome individual aparece em exame diante de Deus no juízo, Cristo "confessará" os nomes dos vencedores, e seus nomes permanecerão no livro da vida.

"Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao Seu santo nome". (Salmos 103:1)

Capítulo 13

A Páscoa

A Páscoa era a festa de abertura do ciclo anual das cerimônias religiosas. Era tanto comemorativa como típica; celebrava a libertação dos filhos de Israel da escravidão do Egito, e era um tipo da libertação da escravidão do pecado de cada indivíduo que reivindica Cristo como seu Cordeiro Pascal e aceita Seu sangue para cobrir seus pecados passados. (1 Coríntios 5:7)

A Páscoa era celebrada no início da primavera, quando o desabrochar dos primeiros botões e flores anunciava que o inverno tinha passado. À medida que o tempo dessa festa se aproximava, todos os caminhos que conduziam a Jerusalém ficavam repletos de judeus devotos que seguiam em direção à santa cidade; pois todo homem dos filhos de Israel devia comparecer perante o Senhor no tempo dessa festa. (Deuteronômio 16:16) Todas as classes se juntavam nesses grupos de viajantes, que aumentava cada vez mais à medida que se aproximavam da cidade. Pastores, lavradores, sacerdotes e levitas, homens e mulheres de todas as posições, juntavam-se às multidões que entravam em Jerusalém de todas as direções. As casas da cidade eram abertas para recebê-los, e tendas eram armadas sobre os terraços das casas e nas ruas para abrigar aqueles que participariam da festa e para disponibilizar espaços onde, famílias e grupos, poderiam se reunir para comer a Páscoa.

Antes da libertação dos filhos de Israel do Egito, o ano novo começava no outono; (Êxodo 23:16; 34:22, margem) mas depois que o Senhor libertou os israelitas da escravidão egípcia, no mês de abibe ou nisã, ele disse: "Este mês vos será o principal dos meses; será o primeiro mês do ano". (Êxodo 12:2) O mês de abibe corresponde ao final de março e primeiro de abril.

No décimo dia do mês de abibe, o cordeiro da Páscoa era escolhido, e era mantido separado do resto do rebanho até o décimo quarto dia do mês, quando era morto. Havia uma hora determinada para matar o cordeiro: "no crepúsculo da tarde" (Êxodo 12:6, margem) ou cerca da nona hora do dia, que em nossos dias seria três horas da tarde.

O cordeiro era assado inteiro, não lhe sendo quebrado nenhum osso. Se a família fosse pequena, várias famílias podiam se juntar na festa. Pães asmos e ervas amargas eram comidas com o cordeiro. O pão asmo comemorava a rápida fuga do Egito, quando os filhos de Israel tomaram sua massa antes que levedasse, "e as suas amassadeiras atadas em trouxas com seus vestidos, sobre os ombros". O pão asmo também tipificava a condição daquele que é coberto pelo sangue de Cristo, o Cordeiro antitípico. (Êxodo 12:1-46) A esse, o Senhor diz: "Celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade". (1 Coríntios 5:8)

Na festa, não somente pães asmos deviam ser usados, mas também nenhum fermento era permitido nas casas durante toda a semana que se seguia ao dia da Páscoa.

Este é um belo emblema do cristão, que, ao reivindicar estar protegido pelo sangue de Cristo, não somente deve guardar a sua língua de falar o mal, mas seu coração também deve estar livre do "fermento da maldade e da malícia". As ervas amargas eram uma lembrança de sua cruel servidão no Egito. O cordeiro devia ser comido na noite do décimo quarto dia do mês. Se alguma da carne restasse até a manhã, deveria ser queimada no fogo.

Depois que o cordeiro era morto, um feixe de hissopo era molhado no sangue e passado na viga superior e nas laterais das portas da casa onde o cordeiro era comido. Isto celebrava a maravilhosa libertação dos primogênitos de Israel quando todos os primogênitos do Egito foram mortos. O Senhor disse: "O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando Eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando Eu ferir a terra do Egito". (Êxodo 12:13)

Enquanto o acontecimento celebrado pelo sangue na verga da porta era maravilhoso, o evento tipificado era muito mais maravilhoso. Assim como o anjo destruidor passou pelo Egito e colocou a mão gelada da morte sobre a fronte de cada primogênito que não estava protegido pelo sangue, então a segunda morte, da qual não haverá ressurreição, cairá sobre todo aquele que não for purificado do pecado pelo sangue de Cristo. (Apocalipse 20:14,15)

Não havia acepção de pessoas; todos foram mortos, desde o herdeiro do trono do Egito até o primogênito do prisioneiro no calabouço. Cargos elevados, riqueza ou fama terrena não protegerão ninguém do anjo destruidor do Senhor. Só uma coisa protegerá tanto o rico quanto o pobre: o precioso sangue de Cristo. "O sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo pecado". "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". (1 João 1:7,9)

Meditar sobre o lado comemorativo da festa da Páscoa, fortalece nossa fé. Relembrar como o Senhor operou em favor de Seu povo aflito, como ouviu seus clamores e operou milagres para sua libertação, traz uma bênção à alma; mas também há salvação para aquele que medita sobre a parte típica da festa da Páscoa, e reivindica as bênçãos ali prefiguradas por tipo e símbolo. Cada cordeiro da Páscoa, desde aquele morto na noite da libertação do Egito até ao morto no tempo de Cristo, era um tipo do Salvador em sentido especial. "Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós". (1 Coríntios 5:7 ACF)

Assim como o Cordeiro da Páscoa durante séculos tinha sido separado dos rebanhos alguns dias antes de ser morto, e era mantido separado, um cordeiro marcado para morrer, da mesma forma o Sinédrio condenou Cristo à morte alguns dias antes de ser crucificado. Desse dia em diante, ao vê-Lo, eles sabiam que a morte Dele estava determinada. Como o cordeiro era mantido separado, assim "Jesus já não andava publicamente entre os judeus". (João

11:47-54) Isso aconteceu apenas alguns dias antes de Jesus ser tomado pela turba cruel e condenado por falsas testemunhas.

Na manhã seguinte à terrível noite de tortura e agonia, o Salvador foi levado ao pretório de Pilatos. Durante a noite, os judeus seguiram a Cristo enquanto estivera na presença do sumo sacerdote; mas agora, quando foi levado para o tribunal romano, os judeus "não entraram no pretório para não se contaminarem, mas poderem comer a Páscoa". (João 18:28) De acordo com suas leis cerimoniais de contaminação, não lhes seria permitido comer a Páscoa se entrassem nesse lugar. Era a manhã do dia em que o Salvador foi crucificado. O dia da preparação para a Páscoa judaica, dia em que, "no crepúsculo da tarde", o cordeiro devia ser morto; ou, em outras palavras, era o décimo quarto dia do mês abibe, ou Nisã, que no ano em que o Salvador foi crucificado caiu na sexta-feira, pois o dia seguinte era o dia de sábado, de acordo com o mandamento, o sétimo dia da semana. (Lucas 23:52-56)

Não foi por acaso que o Salvador foi crucificado na sexta-feira, o sexto dia da semana. Durante séculos Deus ordenou que o dia seguinte à Páscoa, o décimo quinto dia do mês abibe, deveria ser guardado como um sábado cerimonial, (Levítico 23:6,7) tipificando assim o fato de que Cristo, a verdadeira Páscoa, seria oferecido no dia anterior ao sábado. O cordeiro da Páscoa foi morto ao pôr do sol, ou cerca da nona hora do dia. O grande Cordeiro antitípico, enquanto suspenso entre o Céu e a Terra como uma oferta em favor do homem pecador, perto da hora nona, clamou: "Está consumado", e entregou Sua vida como uma oferta pelo pecado. (Mateus 27:46-

50) Nessa hora, os sacerdotes se preparavam para matar o cordeiro no templo, mas foram detidos em sua obra. Toda a natureza respondeu a esse clamor de agonia do Filho de Deus. A Terra vacilou de um lado para o outro, e mãos invisíveis rasgaram o véu do templo de cima a baixo, (João 19:30) mostrando mediante um sinal inconfundível que o tipo havia encontrado o antítipo. A sombra tinha encontrado a realidade que lançava a sombra. Os seres humanos nunca mais se aproximariam de Deus mediante ofertas de animais, mas se achegariam com toda confiança ao trono da graça, (Hebreus 4:15,16) para apresentar seus pedidos no precioso nome de "Cristo nossa Páscoa". A obra tipificada pela Páscoa estende-se ao longo das eras, e não terá encontrado plenamente seu antítipo até que os filhos de Deus sejam para sempre libertados do poder do inimigo de toda justiça.

Foi à meia-noite que o anjo destruidor passou por todo o Egito e manifestou seu poder em libertar o povo de Deus do cativeiro; assim também, será à meia-noite que Deus manifestará Seu poder pela libertação final do Seu povo. (Êxodo 12:29,30) O profeta, olhando através dos tempos, diz: "À meia-noite, os povos são perturbados e passam, e os poderosos são tomados por força invisível". (Jó 34:20)

Aqueles que participavam da festa da Páscoa não deveriam deixar nada até pela manhã. A manhã deveria trazer uma nova experiência -- liberdade da servidão. A alma que aceita a Cristo como sua Páscoa e participa Dele pela fé, entra em uma nova experiência -- liberdade da condenação da velha vida. Quando Deus manifestar Seu poder à meia-noite para a libertação final de Seu

povo, a manhã não deixará ninguém na servidão. "As paredes das prisões fendem-se, e o povo de Deus, que estivera retido em cativeiro por causa de sua fé, é libertado", para nunca mais sentir o poder opressivo do inimigo.

A destruição de Faraó e todo o seu exército no Mar Vermelho, e o cântico de libertação cantado pelos israelitas na outra margem, eram um tipo da libertação final do povo de Deus desta Terra. (Apocalipse 15:2,3) Os justos serão arrebatados para o encontro com o Senhor nos ares, mas os ímpios, como as hostes de Faraó, serão mortos na Terra, e não serão recolhidos nem sepultados. (1 Tessalonicenses 4:16,17; Jeremias 25:30-33)

Nenhum estrangeiro poderia participar da festa da Páscoa; mas havia provisões feitas no antigo cerimonial levítico pelas quais o estrangeiro, ao cumprir certas formas e cerimônias, poderia se tornar um israelita e então participar da Páscoa. (Êxodo 12:48) O pecado impede a humanidade de compartilhar das bênçãos prometidas aos filhos de Deus, mas há um remédio contra os pecados: "Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã". (Isaías 1:18) "Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo". (1 João 2:1)

Os filhos de Israel viviam cercados por nações pagãs, que, quando todos os homens subiam para celebrar as festividades anuais, poderiam apoderar-se de seus rebanhos e terra, a menos que fossem especialmente protegidos por Deus; porque não somente na

Páscoa, mas três vezes ao ano todos os homens de Israel eram obrigados a participar das festividades em Jerusalém. Eles subiam confiando na promessa: "Alargarei o teu território; ninguém cobiçará a tua terra quando subires para comparecer na presença do Senhor, teu Deus, três vezes no ano". (Êxodo 34:24) Temos o mesmo Deus hoje, e para o homem ou para a mulher que buscarem "primeiro o reino de Deus e Sua justiça", Deus "ampliará suas fronteiras" e protegerá seus interesses temporais. (Mateus 6:24-33)

O povo de Deus não mais se reúne em Jerusalém para participar da Páscoa; mas fiéis seguidores do Senhor em todas as nações da Terra participam do memorial do Seu corpo partido e Seu sangue derramado. Para cada um desses grupos são ditas as seguintes palavras: "Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha". (1 Coríntios 11:26)

Há uma diferença entre as ofertas anuais, ou festividades, e as ofertas habituais. A oferta pelo pecado, oferta pela transgressão, oferta pacífica ou qualquer uma das ofertas habituais poderia ser celebrada em qualquer época do ano, de acordo com a ocasião ou necessidades do povo; mas não era assim com as festividades anuais.

Todas as festas anuais eram tanto proféticas quanto típicas. Enquanto o cordeiro Pascal, morto a cada ano, era uma sombra de "Cristo nossa Páscoa", que foi sacrificado por nós, o fato de que o cordeiro deveria ser morto somente no décimo quarto dia do mês

abibe, era uma profecia de que o antitípico Cordeiro Pascal entregaria Sua vida pelos pecados do mundo no décimo quarto dia de abibe.

Um argumento irrefutável de que Jesus é o Messias, é que Ele morreu sobre a cruz exatamente no dia e hora que Deus havia dito que o Cordeiro da Páscoa deveria ser morto; e ressurgiu da morte no mesmo dia do mês, que o molho das primícias fora movido durante séculos. O próprio Deus definitivamente fixou a data para a celebração de cada uma das ofertas anuais.

O dia do ano em que cada oferta anual devia ser celebrada, era uma profecia direta da ocasião em que o tipo encontraria seu antítipo.

Tipo

Antítipo

"Cristo nossa Páscoa é sacrificado por nós". 1 Coríntios 5:7

Êxodo 12:3-5. Cordeiro era escolhido alguns dias antes de ser morto.

João 11:47-53. Cristo condenado à morte pelo Sinédrio alguns dias antes da crucificação.

Êxodo 12:6. Era posto à parte e mantido separado do rebanho.

João 11:53, 54. "De sorte que Jesus já não andava publicamente entre os judeus".

Êxodo 12:6. O cordeiro da Páscoa foi morto no décimo quarto dia de abibe, ou Nisã.

João 18:28; 19:14; 19:31; Lucas 23:54-56. Jesus foi crucificado no dia em que os judeus se preparavam para comer a Páscoa; a saber, o décimo quarto dia do mês de abibe, ou Nisã.

Êxodo 12:6, margem. O cordeiro era morto no crepúsculo da tarde.

Marcos 15:34-37; João 19:30. Jesus morreu na cruz "no crepúsculo da tarde", ou cerca da hora nona.

Êxodo 12:46. Nenhum dos ossos do cordeiro era partido.

João 19:33-36. Nenhum dos ossos do Salvador foi partido.

Êxodo 12:7. O sangue era colocado na viga superior e nas laterais das portas.

1 João 1:7. "O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado".

Êxodo 12:8. Pães asmos e ervas amargas eram comidas com o cordeiro.

1 Coríntios 5:7, 8. O pão asmo representava a liberdade da maldade e da malícia.

Êxodo 12:19. Nenhum fermento era permitido em suas casas por uma semana após a festa da Páscoa.

Êxodo 12:7, 12, 29, 42. A libertação veio à meia-noite após a morte dos primogênitos dos egípcios.

Êxodo 12:22, 23. Não há abrigo do destruidor, exceto sob o sangue do cordeiro pascal.

Êxodo 12:10, 46. Nada do cordeiro devia ser deixado até pela manhã. A porção não consumida devia ser queimada.

Êxodo 12:43. Nenhum estrangeiro poderia comer da Páscoa.

Êxodo 12:48. Havia uma provisão feita pela qual o estrangeiro poderia comer da Páscoa.

1 Pedro 3:10; 1 Tessalonicenses 5:23. O cristão não somente deve guardar seus lábios da falsidade, mas todo seu espírito, alma e corpo devem ser preservados irrepreensíveis.

Jó 34:20. "À meia-noite, Deus manifesta Seu poder para a libertação de Seu povo".

Atos 4:12. "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos".

Malaquias 4:1-3; Ezequiel 28:12-19. Quando os justos forem libertos, cinzas serão a única lembrança do pecado e dos pecadores.

Apocalipse 21:27. Nenhum pecador pode tomar parte na recompensa dos justos.

Efésios 2:13; Gálatas 3:29. "Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo".

Capítulo 14

A Festa dos Pães Asmos

A festa dos pães asmos iniciava no décimo quinto dia do mês abibe, ou nisã, e continuava por sete dias. (Números 28:17) O pão asmo era comido junto com o cordeiro pascal; a Páscoa era seguida pela festa dos pães asmos, embora às vezes o termo "Festa dos Pães asmos" também incluísse a Páscoa. Muitas ofertas eram oferecidas em cada um dos sete dias, e entre elas sete cordeiros. O primeiro e o último dia da festa eram guardados como Sábados cerimoniais, mas o primeiro desses Sábados era considerado mais importante, sendo chamado de o Sábado. (Levítico 23:11,15)

"Toda a organização judaica é uma compacta profecia do evangelho", e cada um dos serviços ordenados por Deus na organização judaica era uma sombra, seja da obra do nosso Sumo Sacerdote no santuário celestial, ou das cerimônias exigidas da congregação na Terra, em favor da qual está ministrando. Portanto, havia um significado especial em relação ao fato de que, durante séculos, o dia seguinte à Páscoa era guardado como um sábado.

No capítulo anterior, mostramos que não era por acaso que, no ano em que o Salvador foi crucificado, a Páscoa aconteceu na sexta-feira, o sexto dia da semana. Tampouco foi por acaso que o sábado cerimonial, o décimo quinto dia do mês de abibe, aconteceu no sétimo dia, o sábado do Senhor. Era o tipo encontrando o antítipo. O amado discípulo João, disse: "Era grande o dia daquele sábado"

(João 19:31) cujo termo era usado sempre que o sábado cerimonial anual acontecia no sábado semanal do Senhor.

Quatro mil anos antes, no primeiro sexto dia de todos os tempos, Deus e Cristo terminaram a obra da criação. Deus declarou o trabalho terminado muito bom e "descansou nesse dia de toda a Sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera". (Gênesis 2:2,3) Cerca de dois mil e quinhentos anos depois, Deus, em meio à tremenda grandeza do Sinai, ordenou ao Seu povo "lembrar-se do dia do sábado, para o santificar;" (Êxodo 20:1-17) pois naquele dia -- o sétimo dia -- descansou da obra da criação.

Foi uma obra poderosa trazer este mundo à existência mediante a palavra; revesti-lo de verdor e beleza; supri-lo de vida animal; e povoá-lo de seres humanos feitos à imagem de Deus; mas foi uma obra muito maior tomar a terra manchada pelo pecado, seus habitantes mergulhados na iniquidade, e recriá-los, trazendo-os verdadeiramente a um estado de perfeição superior do que quando saíram das mãos do Criador. Esta é a obra realizada pelo Filho de Deus; e quando Ele clamou no Calvário: "Está consumado," Se dirigiu ao Pai, anunciando o fato de que havia cumprido os requisitos da lei; tinha vivido uma vida sem pecado. Cristo havia derramado Seu sangue como resgate pelo mundo, e agora o caminho estava aberto pelo qual cada filho e filha de Adão poderia ser salvo se aceitasse o perdão oferecido.

Assim como o cair do sol anunciava ao mundo a aproximação do santo sábado do Senhor, da cruz do Calvário, o Filho de Deus proclamou que a obra da redenção estava terminada. Essa obra afetaria toda a criação e, embora os homens ímpios não compreendessem o significado dessas palavras misteriosas, "está consumado", toda a natureza reagiu, como se saltasse de alegria e mesmo as sólidas rochas fenderam-se. Era desígnio de Deus que esse evento estupendo fosse reconhecido pela humanidade; e como aqueles que viviam e até mesmo contemplavam a cena estavam inconscientes de seu significado, santos que dormiam foram despertados de suas sepulturas para proclamar as boas novas. (Mateus 27:50-53)

A obra da redenção foi completada no sexto dia, e como Deus descansou após a obra da criação, assim Jesus descansou no túmulo de José durante as horas sagradas daquele santo sábado. Seus seguidores também descansaram; pois Ele sempre lhes havia ensinado obediência à santa lei de Seu Pai. Ele havia proibido qualquer pessoa de pensar que mesmo um i ou um til da lei de Deus pudesse ser alterado. (Mateus 5:17,18) Por quatro mil anos, o sábado tem sido observado como memorial da criação; mas depois que o Salvador morreu na cruz, foi duplamente abençoado, passando a ser um memorial da criação, bem como da redenção.

O sábado, como uma grande ponte, abrange todas as épocas. O primeiro pilar que sustenta esta grande instituição foi colocado no Éden, quando, de acordo com o relato de Gênesis 2:2, 3, Deus e o homem não caído descansaram nas sagradas horas do sábado. O

segundo pilar da ponte foi lançado entre os trovões do Sinai, quando Deus, ao proclamar o quarto mandamento, como encontrado em Êxodo 20:8-11, citou o fato de ter descansado no sétimo dia da obra da criação, como a razão pela qual o homem devesse santificá-lo. O terceiro pilar da ponte do sábado foi santificado pelo sangue do Calvário. Enquanto o Filho do poderoso Deus descansou da obra da redenção no túmulo, está registrado em Lucas 23:54-56 que os seguidores de Jesus "descansaram no sábado segundo o mandamento". O quarto pilar desta maravilhosa ponte será lançado na Nova Terra. Em Isaías 66:22, 23, somos informados que depois que o último vestígio da maldição do pecado for removido da Terra, de um sábado a outro, toda carne virá adorar perante o Senhor. Enquanto os novos céus e a Nova Terra permanecerem, também os redimidos do Senhor se regozijarão em celebrar o sábado como um memorial da obra terminada por Cristo na redenção deste mundo caído, bem como um memorial de Sua criação.

O segundo dia da Festa dos Pães asmos era a oferta das primícias. Essa era uma cerimônia muito importante, e será tratada separadamente do resto da festa. Durante os sete dias seguintes à Páscoa, o povo comia pães asmos. Sete, denotando um número completo, era um tipo apropriado da vida que deveria ser vivida por aquele que reivindica Cristo como sua Páscoa e tem a bendita segurança de que seus pecados estão cobertos pelo sangue do Salvador. Fermento é um tipo de "maldade e malícia"; o pão sem fermento representa "sinceridade e verdade". Aquele cujos pecados passados são cobertos, (Romanos 4:7,8) e percebe o que significa ter a condenação de sua velha vida removida de seus ombros, entra em

uma nova vida e não deve retornar à sua vida de pecado, mas viver em toda "sinceridade e verdade". Tudo isso era simbolizado pela festa de sete dias dos pães asmos, após a Páscoa.

Tipo

Levítico 23:6, 7. No dia seguinte à Páscoa, o décimo quinto dia de abibe, era um sábado cerimonial.

Deuteronômio 16:4. "Fermento não se achará contigo por sete dias, em todo o teu território".

Deuteronômio 16:3. "Sete dias, nela, comerás pães asmos, para que te lembres, todos os dias da tua vida, do dia em que saíste da terra do Egito".

Antítipo

Lucas 23:54-56; João 19:31. O décimo quinto dia de abibe, no ano em que o Salvador foi crucificado, o sábado do sétimo dia do Senhor.

1 Coríntios 5:7. "Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado".

1 Coríntios 5:8. "Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade".

Capítulo 15

A Oferta das Primícias

Quando os campos ondulantes de grãos dourados proclamavam que chegara o tempo da colheita, era realizada a cerimônia da oferta das primícias perante o Senhor no templo.

Quando os filhos de Israel jornadeavam em direção a Jerusalém para participar da Páscoa, de cada lado se podiam ver campos de cevada amarela, as espigas pesadas de grãos maduros que dobravam-se na brisa. Mas nenhuma foice podia ser metida aos cereais, nem mesmo os grãos ser juntados para serem comidos até que as primícias fossem apresentadas perante o Senhor.

A oferta das primícias acontecia no terceiro dia da festa da Páscoa. No décimo quarto dia do mês abibe, ou nisã, a Páscoa era celebrada, o décimo quinto dia era o sábado e no décimo sexto dia, ou como a Bíblia declara, "no dia seguinte ao sábado", as primícias eram movidas perante o Senhor. (Levítico 23:5-11)

Era uma bela cerimônia. O sacerdote vestido com suas vestes sagradas, com um punhado de espigas amarelas de grãos maduros, entrava no templo. O brilho do ouro polido das paredes e móveis misturava-se com os tons das espigas de grãos douradas. O sacerdote fazia uma pausa diante do altar de ouro e movia os grãos diante do Senhor. Essas primeiras espigas representavam a promessa

da colheita farta a ser ajuntada, e o mover indicava ação de graças e louvor ao Senhor da colheita.

O mover das primícias era a principal cerimônia do dia, mas um cordeiro também era oferecido como oferta queimada. Nenhuma porção das primícias era queimada ao fogo, pois eram um tipo dos seres ressuscitados vestidos de imortalidade, nunca mais sujeitos à morte ou degeneração.

Durante séculos, Deus havia Se encontrado com Seu povo no templo e aceitado suas ofertas de louvor e ação de graças; mas uma mudança aconteceu. Quando Cristo morreu no Calvário e o véu do templo foi rasgado de alto a baixo, a virtude do serviço do templo chegou ao fim. Os judeus mataram seus cordeiros pascais como antigamente, mas o serviço era apenas um escárnio; porque nesse ano, no dia catorze do mês abibe, Cristo nossa Páscoa foi sacrificado por nós. Os judeus guardaram a forma vazia do sábado no dia seguinte à Páscoa; mas foi o descanso experimentado por Jesus e Seus seguidores que foi aceito por Deus. No décimo sexto dia do mês, no ano em que o Salvador morreu, os judeus no templo que Deus havia abandonado realizaram a forma vazia de oferecer as espigas de grãos, enquanto Cristo, o antítipo, ressurgia dentre os mortos e tornava-se "as primícias dos que dormem". (1 Coríntios 15:20) O tipo encontrara o antítipo.

Cada um dos campos de grãos maduros ajuntados no celeiro é, senão, uma lembrança da grande colheita final, quando o Senhor da colheita, com a Sua multidão de anjos ceifeiros, virá para ajuntar a

colheita espiritual do mundo. Assim como o primeiro punhado de grãos era uma garantia da colheita vindoura, assim a ressurreição de Cristo era uma garantia da ressurreição dos justos; "pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus trará, em Sua companhia, os que dormem em Jesus". (1 Tessalonicenses 4:14, trad. lit. KJV)

O sacerdote não entrava no templo com uma espiga de grãos apenas, ele movia um punhado perante o Senhor; Jesus também não saiu do túmulo sozinho, pois "muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saíram dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus". (Mateus 27:52,53) Enquanto os judeus preparavam-se para realizar o cerimonial vazio da oferta das primícias no templo, e os soldados romanos diziam ao povo que os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus, esses santos ressuscitados atravessavam as ruas da cidade, proclamando que Cristo havia de fato ressuscitado. (Mateus 28:11-15)

É um triste fato que até os discípulos que amavam seu Senhor estavam tão cegos que não podiam reconhecer o fato de que chegara o momento do aparecimento do grande antítipo do serviço que eles celebraram anualmente durante toda a vida; e mesmo quando ouviram o anúncio de Sua ressurreição, pareceu-lhes uma história falsa, e não acreditaram. (Lucas 24:10,11) Mas Deus nunca fica sem agentes. Quando os seres humanos vivos estão dormentes, Ele desperta santos que estão dormindo para realizar Sua determinada obra. No tipo, o grão era movido no templo, e para cumprir o antítipo, Cristo precisava apresentar-Se perante Deus no primeiro

compartimento do templo celestial, acompanhado do grupo que havia ressuscitado com Ele.

De manhã bem cedo no dia ressurreição, quando Jesus apareceu a Maria, ela caiu aos Seus pés para adorá-Lo, mas Jesus disse-lhe: "Não Me detenhas; porque ainda não subi para Meu Pai, mas vai ter com os Meus irmãos e dize-lhes: Subo para Meu Pai e vosso Pai, para Meu Deus e vosso Deus". (João 20:17) Com essas palavras, Jesus informou Seus seguidores do grande evento que aconteceria no Céu, esperando que na Terra pudesse haver um acorde de resposta à maravilhosa alegria no Céu; mas, assim como dormiram no jardim, na noite da agonia de Cristo, e não conseguiram dar-Lhe sua simpatia, (Mateus 26:40-44) agora, cegos pela incredulidade, falharam em compartilhar a alegria do grande triunfo do Salvador. Mais tarde, no mesmo dia, Jesus apareceu aos Seus discípulos e permitiu-lhes que abraçassem Seus pés e O adorassem, (Mateus 28:9) demonstrando que, naquele meio tempo, havia ascendido ao Seu Pai.

Paulo nos diz que, quando Cristo subiu às alturas, "levou cativo o cativoiro". (Efésios 4:8, margem) Ao falar deles em Romanos 8:29, 30, ele relata como esse grupo de santos ressuscitados, que saíram de seus túmulos com Cristo, foi escolhido. Eles foram "predestinados", e então chamados, "e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou". Isso foi feito a fim de que "Ele seja o primogênito entre muitos irmãos". Esse grupo era composto de indivíduos escolhidos de todas as épocas, desde Adão até ao tempo de Cristo. Eles não estavam

mais sujeitos à morte, mas ascenderam com Cristo como troféus de Seu poder para despertar todos os que dormem em seus túmulos. Como o punhado de grãos no serviço típico era uma promessa da colheita vindoura, então esses santos eram um penhor da inumerável multidão que Cristo despertará do pó da terra quando vier pela segunda vez como Rei dos Reis e Senhor de Senhores. (João 5:28,29)

Pouco sonhavam os habitantes da Terra, acerca da maravilhosa oferta antitípica de primícias que estava sendo celebrada no templo celestial no momento em que os judeus estavam realizando as ocas formas no templo na Terra.

Essa era uma congregação maravilhosa nas cortes celestiais. Todas as hostes do Céu e representantes dos mundos não caídos estavam reunidos para saudar o poderoso Conquistador ao retornar da mais terrível guerra já travada e a maior vitória já conquistada. As batalhas terrestres que simplesmente obtêm domínio sobre uma pequena porção da Terra por um curto período de anos, não são nada em comparação com a guerra que se desencadeou entre Cristo e Satanás aqui nesta Terra. Cristo voltou ao Céu com as cicatrizes dessa terrível batalha nas marcas dos pregos em Suas mãos e pés e na ferida ao Seu lado. (Isaías 49:16)

Palavras não podem descrever a cena de como a hoste celestial em uníssono se prostrou a Seus pés em adoração; mas Ele os detêm e lhes ordena que esperem. Jesus entrou no Céu como "o primogênito entre muitos irmãos", e não receberá a adoração dos

anjos até que o Pai tenha aceitado as primícias da colheita que será ajuntada do mundo que morreu para redimir. Ele roga ao Pai: "a Minha vontade é que onde Eu estou, estejam também comigo os que Me deste". Ele não suplica em vão. O grande antítipo do cerimonial celebrado por séculos é plenamente satisfeito. O Pai aceita as primícias como uma promessa de que toda a multidão dos redimidos será recebido por Ele. Então, segue a ordem: "Que todos os anjos de Deus O adorem".

Nós nos perguntamos como Cristo poderia deixar as glórias do Céu para retornar à Terra, onde encontrou apenas ignomínia e censura. Mas quão maravilhoso é o poder do amor! Seus angustiados seguidores na Terra eram tão queridos ao Seu coração que a adoração de todo o Céu não poderia mantê-Lo distante deles, e Ele voltou para confortar e animar seus corações.

Os três primeiros dias da festa da Páscoa tipificavam eventos maravilhosos da obra de nosso Salvador. O primeiro dia tipificava Seu corpo partido e sangue derramado; e no dia anterior ao dia em que o tipo encontrara o antítipo, Cristo reuniu Seus discípulos e instituiu a tocante cerimônia comemorativa da ceia do Senhor, para relembrar Sua morte e sofrimento até que Ele volte pela segunda vez. (Mateus 26:26-29)

Cada sábado semanal do Senhor é um memorial daquele sábado em que Jesus descansou no túmulo, depois de ter terminado Sua obra na Terra para a redenção da raça perdida.

Deus não deixou a Sua igreja sem um memorial do grande antítipo da oferta das primícias. Ele lhes deu o batismo para comemorar este evento glorioso. Como Cristo foi colocado no túmulo, do mesmo modo o candidato ao batismo é colocado no túmulo das águas. "Fomos, pois, sepultados com Ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida". Como as primícias da ressurreição levadas ao Céu por Cristo eram um penhor da ressurreição final, assim o ressurgir da sepultura das águas batismais é uma garantia da ressurreição ao fiel filho de Deus; "porque, se fomos unidos com Ele na semelhança da Sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da Sua ressurreição". (Romanos 6:3-5)

Tipo

Antítipo

"Cristo, as primícias". 1 Coríntios 15:23.

Levítico 23:5-11. As primícias eram oferecidas no terceiro dia depois da Páscoa.

1 Coríntios 15:20; Lucas 23:21-23. Cristo ressurgiu no terceiro dia e tornou-Se as primícias.

Levítico 23:10, margem. O sacerdote movia um molho de espigas ou um punhado de grãos.

Romanos 8:29; Mateus 27:52, 53. Muitos santos ressuscitaram com Cristo. Ele foi o primogênito entre muitos irmãos.

Nota: Durante séculos, estudantes da bíblia têm se dividido em dois grupos quanto ao entendimento do tempo em que o Senhor participou da última ceia com Seus discípulos. Um grupo acredita que Jesus não cumpriu o tipo em relação ao tempo, mas apenas

quanto ao evento. Eles afirmam que no ano em que Cristo morreu, o 14º dia de nisã, ou Páscoa, era quinta-feira; que Ele foi crucificado na sexta-feira, o sábado anual, o 15º dia de nisã; e ressurgiu dos mortos no dia 17 de nisã. Para sustentar essa posição, citam os seguintes textos: Mateus 26:17; Marcos 14:1, 12; Lucas 22:7. O outro grupo acredita que, quando Deus ordenou que certas ofertas deviam ser oferecidas em um específico dia do mês, o tipo encontraria o antítipo nesse tempo determinado. "Aqueles símbolos se cumpriram, não somente quanto ao acontecimento mas também quanto ao tempo". -- O Grande Conflito, p. 399. Em cumprimento disso, Cristo foi crucificado na sexta-feira, o 14º dia de nisã, e morreu na cruz na hora nona -- "no crepúsculo da tarde" -- na hora exata em que o cordeiro da Páscoa era sacrificado durante séculos. Na noite anterior, ele comeu a última ceia com Seus discípulos. O Salvador descansou no túmulo no sábado, 15º dia de nisã, que foi guardado como um sábado anual no tipo desse evento. "Era representado pelo molho movido, e Sua ressurreição teve lugar no dia exato em que o molho movido devia ser apresentado perante o Senhor". -- O Desejado de Todas as Nações, edição grande, p. 785. Isso aconteceu no domingo, 16º dia de nisã. Para sustentar essa posição, são citados os seguintes textos: (João 13:1, 2; 28; 13:29; 19:31)

Capítulo 16

O Pentecoste

Pentecoste, assim chamado porque era celebrado cinquenta dias após a oferta das primícias, (Levítico 23:16) era a última das festas anuais realizadas no primeiro semestre do ano. (Atos 2:1) Esta festa era chamada de Festa das Semanas, por causa das sete semanas que havia entre ela e a Páscoa. (Êxodo 23:14-16) Também era chamada de Festa da Colheita, pois era celebrada no final da colheita. A Festa das Semanas era uma das três principais festas anuais, quando todos os homens de Israel eram obrigados a comparecer perante o Senhor em Jerusalém.

Quando os filhos de Israel subiam a Jerusalém para participar dessa festividade, em todos os lados podia-se ver o restolho de onde se colhera os grãos maduros, ajuntados e prontos para serem pisados nas eiras.

Na época da Páscoa, havia incerteza em relação à colheita, uma vez que a seca ou a tempestade podiam destruí-la antes que fosse colhida; mas agora não havia incerteza. O fruto da colheita estava em sua posse, para ser usado em seu benefício e para o avanço da obra do Senhor. Ninguém deveria comparecer perante o Senhor de mãos vazias. Eles não apenas deviam trazer algumas espigas de grãos, como na primavera, mas deviam trazer também uma oferta voluntária conforme o Senhor lhes houvera abençoado. (Deuteronômio 16:10)

Esta festividade às vezes era chamada de Dia das Primícias (Números 28:26) porque os filhos de Israel deviam trazer ofertas liberais ao Senhor nesta ocasião. Era um tempo de grande alegria para a família inteira, à qual os levitas, os pobres e aflitos deveriam se unir.

Os serviços religiosos da festa das semanas, ou Pentecostes, ocupavam apenas um dia. Muitas ofertas eram apresentadas no templo, entre elas dois pães levedados, que eram movidos diante do Senhor. A Festa das Semanas era observada como um sábado anual, e era uma santa convocação. (Levítico 23:15-21)

Quando Cristo subiu da Terra, Ele pediu a Seus discípulos que ensinassem todas as nações. Eles deveriam levar o evangelho ao mundo inteiro. Os discípulos viram apenas um punhado de crentes como resultado dos três anos de trabalho e sacrifício de Cristo. Mas quando o Pentecostes se cumpriu plenamente, ou seja, quando a semente que o próprio Filho de Deus semeara durante esses três anos e meio de trabalho árduo cresceu, então veio a colheita. (Atos 2:41)

Os discípulos desconheciam os resultados da vida, trabalho e sacrifício do Salvador sobre as mentes do povo. Ao explicar-lhes a parábola do joio e do trigo, Cristo havia dito: "O que semeia a boa semente é o Filho do Homem", mas eles não compreenderam. Enquanto o Salvador ensinava nas cidades e nas aldeias, Ele estava constantemente semeando a "boa semente". A colheita de almas

juntadas dessa semente seria apresentada na antitípica Festa da Colheita. Durante séculos, os filhos de Israel celebraram essa festividade, trazendo ofertas de sua colheita de grãos. De cada um, Deus havia dito: Na Festa da Colheita apresentarás "os primeiros frutos do teu trabalho, que houveres semeado no campo". (Êxodo 23:16) O antítipo veio quando o Filho do homem apresentou "as primícias" de Seu trabalho, que Ele semeou no campo.

Havia um trabalho para os discípulos realizar para que estivessem prontos para a grande antitípica Festa da Colheita. Precisavam estudar as Escrituras, deixar de lado todas as diferenças e tornar-se um em espírito, para que pudessem receber o derramamento do Espírito Santo, que lhes capacitaria a entender como cuidariam da grande colheita de três mil almas que lhes aguardava como resultado do ministério do Salvador. Eles também precisavam desse derramamento especial do Espírito para prepará-los para levar adiante a maravilhosa obra iniciada no dia de Pentecostes, até que toda criatura debaixo do céu ouvisse as boas novas da salvação. (Atos 1:14-26)

Na Palestina, havia uma chuva temporã e uma chuva serôdia, que chegava no tempo de amadurecer a seara. O profeta Joel, ao falar da obra de Deus nos últimos dias, usa o termo chuva "temporã" e "serôdia" para representar o derramamento do Espírito de Deus. E nas seguintes palavras, ele dá a certeza de que, no encerramento da obra do evangelho na Terra, Deus voltará a derramar o Seu Espírito: "Ele vos dará em justa medida a chuva; fará descer, como outrora, a chuva temporã e a serôdia, ... as eiras se encherão de trigo". (Joel

2:23,24) Essa grande colheita de almas na antitípica Festa da Colheita era apenas uma amostra da colheita ainda maior que será colhida antes do fim do mundo.

No tipo, os filhos de Israel traziam ofertas liberais ao Senhor na Festa da Colheita. Aqueles que entraram no espírito da antitípica Festa da Colheita, ou Pentecostes, "vendiam suas posses e bens", e davam a renda para ajudar a levar adiante a obra do Senhor. Essas ofertas permitiram aos discípulos estender a obra rapidamente, de modo que em cerca de trinta e quatro anos podiam dizer que toda criatura debaixo do céu havia ouvido o evangelho. (Colossenses 1:23) Aqueles que participarem do espírito da chuva serôdia, como os primeiros discípulos, colocam tudo sobre o altar para serem usados pelo Senhor no encerramento da grande obra.

Como a semente semeada pelo Filho do homem durante Seu ministério terrestre resultou em uma colheita de almas no Pentecostes, ou a chuva temporã, assim a boa semente semeada pelos embaixadores de Cristo que fielmente espalham a página impressa com a mensagem do evangelho e por meio da voz e da vida ensinam a verdade salvadora, produzirá uma colheita abundante no tempo da chuva serôdia, quando o Espírito de Deus for derramado sobre toda carne. Então serão reunidos o fruto do que cada um semeou no campo. "Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará", (2 Coríntios 9:6) é a promessa divina.

Tipo

Levítico 23:16. Esta festa era realizada sete semanas, ou cinquenta dias, depois das ofertas das primícias.

Deuteronômio 16:16. Todo homem dos Filhos de Israel devia comparecer perante o Senhor em Jerusalém no tempo dessa festa.

Êxodo 23:16. A Festa da Colheita indicava "os primeiros frutos do teu trabalho, que houveres semeado no campo".

Deuteronômio 16:11, 12. Aqueles que celebravam esta festa no tipo deviam "alegrar-se perante o Senhor" e lembrar-se de sua liberdade da servidão egípcia.

Deuteronômio 16:10. Os filhos de Israel deviam trazer ofertas liberais nessa festividade, segundo o Senhor os tivesse abençoado.

Antítipo

Atos 2:1. O dia de Pentecostes cumpriu-se plenamente, ou seja, as sete semanas completas passaram.

Atos 2:7-11. Homens de todas as partes do mundo conhecido de então estavam reunidos em Jerusalém para o Pentecostes.

Atos 2:41. O antítipo das primícias era de três mil almas, a colheita espiritual reunida como resultado da obra pessoal de Cristo.

Atos 2:41, 46. Aqueles que participaram da festa antitípica da colheita tornaram esse tempo um tempo de alegria por causa da sua liberdade da escravidão do pecado.

Atos 2:44, 45. Na festa antitípica, "todos os que creram" vendiam suas propriedades e bens e doavam a renda para a obra do Senhor.

Capítulo 17

A Oferta pelo Pecado

Em nenhum dos tipos o adorador individual era trazido em um contato tão próximo com o serviço do santuário como na oferta pelo pecado. Não há nenhuma parte do culto religioso que leva o adorador individual a um contato tão próximo com o Senhor como quando ajoelha-se aos pés do Salvador, confessando seus pecados e conhecendo o poder da promessa: "Se confessarmos nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de toda injustiça". É então que o pecador arrependido toca a orla do manto do Mestre e recebe Seu poder de cura na alma.

O pecado é a transgressão da lei de Deus. Aquele que "fizesse alguma de todas as coisas que o Senhor, seu Deus, ordenou que não fizessem" se tornava culpado de pecado; e para estar livre do pecado, devia trazer uma oferta, para que ao ver a vítima inocente morrer por seus pecados, pudesse compreender mais plenamente como o Cordeiro inocente de Deus podia oferecer Sua vida pelos pecados do mundo. Se o pecador fosse um sacerdote, exercendo o ofício sagrado onde a influência de seu procedimento errôneo levaria outros a tropeçar, então devia trazer um novilho, um animal caro, como oferta pelo pecado; mas se fosse uma das pessoas comuns, poderia trazer um cabrito ou um cordeiro. O valor do animal a ser oferecido era determinado pela posição ocupada pelo transgressor.

A oferta pelo pecado era trazida ao pátio do santuário, à porta do tabernáculo da congregação. (Levítico 4:1-35) O pecador, com as mãos postas sobre a cabeça do cordeiro, confessava sobre ele todos os seus pecados, e então, com a sua própria mão o matava. (Levítico 4:29; Números 5:7) Às vezes, o sacerdote em ofício levava o sangue para dentro do primeiro compartimento do santuário; molhava o dedo no sangue e espargia-o perante o Senhor. Os chifres do altar de ouro, o altar do incenso, também eram tocados com o sangue. Então o sacerdote saía para o pátio e derramava todo o sangue à base do altar do holocausto. (Levítico 6:30) Os corpos dos animais cujo sangue era levado para dentro do santuário eram queimados fora do acampamento. "Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo Seu próprio sangue, sofreu fora da porta".

O pecador, confessando seus pecados sobre o cordeiro, em símbolo e sombra transferia-os para o cordeiro. A vida do cordeiro era então tomada em vez da vida do pecador, tipificando a morte do Cordeiro de Deus, que entregaria Sua vida pelos pecados do mundo. O sangue do animal era impotente para remover o pecado, (Hebreus 10:4) mas, derramando o sangue, o penitente revelava sua fé na divina oferta do Filho de Deus. Cada uma das ofertas pelo pecado devia ser sem defeito, tipificando assim o sacrifício perfeito do Salvador. (1 Pedro 1:19)

Em algumas ofertas, o sangue não era levado para dentro do santuário, mas em toda oferta pelo pecado todo o sangue era derramado à base do altar do holocausto no pátio. Quando o sangue não era levado para dentro do primeiro compartimento do santuário,

uma parte da carne da oferta pelo pecado era consumida pelo sacerdote no lugar santo. (Levíticos 10:18)

À medida que o sacerdote absorvia a carne da oferta pelo pecado, ela se tornava parte do seu próprio corpo; e, ao empreender na sequência a obra do santuário, ele dramaticamente tipificava como "Cristo carregaria Ele mesmo em Seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados" (1 Pedro 2:24) para então entrar no santuário celestial com esse mesmo corpo para comparecer à presença de Deus.

O sacerdote só comia a carne da oferta pelo pecado quando o sangue não era levado para dentro do santuário. O mandamento em relação a isso era muito claro: "Porém não se comerá nenhuma oferta pelo pecado, cujo sangue se traz à tenda da congregação, para fazer expiação no santuário; no fogo será queimada". (Levítico 6:30) Violar esta ordem, seria ignorar o significado do tipo. O sacerdote que entrava no santuário para apresentar o sangue da oferta pelo pecado perante o Senhor, era um importante símbolo de Cristo que, pelo Seu próprio sangue, entrou no santuário celestial, "tendo obtido para nós eterna redenção". (Hebreus 9:11,12) Pelo sangue e pela carne, os pecados confessados pelo pecador eram simbolicamente transferidos para o santuário. Estavam escondidos da vista, pois nenhum olho humano, exceto os olhos daqueles que ministravam como sacerdotes, olhavam para dentro do santuário.

O símbolo era belo, mas muito mais belo era o antítipo! Quando o pecador lança seus pecados sobre Cristo, "o Cordeiro de Deus, que

tira o pecado do mundo", esses pecados são escondidos, cobertos pelo sangue de Cristo. (Romanos 4:7,8) Estão todos gravados nos livros no Céu; (Jeremias 2:22) mas o sangue do Salvador os cobre, e se aquele que pecou é fiel a Deus, eles nunca serão revelados, mas serão finalmente destruídos nos fogos do último dia. A parte mais maravilhosa é que o próprio Deus afirma que Ele os lançará atrás de Si (Isaías 43:25) e deles jamais se lembrará. Por que alguém necessita carregar o fardo dos pecados quando temos um Salvador tão misericordioso esperando para recebê-los?

Em cada uma das ofertas pelo pecado, duas coisas eram essenciais por parte do pecador: primeiro, reconhecer sua própria pecaminosidade perante Deus e valorizar o perdão suficientemente a ponto de fazer um sacrifício para obtê-lo; segundo, ver pela fé mais além de sua oferta, o Filho de Deus, por meio do qual recebe o seu perdão, "porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados". (Hebreus 10:4) Somente o sangue de Cristo pode expiar o pecado.

Depois que o sangue era apresentado perante o Senhor, ainda havia uma obra importante para o pecador realizar. Com suas próprias mãos, deveria remover toda a gordura dos diferentes órgãos do animal oferecido como oferta pelo pecado, (Levítico 7:30,31) e entregá-la ao sacerdote, que a queimava sobre o altar de bronze. A princípio, isso pode parecer uma cerimônia estranha, mas quando lembramos que a gordura representava o pecado, (Salmos 37:20; Isaías 43:23,24) vemos que é uma cerimônia pertinente.

Evidentemente foi o contemplar essa obra no santuário que salvou o salmista de se apostatar. Ele tinha contemplado a prosperidade dos ímpios e teve inveja deles, a ponto de que seus "passos quase se desviassem", mas quando ele entrou no santuário, entendeu o fim dos ímpios. (Salmos 73:2-17) Podemos imaginá-lo observando o pecador separando a gordura e o sacerdote colocando-a sobre o grande altar, e logo, nada restava senão cinzas. Ali visualizou apenas as cinzas como o fim de todos os que não se separarem do pecado; (Malaquias 4:1-3) pois, se o pecado tinha se tornado uma parte de si mesmos, então, quando o pecado fosse queimado, seriam queimados, com ele. A única razão pela qual Deus destruirá um pecador é porque o pecador manteve o pecado como parte de seu próprio caráter e dele não quis se separar.

Este era um símbolo impressionante, o sacerdote esperando que o pecador separasse a gordura da oferta, pronto para tomá-la assim que lhe fosse oferecida. Assim, Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, está esperando que cada pecador confesse seus pecados e os entregue a Ele, para que possa vestir o pecador com Seu próprio manto de justiça; (Isaías 61:10) e consumir seus pecados nos fogos do último dia. Paulo evidentemente se refere a esta parte do serviço do santuário em Hebreus 4:12.

A queima da gordura era "um aroma agradável ao Senhor". (Levítico 4:31) Há poucos odores mais desagradáveis do que o de queimar gordura e ainda assim era agradável ao Senhor, pois tipificava o pecado consumido e o pecador salvo. Deus não tem prazer na morte dos ímpios; (Ezequiel 33:11) mas Se alegra com a

destruição do pecado separado do pecador. Quando os redimidos do Senhor, de dentro dos muros da Nova Jerusalém, contemplarem os fogos do último dia consumindo todos os pecados que eles cometeram, lhes será, de fato, um aroma agradável. (Apocalipse 20:8,9)

Um indivíduo que era muito pobre para oferecer um cordeiro como oferta pelo pecado poderia trazer dois pombos; e se fosse tão pobre que não possuísse dois pombos, então podia capturar duas rolas ou dois pombinhos e oferecê-los como oferta pelo pecado; mas se fosse muito fraco para capturar os pombos selvagens, o Senhor fez provisão que ao ofertante fosse permitido trazer uma pequena porção de farinha, e o sacerdote apresentaria o grão esmagado como um símbolo do corpo partido do Salvador. De tal ofertante, foi dito: "O seu pecado lhe será perdoado", assim como ao que era capaz de trazer um boi. O punhado de farinha queimada correspondia à queima da gordura, um símbolo da destruição final do pecado; e o restante era comido pelo sacerdote, tipificando Cristo carregando os pecados. (Levítico 5:7-13)

Em todas as ofertas pelo pecado, onde animais ou aves eram oferecidos, todo o sangue era derramado à base do altar do holocausto no pátio do santuário. Quando nos lembramos de quão rigoroso o Senhor era, ordenando que tudo no acampamento fosse mantido em perfeitas condições sanitárias, (Deuteronômio 23:14) podemos ver de imediato que deve ter exigido muito trabalho para manter o pátio limpo. Portanto, o Senhor não teria ordenado que

todo o sangue fosse derramado no chão à base do altar, se não contivesse uma lição muito importante.

O primeiro pecado cometido na Terra afetou tanto a Terra como o pecador. O Senhor disse a Adão: "Maldita é a Terra por tua causa". (Gênesis 3:17) Quando o primeiro homicídio foi cometido, o Senhor disse a Caim: "És agora, pois, maldito por sobre a Terra". Ele também disse que, a partir desse momento, a Terra nem sempre daria sua força; haveria fracasso de colheitas e esterilidade. (Gênesis 4:11,12)

A maldição do pecado repousa cada vez mais e mais pesada sobre a Terra. (Isaías 24:5,6) Há somente uma coisa em todo o universo de Deus que pode remover essa maldição. "Nenhuma expiação se fará pela Terra por causa do sangue que nela for derramado, senão com o sangue daquele que o derramou". (Números 35:33) Deve ser um da espécie humana, da mesma família que derramou o sangue. Por essa razão, Cristo participou da humanidade, tornou-Se nosso Irmão mais velho, (Efésios 1:14) para que possa remover a maldição do pecado da Terra e do pecador. Mediante Sua morte no Calvário, Cristo comprou a Terra, redimindo-a assim como seus habitantes.

Como são os pecados da humanidade que contaminam a Terra, em cada oferta pelo pecado, depois da oferta ter sido oferecida pelo pecador, o restante do sangue era derramado no chão, à base do altar de bronze no pátio, como um símbolo do precioso sangue de Cristo,

que removeria cada mancha de pecado desta Terra, para vesti-la com a beleza do Éden. (Apocalipse 21:1)

Tipo

Antítipo

"Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo". João 1:29.

Levítico 4:3, 23, 28. O animal seria sem defeito.

1 Pedro 1:19. Cristo era "sem defeito e sem mácula".

Levítico 4:4, 14. A oferta deveria ser trazida perante o Senhor à porta do santuário.

Hebreus 4:15, 16. "Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna".

Levítico 4:4; Números 5:7. O pecador colocava sua mão sobre a cabeça da oferta, reconhecendo assim seus pecados.

1 João 1:9. "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados".

Levítico 4:29. O pecador imolava a oferta pelo pecado; tomava a vida do cordeiro com suas próprias mãos.

Isaías 53:10. A alma de Cristo foi feita uma oferta pelo pecado. Os criminosos muitas vezes viviam por dias na cruz; foi o terrível fardo dos pecados do mundo que matou a Cristo.

Levítico 4:5-7, 17, 18. Em algumas ofertas, o sangue era levado para dentro do santuário e aspergido perante o Senhor.

Hebreus 9:12. "Pelo Seu próprio sangue, entrou [Cristo] no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção".

Levítico 10:16-18. Quando o sangue não era levado para dentro do

1 Pedro 2:24. Este era um símbolo Daquele que "carregando

santuário, uma parte da carne era consumida pelo sacerdote no lugar santo; assim, no tipo, o sacerdote levava "a iniquidade da congregação, para fazer expiação por eles diante do Senhor".

Levítico 4:31; 7:30. O pecador com as próprias mãos devia separar toda a gordura da oferta pelo pecado, a gordura que tipificava o pecado. Salmos 37:20.

Levítico 4:31. Toda gordura é queimada e reduzida a cinzas no pátio do santuário.

Levítico 4:7, 18, 25, 30. O sangue de toda oferta pelo pecado era derramado no chão à base do altar de bronze no pátio.

Ele mesmo em Seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por Suas chagas, fostes sarados".

Isaías 1:16. Não devemos somente confessar os pecados cometidos, mas também examinar nossos próprios corações e abandonar os Maus hábitos. "Cessai de fazer o mal".

Malaquias 4:1-3. Todos os pecados e pecadores serão queimados e reduzidos a cinzas na Terra.

Efésios 1:14. Cristo comprou a Terra e os seus habitantes mediante Sua morte na cruz.

Capítulo 18

O Holocausto

Todo holocausto teve sua origem nos portões do jardim do Éden, (Gênesis 4:4; 8:20) e estendeu-se até a cruz; e nunca perderá seu significado enquanto a humanidade estiver sujeita à tentação e ao pecado. O sacrifício inteiro era posto sobre o altar e queimado, (Levítico 1:2-9) tipificando não somente uma renúncia do pecado, mas uma consagração da vida inteira ao serviço de Deus.

Onde quer que o povo de Deus peregrinasse durante a era patriarcal, eram erguidos rústicos altares de pedra, sobre os quais ofereciam seus holocaustos inteiros. (Gênesis 12:7,8; 13:4, 18; 35:3) Após o longo período de servidão egípcia, Israel estava tão propenso à idolatria que o Senhor ordenou que um altar de bronze fosse construído no pátio do tabernáculo, e em vez de holocaustos oferecidos pelo pai da família, eles eram levados ao santuário e oferecidos pelos sacerdotes divinamente escolhidos. (Deuteronômio 12:5,6) Houveram ocasiões especiais em que holocaustos foram oferecidos em outros lugares além do santuário, como no caso do sacrifício oferecido por Davi na eira de Ornã, (2 Samuel 24:18-25) e o memorável sacrifício oferecido por Elias sobre o monte Carmelo. (1 Reis 18:31-38)

Os relatos dos holocaustos na Bíblia são uma história de vitórias maravilhosas quando indivíduos se achegaram a Deus, abandonando seus pecados e rendendo suas vidas e tudo o que possuíam ao

serviço do Senhor. O grande teste de fé de Abraão foi um holocausto no monte Moriá. (Gênesis 22:2-13) As maravilhosas vitórias de Gideão datam a partir dos holocaustos oferecidos perante o Senhor, quando, mediante essas ofertas, mostrou que entregava tudo ao Senhor para ser consumido no altar, conforme o Senhor ordenou. (Juízes 6:21-28)

Toda oferta queimada era um tipo de completa consagração que deve entrar em cada uma das vidas que Deus pode usar para Sua glória. Paulo instou em favor do cumprimento do antítipo nas seguintes palavras: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional". (Romanos 12:1) A oferta do animal mais caro era somente uma abominação para o Senhor, a menos que fosse acompanhada pela entrega do coração e da vida daquele que a ofereceu. (Isaías 1:10,11; Amós 5:22)

Este princípio foi maravilhosamente ilustrado quando o Salvador passou por alto como de pouco valor as grandes ofertas dos ricos que ofereceram apenas para ostentação e afirmou que na avaliação do Céu as duas moedas que a viúva pobre deu com um coração cheio de amor, eram de maior valor do que toda a riqueza dada para vã exibição. (Marcos 12:41-44) O Senhor considera as dádivas e as ofertas feitas por Seu povo para levar adiante Sua obra na Terra, como "um aroma suave, um sacrifício aceitável e aprazível a Deus" e Ele promete suprir todas as suas necessidades. (Filipenses 4:16-19) "Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros". (1 Samuel 15:22)

O holocausto inteiro era oferecido como expiação pelo pecado. (Levítico 9:7) O indivíduo que realizava a oferta colocava as mãos sobre a cabeça do animal, confessando seus pecados; (Levítico 1:4; Números 8:12) e então, se fosse do gado ou do rebanho, com suas próprias mãos ele tirava-lhe a vida. Se o holocausto fosse uma ave, o sacerdote matava a oferta. O sangue era aspergido sobre o altar de bronze, como símbolo do sangue purificador de Cristo, e a oferta era queimada sobre o altar.

Todas as manhãs e tardes, um cordeiro era oferecido no santuário como oferta queimada. (Êxodo 29:38-42) Cada dia de sábado, quatro cordeiros eram oferecidos, dois pela manhã e dois pela tarde. (Números 28:9,10) Esses sacrifícios tipificavam uma reconsagração de toda a congregação ao serviço do Senhor todas as manhãs e tardes.

Uma vez que a sombra encontrou-se com o original que lançava a sombra, agora seria uma zombaria oca oferecer holocaustos pela manhã e pela tarde; mas o tipo não perdeu o seu significado e contém lições para nós; pois "amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrifícios". (Marcos 12:33)

O coração cheio de amor a Deus e aos nossos semelhantes é uma oferta sempre aceitável para Deus. Para manter o coração nessa condição, deve ser preenchido com a Palavra de Deus que dá vida. (Salmos 119:11) O Senhor considera o "conhecimento de Deus,

mais do que holocaustos". (Oseias 6:6) O indivíduo que sacrificar os interesses egoístas e prazeres a ponto de tomar tempo de manhã e à tarde para estudar a Palavra de Deus, experimentará esse amor no coração que sempre foi e sempre será mais aceitável para Deus do que "holocaustos e sacrifícios".

Tipo

Levítico 1:9. O sacrifício oferecido a Deus era aceito como "aroma agradável ao Senhor".

Êxodo 29:38-43. Deus encontrava-se com o Seu povo enquanto ofereciam seus holocaustos e eram santificados por Sua presença.

Levítico 1:2-9, 13, 17. O corpo por inteiro era consumido sobre o altar, "oferta queimada, de aroma agradável ao Senhor".

Antítipo

Eféios 5:2. Cristo Se entregou a Si mesmo por nós, "como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave".

Hebreus 10:8-10. "Temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas".

Romanos 12:1. "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus".

Capítulo 19

A Libação

A libação era celebrada muito antes que o serviço do santuário fosse instituído no Sinai. Depois que o Senhor apareceu a Jacó em Betel e lhe disse: "Não te chamarás Jacó [enganador], e sim Israel [príncipe de Deus]", "será o teu nome" (Gênesis 32:28, margem) Jacó sentiu-se tão agradecido ao Senhor que erigiu uma coluna no lugar onde falou com ele, e derramou uma libação sobre ela, (Levítico 17:11; Mateus 26:27,28) mostrando sua disposição de derramar sua vida, se necessário, pela causa de Deus. A libação era vinho, mas nunca era bebido pelo sacerdote ou pelo povo; era derramado diante do Senhor. Sem dúvida, o vinho foi escolhido para a libação pelo mesmo motivo que era usado na celebração da ceia do Senhor, como um emblema da vida de Cristo, que "derramou a Sua alma na morte", para resgatar a raça perdida. (Gênesis 27:36, margem)

A libação, como a oferta de manjares, era oferecida com holocaustos, para "oferta queimada, de aroma agradável ao Senhor". (Números 15:10) Quando Israel se afastou do Senhor, a libação era frequentemente usada em sua adoração idólatra. (Jeremias 7:18; 44:17-19) As libações nunca eram derramadas no altar do incenso, (Êxodo 30:9) mas sempre no pátio, pois simbolizavam as coisas que aconteceram no pátio antitípico -- a Terra.

O derramamento da libação era sem dúvida um emblema do derramamento do Espírito Santo. (Joel 2:28; Isaías 44:3) Paulo usou o belo tipo do derramamento da libação sobre o holocausto e o consumo de tudo isso sobre o altar, como uma ilustração de sua vida totalmente entregue ao serviço de Deus. "Preservando a palavra da vida", disse ele, "para que, no Dia de Cristo, eu me glorie de que não corri em vão... Sim, e se eu for derramado sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, alegro-me e, com todos vós, me congratulo". (Filipenses 2:16,17, trad. lit. da margem da KJV) Quando os três poderosos guerreiros pelo amor que tinham por Davi arriscaram suas vidas para lhe trazer um pouco da água do poço de Belém, Davi considerou a água muito sagrada para beber, pois eles "puseram suas vidas em perigo" para obtê-la; portanto, ele "a derramou perante o Senhor". (1 Crônicas 11:17-19, ARC)

A libação era um tipo da vida de Cristo derramada em nosso favor, e o antítipo pode ser repetido na vida de cada indivíduo que, como Paulo, regozija-se em ser derramado sobre o sacrifício e consumido sobre o altar.

A libação sem dúvida é mencionada em Juízes 9:13, onde é dito que o vinho "agrada a Deus e aos homens". Não é o vinho bebido à mesa com os amigos, mas o vinho usado no altar.

O vinho da libação verdadeiramente alegrava o coração de Deus e do homem; pois, como a água de Belém derramada por Davi, ele representava, quando oferecido em sinceridade, a entrega do coração ou a vida do pecador perante Deus.

Quando Ana entregou Samuel ao santuário, ela trouxe uma garrafa de vinho com o animal para uma oferta queimada. Foi depois que ela exprimiu a entrega total de seu único filho ao Senhor mediante o holocausto e o vinho da libação, que ela pôde encher o pátio do templo com sua voz em louvor e ação de graças. (1 Samuel 1:24; 2:1-10)

Tipo

Gênesis 35:14. A libação era derramada perante o Senhor.

Números 15:10. Era derramado sobre o holocausto no altar, e consumido. A queima era um aroma agradável, aceitável a Deus.

Antítipo

Isaías 53:12. Cristo "derramou a Sua alma na morte".

Filipenses 2:16, 17, margem. Aquele que entrega completamente a sua vida ao serviço do Senhor, derrama sua vida sobre o sacrifício de Cristo, para ser usada para a glória de Deus, assim como a vida Dele foi entregue.

Capítulo 20

A Oferta de Manjares

Daniel profetizou que Cristo "faria cessar o sacrifício e a oferta de manjares". (Daniel 9:27) Aqui se faz referência às duas grandes divisões de ofertas: sacrifícios com sangue e sacrifícios sem sangue. As ofertas de manjares pertenciam à última classe. Não havia carne nem sangue na oferta de manjares. O significado original da palavra "alimento" como usado pela primeira vez na Bíblia é "comida"; (Gênesis 1:29) e, nesse sentido, o termo é usado em ligação com essa oferta. A oferta de manjares consistia em farinha, óleo e incenso. (Levítico 2:1) Em alguns casos, a farinha era cozida como bolos sem fermento, ou bolachas, antes de serem oferecidas. O pão da oferta de manjares nunca devia ser feito com fermento. Toda oferta de manjares era temperada com sal. Esta oferta era chamada de "coisa santíssima das ofertas queimadas ao Senhor". (Levítico 2:4-13; 6:17)

Não era permitido fermento ou mel em nenhuma das ofertas de manjares; pois o fermento indicava "malícia e maldade" (1 Coríntios 5:8) e o mel torna-se azedo e leva à fermentação.

As qualidades do sal são diretamente opostas. O sal remove e evita a corrupção; é também um emblema da amizade. "O sal da aliança" nunca devia ser omitido da oferta de manjares, lembrando o povo de Deus de Seu cuidado protetor e promessa de salvação, e que

somente a justiça de Cristo poderia tornar o serviço aceitável a Deus.

Uma porção da oferta de manjares era queimada sobre o altar de bronze, fosse de farinha ou de bolos asmos; também uma porção do óleo e todo o incenso; (Levítico 6:15) e o restante era comido pelo sacerdote no pátio. (Levítico 6:16,17) Se um sacerdote oferecia uma oferta de manjares, nenhuma porção era comida, mas toda a oferta era queimada no altar de bronze. (Levítico 6:20-22) O sumo sacerdote oferecia uma oferta de manjares todos os dias.

Onde quer que a farinha ou os bolos fossem oferecidos em conjunto com qualquer outra oferta, chamava-se de oferta de manjares. A oferta em favor do pecador tão pobre a ponto de não poder trazer nem mesmo uma pombinha selvagem era uma oferta de manjares ou oferta pela culpa. Não havia nenhum óleo ou incenso nessa oferta. (Levítico 5:11) Na oferta de manjares de ciúmes, o óleo e o incenso também eram deixados de fora. Nenhum incenso era adicionado às ofertas de manjares que traziam a "iniquidade à memória". (Números 5:15)

A oferta de manjares era uma oferta muito comum e estava unida a todas as ofertas queimadas. (Números 15:3-12) Era oferecida todas as manhãs e todas as tardes no altar de bronze, em ligação com o holocausto da manhã e da tarde. (Êxodo 29:39-42)

A oferta de manjares das primícias era de "espigas verdes, tostadas ao fogo, isto é, os grãos esmagados de espigas verdes".

(Levítico 2:14-16) Citamos Andrew A. Bonar em relação ao significado das espigas verdes: "Neste caso, uma circunstância típica e peculiar as acompanha. Essas são 'espigas de milho', uma figura de Cristo; (João 12:24) e 'espigas do melhor tipo', examinadas por três hebreus. São 'tostadas ao fogo' para representar Jesus sentindo a ira de Seu Pai, como quando Ele disse: "Secou-se o Meu vigor; (Salmos 102:4) isto é, secou-se toda a força do Meu ser; e Me vou secando como a relva.

"Que imagem comovente do Homem de dores! Tal qual Sua própria vida! As melhores espigas do melhor milho das planícies de Israel são colhidas enquanto ainda verdes; e ao invés de serem deixadas para amadurecer na brisa fresca, sob o sol brilhante, são secas pelo fogo abrasador. Foi assim que o único ser humano puro que já andou sobre as planícies da terra foi consumido durante trinta e três anos pelo ardor da ira que Ele nunca mereceu. Enquanto obedecia, noite e dia, com toda a Sua alma e força, a ardente ira de Deus estava secando Sua estrutura. "Esmagados de espigas verdes", representa as contusões e golpes por meio dos quais Ele estava sendo preparado para o altar. "Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu". (Hebreus 5:8) É depois dessa preparação que Ele é uma oferta de manjares perfeita, totalmente dedicada, corpo e alma, ao Senhor.

"Em tudo isto Ele é 'as Primícias', indicando que muitos mais se seguirão. Ele, as primícias, então, todos os que são Dele do mesmo modo. Devemos ser conformes a Jesus em todas as coisas; e aqui nos é ensinado que devemos ser conformes a Ele no sacrifício e

renúncia completa do próprio eu. Devemos agradar o Pai; assim como Ele nos deixou um exemplo, dizendo: 'Eu faço sempre o que Lhe agrada', (João 8:29) mesmo sob o céu mais escuro".

A oferta de manjares tipificava a plena entrega de tudo o que temos, e tudo o que somos, ao Senhor. Esta oferta era sempre apresentada juntamente com algum sacrifício de animal, mostrando a ligação entre o perdão do pecado e a consagração ao Senhor. É depois que os pecados de um indivíduo são perdoados que ele coloca tudo sobre o altar para ser consumido no serviço de Deus.

Tanto na oferta de manjares, como na oferta pelo pecado, foi feita provisão para os pobres. A classe rica assava suas ofertas de manjares em um forno; o indivíduo em condições menos favoráveis, na "assadeira"; enquanto os bolos cozidos pelos pobres na "frigideira" eram igualmente aceitáveis. (Levítico 2:4-8, margem)

Tipo

Levítico 2:1-3. Era "coisa santíssima das ofertas queimadas ao Senhor".

Levítico 2:9. A oferta de manjares era "um aroma agradável ao Senhor".

Levítico 2:13. "Toda oferta dos teus manjares temperarás com sal; ... em todas as tuas ofertas aplicarás sal".

Antítipo

Romanos 12:1. "Apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus".

Filipenses 4:18. Quando o povo de Deus faz sacrifícios por Ele, é "um aroma suave... aceitável e agradável a Deus".

Marcos 9:50 "Tende sal em vós mesmos". Colossenses 4:6. "A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal".

Capítulo 21

A Oferta pela Culpa

A oferta pela culpa era uma oferta pelo pecado, e muitos estudantes da Bíblia não fazem distinção entre ela e a oferta regular pelo pecado. Em alguns lugares, os termos "oferta pelo pecado" e "oferta pela culpa" parecem ser usados como sinônimos, como em Levítico 5:1-13, mas em outros lugares são mencionados como duas ofertas separadas. (Ezequiel 46:20)

Um estudo aprofundado das passagens que falam diretamente da oferta pela culpa mostra que era oferecida mais especialmente pelos pecados "nas coisas sagradas do Senhor", (Levítico 5:15) como quando uma pessoa havia cometido ofensa por não seguir as instruções de Deus em relação às coisas sagradas. Ela pode ter retido seu dízimo, (Levítico 27:31) comido as primícias, (Deuteronômio 15:19) ou tosquiado o primogênito das ovelhas; qualquer que fosse a transgressão, deveria trazer um carneiro como oferta. Esta oferta era realizada quase da mesma forma que a oferta ordinária pelo pecado, exceto que o sangue era aspergido "sobre o altar ao redor", em vez de tocar os chifres com o sangue como na oferta pelo pecado.

Assim, parecia que a oferta pela culpa nem sempre representava os pecados públicos como normalmente a oferta pelo pecado representava, mas era frequentemente usada para pecados conhecidos apenas pelo próprio indivíduo. Se a pessoa tivesse tomado alguma das coisas sagradas para uso pessoal, tivesse sido

desonesto em seus negócios com seu vizinho, ou tivesse se apropriado de coisas que tinham sido perdidas, etc., não devia somente restaurar o valor total, mas também acrescentar um quinto ao que era estimado pelo sacerdote. (Levítico 5:16; 6:5)

A restituição era sempre feita ao que tinha sofrido o dano. Se o indivíduo tivesse tratado desonestamente com as coisas sagradas do Senhor, a restituição era feita ao sacerdote como representante do Senhor. Se tivesse causado dano a seu próximo, e o que foi prejudicado morrera, então a restituição era feita a seu parente, mas, se não houvesse parente, a restituição era feita ao Senhor. (Números 5:7,8)

Não havia virtude ao oferecer o carneiro para a oferta pela culpa, a menos que a restituição fosse feita na íntegra pela ofensa cometida. Um dos propósitos especiais da oferta pela culpa era expiar os negócios desonestos seja para com Deus ou para com o homem, e sempre exigia a restituição, além do carneiro para a oferta. Isso ensinava muito claramente que caso tenhamos agido dolosamente com Deus ou com o homem, simplesmente confessar o pecado e oferecer uma oferta não basta; devemos compensar o erro.

Zaqueu entendeu a lei da oferta pela culpa, e, assim que entregou sua vida a Cristo, estava pronto para ir além dos requisitos da lei e restituir "quatro vezes" para todos os que ele havia lesado. (Lucas 19:8)

A oferta pela culpa era uma oferta mais completa do que a oferta pelo pecado habitual; além de expiar o pecado, também, simbolicamente, cobria a consequência do pecado. O profeta Isaías usou a oferta pela culpa como um símbolo especial de Cristo. Ele era verdadeiramente a antitípica oferta pela culpa quando derramou Seu sangue, não somente para libertar da culpa as almas dos seres humanos, mas também remover para sempre o último vestígio de pecado do universo de Deus.

Citamos Isaías 53:10 do tradutor judeu Leeser, da seguinte forma: "Ao Senhor agradou moê-Lo, mediante enfermidade: quando (agora) Sua alma trazer a oferta pela culpa, então verá (Sua) descendência viver muitos dias, e a vontade do Senhor prosperará nas Suas mãos".

Há muitas promessas preciosas para aquele que apresentar suas ofertas pela culpa ao Senhor. Aquele que anela ser vitorioso em Deus não pode meramente se contentar em confessar o seu pecado a Deus; mas deve realizar a obra de reconciliação e restauração. Isto é ensinado nas palavras do Salvador: "Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta". (Mateus 5:23,24)

Tipo

Levítico 5:15, 16. A oferta pela culpa fazia a expiação pelo pecado e suas consequências.

Levítico 6:1-7. O sacrifício sem a restituição não era aceito.

Antítipo

Isaías 53:10-12. A morte de Cristo, a grande oferta pela culpa, não só expia o pecado, mas destrói todo o efeito do pecado.

Mateus 5:23-26. Nossas orações não têm efeito se acariciarmos o mal em nossos corações.

Capítulo 22

A Oferta da Novilha Vermelha

A vida de todo sacrifício, desde o primeiro que foi oferecido nos portões do Éden até a cruz, era um tipo de Cristo; mas a oferta da novilha vermelha é diferente de todos os outros em muitos aspectos. Era um sacrifício ocasional, oferecido quando necessário, para purificar da impureza cerimonial aqueles que, por qualquer motivo, tocaram algum morto. (Deuteronômio 21:1-9)

A novilha devia ser vermelha, sem mancha, tipificando assim, de modo especial, o sangue de Cristo. Era para ser sem defeito, representando assim Aquele "que não conheceu pecado". (2 Corinthians 5:21) Era para ser uma que nunca tivesse suportado o jugo; devia ser uma novilha que tivesse crescido livre, nunca forçada a fazer qualquer coisa.

Isso simbolizava o Filho de Deus, que veio por Sua própria vontade e morreu por nós. Cristo estava acima de toda lei, nenhum jugo estava sobre Ele. (João 10:18) Ao suportar a agonia do Getsêmani, Ele poderia ter enxugado o suor sangrento de Sua sobancelha e retornado ao Seu lugar legítimo no Céu, e deixado o mundo perecer. Não foi nenhum poder, senão o supremo amor celestial, que forçou Cristo em direção à cruz do Calvário. (João 3:16) Ele veio como oferta voluntária, por escolha própria. Ele Se ofereceu a Si mesmo pelos pecados do mundo, e o amor do Pai pela raça caída era tão grande que, por mais que Ele amasse Seu único

Filho, Ele aceitou a vida oferecida. Os anjos são sujeitos à lei de Deus, portanto suas vidas não poderiam ter expiado a transgressão da lei. Somente Cristo estava livre dos reclamos da lei, o único que poderia resgatar a raça perdida.

A oferta da novilha vermelha era uma cerimônia muito impressionante. A novilha não era levada ao templo, como a maioria das outras ofertas, mas a um vale rústico fora do acampamento, que nunca tinha sido cultivado ou semeado. O sacerdote, vestido com a roupa branca e pura do sacerdócio, conduzia a novilha e era acompanhado pelos anciãos da cidade e pelos levitas. Madeira de cedro, hissopo e escarlata também eram levados até o local da oferta.

Quando a comitiva chegava ao rústico vale, eles paravam, e os anciãos se apresentavam e matavam a novilha. Então o sacerdote tomava o sangue e, com a face voltada em direção ao templo, espargia o sangue com o dedo nessa direção sete vezes.

Se uma pessoa tivesse sido encontrada morta no campo e não se soubesse quem a matou, então os anciãos da cidade mais próxima de onde o homem morto fora encontrado, se apresentavam e lavavam as suas mãos sobre o corpo da novilha enquanto oravam a Deus pedindo que o Senhor não lançasse sobre eles sangue inocente. (Deuteronômio 21:1-9) Depois disso, o corpo inteiro da novilha, incluindo o sangue, era queimado. Quando as chamas estivessem altas, o sacerdote aproximava-se e lançava uma parte da madeira de cedro, hissopo e escarlata no meio do fogo. (Números 19:1-8)

A novilha vermelha era oferecida fora do acampamento, tipificando que Cristo sofreu, não apenas pela raça hebraica, mas pelo mundo inteiro. Se toda oferta tivesse sido morta dentro do pátio do santuário, alguns poderiam ter ensinado que Cristo morreu apenas pelo Seu próprio povo, a raça hebraica; mas a novilha vermelha era oferecida fora do acampamento, (Hebreus 13:12,13) simbolizando o fato de que Cristo morreu por todas as nações, tribos e povos.

A condescendência e o amor do Senhor são maravilhosos. Para que nenhuma pobre, desamparada e desencorajada alma possa pensar não ser digna de aceitar o sacrifício oferecido, a novilha vermelha não só era levada para fora do acampamento, mas até um vale rústico, tão rochoso e absolutamente inútil que nunca tinha sido lavrado. Ninguém jamais tentara cultivá-lo; e ainda assim, aqui estava o lugar escolhido para aspergir o sangue dessa oferta especial que tipificava Cristo em um sentido particular. Isso O tipificava como alguém que está acima da lei.

Não importa se Satanás tenha manchado tanto a imagem do Criador no ser humano que quase nada pode ser visto além dos atributos de Satanás; ainda assim, Cristo com Seu braço poderoso pode levantar tal pessoa para sentar-se com Ele no Seu trono. A vida inteira pode ter sido desperdiçada e ser como o vale rústico, sem valor; mas se alguém voltar os olhos para o santuário celestial e implorar por misericórdia confessando seus pecados, o precioso sangue de Cristo, do qual o sangue da novilha vermelha era um

símbolo, será aspergido sobre sua vida arruinada, tão verdadeiramente quanto o sangue da novilha era aspergido sobre as pedras ásperas do vale; e Cristo dirá ao arrependido como o fez ao ladrão na cruz, que havia desperdiçado sua vida: "Tu estarás comigo no paraíso". (Lucas 23:38-43)

Não há ninguém tão submerso no pecado ou na escuridão pagã, que esperança e salvação não possa lhe alcançar mediante a típica oferta da novilha vermelha. Esse sacrifício era uma sombra das coisas celestiais. Agora, o tipo encontrara o antítipo. Cristo sofreu fora do acampamento pelos pecados do mundo inteiro. Não há ninguém tão caído que Ele não possa levantar. Pode parecer impossível ao homem; os costumes e os hábitos do mundo podem condenar uma pessoa e dizer que está perdida; mas Cristo está acima de toda lei. Ele pode salvar perfeitamente todos os que achegarem-se a Deus por meio Dele. (Hebreus 7:25) A madeira de cedro, o hissopo e o escarlata lançados no fogo eram símbolos da purificação da Terra e toda sua vegetação, de todos os vestígios do pecado pelo sangue de Cristo. (Isaías 65:17-19)

Depois que o corpo da novilha era queimado e reduzido a cinzas, uma pessoa que não estivesse contaminada por algum morto, recolhia as cinzas e as colocava em um lugar limpo, onde eram guardadas para serem usadas na purificação daqueles que tivessem tocado algum morto. (Números 19:9,10) Se uma pessoa morresse em uma tenda ou casa, a casa e todos os que tocaram o cadáver do morto eram considerados imundos até serem purificados. Isso era para impressionar o povo sobre a terrível natureza do pecado. (Tiago

1:14,15) Ensinava-lhes que a morte veio como resultado do pecado, e era uma representação do pecado. Algumas das cinzas eram colocadas em água corrente, e a pessoa que estivesse cerimonialmente limpa mergulhava os ramos de hissopo e cedro na água e nas cinzas, e aspergia sobre a tenda, sobre os utensílios, e sobre as pessoas que ali estivessem. Isso era repetido várias vezes até que todos fossem purificados. (Números 19:18,19)

Do mesmo modo, Cristo, depois que derramou o Seu sangue pelo homem pecador, entrou no primeiro compartimento do santuário celestial para apresentar Seu sangue diante do Pai, e limpar o homem da impureza do pecado. (Hebreus 9:11,12)

O cedro e o hissopo usados para aspergir a água purificadora, indicavam que a pessoa que era molhada pela água tornava-se limpa de toda impureza moral terrena. A plenitude da obra era tipificada por ser repetida várias vezes.

Davi, evidentemente, tinha essa cerimônia em mente quando orou: "Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve". (Salmos 51:7) A mente de Paulo foi levada do tipo ao antítipo quando escreveu aos seus irmãos hebreus: "Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne, muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a Si mesmo Se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo"! (Hebreus 9:13,14)

Muitas pessoas leem suas Bíblias e passam por cima desses belos tipos como cerimônias peculiares aos judeus, e que nada significam para os cristãos. Essas pessoas consideram o Antigo Testamento de pouco valor. Mas o Senhor, por meio de Moisés, apresentou aquela maravilhosa galáxia de tipos e símbolos contidos no serviço do santuário e nas leis levíticas; e Moisés estava tão temeroso que o povo pudesse pensar que fora ele que lhes dera as ordenanças, que mais de duzentas vezes o encontramos lhes assegurando, por meio de expressões como: "O Senhor disse", ou "o Senhor ordenou", que o próprio Deus era o autor delas. Ele desejava que todos soubessem que Deus havia ordenado esse maravilhoso sistema de tipos e sombras, não só lançando luz do Éden até a cruz, mas revelando ao ser humano pecador a obra de Cristo da cruz até o fim dos tempos. Essas cerimônias típicas, como um grande refletor, lançam luz sobre o ministério de Cristo que não pode ser obtido em nenhuma outra parte das Escrituras. O Salvador ensinou que o estudo dos escritos de Moisés lhes fortaleceria a fé Nele. "Se crêsseis em Moisés", disse Ele, "também crerieis em Mim; porquanto ele escreveu a Meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos, como creereis nas Minhas palavras?" (João 5:46,47)

Tipo

Números 19:2. Uma novilha vermelha sem mancha.

Números 19:2. Não havia defeito no animal.

Números 19:2. Uma que nunca carregou o jugo, nunca foi forçada a fazer qualquer coisa.

Números 19:3; Deuteronômio 21:4 ACF. A novilha vermelha era morta fora do acampamento, em um vale rústico, que nunca tinha sido cultivado.

Números 19:5, 6. A novilha, madeira de cedro, hissopo e escarlata, eram queimados no fogo.

Números 19:17-19. Aqueles cerimonialmente impuros eram purificados ao serem aspergidos com as cinzas.

Antítipo

Hebreus 9:13, 14. Cristo se ofereceu a Si mesmo sem mácula a Deus.

João 15:10; 2 Coríntios 5:21. Cristo nunca desobedeceu a lei de Deus. Ele "não conheceu pecado".

João 10:15. "Assim como o Pai Me conhece a Mim, e Eu conheço o Pai; e dou a Minha vida pelas ovelhas".

Hebreus 13:12; João 10:16. "Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo Seu próprio sangue, sofreu fora da porta".

2 Pedro 3:7 NVI. A Terra está "reservada para o fogo, guardada para o dia do juízo e para a destruição dos ímpios".

1 Coríntios 6:11. "Vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus".

Capítulo 23

As Ofertas Pacíficas

O mundo inteiro está buscando paz. As nações estão lutando por isso, e milhares de homens estão vendendo suas almas para obter riquezas, na vã esperança de que riquezas lhes trarão paz e felicidade. Mas não existe paz real e permanente, exceto aquela que vem do grande Príncipe da Paz; e nunca é recebida como recompensa de guerra e sangue derramado, nem pela ávida ganância do mundo. O último legado que o Salvador deu aos Seus discípulos foi um legado de paz. "Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vô-la dou como a dá o mundo". (João 14:27)

A contínua paz de Deus no coração não é obtida na busca de fama ou riquezas mundanas. As ofertas pacíficas no serviço levítico ensinavam belíssimamente, em tipo e sombra, como obter esse almejado tesouro.

Em muitos aspectos, a oferta pacífica era diferente de todas as outras ofertas. Era a única oferta, exceto a Páscoa, na qual o povo podia comer da carne. Ao contrário da Páscoa, não estava restrita a apenas um dia do ano, mas podia ser celebrada a qualquer tempo.

Os animais para as ofertas pacíficas eram escolhidos do gado ou do rebanho. Deveriam ser sem defeito, pois nenhum animal deformado poderia perfeitamente representar o Príncipe da Paz. (Levítico 3:1) As ofertas pacíficas eram oferecidas como gesto de

ação de graças, para confirmar um voto ou pacto, e como ofertas voluntárias. (Levítico 7:12,16) Foi com uma oferta pacífica que Moisés confirmou a antiga aliança com Israel. (1 Crônicas 16:1-3) Em tempos de especial regozijo, como lemos no Antigo Testamento, a oferta pacífica era celebrada. Quando Davi trouxe a arca para Jerusalém, ele ofereceu ofertas pacíficas e "repartiu a todos em Israel, tanto os homens como as mulheres, a cada um, um bolo de pão, um bom pedaço de carne e passas".

A oferta pacífica estava frequentemente associada às outras ofertas; e onde quer que o povo comesse da carne, com exceção da festa da Páscoa, era a oferta pacífica que estava sendo celebrada.

O indivíduo que oferecia a oferta pacífica colocava as mãos sobre a cabeça do animal e o imolava. Depois separava toda a gordura dos diferentes órgãos do corpo do animal, e o sacerdote queimava a gordura sobre o altar do holocausto. (Levítico 7:29-34) Não só a gordura era dada ao sacerdote, como também o peito, o ombro direito e as "queixadas" de cada oferta.

A separação e queima da gordura tipificava a única maneira pela qual a verdadeira paz pode ser obtida; ou seja, por meio da entrega de todos os nossos pecados ao proprietário legítimo. (Salmos 37:20; Isaías 43:24) O Príncipe da Paz, o bendito Salvador, "Se entregou a Si mesmo pelos nossos pecados". (Gálatas 1:3,4) Ele os comprou para destruir o pecado e nos dar a paz. Isso era perfeitamente tipificado pelo sacerdote que ministrava "em figura e sombra das coisas celestes", tirando a gordura das mãos daquele que fazia a

oferta pacífica e queimando-a sobre o altar. O sacerdote movia o peito e o ombro diante do Senhor, os quais eram então comidos pelo sacerdote como sua porção da oferta pacífica.

A separação da gordura, do peito e do ombro direito revela o segredo para se obter a paz. Aquele que obtém a paz deve afastar-se do pecado, e então inclinar-se, como o discípulo amado, sobre o seio do Salvador. Quando Cristo contou a Seus doze discípulos que um deles O trairia, ficaram temerosos de perguntar-Lhe quem era. Eles mal compreendiam seu verdadeiro relacionamento com o Salvador; mas João, apoiado no seu seio, podia olhar para o Seu rosto e dizer: "Senhor, quem é?" Ele tinha certeza de que nunca trairia seu Senhor.

O profeta Isaías entendeu o significado da entrega do peito de cada oferta pacífica ao sacerdote, pois, ao escrever sobre o Salvador diz: "Como pastor, apascentará o Seu rebanho; entre os Seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio". (Isaías 40:11) O filho e filha de Deus hoje, que, como João, o discípulo amado, se inclina no seio de seu Senhor, goza da verdadeira paz de Deus, da qual a oferta pacífica era apenas um tipo.

No antítipo do sacerdote recebendo o ombro direito de cada oferta pacífica, há força e bênção. Citamos do profeta Isaías, que amava escrever sobre o Salvador: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os Seus ombros; e o Seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o Seu governo, e venha paz sem fim". (Isaías 9:6,7)

Perceba que, é aquele que reconhece Cristo como seu Salvador pessoal, e que deixa o governo de seus negócios descansar sobre Seus ombros, que recebe paz sem fim. A razão pela qual muitas vezes não conseguimos receber a paz duradoura quando nos achegamos a Deus, é porque não vamos mais além; como se o indivíduo no tipo não entregasse ao sacerdote nenhuma outra porção além da gordura. Confessamos nossos pecados a Cristo, e Ele os toma, mas depositamos nossa confiança em amigos terrenos; não nos inclinamos sobre o seio do Senhor, nem fazemos Dele nosso confidente em tudo, Nele confiando para abrir o caminho diante de nós, como o pastor cuida de seus cordeiros. Não deixamos o governo de nossa vida descansar sobre o Seu forte e poderoso ombro. Tememos confiar Nele para administrar nossas questões temporais; e conseqüentemente, mesmo depois de termos confessado nossos pecados e sido perdoados, logo nos enredamos com as perplexidades e os problemas de nossas obrigações cotidianas. Em vez de ter a paz que não tem fim, temos problemas sem fim. Quando entregarmos a chave ou o controle de todos os nossos negócios a Cristo, descobriremos que Ele abrirá as portas diante de nós, que nenhum poder terrestre pode fechar, e fechará os caminhos que não deseja que trilhemos e nenhum poder da Terra pode abri-los para fazer tropeçar nossos pés. (Isaías 22:22)

Depois que Samuel ungiu a Saul para ser rei sobre Israel, ele o trouxe até a sua casa, e "disse ao cozinheiro: Traze a porção que te dei, de que te disse: Põe-na à parte contigo. Tomou, pois, o cozinheiro a espádua [ombro] com o que havia nela e a pôs diante

de Saul", e Samuel ordenou que comesse. (1 Samuel 9:23,24) Se Saul tivesse compreendido a maravilhosa lição tipificada por este ato de Samuel, ele teria colocado o governo do reino sobre o ombro do grande Príncipe da Paz e não teria naufragado na obra de sua vida.

Havia outra característica da oferta pacífica típica, que todos aqueles que desejam experimentar a paz duradoura da oferta pacífica antitípica devem considerar. As queixadas de cada oferta pacífica eram dadas ao sacerdote. (Deuteronômio 18:3) O grande antitípico Príncipe da Paz podia dizer: "Ofereci... Minha face aos que Me arrancavam os cabelos; não escondi o rosto aos que Me afrontavam e Me cuspiam". (Isaías 50:6) E àquele que quiser desfrutar da paz que o mundo não pode dar nem tirar, Ele diz: "Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra". (Mateus 5:39) Jó, de quem o Senhor disse que era "um homem íntegro e reto", podia dizer: "com desprezo me feriram nos queixos". (Jó 1:8; 16:10 ACF) O filho de Deus é frequentemente chamado a suportar censura e vergonha pelo amor de Cristo.

Bolos asmos untados com óleo eram comidos com a oferta pacífica. O pão asmo indicava sinceridade e verdade (1 Coríntios 5:8) e o óleo é usado como um emblema do Espírito Santo, que traz paz ao coração. O pão fermentado também era comido com as ofertas pacíficas de ação de graças e era um sinal de alegria.

Depois de Abraão ter recebido a promessa de que Sara teria um filho, três anjos visitaram o patriarca quando "ele estava assentado à entrada da tenda, no maior calor do dia", sem dúvida refletindo sobre a promessa; e em sinal de ação de graças, ele preparou imediatamente uma oferta pacífica de pães asmos e carne para eles; eles comeram, e imediatamente confirmaram novamente a Abraão a promessa de um filho. (Gênesis 18:1-10) Pode ter sido por causa da perversão da oferta pacífica e por perder de vista o seu significado, que os filhos de Israel formaram o hábito de comer carne continuamente.

Havia uma restrição rígida ao comer a oferta pacífica. Toda carne devia ser comida no primeiro ou no segundo dia. A ordem era muito clara: "Se da carne do seu sacrifício pacífico se comer ao terceiro dia, aquele que a ofereceu não será aceito, nem lhe será imputado; coisa abominável será, e a pessoa que comer dela levará a sua iniquidade". (Levítico 7:18, ARC)

Esta oferta, que poderia ser oferecida tanto por ricos como por pobres, em qualquer época do ano e quantas vezes quisessem, era um tipo significativo da ressurreição do Príncipe da Paz. A organização judaica de tipos e sombras é verdadeiramente uma "profecia compactada do evangelho".

A Páscoa e o mover das primícias no terceiro dia ensinavam a ressurreição; mas somente o sacerdote entrava no templo, e movia o punhado de grãos, como tipo da ressurreição de Cristo; porém, na

oferta pacífica, todo filho de Deus tinha a oportunidade de demonstrar sua fé na ressurreição de Cristo.

Se alguém comesse a carne no terceiro dia, indicava que essa pessoa considerava o antítipo de sua oferta pacífica ainda morto nesse dia. Por outro lado, aquele que se recusava comer a carne no terceiro dia, e queimava no fogo tudo o que restava, demonstrava sua fé em um Salvador ressuscitado.

No quente país da Palestina, o corpo começava se decompor no terceiro dia. De Lázaro, disse Marta: "Já cheira mal, porque já é de quatro dias". (João 11:39) Mas o salmista, ao profetizar a ressurreição de Cristo, disse: "nem permitirás que o Teu Santo veja corrupção". (Salmos 16:10) Davi sabia que o Salvador reviveria ao terceiro dia. Aqueles que eram chegados ao Senhor viam a luz que era refletida do serviço típico.

Foi sobre essa verdade em relação à ressurreição de Cristo, como ensinado por Davi, e tipificado na oferta pacífica, que Pedro baseou seu argumento mais forte no dia de Pentecostes. (Atos 2:25-32) Paulo evidentemente se referiu aos tipos da Páscoa e à oferta pacífica quando ensinou que "Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras". Até mesmo os olhos dos discípulos estavam tão cegados pelo pecado e dúvida que não puderam discernir a luz que irradiava das ofertas sacrificais. Assim como a lua refletindo os raios do sol fornece luz suficiente para guiar uma pessoa com segurança durante a noite, do mesmo modo a luz do

grande antitípico Cordeiro de Deus, refletido pelas leis levíticas e ofertas de sacrifício, era suficiente para levar o povo com segurança ao reino de Deus. (1 Coríntios 15:3,4)

Há muitas pessoas hoje que anseiam por paz, e afirmam alegrar-se em Deus e Sua palavra dia a dia, e ainda assim tropeçam em meio à escuridão; porque, assim como o indivíduo no tipo, que comia da carne no terceiro dia, significando que cria que o Senhor ainda estava morto, seguem através da vida enlutados, como se o Senhor da vida e da glória ainda estivesse morto no túmulo de José, em vez de estar vivo no Céu à mão direita do Pai, pronto para enviar luz e ajudar a cada um de Seus confiantes seguidores aqui na Terra. A mensagem que Ele nos envia do santuário celestial é: "Sou aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre!" (Apocalipse 1:18 NVI)

Tipo

Cristo é a nossa paz. Efésios 2:14.

Levítico 3:1. A oferta pacífica devia ser sem defeito.

Levítico 7:29, 30. A gordura era separada da oferta. A gordura era um tipo do pecado. Salmos 37:20.

Levítico 7:31. A gordura era queimada.

Levítico 7:32, 33. O ombro era a porção do sacerdote.

Levítico 7:31. "O peito será de Arão e de seus filhos".

Deuteronômio 18:3. As queixadas eram dadas ao sacerdote.

Levítico 7:15, 16. A carne podia ser comida no primeiro e segundo dia.

Levítico 7:17, 18. Nada da carne devia ser comido no terceiro dia.

Antítipo

1 João 3:5. Em Cristo não havia pecado.

2 Coríntios 13:5. "Examinai-vos a vós mesmos; ... provai-vos a vós mesmos".

Mateus 25:41. Pecado e pecadores serão queimados.

Isaías 9:6; Lucas 15:5. O governo estará sobre o ombro de Cristo.

Isaías 40:11. "Como pastor... os (cordeirinhos) levará no seio".

Mateus 26:67; Isaías 50:6. Eles cuspiram no rosto do Salvador.

1 Coríntios 15:3, 4. Cristo ficou no túmulo no primeiro e no segundo dia.

Mateus 28:6; Lucas 24:21. No terceiro dia, o anjo junto ao túmulo vazio disse: "Ele não está aqui; ressuscitou".

Capítulo 24

A Purificação do Leproso

De todas as doenças das quais a humanidade é herdeira, não há nenhuma mais repulsiva do que a lepra. O indivíduo vive durante anos com essa terrível doença, devorando lentamente partes de seu corpo até que ele anseie pela morte como libertação.

Desde os tempos antigos, a lepra tem sido um tipo do pecado; e um símbolo muito apropriado dessa repugnante doença espiritual que destrói a alma daquele que viola sua consciência repetidas vezes até não ter mais poder para resistir, tornando-se totalmente entregue ao mal.

Quando Miriã ficou com ciúmes de sua cunhada, e ela e Arão murmuraram contra Moisés, "a ira do Senhor contra eles se acendeu... e eis que Miriã achou-se leprosa, branca como neve". Depois que Deus ensinou a lição de que os pecados de ciúmes, murmúrias e acusação são para a vida espiritual o que a lepra é para o ser físico, então, em resposta à oração de Moisés, ela foi curada. (Números 12:9-15)

Quando Geazi, servo de Eliseu, cobiçou os tesouros de Naamã, e mentiu e dissimulou para obtê-los, sobre ele veio o decreto do Senhor: "Portanto, a lepra de Naamã se pegará a ti". (2 Reis 5:20-27) Não é de se estranhar que, com o registro das experiências de

Miriã e Geazi diante deles, os judeus considerassem a lepra como um juízo do Senhor.

O leproso não podia se misturar com o povo. Não havia exceção, do rei no trono ao servo mais humilde. A ordem do Senhor era: "As vestes do leproso, em quem está a praga, serão rasgadas, e os seus cabelos serão desgrenhados; cobrirá o bigode e clamará: Imundo! Imundo! ... Habitará só; a sua habitação será fora do arraial". (Levítico 13:45,46)

Como a lepra era um tipo dos piores pecados, a cerimônia para a purificação do leproso envolvia mais do que qualquer outra oferta. O sacerdote que examinara o leproso e o declarara impuro era o único que poderia declará-lo limpo. O sacerdote saía do acampamento e examinava o leproso, e se a lepra estivesse curada, o homem curado devia trazer "duas aves vivas e limpas, e pau de cedro, e estofó carmesim, e hissopo", para o sacerdote. Uma das aves era morta em um vaso de barro segurado sobre água corrente; então a ave viva, o escarlata e o cedro eram todos molhados no sangue. O sacerdote aspergia o sangue sete vezes sobre aquele que devia ser purificado e o declarava limpo. (Levítico 14:4-7)

A lepra é uma doença muito contagiosa; tudo o que o leproso toca fica contaminado. O pecado também é uma doença terrível, e a terra, o ar e a água estão todos amaldiçoados pelos pecados da humanidade e devem ser purificados pelo mesmo sangue que purifica o homem. Portanto, depois que o leproso era declarado limpo, a ave viva com suas penas vermelhas do sangue, era solta

para voar. O sangue não era somente aspergido sobre a pessoa que estivera impura, mas era assim transportado através do ar que estava carregado de germes de doença e pecado, (Jeremias 9:21) tipificando o sangue de Cristo, que dará um novo céu -- uma nova atmosfera -- a essa Terra amaldiçoada pelo pecado.

Antes que o homem pecasse, não havia vegetação em decomposição; as lindas árvores não eram destruídas por pragas de insetos, mas tudo estava livre de maldição. Nada além do sangue de Cristo pode restaurar a vegetação à sua beleza do Éden. Como tipo desse poder regenerador, um pedaço de cedro, o gigante da floresta e do hissopo, a pequena planta "que brota do muro" (1 Reis 4:33) eram molhados no sangue. Estes eram escolhidos para representar os dois extremos da vegetação, e assim abrangendo tudo.

A vida animal também é amaldiçoada pelo pecado, mas mediante o poder redentor do sangue de Cristo, chegará o tempo em que "o lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e uma criancinha os guiará". (Isaías 11:6)

A lã escarlate molhada no sangue representava o reino animal. (Hebreus 9:19) O sangue da ave era colocado em um jarro de barro sobre a água corrente. Assim, vemos que na purificação do leproso o sangue entrava em contato direto não apenas com o leproso, mas com tudo mais amaldiçoado pelo pecado; isto é, a terra, o ar, a água, a vegetação e o reino animal.

Esses maravilhosos tipos eram profecias compactadas do Antítipo mais grandioso. Quando Cristo prostrou-Se em agonia sobre a terra fria do jardim do Getsêmani, as grandes gotas de sangue caíram de Seu rosto sobre a terra. (Lucas 22:44) Quatro mil anos antes, quando Caim matou seu irmão, a Terra sentiu o toque de sangue humano pela primeira vez, que caiu como uma maldição fulminante, destruindo a fertilidade da terra. (Gênesis 4:11,12) Desde então o seio da terra não somente tem sido manchado com o sangue humano, mas rios de sangue tem inundado a superfície terrestre quando exércitos de seres humanos armados, liderados por Satanás, matam-se uns aos outros. Toda gota desse sangue tem sido acrescentada à maldição. (Isaías 24:5,6) Mas quão diferente é o efeito do sangue do bendito Salvador! Nele estava a cura, e poder purificador. (Números 35:33)

A maldição do pecado recai fortemente sobre a atmosfera, que está tão carregada de germes de doenças que "a morte subiu pelas nossas janelas e entrou em nossos palácios; exterminou das ruas as crianças e os jovens, das praças". No tipo, o sangue da oferta respingava da ave enquanto esta voava pelo ar. Da grande Oferta antitípica, enquanto pendia suspenso no Calvário, Seu sangue precioso e restaurador gotejou de Suas mãos e pés feridos através do ar, e caiu sobre as rochas abaixo. Os tipos do antigo cerimonial levítico não eram cerimônias sem sentido, mas uma profecia do grande Antítipo.

Desde os tempos antigos, a água tem sido afetada pela maldição do pecado. (Êxodo 15:23) A ave morta sobre a água corrente era um

tipo da morte de Cristo, que removeria a maldição do pecado para sempre das águas da terra. O sangue de Cristo entrou em contato direto com a água; quando o soldado cravou a lança cruel no lado do Salvador, "logo saiu sangue e água"; (João 19:34) isto é, não uma mistura de sangue e água, mas sim, sangue e água -- duas fontes abundantes.

"O maravilhoso símbolo da ave viva mergulhada no sangue da ave imolada e depois posta em liberdade para fruir a vida, serve-nos de símbolo da expiação. Havia um misto de morte e de vida, apresentando ao indagador da verdade o tesouro escondido, a união do sangue perdoador com a ressurreição e a vida de nosso Redentor. A ave era imolada sobre água viva; aquela corrente era um símbolo da eficácia sempre a fluir, sempre purificadora, do sangue de Cristo".[1]

A cruz sobre a qual estava suspenso o Salvador, e que estava manchada com Seu precioso sangue, fora feita de árvores da floresta; enquanto uma pequena vara de hissopo sustentava a esponja que estava mergulhada em vinagre Lhe foi oferecida para saciar Sua sede.

Enquanto o Salvador estava suspenso na cruz, Ele procurou escutar alguma palavra ou gesto por parte da humanidade que indicasse que o Seu sacrifício era valorizado; mas apenas zombarias, insultos e blasfêmias eram lançadas aos Seus ouvidos vindas da agitada multidão abaixo. Até mesmo um dos ladrões ao Seu lado juntou-se às injúrias; mas o outro ladrão o censurou e, voltando-se

para Jesus, disse: "Senhor, lembra-te de mim quando vieres no Teu reino". A resposta de Jesus: "Em verdade, em verdade te digo hoje, que estarás comigo no Paraíso"; (Lucas 23:39-43) continha uma garantia de perdão. Mesmo enquanto o sangue purificador de Cristo estava fluindo de Suas veias, o ladrão alegrou-se em Seu poder de purificar do pecado. Aquele que Seus inimigos pensavam ter vencido, morreu como um poderoso Conquistador, e o ladrão experimentou o cumprimento da promessa: "Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve". (Isaías 1:18)

Havia um significado na cor da lã mergulhada no sangue da oferta típica. É quase impossível remover manchas escarlate, mas "embora seus pecados sejam como a escarlata", o sangue de Cristo pode torná-los "brancos como a neve". Você pode ser condenado e contado como um marginal por todos na Terra; mas se você olhar para o Salvador e reivindicar Seu poder purificador, Ele lavará seus pecados e colocará alegria e júbilo em seu coração.

No serviço típico, embora o indivíduo a ser purificado da lepra ao ser aspergido com o sangue, já fosse declarado limpo, havia algo mais para ele fazer. No oitavo dia depois que fosse declarado limpo, ele deveria comparecer perante o sacerdote com dois cordeiros, uma oferta de manjares e um sextário de azeite. O sacerdote apresentava o indivíduo a ser purificado à porta do tabernáculo, e movia um dos cordeiros e o sextário de azeite perante o Senhor. Então ele matava o cordeiro, tomava um pouco do sangue e colocava sobre "a ponta da orelha direita" daquele que devia purificar-se, "e sobre o polegar da

sua mão direita, e sobre o polegar do seu pé direito," (Levítico 14:10-14) consagrando assim seus ouvidos para ouvir somente as coisas que tratariam de mantê-lo puro, suas mãos ao serviço de Deus, e seus pés para andar somente no caminho dos mandamentos do Senhor.

Então o sacerdote tomava o sextário de óleo, e depois de aspergir uma porção dele perante o Senhor, colocava um pouco "sobre a ponta da orelha direita" daquele que devia de purificar-se, também "sobre o polegar da sua mão direita, e sobre o polegar do seu pé direito", e depois ungia sua cabeça com o restante do óleo. (Levítico 14:15-18)

Este serviço não era uma forma vazia, mas um tipo de um bendito antítipo, que é cumprido em todo cristão que se apresenta a si mesmo para o serviço perante o Senhor, depois que o Senhor perdoa seus pecados e o declara limpo. De Maria, Jesus disse: "Perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama". (Lucas 7:47) O leproso purificado daquela repugnante morte em vida, sentia-se tão agradecido a Deus pela liberdade e pela purificação que consagrava sua vida ao serviço do Senhor. O óleo, um emblema do Espírito Santo que prepara o cristão para o serviço, não somente era colocado sobre sua orelha, mão e pé, como também era derramado sobre sua cabeça, indicando assim uma entrega total de seu ser ao serviço de seu Mestre, que o redimiou. Os livros do Céu registram os nomes de muitos que cumpriram este belo antítipo ao entregarem o seu ser por completo ao serviço de seu Redentor.

A lei levítica provia para a purificação de casas e vestuário infectados com lepra. Se o proprietário de uma casa visse sinais de lepra, ele devia relatar o problema ao sacerdote, que imediatamente examinava a casa. Primeiro, a casa devia ser esvaziada, e se o sacerdote visse marcas "esverdeadas ou avermelhadas" sobre as paredes, a casa deveria permanecer fechada por sete dias. Se, no final desse período, as paredes ainda estivessem cobertas com a praga, deveriam ser raspadas, as pedras retiradas, e a casa completamente reformada. Se as manchas aparecessem novamente, isso provava que a lepra não era proveniente de qualquer vazamento ou defeito nas paredes, mas que a localização era úmida e insalubre, e a casa devia ser derrubada. (Levítico 14:34-45)

Se as leis de saúde da Terra hoje fossem tão cuidadosas com as casas do povo quanto as antigas leis levíticas, haveria menos dessa terrível doença, a tuberculose.

As leis relativas às roupas infectadas com lepra eram muito rígidas. (Levítico 13:47-59) Se a praga da lepra estivesse tão profundamente arraigada que não pudesse ser removida por lavagem, então a roupa devia ser queimada no fogo. Há uma lição espiritual profunda nessa instrução. Deus deu instruções muito definidas em relação ao vestuário de Seus seguidores. (1 Pedro 3:3, 4; 1 Timóteo 2:9) Nunca foi Seu desígnio que o Seu povo seguisse as insensatas modas do mundo. (Isaías 3:16-26) Deve haver uma diferença marcante entre o vestuário do cristão e o vestuário do mundo (Números 15:38) Indivíduos podem argumentar que

venceram o orgulho, que quando eles usam roupas da moda e se vestem como o mundo, isso não lhes fere, pois eles venceram o orgulho. É o mesmo que uma pessoa que acabou de se recuperar da varíola usasse as roupas infectadas pela doença. A pessoa argumenta que, como já teve a doença uma vez e se recuperou, não há perigo de contraí-la pela segunda vez, portanto, não há perigo nas vestes; no entanto está semeando o germe da doença aonde quer que vá. Da mesma forma, o cristão que não obedece às instruções do Senhor em relação ao vestuário, representa mal o Senhor e semeia sementes de orgulho e vaidade nos corações dos membros mais fracos. É melhor seguir as instruções dadas nas ordenanças levíticas, e até mesmo queimar o vestuário infectado com orgulho e vaidade, do que representar mal ao nosso Senhor e Mestre mesmo com nosso vestuário.

Tipo

Antítipo

"Todo sistema judaico era o evangelho velado".

Levítico 14:6, 7. O sangue era aspergido sobre aquele que devia ser purificado.

1 Pedro 1:2. A aspersão do sangue de Jesus purifica do pecado.

Levítico 14:6. Cedro, escarlata e hissopo eram mergulhados no sangue. 1 Reis 4:33. O cedro e o hissopo são extremos da vegetação. Hebreus 9:19.

João 19:29. O hissopo era trazido em ligação com o Salvador, enquanto a cruz era feita a partir das árvores da floresta.

Levítico 14:5. A ave era morta e o sangue apanhado em um vaso de barro.

Lucas 22:44. O sangue de Jesus entrou em contato com a Terra.

Levítico 14:6, 7. A ave que tinha sido mergulhada no sangue era solta para voar pelo ar. Jeremias 9:21. O ar está contaminado.

Apocalipse 21:1. Haverá um novo céu (céu atmosférico), como resultado da morte de Cristo. Da cruz o Seu sangue caiu no ar.

Levítico 14:14, 17. A ponta da orelha era tocada com sangue e azeite.

Isaías 42:18-20. Os servos de Deus são surdos às coisas que não devem ouvir.

Levítico 14:14, 17. O polegar da mão direita era tocado com sangue e azeite.

Salmos 119:48. "Para os teus mandamentos, que amo, levantarei as mãos".

Levítico 14:14, 17. O polegar do pé direito era tocado com o sangue.

Gênesis 17:1. "Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na Minha presença e sê perfeito".

Notas:

1. Ellen G. White, Filhos e Filhas de Deus, 7 de agosto.

Capítulo 25

O Pátio e seus Serviços

O tabernáculo estava rodeado por um pátio de cem côvados de comprimento e cinquenta côvados de largura. Esse pátio era fechado por cortinas de linho fino trançado penduradas em colunas de bronze. As colunas eram enfeitadas com vergas e ganchos de prata; as cortinas eram suspensas a partir dos ganchos de prata. O pátio formava um retângulo, e era colocado com os lados mais longos em direção ao norte e ao sul e as extremidades para o oriente e para o ocidente. A porta, ou entrada, de vinte côvados de largura, ficava no centro do extremo oriental do pátio. As cortinas que formavam a porta do pátio eram de "estofa azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino retorcido", e eram suspensas por quatro colunas de bronze, enfeitadas com prata. (Êxodo 27:9-18)

A altura do pátio era somente metade da altura do tabernáculo, de modo que, acima das belas cortinas do pátio e do brilho da prata e do bronze das várias colunas, podiam ser vistas as paredes douradas do tabernáculo, com suas belíssimas cortinas e coberturas. Como alguém do lado de fora do pátio, para poder contemplar as glórias do tabernáculo, tinha que olhar acima do pátio, assim, aquele que, pela fé, contempla as belezas do santuário celestial, necessita levantar seus pensamentos acima das coisas desta Terra e fixá-las nas coisas celestiais.

Havia dois principais artigos de mobiliário no pátio, a pia e o altar do holocausto. O altar era coberto de bronze; a pia e todos os vasos do pátio que eram usados nos serviços ligados ao altar, eram de bronze. O grande altar de bronze estava colocado entre o santuário e a entrada, porém mais próximo da entrada do que do santuário. (Êxodo 40:6,7) Nenhuma parte do santuário ou do pátio foi feita de acordo com planos humanos; mas cada parte foi confeccionada segundo o modelo divino. Quando o Senhor deu a Moisés as instruções em relação à construção do altar de bronze, acrescentou: "Como se te mostrou no monte, assim o farão". (Êxodo 27:8)

O altar era uma caixa oca, de cinco côvados quadrados [comprimento e largura iguais] e três côvados de altura, feito de tábuas de madeira de acácia. Havia um chifre da mesma madeira em cada canto. Uma grelha de bronze ao centro segurava o fogo e permitia a circulação de ar, além de permitir que as cinzas caíssem abaixo. O altar inteiro com os chifres era coberto de bronze. (Êxodo 27:1-8) "E o altar será santíssimo; tudo o que o tocar será santo", era o decreto divino. (Êxodo 29:37) Foi por isso, sem dúvida, que Adonias e Joabe fugiram e seguraram os chifres do altar quando temeram a morte nas mãos de Salomão. (1 Reis 1:50; 2:28)

Todos os holocaustos do santuário eram queimados sobre o altar de bronze. O próprio Senhor acendera o fogo, (Levítico 9:24) e era conservado aceso continuamente. Nunca devia se apagar. (Levítico 6:13) O fogo que destrói todo o pecado da Terra, assim como o fogo do altar de bronze, descera dos Céus da parte de Deus, e não se

apagará enquanto houver pecado para ser consumido. (Apocalipse 20:9; Marcos 9:43-48)

O corpo inteiro do holocausto todo e porções das diversas ofertas eram queimados sobre este altar de bronze. Consumia o que tipificava o pecado; e como o fogo estava aceso continuamente, tem sido chamado de "altar de expiação contínua". O Pecado separa o homem de Deus, (Isaías 59:2) e todo o pecado deve ser abandonado antes que o pecador possa estar 'expiado' diante de Deus. Portanto, a obra feita sobre este altar era um símbolo da destruição final do pecado, que será necessário antes que os remidos possam desfrutar de sua herança eterna.

Paulo se referiu a este altar como um tipo de Cristo. (Hebreus 13:10) Toda a obra relacionada com o altar do holocausto tipificava a obra relacionada com a destruição do pecado, uma obra que somente Cristo pode realizar. O Pai entregou nas mãos de Seu Filho a destruição final do pecado e dos pecadores. (Salmos 2:7-9)

Os chifres do altar de bronze eram muitas vezes tocados com o sangue das diferentes ofertas, e o sangue de cada uma das ofertas pelo pecado era derramado à base desse altar.

Com poucas exceções, todos os sacrifícios eram imolados no pátio, à "porta do tabernáculo da congregação" -- nome pelo qual era muitas vezes denominada a entrada do primeiro compartimento; pois todos os israelitas tinham permissão de se reunir no pátio e diante desta porta. Somente os sacerdotes podiam entrar nos

compartimentos sagrados do tabernáculo em si, pois tipificava o santuário celestial, onde Deus e Cristo habitam, cercados por brilhantes querubins e serafins. Toda obra realizada no pátio era típica da obra realizada na Terra, enquanto a obra realizada no primeiro e segundo compartimentos do santuário eram tipos da obra realizada no Céu.

Nenhum sacrifício era imolado no santuário; mas as ofertas eram imoladas no pátio, e o sangue e a carne eram levados pelo sacerdote para dentro do santuário. Cristo, o grande sacrifício antitípico, foi morto no pátio antitípico, esta Terra, e então entrou no santuário antitípico nos Céus com o Seu próprio sangue e o mesmo corpo em que suportou nossos pecados no Calvário. Os pecados são perdoados, e são apagados dos livros no santuário celestial; mas não são destruídos ali. Assim como no tipo, o fogo do altar de bronze no pátio consumia o que simbolicamente representava o pecado; então, no antítipo, os ímpios estarão "pela superfície da Terra" quando fogo desce de Deus do Céu e os consome. (Apocalipse 20:9) Esta Terra é o grande pátio antitípico, onde toda a obra tipificada no pátio do santuário terrestre encontrará seu cumprimento.

A constante queima sobre o altar, daquilo que tipificava o pecado, causava um acúmulo de cinzas. Os sacerdotes no santuário terrestre ministravam "em figura e sombra das coisas celestes" (Hebreus 8:5) e mesmo a retirada das cinzas era dirigida pelo Senhor para ser feito de maneira a tipificar uma parte da obra final de Cristo. O sacerdote deveria vestir-se com as roupas de linho brancas e puras, quando removia as cinzas do altar. As cinzas eram

primeiro tiradas pelo sacerdote e colocadas "ao lado do altar" no lado oriental. (Levítico 6:10; 1:16) Quando chegava o momento de removê-las do lado do altar, o sacerdote trocava suas vestes sacerdotais e "vestia outras vestes", então ele levava as cinzas para fora do acampamento, e as derramava em "um lugar limpo". (Malaquias 4:1-3; Ezequiel 28:18, 19) Cinzas são tudo o que restará do pecado, do diabo e dos pecadores depois que os fogos do último dia terminarem sua obra. Quando os fogos purificadores do Senhor removerem o último vestígio do pecado, surgirá uma Nova Terra, um lugar limpo, sem nenhuma mancha de pecado; e enquanto os justos andam sobre a face da Terra limpa, purificada, as cinzas do pecado e tudo o que se apega ao pecado nesta Terra, estarão sob seus pés. Verdadeiramente o tipo terá então encontrado seu antítipo, e as cinzas de todo pecado estarão em "um lugar limpo".

Quando o sacerdote depositava as cinzas junto ao altar, ele estava vestido com suas vestes sacerdotais. As cinzas representavam os pecados confessados dos justos. Quando Cristo carrega os pecados confessados do Seu povo, Ele usa Suas vestes sacerdotais; mas chegará o tempo em que Ele colocará os pecados dos justos sobre a cabeça de Satanás, deixará de lado Suas vestes sacerdotais, e virá a esta Terra com régias vestimentas, para remover de Seu reino tudo o que causa escândalo e os que cometem iniquidade. (Mateus 13:41) Então todos os pecados e pecadores serão queimados no fogo. Não será com vestes sacerdotais que Cristo entrará no pátio antitípico, a Terra, para completar a destruição final do pecado; mas como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Grande parte do serviço típico era dirigido pelo Senhor de maneira peculiar, para despertar um espírito de investigação nas mentes dos jovens, para que eles próprios solicitassem informações. A Páscoa era planejada de modo que as crianças perguntassem: "O que significa esta cerimônia?" (Êxodo 12:26 NVI) As doze pedras foram erguidas nas margens do Jordão como um "sinal" para atrair a atenção das crianças, de modo que em resposta à sua pergunta: "Que vos significam estas pedras?", pudessem ser ensinados sobre a história de quando Deus deteve as enchentes do Jordão diante do povo de Israel. (Josué 4:1-7) Se a curiosidade da criança é despertada e ela mesma faz questionamentos, a lição é gravada na mente de maneira mais poderosa.

Parece que, por essa razão, Deus ordenou que as cinzas do sacrifício deviam primeiro ser colocadas ao lado do altar, onde seriam tão evidentes que cada criança que entrasse no pátio não poderia deixar de ver e perguntar: "O que significam estas cinzas?" E então seria ensinada pelo pai sobre a maravilhosa verdade de que todo pecado seria finalmente queimado e reduzido a cinzas nos fogos do último dia. (Malaquias 4:1-3)

À medida que as crianças saíssem do acampamento com seus pais, a atenção delas seria atraída pela visão incomum de cinzas colocadas em um lugar perfeitamente limpo; e em resposta às suas perguntas, a bela lição da Nova Terra, que surgirá dos fogos que destroem o último vestígio do pecado, ficaria impressionada sobre suas mentes juvenis. Pela cinza e pelo sangue à base do altar nos

serviços típicos do pátio, a purificação desta Terra do pecado era conservada diante das mentes de Israel.

Enquanto a congregação de Israel se reunia no pátio, somente os sacerdotes deviam realizar a obra diante do altar. (Números 18:2-7) Os levitas eram encarregados do santuário, mas não podiam realizar o serviço do altar, pois aquele serviço tipificava a obra que ninguém além de Cristo poderia realizar. Somente Ele pode destruir o pecado.

A pia estava entre o altar de bronze e a porta do santuário. A pia e sua base eram de bronze. Água era mantida nelas, para que os sacerdotes lavassem as mãos e os pés antes de entrarem no santuário para realizar qualquer serviço. Também eram obrigados a lavar as mãos e os pés quando se "chegassem ao altar para ministrar, para acender a oferta queimada ao Senhor". Morte era a pena por realizar o serviço diante do altar ou dentro do tabernáculo sem primeiro lavar-se na pia. (Êxodo 30:17-21) Considerando que o povo no pátio contemplava os sacerdotes lavarem-se com água antes de realizarem a obra do sagrado ofício, quem sabe esse ato não lhes tenha ensinado a verdade que Cristo disse a Nicodemos: "quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus"? (João 3:5; Tito 3:5; Efésios 5:26)

Tipo

Êxodo 27:9-18. Havia um pátio em torno do tabernáculo, no qual as ofertas eram imoladas. Levítico 4:4, 14, 15, 24, 29.

Levítico 6:10, 11. As cinzas do altar eram colocadas em um lugar limpo.

Levítico 6:10. O sacerdote estava vestido com roupas sacerdotais quando colocava as cinzas ao lado do altar.

Levítico 6:11. Quando o sacerdote carregava as cinzas para fora do acampamento a um lugar limpo, ele trocava suas vestes sacerdotais e colocava outras vestimentas.

Antítipo

João 12:31-33. A grande oferta antitípica foi morta na Terra.

Malaquias 4:1-3. As cinzas dos ímpios serão deixadas sobre a Terra purificada.

Hebreus 2:17. Cristo é o sumo sacerdote para fazer a propiciação pelos pecados do povo.

Apocalipse 19:14-16; Isaías 63:1-4. Quando Cristo vier à Terra para destruir o pecado e os pecadores, Ele trocará as Suas roupas sacerdotais pelas de um rei.

Capítulo 26

A Obra no Primeiro Compartimento do Santuário

A obra no primeiro compartimento consistia principalmente dos serviços diários da manhã e da tarde, das ofertas individuais pelo pecado e dos serviços nos dias das festividades e em ocasiões especiais. A presença visível de Deus se manifestava no primeiro compartimento, ou tabernáculo da congregação. Diante do primeiro véu, ou porta, do tabernáculo da congregação, (Êxodo 29:42, 43; 30:36; Números 17:4) onde o povo apresentava suas ofertas pelo pecado, Deus Se encontrava e comungava com os filhos de Israel. Às vezes, a nuvem de glória, representando a presença visível do Santíssimo, enchia o primeiro compartimento de tal maneira que ninguém podia entrar. (Êxodo 40:34,35; 1 Reis 8:10,11; 2 Crônicas 5:13,14; 7:2)

A presença de Deus manifestada no primeiro compartimento do santuário terrestre era uma sombra da gloriosa presença e trono do Pai no primeiro compartimento do santuário celestial, onde, depois de suportar "a cruz, não fazendo caso da ignomínia", o Salvador Se assentou "à destra do trono de Deus". (Hebreus 12:2)

O serviço de todas as manhãs e todas as tardes era muito importante. No primeiro compartimento, o sumo sacerdote oferecia incenso sobre o altar de ouro, e preparava e acendia as lâmpadas. (Êxodo 30:6-8) Ninguém, exceto o sumo sacerdote, podia realizar esta obra sagrada, que tipificava a adição do fragrante incenso da

justiça de Cristo às orações do povo de Deus, para torná-las aceitáveis diante de Deus. (Apocalipse 8:3,4) Ele também preparava e acendia as lâmpadas que eram uma sombra do Espírito Santo emanando de Deus, que em algum momento da vida brilha no coração de cada um, (João 1:9) convidando-o a aceitar o Senhor e Seu serviço, e que brilha continuamente na vida do indivíduo que caminha na luz, e é fiel a Deus.

Enquanto o sumo sacerdote dentro do santuário estava realizando o serviço diário da manhã e da tarde diante do altar de ouro, os sacerdotes no pátio queimavam os holocaustos, as ofertas de manjares e a libação, sobre o altar de bronze e o povo permanecia reunido no lado de fora, em oração. (Lucas 1:10)

Quando os filhos de Israel foram levados ao cativeiro, os que eram fiéis oraram, como Daniel, com suas janelas abertas em direção a Jerusalém. (Daniel 6:10) Eles se voltavam para o templo, onde, do altar de contínua intercessão, o incenso estava subindo. Este tipo representava aqueles que podem ser mantidos cativos na servidão cruel por Satanás, o príncipe deste mundo. Não importa onde estejam, nem quão poderosas as amarras que lhes prendem, se resolutamente voltarem suas faces do que está à sua volta e olharem para o santuário celestial, onde Cristo pleiteia com Seu sangue e apresenta Sua justiça em nome do pecador, a oração de fé trará paz e alegria para a alma, e despedaçará as ligaduras com as quais Satanás os mantêm prisioneiros. Cristo coloca diante deles uma "porta aberta, a qual ninguém pode fechar". (Apocalipse 3:8) Não faz diferença o que esteja à sua volta, a alma pode ser livre em Deus, e

nenhum ser humano, nem mesmo o diabo, pode impedi-la. "Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé". (1 João 5:4)

Todos os dias, quando os pecadores apresentavam suas ofertas pelo pecado junto à porta do primeiro compartimento, confessando seus pecados, seja por meio do sangue aspergido perante o Senhor ou mediante uma porção da carne consumida no primeiro compartimento, os pecados confessados eram simbolicamente transferidos para o primeiro compartimento do santuário. O sacerdote encontrava o pecador no primeiro véu do santuário, e carregava o sangue ou a carne para dentro do véu. O pecador não podia olhar dentro do santuário, mas, pela fé, sabia que o sacerdote era fiel para apresentar sua oferta pelo pecado perante o Senhor, e deixava o santuário regozijando-se pelos pecados perdoados.

No antítipo desse serviço, nós confessamos nossos pecados e, embora não possamos ver a obra no santuário celestial, sabemos que Cristo, pelo Seu sangue e a carne ferida, (Isaías 49:15,16) -- as marcas dos pregos, -- pleiteia perante o Pai em nosso favor, e nos alegramos no perdão dos pecados. Os pecados são cobertos, escondidos da vista. "Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto". (Salmo 32:1) A medida que diariamente os pecados do povo eram, dessa forma, simbolicamente transferidos para o santuário, o lugar ficava contaminado e devia ser limpo ou purificado. Os pecados são perdoados e cobertos quando confessados, e nunca serão descobertos se aquele que os confessa permanece fiel; mas se o indivíduo abandonar o Senhor e voltar para o mundo, a parte da sua vida passada que, enquanto era fiel, estava

coberta pela justiça de Cristo, aparece aberta e descoberta nos livros do Céu, porque ele mesmo afastou-se de Cristo e deve enfrentar o registro de toda a sua vida no juízo.

Isso é ensinado com muita clareza na parábola do servo incompassivo, que, depois de ter sido perdoado de toda a sua dívida, tratou asperamente com seus devedores, e o senhor então exigiu que lhe pagasse tudo o que já lhe tinha sido perdoado. (Mateus 18:23-35)

Chegará o tempo em que os pecados dos justos não só serão perdoados e cobertos pelo sangue de Cristo, mas todos os vestígios deles serão para sempre apagados dos livros do Céu, e até mesmo o Senhor, deles nunca mais Se lembrará. Esta obra era simbolizada pela obra no segundo compartimento no dia da expiação.

Tipo

Êxodo 29:42, 43. A presença visível de Deus se manifestava no primeiro compartimento do santuário terrestre.

Êxodo 30:7, 8. O sumo sacerdote preparava e acendia as lâmpadas.

Êxodo 40:24, 25. As lâmpadas no santuário terrestre estavam acesas diante do Senhor.

Hebreus 9:6. "Continuamente entram no primeiro tabernáculo os sacerdotes, para realizar os serviços sagrados".

Levítico 4:7; 10:16-18. Pelo sangue e pela carne, os pecados eram transferidos para o santuário terrestre.

Levítico 4:7. As marcas do pecado tocavam os chifres do altar.

Números 18:7. Ninguém, senão os sacerdotes podiam olhar dentro do véu. Tudo o que restava da oferta pelo pecado fora do véu era queimado. Todo o vestígio da oferta pelo pecado era oculto da vista.

Antítipo

Apocalipse 4:2-5. As sete lâmpadas foram vistas no Céu diante do trono.

Apocalipse 1:13 NVI. Cristo foi visto entre os candelabros de ouro no santuário celestial.

Apocalipse 4:2, 5 NVI. As sete lâmpadas de fogo foram vistas acesas diante do trono de Deus no Céu.

Hebreus 7:25. Cristo vive sempre para interceder por nós.

1 Pedro 2:24; 1 João 1:7. Pelo mérito do sacrifício do corpo e do sangue de Cristo, nossos pecados são perdoados.

Jeremias 2:22. O verdadeiro pecado permanece marcado diante do Senhor no Céu.

Salmos 32:1. Quando confessamos nossos pecados, eles são transferidos para o santuário celestial e cobertos, para nunca mais aparecer, se formos fiéis.

Capítulo 27

Uma Profecia Maravilhosa

O ciclo diário do serviço durante o ano tipificava a obra de confessar pecados e deixá-los com Cristo, nosso grande portador do pecado, no santuário celestial. Mas Cristo nem sempre carregará os pecados do mundo. Chegará o momento em que Ele apagará o último vestígio de pecado dos livros do Céu. Então os pecados dos justos serão colocados sobre Satanás, o originador do pecado, e ele, com todos os pecados e pecadores, será consumido no lago de fogo.

Deus é um Deus de justiça, e antes que os pecados dos fiéis ou os nomes dos infiéis sejam apagados dos livros do Céu, (Apocalipse 3:5) haverá uma averiguação dos registros, -- um juízo investigativo. O serviço no segundo compartimento do santuário era um tipo dessa obra. Era chamado o dia da expiação, ou a purificação do santuário. O registro declara: "Porque, naquele dia, se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados, perante o Senhor". (Levítico 16:30)

Quando os homens e os anjos são colocados em liberdade condicional, um tempo de juízo é estabelecido para serem julgados. A ressurreição de Cristo é uma promessa, ou garantia, do juízo. Deus "estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um Varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-O dentre os mortos". (Atos 17:31)

O dia do juízo é um tempo definido para a execução de uma obra específica. É um período de tempo. "Deus julgará o justo e o perverso; pois há tempo para todo propósito e para toda obra". (Eclesiastes 3:17) Deus não deixou o mundo na escuridão em relação ao tempo do dia do juízo, do qual o dia da expiação, ou da purificação, era tipo; mas por meio do profeta Daniel Ele previu quando esse evento aconteceria.

No oitavo capítulo do livro de Daniel, lemos que nos últimos dias do reino babilônico, o profeta recebeu uma visão profética da história do mundo desde aquele tempo até o fim de todos os reinos terrestres. Ele viu um carneiro com dois chifres; e um bode peludo com um chifre notável entre os olhos, veio do ocidente e venceu o carneiro e o pisou aos pés. Então o bode tornou-se muito forte; mas no auge da sua força o seu grande chifre foi quebrado, e em seu lugar surgiram quatro chifres notáveis. "De um deles saiu um chifre pequeno e se tornou muito forte" e "engrandeceu-se até ao Príncipe do exército;" isto é, afirmou ser igual ao Príncipe do exército.

Enquanto o profeta estava olhando esse chifre pequeno perseguindo o povo de Deus na Terra, sua atenção foi voltada para uma conversa entre dois seres celestiais, que ele registra da seguinte forma: "Depois, ouvi um santo que falava; e disse outro santo ao Numerador de segredos, ou o Maravilhoso Numerador, dizendo: Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados? Ele [o Maravilhoso Numerador, o Príncipe dos exércitos] me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o

santuário será purificado". (Daniel 8:1-14, margem) Daniel não entendeu a visão, e Aquele que tem autoridade sobre as forças celestiais comissionou o anjo Gabriel para fazê-lo entender. Gabriel então deu a seguinte breve explicação:

"Aquele carneiro com dois chifres, que viste, são os reis da Média e da Pérsia; mas o bode peludo é o rei da Grécia; o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei [Alexandre o Grande]".

Então ele disse que os quatro reinos em que Grécia seria dividida, representados pelos quatro chifres, não seriam tão fortes quanto a Grécia, mas que o reino representado pelo pequeno chifre; isto é, o reino romano, que surgiu de um dos quatro chifres, destruiria o povo de Deus, e até se levantaria contra o próprio Príncipe dos príncipes, quando Ele viesse à Terra. Esta última visão foi além do que Daniel podia suportar. Quando viu que esse poder tomaria até mesmo a vida do Príncipe dos príncipes, ele desmaiou; e quando Gabriel disse: "A visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira", entendeu que era inútil prosseguir, uma vez que Daniel não era capaz de compreender. (Daniel 8:20-27)

Daniel ficou doente por alguns dias, mas logo começou a orar por uma explicação completa da visão. Temos sua oração registrada; e não é longa. Quando ele começou a orar, Deus no Céu comissionou Gabriel para ir e responder à oração do profeta, e antes que terminasse de orar, o anjo o tocou. (Daniel 9:1-23) Céu e Terra são trazidos para bem perto um do outro pela oração da fé. Aquele

que se agarra pela fé simples até que uma resposta seja enviada do Céu, é amado pelo Senhor. (Daniel 9:23)

Gabriel assegurou a Daniel que ele veio para dar-lhe "percepção e entendimento", e disse-lhe para "entender a visão". Tudo tinha sido esclarecido, exceto a pergunta feita ao "Maravilhoso Numerador," e Sua resposta. Todo o Céu está interessado na obra de Deus na Terra, e não era uma curiosidade frívola, mas um intenso interesse que levou à pergunta: "Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados?" A palavra "sacrifício" é apresentada em itálico em versões autorizadas da Bíblia, mostrando que "foi fornecida pela sabedoria humana, e não pertence ao texto".

No momento em que a pergunta foi feita, o santuário, ou templo construído por Salomão, estava em ruínas, e o povo de Deus estava em cativeiro em uma terra estrangeira. A visão revelou aos anjos, bem como a Daniel, que no futuro, surgiria um poder que levantaria uma pior perseguição contra o povo de Deus a qual jamais experimentaram, e que cumpriu-se nos mil e duzentos e sessenta anos da perseguição papal, conhecida na história como a Idade das Trevas. (Daniel 8:23-25) Essa perseguição não podia afetar o santuário celestial, pois nenhum poder terrestre pode chegar ao Céu; mas pisou aos pés as hostes que adoravam voltadas para o santuário celestial e, privando o povo da palavra de Deus, obscureceu o conhecimento correto em relação ao santuário celestial por um longo período de tempo.

Quando o Maravilhoso Numerador respondeu à pergunta, Ele dirigiu Suas palavras a Daniel e não a quem fez a pergunta. Ninguém, senão o Pai ou o Filho poderia revelar o tempo estabelecido para o grande tribunal do juízo a se reunir no santuário celestial. Foi Cristo, então, que numerou os anos para intervir antes da abertura do grande dia do Juízo. Ele é verdadeiramente chamado de Numerador de Segredos, ou o Maravilhoso Numerador. (Daniel 8:13, margem)

Quando foi dito a Daniel que entendesse a visão, sem dúvida, as palavras diretamente a ele dirigidas vieram à sua mente: "Até dois mil e trezentos dias [tardes e manhãs]; e o santuário será purificado". (Daniel 8:14, margem) Assim que a mente de Daniel recordou essas palavras, Gabriel começou a explicação da parte da visão que ele não terminara de explicar durante sua visita anterior.

A profecia sobre os dois mil trezentos dias de Daniel 8:14 é uma das maiores profecias em toda a Bíblia. Existem outras linhas de profecia que predizem o surgimento e queda das nações, mas os dois mil e trezentos dias definitivamente identificam dois dos maiores eventos da história de toda a humanidade; a saber, o tempo em que Cristo viria à Terra e Se oferecia como o resgate da raça perdida; e a abertura do grande tribunal no céu, quando o juiz de toda a Terra decidirá o destino eterno de cada alma que já tenha vivido sobre a Terra.

Durante a primeira visita de Gabriel a Daniel, ele explicou os símbolos do carneiro, do bode peludo, e dos quatro chifres, e deu uma descrição da obra do pequeno chifre; mas Daniel desmaiou antes de ter recebido a explicação dos dois mil trezentos dias; portanto, quando ele volta para dar ao profeta percepção e entendimento, e pede-lhe para considerar a visão, ele imediatamente apresenta o assunto do tempo. Suas primeiras palavras são: "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade". A palavra "determinadas" significa separadas de um longo período de tempo. O único período de tempo sendo considerado são os dois mil trezentos dias. Portanto, setenta semanas deveriam ser separadas desse período e atribuída aos judeus e à sua santa cidade. (Daniel 9:24-27)

Um dia em tempo profético representa um ano de tempo real. (Números 14:34; Ezequiel 4:6) Sete anos correspondem a uma semana de anos. (Gênesis 29:27) Setenta semanas seriam $70 \times 7 = 490$ anos. Quatrocentos e noventa anos foram determinados sobre o povo judeu para realizar seis coisas; a saber,

1. "Fazer cessar a transgressão", cometer o ato de coroação de toda transgressão -- tirar a vida do imaculado Filho de Deus.

2. "Para dar fim aos pecados". Cristo participou da morte, "para que, por Sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo", e assim, para sempre, acabar com todo pecado. (Hebreus 2:14)

3. "Para expiar a iniquidade". Cristo "havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz," reconciliou "consigo mesmo todas as coisas". (Colossenses 1:20)

4. "Para trazer a justiça eterna". A morte de Cristo abriu o caminho pelo qual cada filho e filha de Adão pode obter a justiça eterna, se assim desejar.

5. "Para selar a visão". Eventos que ocorreram durante aqueles quatrocentos e noventa anos que selaram, ou estabeleceram, toda a visão dos dois mil trezentos anos.

6. "Para ungir o Santo dos Santos". Quando chegou o tempo de começar o serviço no santuário terrestre, todo o santuário foi ungido; (Êxodo 40:9) e quando Cristo entrou no santuário celestial, para realizar a obra da qual o serviço terrestre era um tipo, o santuário celestial foi ungido, antes de começar Seu ministério no primeiro compartimento. É dito do santuário celestial como sendo santíssimo para distingui-lo do terrestre.

Mudanças maravilhosas foram realizadas na história da igreja durante os quatrocentos e noventa anos. Depois que o anjo enumerou os eventos que ocorreriam durante esse período, disse a Daniel onde identificá-los na história do mundo, apontando a data de início do período; "Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos". (Daniel 9:24,25)

O longo período de dois mil e trezentos dias a partir do qual as setenta semanas (quatrocentos e noventa anos) foram separadas, começaram com a saída da grande tríplice ordem (Esdras 6:14) para restaurar e construir Jerusalém, que foi promulgada em 457 a.C. Esse decreto não entrou em vigor até meados daquele ano, (Esdras 7:9) o que faria de 456 ½, a data exata da promulgação do decreto.

Gabriel divide as setenta semanas em três partes; sete semanas, sessenta e duas semanas e uma semana. (Daniel 9:25-27) O profeta Neemias apresenta um relato da reconstrução dos muros durante tempos difíceis.

As sete semanas e as sessenta e duas semanas, ou seja, sessenta e nove semanas ao todo, deviam estender-se até ao Messias, o Príncipe. Sessenta e nove semanas é igual a $69 \times 7 = 483$ anos. Se contarmos 483 anos a partir do ano 456 ½ a.C., chegamos ao ano 26 ½ d.C. Na primavera de 27 d.C., ou 26 ½ d.C., Jesus foi ungido com o Espírito Santo em Seu batismo, e doravante era o Cristo, o Messias, o Ungido. (João 1:41; Lucas 3:21, 22; Atos 10:38, margem)

Passadas as sete semanas e as sessenta e duas semanas, o Messias deveria "ser morto, mas não em Seu favor". Ele morreu para expiar os pecados do mundo. Depois de declarar que o Messias seria morto, Gabriel acrescenta: "Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares". (Daniel 9:27) O ministério de Cristo após o Seu

batismo continuou por três anos e meio, ou a metade de uma semana profética.

Cristo foi morto no meio da septuagésima semana, mas setenta semanas inteiras foram "determinadas" sobre os judeus. Cristo orientou Seus discípulos a começar seu trabalho em Jerusalém, e não foi até o apedrejamento de Estêvão em 34 d.C., ou três anos e meio após a crucificação, que o evangelho foi proclamado aos gentios. A aliança foi confirmada pelos discípulos, (Hebreus 2:2,3) pois eles limitaram seus trabalhos aos judeus até 34 d.C., o fim do tempo atribuído a esse povo. (Atos 8:1-4)

As setenta semanas, ou quatrocentos e noventa anos, terminaram em 34 d.C. Quatrocentos e noventa anos subtraídos de todo o período de dois mil e trezentos anos, deixa mil e oitocentos e dez anos do tempo que restava em 34 d.C. ($2.300 - 490 = 1.810$). Isso somado ao ano 34 d.C. nos leva a 1844 d.C. [$34 + 1.810 = 1.844$].

"Até dois mil e trezentos dias [anos], e o santuário será purificado". (Daniel 8:14) O santuário terrestre deixou de existir muito antes dessa data; mas chegou o tempo para o antítipo da purificação do santuário, a obra realizada no dia da expiação no santuário terrestre, começar no santuário celestial. Em 1844, o grande Tribunal, do qual não há recurso, reuniu-se no lugar santíssimo do santuário celestial.

Esta maravilhosa profecia de dois mil e trezentos anos começou com o retorno do povo de Deus às suas possessões terrenas e a

reconstrução da santa cidade, Jerusalém; mas novamente, os judeus provaram-se infiéis ao seu legado, e a terra da promessa com a santa cidade passou de seu controle às mãos dos pagãos.

A vinda de Cristo e Sua morte no Calvário, como um grande selo, estabelece definitivamente toda a profecia e assegura a herança da terra aos fiéis; e o juízo que foi iniciado ao final desse maravilhoso período de tempo profético concederá aos fiéis um "título judicial" da herança eterna e a cidade de Deus, a Nova Jerusalém.

Nota: -- Os dois mil e trezentos dias, ou anos, de Daniel 8:14 é a mais longa cadeia de profecia com datas específicas da Bíblia, marcando o início e o encerramento. Identifica quatro eventos muito importantes: 1º, o batismo de Cristo; 2º, a crucificação de Cristo; 3º, o evangelho proclamado aos gentios; 4º, o início do juízo investigativo no Céu. A crucificação de Cristo no meio da septuagésima semana "selou a visão", e estabeleceu as outras datas.

Eventos definitivamente identifica dos pelos dois mil e trezentos anos

- Batismo de Cristo. Daniel 9:25; João 1:41, margem; Lucas 3:21.
- Morte de Cristo. Daniel 9:26, 27.
- Unção do santuário celestial. Daniel 9:24.

- Evangelho proclamado aos gentios. Daniel 9:27; Hebreus 2:3; Atos 8:4.

- Abertura do juízo investigativo. Daniel 8:14.

"O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló". Gênesis 49:10.

Capítulo 28

A Festa das Trombetas

A trombeta não era apenas usada como um instrumento musical entre os antigos israelitas, mas também ocupava um lugar importante em suas cerimônias civis e religiosas. Estava associada à vida inteira dos filhos de Israel. Era usada em seus dias de alegria e em seus dias solenes; e, no início de cada mês, soava sobre os holocaustos e ofertas pacíficas. Deveria ser uma lembrança aos israelitas do Senhor seu Deus. (Números 10:10)

Em obediência à ordem de Deus, Moisés fez duas trombetas de prata para serem usadas para convocar suas assembleias e para regular as jornadas dos filhos de Israel. (Números 10:2) Quando os sacerdotes tocavam as duas trombetas juntas, todo o povo se reunia junto à porta do tabernáculo; se somente uma trombeta soasse, apenas os príncipes respondiam. (Números 10:2-8)

O apelo à convocação para as assembleias religiosas era diferente do som de um alarme, que era soado para juntar o exército para a guerra. Deus prometeu que quando fizessem soar o alarme para a guerra, seriam "lembrados perante o Senhor", e seriam salvos de seus inimigos. (Números 10:9)

No tempo de Salomão, grande habilidade era demonstrada no toque de trombetas, de modo que as notas de cento e vinte trombetas soavam como um só som. (2 Crônicas 5:12,13)

Quando Deus desejou reunir as hostes de Israel na base do monte Sinai para ouvir a proclamação da Sua santa lei, do meio da glória do Senhor que cobria o monte, "mui forte clangor de trombeta" era ouvido, e o povo estremeceu; e enquanto a "clangor da trombeta ia aumentando cada vez mais", mesmo Moisés, aquele santo homem de Deus, disse: "Sinto-me aterrado e trêmulo"! (Êxodo 19:16,19; Hebreus 12:21)

Era desígnio de Deus que cada sonido da trombeta tocada por Seu povo, fosse de alegria ou de tristeza, de adoração ou de guerra, devia ser um memorial, ou lembrança, do poder de Deus para consolar, sustentar e proteger o Seu povo; "e vos serão", disse Ele, "por lembrança perante vosso Deus. Eu sou o Senhor, vosso Deus". (Números 10:10)

Cada um dos filhos e filhas de Deus que, tendo plena fé nas promessas, avançou e tocou as trombetas em obediência ao mandamento de Deus, viu a libertação do Senhor, fosse diante de obstáculos tão altos quanto as muralhas de Jericó, (Josué 6:4,5) ou por inimigos tão numerosos como os exércitos de Midiã. (Juízes 7:19-23)

Embora o som da trombeta fosse frequentemente ouvido pelos filhos de Israel, ainda assim havia um dia por ano especialmente reservado para o propósito de tocar as trombetas. Sobre esse dia o Senhor disse: "No primeiro dia do sétimo mês, tereis santa

convocação; nenhuma obra servil fareis; ser-vos-á dia do sonido de trombetas". (Números 29:1)

Cada mês do ano entrava com o som da trombeta, (Números 10:10) e onze sacrifícios eram oferecidos; mas no primeiro dia do sétimo mês, além das onze ofertas imoladas no primeiro dia de cada mês, dez outros sacrifícios eram oferecidos. (Números 28:11-15; 29:1-6) O dia era guardado como um sábado anual ou cerimonial, e era um dos sete dias de santa convocação ligada às festas anuais. (Levítico 23:24)

Esta Festa das Trombetas era "um memorial". Alguns têm pensado que se trata de um memorial da criação do mundo, como era celebrado no "final do ano, ou a virada do ano (Êxodo 34:22, margem) e poderia ter sido um memorial do tempo em que "rejubilavam todos os filhos de Deus" na criação do mundo. (Jó 38:4-7) Dr. William Smith diz: "A Festa das Trombetas... passou a ser considerada como o dia de aniversário do mundo".

É bem evidente que, como a Páscoa, a Festa das Trombetas era comemorativa e típica. Vinha dias antes do dia da expiação, o tipo do grande juízo investigativo que começou em 1844, no final do longo e profético período dos dois mil e trezentos anos de Daniel 8:14.

No tipo, as trombetas eram soadas em todo Israel, alertando a todos da aproximação do solene dia da expiação. No antítipo, devíamos esperar por uma mensagem mundial a ser dada em tons de

trombeta, anunciando o tempo próximo ao grande dia antitípico de expiação, o juízo investigativo que se reuniria nos Céus. (Daniel 7:9,10) Começando com os anos 1833-1834 e se estendendo até 1844, tal mensagem foi dada ao mundo em tons de trombeta, anunciando: "é chegada a hora do Seu juízo". (Apocalipse 14:6,7)

Guilherme Miller e outros, em seu estudo da declaração de Daniel 8:14, "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado", descobriram que esse longo período profético terminaria em 1844. Eles não conseguiram ligar esse texto com o antigo santuário típico, mas aplicaram o termo "santuário" à esta Terra e ensinaram que, em 1844, Cristo viria à Terra para purificá-la e julgar o povo.

Guilherme Miller foi acompanhado por centenas de outros ministros na América, que proclamaram sua mensagem com grande poder. Edward Irving, com muitos outros homens consagrados, pregava o mesmo na Inglaterra; enquanto José Wolff e outros anunciaram-na na Ásia e em outras partes do mundo.

Durante os dez anos que precederam ao décimo dia do sétimo mês (calendário judaico) em 1844, toda nação civilizada na Terra ouviu em tom de trombeta o anúncio da mensagem de Apocalipse 14:6, 7, "é chegada a hora do Seu juízo". Esta mensagem era prevista para este período da história mundial. Paulo, na sua época, pregava sobre um "Juízo vindouro", (Atos 24:25) mas o apelo da mensagem dada durante esses anos era "é chegada a hora do Seu juízo".

O fato de que os homens que proclamaram esta mensagem não entenderam seu verdadeiro e completo significado, não impediu o cumprimento antitípico do antigo tipo. Quando os seguidores de Cristo clamaram diante Dele, "Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor!", (Lucas 19:35-40) e estendiam ramos de palmeiras pelo caminho, acreditando que Jesus estava entrando em Jerusalém para tomar o reino terrestre, eles cumpriram a profecia de Zacarias 9:9. Se soubessem que, em poucos dias, seu Senhor estaria pendurado sobre o maldito madeiro, (Gálatas 3:13) eles não poderiam ter cumprido a profecia; pois lhes seria impossível "se alegrar muito".

Da mesma forma, a mensagem devida para o mundo entre 1834 e 1844 nunca poderia ter sido dada com o poder e a alegria exigidos para cumprir o antítipo, se aqueles que a proclamavam tivessem entendido que o Salvador, em vez de voltar a esta Terra, estava para entrar no lugar santíssimo do santuário celestial, e começar a obra do juízo investigativo.

Deus escondeu de seus olhos o fato de que havia duas outras mensagens a serem proclamadas ao mundo antes que o Senhor viesse à Terra em poder e glória; (Apocalipse 14:6-14) que Ele não poderia vir antes que eles tivessem cumprido o antítipo. Então para confortá-los em seu desapontamento, Ele lhes permitiu pela fé olhar dentro do santuário celestial, (Apocalipse 11:19) e obter um vislumbre da obra de seu grande Sumo Sacerdote oficiando em seu favor.

O profeta Joel evidentemente ligou a obra de encerramento do evangelho na Terra com o som das trombetas, pois escreve da seguinte forma: "Tocai a trombeta em Sião e dai voz de rebate no Meu santo monte; perturbem-se todos os moradores da Terra, porque o Dia do Senhor vem, já está próximo". (Joel 2:1)

O som das trombetas foi ouvido muitas vezes no passado, desde a trombeta das hostes do Senhor sobre o monte Sinai, quando toda a Terra tremia, (Hebreus 12:26) até o som dos chifres dos carneiros diante das muralhas de Jericó.

Chegará o tempo em que a trombeta do Senhor será novamente ouvida pelos mortais, quando seus tons "farão abalar não só a Terra, mas também o Céu". (Hebreus 12:26) Os claros tons dessa trombeta penetrarão os recessos mais profundos da Terra; e, como antigamente, a trombeta convocava todo o Israel a comparecer perante o Senhor, assim também todo filho de Deus que dorme no pó da terra responderá ao chamado da trombeta, e se levantará para encontrar seu Senhor. Nas antigas cavernas do oceano, os tons estridentes serão ouvidos, e o mar, obediente ao chamado, entregará os mortos que nele estão. (Apocalipse 20:13) Toda a Terra ressoará com os passos da inumerável multidão dos remidos, à medida que os santos vivos e ressuscitados se reúnem para encontrar seu Senhor em resposta à convocação do chamado da última trombeta que será dado sobre a Terra amaldiçoada pelo pecado. (Mateus 25:34)

Então, todos os tons dissonantes cessarão para sempre, e os remidos ouvirão o Salvador dizer: "Vinde, benditos de Meu Pai!

Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo".

No antigo serviço típico, o povo de Deus reunia-se para adorar no início de cada mês e no sábado, em obediência aos tons claros das trombetas de prata; da mesma forma podemos imaginar que, quando a Terra for renovada e "de uma lua nova a outra e de um sábado a outro" (Isaías 66:22,23) os remidos se congregarem para adorar perante o Senhor, será em resposta aos tons das trombetas celestiais, das quais aquelas utilizadas no serviço antigo eram um tipo.

Tipo

Levítico 23:24-27. Trombetas eram tocadas, anunciando que se aproximava o dia da expiação.

Números 28:11-15. Muitos sacrifícios eram feitos na Festa das Trombetas.

Números 10:3-10. O toque da trombeta reunia Israel para comparecer diante do Senhor.

Antítipo

Apocalipse 14:6, 7. A mensagem do primeiro anjo anunciou que o verdadeiro dia da expiação, o juízo, era chegado.

Hebreus 10:32-37. Aqueles que proclamaram a mensagem do primeiro anjo sacrificaram muito; eles "levaram com alegria o espólio" de seus bens.

1 Coríntios 15:51-53. A trombeta de Deus convocará os santos para encontrar o Senhor quando Ele aparecer.

Capítulo 29

O Dia da Expição, ou a Obra no Segundo Compartimento

O décimo dia do sétimo mês era o dia da expiação. (Levítico 23:27) Era considerado mais santo do que qualquer outro dia no ciclo anual de cerimônias. Era um sábado cerimonial e dia de jejum. (Levítico 23:30) O israelita que não afligia sua alma naquele dia era eliminado do meio do povo. (Levítico 23:28-30) Tão sagrado esse dia é considerado, mesmo nos dias de hoje, que, embora os judeus rejeitem Cristo e poucos tenham qualquer consideração para com o sábado, no entanto, quando chega o décimo dia do sétimo mês, nenhum judeu faz negócios ou trabalha nesse dia, por mais ímpio que seja.

Vários sacrifícios eram oferecidos no dia da expiação. Antes de começar o serviço regular do dia, o sumo sacerdote oferecia um boi por si mesmo e por sua casa. (Levítico 16:6-14)

O principal serviço do dia era a oferta dos bodes. Dois bodes eram trazidos à porta do santuário, onde lançavam-se sortes sobre eles, um para o Senhor, o outro para o bode emissário, ou Azazel. (Levítico 16:8, margem) O sumo sacerdote matava o bode do Senhor e, então, colocava as suas belíssimas vestimentas, com o peitoral do juízo que continha os nomes das doze tribos de Israel sobre o coração e as sagradas pedras de ônix com os nomes das tribos sobre os ombros, e passava com o sangue do bode para o

lugar santíssimo. Assim que ele passava pelo segundo véu, levando o incensário de ouro cheio de brasas de fogo do altar diante do Senhor, com sua mão cheia de incenso, colocava o incenso sobre as brasas no incensário, para que a nuvem de fragrante incenso pudesse cobri-lo enquanto entrava diante da presença visível de Deus, manifestada entre os querubins acima do propiciatório. Com seus dedos espargia o sangue sobre o propiciatório acima da quebrantada lei de Deus. Então, ao sair para o primeiro compartimento, ele tocava os chifres do altar de ouro com o sangue. (Levítico 16:15-19)

Quando tivesse "acabado de fazer expiação pelo santuário, pela tenda da congregação e pelo altar", ele saía para o pátio. No tipo, o sumo sacerdote agora carregava em sua pessoa todos os pecados dos filhos de Israel que tinham sido confessados e transferidos para o santuário. Ele então colocava as mãos sobre a cabeça do bode expiatório e confessava "todas as iniquidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados; e os colocava sobre a cabeça do bode", e a bode era enviado "ao deserto, pela mão de um homem à disposição para isso". O bode levava sobre si todas as iniquidades para uma terra "solitária", uma "terra de separação". (Levítico 16:20-22, margem)

Voltando ao tabernáculo da congregação, o sumo sacerdote tirava as suas belíssimas vestes sacerdotais e vestia as outras vestes; (Levítico 16:23) depois voltando para o pátio, purificava o pátio da sua contaminação do pecado. Os corpos dos animais cujo sangue havia sido levado para dentro do santuário eram levados para fora do acampamento e queimados. No pôr do sol do dia da expiação, os

pecados tinham sido todos enviados para a "terra da separação", e nada além de cinzas permanecia como lembrança deles. (Levítico 16:24-28)

Assim era realizada o tipo daquela obra celestial que deve decidir o destino eterno de toda alma que já viveu sobre a Terra. Em tipo e sombra, os pecados confessados de Israel haviam sido transferidos para o santuário durante todo o ano; a purificação do santuário era a remoção desses pecados. "Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos Céus se purificassem com tais sacrifícios [o sangue de animais], mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores". (Hebreus 9:23)

Todo pecado é assinalado diante do Senhor no Céu. (Jeremias 2:22) Quando os pecados são confessados e perdoados, eles são cobertos. (Salmos 32:1) Isso era tipificado por sua transferência para o santuário, onde nenhum olho humano, exceto os do sacerdote, via as manchas do sangue da oferta pelo pecado sobre os chifres do altar de ouro diante do véu.

Não seria possível que os livros do Céu sempre conservassem os registros do pecado, ou que Cristo sempre carregasse os pecados do mundo. Como a obra típica era realizada no final do ano, a purificação do santuário celestial ocorrerá perto do fim da obra sacerdotal de Cristo. A purificação do santuário celestial requer um exame dos registros -- um juízo investigativo.

O santuário terrestre era purificado no décimo dia do sétimo mês de cada ano; o celestial será purificado de uma vez por todas. Esta obra iniciou-se em 1844 d.C., no final do período profético dos dois mil trezentos dias. (Daniel 8:14) No serviço típico, o Senhor entrava no santo dos santos no dia da expiação, pois Ele prometeu que Sua presença ali estaria. (Levítico 16:2) O sumo sacerdote fazia uma preparação especial para entrar no serviço do dia da expiação. (Levítico 16:4-6)

O profeta Daniel recebeu uma visão da obra antitípica no santuário celestial. Ele a descreve assim:

"Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias Se assentou; Sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o Seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante Dele; milhares de milhares O serviam, e miríades de miríades estavam diante Dele; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros". (Daniel 7:9,10)

A Bíblia foi escrita em um país oriental, e o costume de lá é "determinar os assentos dos convidados". A Versão Almeida Revista e Atualizada da Bíblia revela: "Continuei olhando, até que foram postos uns tronos". A posição do trono do Pai foi alterada. Daniel viu os tronos postos, ou colocados, mudando sua posição; então o Ancião de dias, o Pai, tomou o Seu assento sobre o trono. Em outras palavras, Daniel viu que o trono do Pai mudou do primeiro compartimento do santuário celestial para o segundo. Sua atenção

foi atraída pelas grandes rodas que pareciam fogo ardente enquanto moviam-se sob o glorioso trono do Deus infinito. (Ezequiel 10:1-22) Miríades das hostes celestiais estavam reunidas para testemunhar a grande cena. Milhares de milhares ministraram a Jeová enquanto Se assentava no trono para julgar o mundo.

Nenhum espelho jamais retratou as formas do rosto tão precisamente quanto os livros do Céu têm retratado o registro de vida de cada indivíduo. Todos são "julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros". (Apocalipse 20:12)

Imagine a cena. O Pai está sentado no trono do juízo. Os anjos, que têm sido "espíritos ministradores" àqueles cujos casos devem ser examinados diante de Deus, ficam a postos, prontos para obedecer às ordens. Os livros são abertos. Mas ainda está faltando alguma coisa. A atenção de Daniel agora é atraída para as "nuvens do céu" -- miríades de anjos -- carregando triunfantes, o Salvador à presença do Pai. (Daniel 7:13,14) Os soldados terrestres muitas vezes carregavam em triunfo sobre os ombros, os comandantes que os levaram a grandes vitórias em campos de sangue e carnificina. Cristo, o Arcanjo, o Comandante dos exércitos dos Céus, tem liderado os anjos em muitas batalhas. Lutaram sob Seu comando quando o arqu-inimigo de toda justiça foi expulso do Céu. Viram seu Comandante morrer uma morte ignominiosa para resgatar a raça perdida. Ao Seu comando, apressaram-se a salvar muitas almas de serem vencidas por Satanás. Chegou o tempo em que Cristo deve receber Seu reino e reivindicar os Seus súditos; e os anjos amam carregar seu poderoso Comandante em triunfo diante do tribunal,

onde, como os livros revelam um registro de vida após o outro, Cristo confessa o nome de cada vencedor diante do Pai e diante da incontável assembleia de anjos. (Apocalipse 3:5)

O trono de Deus é uma estrutura móvel. Como no tipo, Sua presença visível se manifestava no compartimento exterior do santuário terrestre, assim também, no Céu, o trono de Deus estava no primeiro compartimento quando Cristo subiu e sentou-Se à direita de Seu Pai. Mas Daniel viu não somente o Pai e Cristo mudarem sua posição, mas a posição dos tronos também foi alterada, quando "assentou-se o tribunal e os livros foram abertos". O tipo encontrara o antítipo. O Sumo Sacerdote no santuário celestial entrou no lugar santíssimo, e, como no tipo, Deus, prometeu encontrar-Se com o sumo sacerdote no santíssimo, assim também o Pai passou para dentro do santo dos santos perante o Sumo Sacerdote, e foi lá que os anjos carregaram Cristo triunfantemente diante Dele.

O sumo sacerdote terrestre levava os nomes de Israel sobre si mesmo ao adentrar o lugar santíssimo; (Êxodo 39:6-17) mas para evitar que alguma débil alma tenha medo de ser esquecida, nosso Sumo Sacerdote envia as palavras: "Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, Eu, todavia, não Me esquecerei de ti". E, em seguida, como se tornasse a garantia duplamente certa, ergue as mãos com a marcas dos cravos cruéis e diz: "Eis [veja] que nas palmas das

Minhas mãos te gravei; os teus muros estão continuamente perante Mim". (Isaías 49:15,16)

O sumo sacerdote terrestre apresentava sangue para expiar os pecados do povo; nosso Sumo Sacerdote pleiteia com Seu próprio sangue. "Pai, Meu sangue! Meu sangue! Meu sangue!" O sumo sacerdote terrestre carregava o incensário com o incenso fragrante; Cristo apresenta a fragrante justiça de Seu próprio caráter, que Ele imputa a todo aquele cujos pecados estão todos confessados e cobertos com o Seu sangue quando os seus nomes aparecerem em exame perante o grande Juiz.

No santuário terrestre, o sumo sacerdote fazia uma pausa no primeiro compartimento para tocar os chifres do altar de ouro e purificá-los de todos os pecados que haviam sido transferidos para ele; (Levítico 16:18,19) pois enquanto os serviços do dia da expiação estavam em andamento, se alguém se lembrasse de pecados não confessados, ainda poderia trazer a oferta pelo pecado e ser perdoado. (Números 29:7-11) Do mesmo modo, enquanto nosso Sumo Sacerdote ministra diante do Pai no juízo investigativo, qualquer um que se conscientize que é pecador pode confessar seus pecados e ser perdoado pelos méritos de Cristo, o grande portador do pecado.

Nosso Sumo Sacerdote, quando terminar Sua obra no compartimento interior do santuário celestial, irá permanecer por um momento no compartimento exterior, para que os pecados que foram confessados enquanto Ele estava no lugar santíssimo possam ser

levados, juntamente com os pecados dos justos de todos os tempos, para fora do santuário.

Enquanto Jesus pleiteia como nosso Sumo Sacerdote, há esperança para todo pecador arrependido; mas quando Ele finalmente sair do santuário, a porta da graça estará fechada para sempre. Então, não haverá mais intercessor. (Isaías 59:16) No tipo, quando o sumo sacerdote saía do santuário, ele havia "acabado de fazer expiação". Quando o nosso Sumo Sacerdote sair do santuário, Ele proclamará: "Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se". (Apocalipse 22:11) Cada caso é decidido para a eternidade. O tempo de graça está encerrado para sempre. Todos os que adiarem sua decisão até esse momento, esperando então serem salvos, não encontrarão ninguém para pleitear seu caso perante o Pai; estarão eternamente perdidos.

No tipo, depois do sumo sacerdote haver terminado a obra dentro do santuário no dia da expiação, ele saía portando os pecados de todo o Israel e depositava-os sobre a cabeça do bode expiatório. O bode expiatório não desempenhava nenhuma parte em reconciliar o povo com Deus. Toda obra de expiação estava terminada (Levítico 16:20) quando o bode expiatório era trazido para desempenhar sua parte no cerimonial. A única obra do bode expiatório é ser um veículo para levar os pecados dos justos à "terra da separação".

O termo "bode expiatório" tem se tornado sinônimo de um demônio. Azazel, a variante hebraica de bode expiatório, é um nome

próprio, e é entendido como representando o diabo. Quando nosso Sumo Sacerdote tiver terminado a Sua obra no santuário celestial, Ele colocará todos os pecados dos justos que carregou até agora, sobre a cabeça de Satanás, (Salmos 7:16) o instigador do pecado. Satanás será então deixado sobre a Terra desolada, (Jeremias 4:23-27; Zacarias 1:2,3) uma Terra não habitada, por um período de mil anos, tempo ao final do qual, será queimado e reduzido a cinzas nos fogos do último dia. (Malaquias 4:1-3; Apocalipse 20:9,10; Ezequiel 28:18,19)

No tipo, depois que o sumo sacerdote colocava os pecados de Israel sobre a cabeça do bode expiatório, ele tirava as vestes usadas enquanto ministrava como sumo sacerdote no santuário, e vestia outras vestimentas e iniciava a obra no pátio. Ele determinava que os corpos dos animais, cujo sangue havia sido levado para dentro do santuário fossem levados para fora do acampamento e queimado. No final do dia, as cinzas eram a única coisa que podiam ser vistas das ofertas pelo pecado.

Nosso Sumo Sacerdote deixa de lado as Suas vestes sacerdotais, e vestido como Rei dos reis, avança como poderoso Conquistador para "ajuntar do Seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e lançá-los na fornalha acesa". (Mateus 13:41,42) Cristo vem para pôr em ordem o pátio antitípico -- esta Terra; e quando o grande dia antitípico da expiação terminar, não restará nada que de alguma forma possa ser uma lembrança do pecado, exceto as cinzas sob os pés dos justos. (Malaquias 4:3)

A palavra "expição" significa "reconciliação"; e quando Cristo pronuncia o decreto que determina o destino eterno de toda alma, Ele e os súditos de Seu reino estão reconciliados. O pecado nunca mais separará Cristo de Seu povo.

Mas o território de Seu reino ainda está amaldiçoado pelo pecado, de modo que a união de Cristo e Seu reino não será completa em todos os sentidos do termo até que, dos fogos do último dia, ressurja uma Nova Terra com cada marca da maldição removida. Então não somente os súditos do reino de Cristo, mas toda a Terra, estarão reconciliados com Cristo e o Pai. (Isaías 62:4) O pecado nunca mais se levantará para manchar a Terra; mas será o lar dos remidos para sempre.

Tipo

Levítico 16:29, 30. No décimo dia do sétimo mês, o santuário era purificado.

Levítico 16:15-19. O santuário era purificado e os pecados eram removidos pelo sangue do bode do Senhor, ao final do ciclo de cerimônias anuais.

Levítico 16:2. A presença de Deus estava no lugar santíssimo no dia da expiação.

Levítico 16:4-6. O sumo sacerdote fazia uma preparação especial para entrar no lugar santíssimo.

Êxodo 28:9-21. O sumo sacerdote tinha os nomes de Israel sobre o seu coração e sobre os ombros quando entrava no lugar santíssimo.

Levítico 16:20. Quando o sumo sacerdote saía do santuário, ele havia "acabado de fazer expiação".

Levítico 16:21. Todos os pecados eram colocados sobre o bode expiatório.

Antítipo

Daniel 8:14. "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado".

Atos 3:19, 20. Os pecados serão apagados dos registros celestiais perto do fim da obra de Cristo como sumo sacerdote.

Daniel 7:9, 10. O Pai entra no lugar santíssimo do santuário celestial antes do início do juízo.

Daniel 7:13, 14. Cristo é levado para o lugar santíssimo pelos anjos do Céu.

Apocalipse 3:5. Cristo conhece cada nome e confessa os nomes dos vencedores diante do Pai e dos anjos.

Apocalipse 22:11, 12. Quando Cristo sai do santuário celestial, Ele anuncia o destino eterno de cada alma.

Salmos 7:16. O pecado retornará sobre a cabeça do originador do pecado.

Levítico 16:22. O bode levará os pecados para uma terra não habitada, uma terra de separação.

Levítico 16:23. O sumo sacerdote deixava no santuário as vestimentas usadas enquanto ministrava no santíssimo lugar, e colocava outras vestes.

Levítico 16:27. Os corpos dos sacrifícios eram levados para fora do acampamento e queimados, e nada além de cinzas restava como lembrança do pecado.

Apocalipse 20:1-3. Satanás será deixado na Terra desolada por mil anos.

Apocalipse 19:11-16. Cristo depõem Suas vestes sacerdotais e vem à Terra como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Mateus 13:41-43; Malaquias 4:1-3. Cristo "ajuntará do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade", e serão queimados nos fogos do último dia. Somente cinzas restarão.

Capítulo 30

O Dever da Congregação no Dia da Expição

Deus esperava que Seu antigo povo O servisse fielmente todos os dias do ano, e aceitava seus cerimoniais; mas quando chegava o dia da expiação, havia requisitos especiais exigidos deles durante esse dia, que, se falhassem em observar, eram eliminados do povo de Israel. Deus tem aceitado o serviço de Seu povo ao longo das eras; mas quando o dia antitípico da expiação chegou, e o juízo investigativo começou no santuário celestial, Deus espera que a congregação antitípica na Terra cumpra sua parte do antítipo tão fielmente como Cristo, nosso Sumo Sacerdote, cumpre a Sua parte nos Céus.

Antigamente, a congregação não era aceita como um todo; mas era uma obra individual. (Levítico 23:29,30) Então, hoje cada um responde por si mesmo diante de Deus. Não devemos nos contentar em fazer o mesmo que fizeram os nossos pais, que morreram antes do juízo iniciar nos tribunais do Céu. Deus exige um serviço especial de Seu povo agora. Eles precisam estar vivos enquanto seus casos estão sendo decididos no Céu, e Satanás traz sobre a última geração, que é mais fraca fisicamente do que qualquer geração anterior, toda a sabedoria que tem adquirido em um conflito de seis mil anos. Aqueles que, no juízo investigativo, são considerados dignos, viverão por um tempo sem Mediador. Sua experiência será diferente da de qualquer outro grupo que tenha vivido na Terra. Há muitas razões pelas quais Deus, em Sua infinita misericórdia tem

exigido deveres especiais dessa última geração, para que eles sejam mais poderosamente fortificados contra os ataques do inimigo e não sejam derrubados por seus engenhos.

No cerimonial antigo, se um indivíduo não conseguia guardar o dia da expiação como Deus ordenou, seus pecados não eram confessados pelo sumo sacerdote sobre o bode expiatório; e era eliminado do meio do povo de Deus. (Levíticos 23:28-30) O indivíduo que, durante o dia antitípico da expiação ou juízo investigativo, pensa que Cristo pleiteará seu caso enquanto ele mesmo ignora a obra que Deus tem exigido da congregação antitípica, descobrirá finalmente que seu nome foi apagado do livro da vida. Somos salvos pela fé em nosso Sumo Sacerdote, mas a fé sem obras é morta. (Tiago 2:17) Se tivermos uma fé viva, teremos prazer em fazer o que o Senhor ordena.

Quatro coisas eram exigidas de cada membro individual do antigo Israel no dia da expiação -- o período de vinte e quatro horas em que a obra típica de expiação era realizada, e que era "uma figura e sombra" da obra original.

1. "No dia da expiação... tereis santa convocação". 2. "Afligireis a vossa alma". 3. "Oferecereis oferta queimada ao Senhor". 4. "Nesse mesmo dia, nenhuma obra fareis". (Levítico 23:27,28)

Esse dia era para ser uma santa convocação. O povo devia se congregar para o culto religioso. Paulo fala assim dos indivíduos que, nos dias em que o Sumo Sacerdote estiver prestes a sair do

santuário celestial, abandonarem as reuniões religiosas: "Tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência... Não deixemos de congregarmos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima". (Hebreus 10:21-25)

Aquele que não se agrada em reunir-se com aqueles da mesma fé para adorar a Deus, tem uma "consciência má", e tem perdido a fé na iminente vinda do nosso Sumo Sacerdote do santuário celestial. Há uma bênção especial em cultuar com outros. Deus promete que, onde quer que dois ou três estejam reunidos em Seu nome, Ele irá encontrar-Se com eles. (Mateus 18:20) Este primeiro requisito é um termômetro espiritual pelo qual todo cristão pode testar sua condição espiritual. Se ele se afasta do culto a Deus porque não se deleita com isso, a espiritualidade dessa pessoa é muito baixa.

Cada indivíduo devia "afligir" sua alma -- sondar seu coração, e abandonar todos os pecados, passando muito tempo em oração. Com isso estava relacionada a abstinência da comida. Isso estava tão fortemente gravado nas mentes do antigo Israel que, mesmo hoje, os judeus jejuam no décimo dia do sétimo mês.

O indivíduo que compreende que o juízo está ocorrendo no santuário celestial, e que seu nome certamente será apresentado perante esse grande tribunal, esquadrinhará seu coração e orará com fervor para que Deus o aceite. Precisamos, muitas vezes, meditar na obra do nosso Sumo Sacerdote no santuário celestial, para não

suceder que, como as virgens néscias, tendo a mente cheia de pensamentos terrenos, constatemos tarde demais que o noivo chegou e a porta está fechada; que a obra está concluída, e não temos parte nela.

No serviço típico, a congregação no pátio escutava o tilintar dos sinos de ouro nas vestes do sumo sacerdote, e desse modo o seguia em sua obra. Nosso Sumo Sacerdote deu sinais nos Céus, na Terra e entre as nações para marcar o progresso de Sua obra; e disse que quando virmos esses sinais cumpridos, devemos saber que Ele está perto, às portas. (Lucas 21:25-33; Mateus 24:29-35, margem)

O antitípico dia da expiação cobre um período de anos. No tipo, era exigido um jejum de vinte e quatro horas. Durante este dia, haveria completo controle do apetite; e era um tipo do autocontrole a ser exercido durante o antitípico período de anos. Deus deseja que o Seu povo seja mestre de seu apetite, e mantenham o corpo subjugado. (1 Coríntios 9:27) Satanás daria rédeas soltas ao apetite, e deixaria que esse controlasse a pessoa.

Apesar do fato de que um exército de fiéis obreiros estão fazendo tudo o que está ao seu alcance para resistir ao dilúvio da intemperança, Satanás está trabalhando com tal poder que a embriaguez e o crime estão aumentando na Terra a um ritmo alarmante. Em 1844, quando o juízo investigativo começou no Céu, apenas homens e algumas mulheres eram escravos do tabaco; mas agora milhares de crianças estão sendo destruídas por isso, e muitas mulheres são viciadas nesse hábito imundo. Vinícolas e cervejarias

estão aumentando na Terra e bebidas intoxicantes são servidas em milhares de lares.

Deus convida Seu povo para serem mestres de seu apetite, em vez de escravos dele, para que tenham mentes mais claras para compreender a verdade divina e acompanhar a obra de seu Sumo Sacerdote no santuário celestial.

Quão poucos estão dispostos a negar-se nas coisas que seu apetite anseia, mesmo quando conhecem as reivindicações de Deus! O profeta Isaías, olhando através dos tempos, descreve o estado das coisas da seguinte forma: "O Senhor, o Senhor dos Exércitos, vos convida naquele dia para chorar, prantear, rapar a cabeça e cingir o cilício. Porém é só gozo e alegria que se veem; matam-se bois, degolam-se ovelhas, come-se carne, bebe-se vinho". (Isaías 22:12,13) Que imagem vívida da atual condição do mundo! Deus convoca Seu povo para afligir suas almas, controlar seu apetite, participar de alimentos que proverão bom sangue e uma mente clara para discernir verdades espirituais; mas, em vez de obedecer, eles se envolvem em "comer carne e beber vinho". O profeta registra o resultado final deste procedimento: "O Senhor dos Exércitos Se declara aos meus ouvidos, dizendo: Certamente, esta maldade não será perdoada, até que morrais". (Isaías 22:14)

O Salvador deu uma advertência especial contra o mal de dar rédeas soltas ao apetite durante o tempo em que os registros das vidas humanas estão sendo examinados e os indivíduos estão sendo considerados dignos ou indignos da vida eterna: "Acautelai-vos por

vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente... Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem". (Lucas 21:34-36) A advertência é contra "excesso" -- glotonaria e "embriaguez" -- comendo alimentos prejudiciais. Em outras palavras, o Salvador deseja que Seu povo, durante o dia antitípico da expiação, atente a ambos quantidade e qualidade de seu alimento. Pode-se obscurecer a mente e arruinar a saúde por comer em excesso os melhores alimentos. O glutão e o bêbado são classificados juntos: "Não estejas entre os bebedores de vinho nem entre os comilões de carne. Porque o beberrão e o comilão caem em pobreza". (Provérbios 23:20,21)

Nossos primeiros pais falharam no teste do apetite; (Gênesis 3:1-6) mas onde eles falharam, Cristo triunfou. (Mateus 4:3,4) E é possível para o cristão, com Cristo habitando no coração, ser mestre absoluto de seu apetite, -- abster-se de todos os alimentos que são prejudiciais, por mais que o apetite natural possa desejá-los e não comer em excesso do bom alimento.

Ao entrar em Seu ministério terrestre, o Salvador não só foi testado na questão do apetite, mas, desde a infância, foi ensinado a controlar os seus desejos. Ao falar de sua infância, Isaías diz: "Ele comerá manteiga e mel para que saiba desprezar o mal e escolher o bem". (Isaías 7:14,15) Seus hábitos alimentares desenvolveram Nele

o poder espiritual para discernir entre o bem e o mal. Muitos que morreram pela embriaguez também comeram "manteiga e mel", mas Jesus Se alimentou de "manteiga e mel" de forma a desenvolver força espiritual. Ele comeu de acordo com a regra da Bíblia. Existem três textos que, em conjunto, contêm uma regra para comer mel, e a mesma regra aplica-se a todos os alimentos que são bons. Leem-se assim: "Filho meu, saboreia o mel, porque é saudável". (Provérbios 24:13) "Achaste mel? Come apenas o que te basta". (Provérbios 25:27) "Comer muito mel não é bom". Aquele que segue a instrução acima, e come somente bom alimento e "somente o suficiente", desfrutará de boa saúde e uma mente clara. Deus deseja que Seu povo tenha boa saúde, com almas livres de condenação. Satanás se deleita em entorpecer o cérebro e destruir a saúde. Todos os que cumprirão o antítipo serão mestres de seus apetites, para que se preparem para encontrar o Salvador quando vier à Terra como Rei dos reis e Senhor dos Senhores.

O terceiro requisito exigido da congregação típica no dia da expiação era "oferecer oferta queimada ao Senhor". As ofertas queimadas eram consumidas sobre o altar. No antítipo, não oferecemos holocaustos de bois e carneiros; mas Deus espera que cumpramos o antítipo da oferta consumida sobre o altar. Ele deseja que "o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo"; (1 Tessalonicenses 5:23) que a vida inteira do cristão seja posta sobre o altar, pronta para ser usada conforme o Senhor ordena. Ninguém pode fazer isso se não aceitar diariamente a Cristo como oferta pelo pecado, e saber o que é ser "aceito no Amado".

O dia da expiação era observado como um sábado cerimonial pela antiga congregação. (Levítico 23:31) Todo trabalho era deixado de lado, e todo o pensamento era voltado para buscar a Deus e servir-Lo. A obra de Deus era conservada como primeiro pensamento durante o dia inteiro. Assim era o tipo; mas não se deve deduzir dessa regra que no dia antitípico da expiação ninguém deveria tratar de negócios pessoais, pois Deus nunca desejou que Seu povo fosse "vagaroso no cuidado". (Romanos 12:11 ACF) Ele promete abençoá-los nas coisas temporais, se cumprirem o antítipo, cuidando primeiro de Sua obra e serviço, e em segundo lugar, seus interesses temporais. (Mateus 6:31-33) Isso era perfeitamente ensinado pelas palavras do Salvador: "Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com... preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente". (Lucas 21:34)

Satanás é responsável por enredar mais pessoas bem-intencionadas nesta armadilha do que em qualquer outro de seus muitos enganos. Muitas vezes ele convence boas pessoas de que os cuidados diários da casa são tão importantes que eles não têm tempo para estudar a Palavra de Deus e orar, até que, por falta de comida espiritual e comunhão com Deus, tornem-se tão fracos espiritualmente que aceitem as dúvidas e a incredulidade que o inimigo está constantemente apresentando. Quando finalmente chega a hora em que pensam ter tempo para estudar suas Bíblias, descobrem que perderam todo o gosto pela palavra de Deus.

Deus está testando a grande congregação antitípica. Quem cumprirá o antítipo e não abandonará a congregação do povo de Deus? Quem manterá uma mente clara controlando o apetite e um coração puro por meio da oração e profundo exame do coração? Quem colocará todos os seus interesses no altar de Deus, para ser usado para a Sua glória, e nunca deixar os "cuidados desta vida" expulsar a obra de Deus ou o estudo de Sua Palavra? A esses, o nosso Sumo Sacerdote dirá: "quem é justo faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda". (Apocalipse 22:11, ARC)

Tipo

Antítipo

Levítico 23:27. "Tereis santa convocação". Todos deviam reunir-se para a adoração.

Hebreus 10:25. O povo de Deus não deve abandonar o hábito de reunir-se à medida que o fim se aproxima.

Levítico 23:27, 29. No tipo, todos deviam afligir a alma, passar o dia em "oração, jejum, ... e profundo exame de coração".

Lucas 21:34-36; Isaías 22:12-14. A admoestação é: "Vigiai e orai sempre, evitando a orgia e a embriaguez".

Levítico 23:27. "Ofereça uma oferta queimada", uma consagração completa.

1 Tessalonicenses 5:23; Romanos 12:1. Todo o espírito, a alma e o corpo devem ser totalmente consagrados a Deus.

Levítico 23:30. Todo interesse pessoal devia ser posto de lado no dia da expiação.

Lucas 21:34-36; Mateus 6:32, 33. Os cuidados desta vida não devem tomar conta e abafar a obra de Deus.

"Bendito seja o Senhor que, dia a dia, leva o nosso fardo! Deus é a nossa salvação. Selá". (Salmos 68:19)

Capítulo 31

A Natureza do Juízo

O juízo é mencionado por todos os escritores da Bíblia. É mencionado mais de mil vezes nos Escritos Sagrados. É mais solene do que a morte; pois a morte separa os amigos somente até a ressurreição, mas o juízo os separa para sempre. Ninguém pode escapar dele. Ignorar o pensamento do juízo e viver sem se preparar para ele, não o evitará. Salomão reconheceu esse fato quando escreveu: "Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos; sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas". (Eclesiastes 11:9)

As decisões dos tribunais terrenos muitas vezes podem ser mudadas por dinheiro e amigos, e o culpado ser liberado; mas não no tribunal celestial. Lá, cada um deverá encarar o registro de sua própria vida. "Cada um... dará contas de si mesmo a Deus". (Romanos 14:12) Pais terrestres são conhecidos por sacrificar tudo o que possuem para salvar um filho da condenação dos tribunais terrestres. Pensaria você que o nosso Pai celestial deixaria Satanás destruir todos os Seus filhos sem um esforço para salvá-los? Ele arriscou todo o Céu por sua causa: "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". (João 3:16) Nenhum ser humano pode enfrentar o registro da sua vida nos livros do Céu, e

escapar da condenação, a não ser que sua crença em Cristo, e um amor por Seu serviço seja parte desse registro.

Cristo, o Advogado celestial, pleiteará os casos de todos os que Lhe entregaram seus pecados. Ele diz: "Eu, Eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de Mim e dos teus pecados não Me lembro". O registro da vida, escarlate com pecados e miséria, o Salvador cobre com a imaculada túnica de Sua justiça; e o juiz, olhando para ela, vê apenas o sacrifício de Seu Filho, e o registro é "Aceito no Amado". Quem pode rejeitar esse amor infinito? (Isaías 43:25)

O juízo envolve, em primeiro lugar, a investigação de todos os casos, o depoimento de testemunhas e a defesa do advogado, se houver um advogado. Então vem a decisão do tribunal; depois disso, segue a execução da sentença proferida pelo tribunal. Uma sentença justa não pode ser proferida em nenhum tribunal até que as testemunhas tenham sido ouvidas; por essa razão, uma sentença justa não poderia ser executada sobre um indivíduo na morte.

Por meio de seus escritos, Payne e Voltaire têm preparado mais infiéis depois da sua morte do que enquanto viviam. No caso deles, uma sentença justa não poderia ser pronunciada sobre eles até que o registro das vidas daqueles que se perderam por causa da sua influência apareçam como testemunhas. Por outro lado, a influência dos justos é como as ondas na superfície de um lago, que continuam a se alargar até chegarem à costa. Abel, "depois de morto, ainda fala". (Hebreus 11:4) Wycliffe, aquele destemido homem de Deus,

não poderia ter sido julgado no final de sua vida, pois milhares têm sido iluminados pela influência de sua vida, desde que sua voz foi silenciada na morte.

Se o registro bíblico estivesse em silêncio acerca deste ponto, ainda seria evidente que o juízo não poderia ser realizado antes da última geração ter vivido sua vida; mas a Bíblia não é omissa. A data da abertura deste grande tribunal foi revelada pelo Senhor milhares de anos antes de ter ocorrido. Pedro ensinou a mesma verdade. "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, a fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério, e que envie Ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus". (Atos 3:19,20) Os pecados serão apagados logo antes da vinda do Senhor.

O juízo investigativo é um exame do registro da vida mantido no Céu. Daniel diz que, quando o julgamento foi preparado, "se abriram os livros". (Daniel 7:9,10) Existem vários livros mencionados em ligação com os registros do Céu. O livro memorial registra até os pensamentos do coração. (Malaquias 3:16) Quão justo e misericordioso é o nosso Deus, que toma nota mesmo quando somente pensamos em Seu nome! Muitas vezes, quando pressionados pela tentação, nossas almas clamam pelo Deus vivo, e um fiel registro é mantido de tudo isso. Muitos atos são praticados na escuridão, escondidos até mesmo dos amigos mais íntimos; mas quando os livros do Céu forem abertos, Deus "trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, e também manifestará os desígnios dos corações". (Eclesiastes 12:14) "Porque Deus há de trazer a juízo

todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más". Não somente os atos são registrados, mas os motivos ou desígnios do coração que levaram à ação; e das amargas lágrimas de arrependimento derramadas em segredo, diz o Senhor: Não estão todas no Meu livro?

Nossa conversa diária, as palavras faladas sem pensar, podemos considerar de pouco valor, mas "toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado". (Mateus 12:36,37) As palavras são o indicador do coração, "porque a boca fala do que está cheio o coração". (Mateus 12:34) O local de nascimento e ambiente, todas as coisas que podem de alguma maneira influenciar o registro de vida, tudo está registrado nos livros do Céu. (Salmos 87:4-6)

O livro mais maravilhoso de todos os registros celestiais pertinente à humanidade, é o livro da vida. Este livro contém os nomes de todos os que têm professado o nome de Cristo. (Filipenses 4:3) Ter o nome registrado nesse livro é a maior honra concedida aos mortais. (Lucas 10:19,20)

É uma fonte de grande alegria saber que nossos nomes estão escritos no Céu, (Lucas 10:20) mas para que nossos nomes permaneçam com os justos, a vida deve estar em harmonia com as coisas celestiais. Os nomes dos ímpios não permanecem no livro da vida; (Êxodo 32:33; Apocalipse 13:8; 17:8) eles estão escritos na Terra; (1 João 2:1) pois todas as suas esperanças e afeições se

agarraram às coisas terrenas. Quando os casos de todos cujos corações são a morada do Altíssimo e cujas vidas mostram Seu caráter, aparecerem diante da corte celestial, Jesus Cristo, o justo, será seu Advogado. Ele confessará seus nomes perante o Pai e perante os anjos. Seus pecados serão apagados, e eles serão vestidos com as roupas brancas da justiça de Cristo.

No dia da expiação no serviço típico, apenas os pecados que tinham sido confessados e transferidos para o santuário por meio da oferta pelo pecado, eram levados e colocados sobre a cabeça do bode expiatório. No juízo investigativo, somente os casos de quem confessou seus pecados serão investigados. Seus nomes estarão no livro da vida, e Pedro afirma: "Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?" (1 Pedro 4:17) Por não comparecimento, os casos daqueles que não serviram a Deus não serão apresentados. Não haverá ninguém para apresentá-los. Eles não têm nenhum advogado no tribunal celestial.

Triste, de fato, será o estado daqueles que começaram no caminho celestial, e mesmo depois de experimentar a alegria dos pecados perdoados e a paz de Deus no coração, retornaram ao mundo e às suas loucuras. Seus nomes estavam escritos no livro da vida, e seus casos serão apresentados, mas apenas para ter a sentença, "Infiel", declarada sobre eles, e seus nomes apagados para sempre do livro da vida.

Quando o Salvador vier nas nuvens do céu, Ele dará recompensa aos justos; mas o juízo final sobre os ímpios ainda não pode ser executado, pois todos devem ser julgados "segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros". (Apocalipse 20:12)

Durante os mil anos seguintes ao segundo advento de Cristo à Terra, os justos se reunirão com Cristo para julgar os ímpios. (Apocalipse 20:4; 1 Coríntios 6:2,3) Então a justiça de Deus ao condenar os ímpios será demonstrada perante todos. O fato de que não tiveram parte no primeiro, ou juízo investigativo, que seus nomes não estavam no livro da vida, e ninguém os representou no tribunal do Céu, é suficiente para condená-los. Os livros do Céu, contendo um registro fiel de suas vidas, os condenam. O testemunho dos anjos que mantiveram o registro também os condena; mas mesmo com toda essa evidência, Deus tem cada nome analisado pelos santos da Terra.

Haverá muitos entre os perdidos que eram considerados justos; e se fossem destruídos sem um exame dos registros pelos santos, poderia haver ocasião para questionar a justiça de Deus; mas quando os registros revelam como alguns agiram por motivos egoístas e outros eram culpados de pecados acariciados cobertos da vista de seus semelhantes, a monstruosidade do pecado e a longanimidade de Deus serão reconhecidas.

O Salvador disse que aqueles que O seguiram enquanto aqui na Terra julgariam as doze tribos de Israel. (Mateus 19:27,28) Assim, quando os registros celestiais que revelam o evento em que os

principais dos sacerdotes clamaram: "Crucifica-O! Crucifica-O!" são abertos no Céu, João, que seguiu seu Senhor durante esse juízo cruel, poderá dizer: "Eu os ouvi pronunciar as terríveis palavras".

À medida que a longa lista de nomes é passada em revista, os santos podem aparecer como testemunhas. Quando o nome do tirano Nero aparece, e o registro declara como ele torturou os santos de Deus, haverá testemunhas que podem dizer: "Nós somos aqueles que foram queimados para iluminar seu jardim". Os remidos reunidos de todas as épocas se sentarão em juízo sobre os casos dos ímpios, e o castigo será imposto a cada um de acordo com suas obras.

No dia do juízo, Deus convocará os céus acima. Pedirá os registros que foram feitos pelos anjos, registros da vida dos homens, das palavras que falaram, dos atos que praticaram; até mesmo os atos mais secretos serão chamados como testemunhas, pois "Vem o nosso Deus e não guarda silêncio; perante Ele arde um fogo devorador, ao Seu redor esbraveja grande tormenta. Intima os céus lá em cima e a terra, para julgar o Seu povo". Haverá uma classe de pessoas que será então reunida. Ele diz: "Congregai os Meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios". E os céus declararão a Sua justiça, pois Deus é o próprio juiz. (Salmos 50:3-6)

Nós já estamos vivendo este dia do juízo investigativo de Deus, e a parte executiva dele terá lugar ao encerrar-se o tempo de graça, depois que as testemunhas tiverem dado seu testemunho.

Quando o juízo dos ímpios terminar, os santos, os anjos e todo o universo estarão de acordo com as decisões tomadas. Ao final dos mil anos, quando o fogo do céu devorar o ímpio como "palha seca" (Naum 1:9,10) todo o universo dirá: "Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os Teus juízos". (Apocalipse 16:7)

Três livros do Juízo

1. Livro da Vida

- Lucas 10:20. Nome escrito no Céu.
- Lucas 10:19, 20. Estar escrito no livro da vida é a mais alta honra concedida aos mortais.
- Filipenses 4:3. Nomes de obreiros fiéis registrados.
- Êxodo 32:33. Os nomes dos que se apegam ao pecado serão removidos.
- Apocalipse 3:5. Nomes dos fiéis mantidos.
- Apocalipse 13:8; 7:8. Ímpios não estão registrados.
- Apocalipse 20:15. Ninguém, cujos nomes não estejam registrados no livro da vida, será salvo.

- Isaías 4:3, margem.
- Salmos 69:28; Ezequiel 13:9.
- Hebreus 12:23; Daniel 12:1.

2. Livro Memorial

- Malaquias 3:16. Registra cada palavra.
- Mateus 12:36, 37. Palavras ociosas.
- Salmos 56:8. Lágrimas de arrependimento.
- Salmos 87:4-6. Local de nascimento e ambientes.
- Eclesiastes 12:13, 14. Cada ato secreto.
- 1 Coríntios 4:5. Desígnios do coração.

3. Livro da Morte

- Jeremias 17:13. Aqueles que abandonam Deus estão escritos na terra.
- Jeremias 2:22. Todos os pecados gravados.
- Jó 14:17. Pecados selados.

- Deuteronômio 32:32-36. Os pecados dos ímpios são todos "guardados" até o dia do juízo.
- Oseias 13:12. Pecado anotados.

Capítulo 32

A Festa dos Tabernáculos

A Festa de Tabernáculos era a última festa no conjunto das cerimônias anuais, e tipificava a consumação final de todo o plano de redenção. Começava no décimo quinto dia do sétimo mês, quando todas as colheitas haviam sido recolhidas do campo, da vinha e dos olivais. À medida que o tempo se aproximava, de todas as partes da Palestina, grupos de judeus devotos podiam ser vistos a caminho de Jerusalém. E não só da Terra Santa, mas crentes judeus de todos os países vizinhos subiam a Jerusalém para participar da Festa dos Tabernáculos. O Senhor exigia que todos os homens participassem desta festa, mas muitas das mulheres e crianças também participavam. (Êxodo 23:16,17)

Era um momento de grande alegria. Todos deveriam trazer uma oferta de gratidão ao Senhor. Ofertas queimadas, ofertas de manjares e libações eram apresentadas nesse tempo. (Levítico 23:37) A festa dos Tabernáculos começava cinco dias após o dia da expiação, e todo o Israel regozijava-se por serem aceitos por Deus, e também pelo fruto das abundantes colheitas. A festa continuava por sete dias, sendo que o primeiro e o oitavo dia eram observados como sábados cerimoniais. (Levítico 23:36,39)

Esta festa era comemorativa e típica. Comemorava suas peregrinações pelo deserto; e em memória de suas casas de tenda, todo o Israel habitava em cabanas durante os sete dias. Nas ruas, nos

telhados, nos quintais, e nos pátios da casa de Deus, as cabanas eram feitas de "frutos de árvores formosas, ramos de palmeiras, ramos de árvores frondosas e salgueiros de ribeiras". (Levítico 23:40-43; Neemias 8:15,16) Era um período de alegria, e todos deviam compartilhar a festa com os levitas, os pobres e os estranhos. (Deuteronômio 16:13-17)

Cada sétimo ano "a solenidade do ano da remissão" ocorria durante a Festa dos Tabernáculos, quando os devedores eram liberados de suas obrigações. (Deuteronômio 31:10; 15:1-4) Nesse tempo, toda a lei levítica era lida aos ouvidos de todos; homens, mulheres e crianças; e até os estranhos dentro de seus portões, eram obrigados a ouvir a leitura da lei. (Deuteronômio 31:11-13)

O primeiro ano novo começou no outono, pois na criação, o tempo começou com árvores frutíferas carregadas de frutas todas prontas para fornecer comida ao homem. (Gênesis 1:29; 2:5) A Festa dos Tabernáculos, ou da colheita, como também era chamada, acontecia no "final do ano", ou a "revolução do ano". (Êxodo 34:22, Margem) O ano civil do calendário judaico sempre terminava no outono, mas o ano sagrado começava na primavera; assim, a Festa dos Tabernáculos era realizada no sétimo mês do ano sagrado.

Algumas cenas bíblicas muito interessantes estão relacionadas com esta festa. O templo de Salomão foi dedicado na Festa dos Tabernáculos. (1 Reis 8:2,65) Quando Israel voltou do cativeiro babilônico, esta foi a primeira festa celebrada depois que o muro de

Jerusalém fora restaurado, e era um tempo de grande alegria. (Neemias 7:73; 8:17,18)

Nesse tempo, os filhos de Israel não só comemoravam a sua vida em tendas por habitar em cabanas, mas o templo era especialmente iluminado em memória da coluna de fogo que os guiava em suas peregrinações; e no último dia da festa um belo serviço, a cerimônia que coroava o "último dia, o grande dia da festa", celebrava a milagrosa provisão de água no deserto. (João 7:37) O sacerdote tirava das correntes do Cedron um vaso e, sustentando-o ao alto, enquanto marchava ao som da música e cantava porções do salmo cento e vinte e dois, entrava no pátio do templo. Junto ao altar havia duas bacias de prata, e enquanto o sacerdote despejava a água em uma bacia, outro sacerdote despejava um jarro de vinho na outra bacia; e o vinho e a água, misturados, fluíam por um tubo de volta ao Cedron.

Muitos incidentes na vida de Cristo se agrupam em torno da última Festa dos Tabernáculos que Ele participou. Foi no dia deste cerimonial que Ele Se pôs em pé no pátio do templo e clamou: "Se alguém tem sede, venha a Mim e beba". (João 7:37-39) Foi Cristo quem os guiou pela coluna da nuvem; Ele que tirou a água da rocha. "Bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo". (1 Coríntios 10:4, Margem) Ele, o grande doador de vida, estava entre eles; ainda assim, enquanto celebravam o poder Dele de saciar a sua sede, estavam prontos para matá-Lo.

Enquanto esta festa comemorava a jornada de Israel no deserto, também comemorava a libertação da servidão egípcia. Bom seria se todo aquele que, tendo sido liberto da escuridão do pecado, celebrasse ocasionalmente a sua libertação ao reconhecer a direção do Senhor na jornada de sua vida e agradecer-Lhe pelas muitas bênçãos recebidas.

A Festa dos Tabernáculos acontecia depois do dia da expiação, que encontra o seu antítipo no juízo; portanto, deve tipificar um evento que vem após o encerramento do juízo. Quando Cristo sai do santuário celestial, pouco tempo se passa até que venha à Terra para reunir Seu povo. Então Ele os levará para o Céu, onde verão a glória que Ele tinha com o Pai antes que o mundo existisse. (João 17:5,24)

Por mil anos, os santos reinarão com Cristo no Céu (Apocalipse 20:4,16) antes de retornarem ao seu lar eterno, esta Terra, livre de todas as maldições. A Nova Jerusalém, com seus portais de pérola e ruas de ouro, será a metrópole da gloriosa morada dos remidos. As belezas da Nova Terra são tais que os remidos no Céu, rodeados pelas glórias do trono do Eterno, aguardarão com alegre expectativa o tempo em que "reinarão sobre a Terra". (Apocalipse 5:9,10)

Ao percorrer esse deserto de pecado e tristeza, é nosso bendito privilégio, pela fé, acompanhar os passos do nosso Sumo Sacerdote, e estar prontos para receber com alegria o Seu aparecimento quando vier para levar Seus fiéis para estar com Ele por um tempo nas cortes celestiais, antes de partilharem da eterna bem-aventurança na Terra renovada. Cada festividade, bem como todas as ofertas e

serviços, das cerimônias levíticas, apontavam para a maravilhoso lar dos remidos. Cada uma delas é uma placa de sinalização no grande caminho da vida, apontando para o lar celestial.

Os judeus falharam em ler essas placas indicativas, e hoje estão vagando pela terra sem a luz do bendito Messias e sem a cruz do Calvário brilhando sobre seu caminho. Permitamo-nos ser advertidos por seu fracasso, para não cometer o mesmo erro fatal falhando em não discernir a luz ainda refletida pelos tipos e símbolos, pois todos são iluminados pela luz da cruz. Cada um revela alguma característica especial do maravilhoso caráter de nosso Redentor.

A totalidade do sistema judaico era o evangelho. Verdade, estava velado em tipos e símbolos, mas a luz do Calvário ilumina toda a organização judaica; e aquele que o estudar à luz da cruz, alcançará tal intimidade com aquele que é o Antítipo de todas as cerimônias, que, pela contemplação, serão transformados à Sua imagem, de glória em glória. (2 Coríntios 3:18)

O cerimonial típico brilha mais poderosamente quando colocado ao lado do Antítipo. Um estudo de qualquer parte do sistema levítico aponta para alguma característica da vida de Cristo; enquanto que um estudo de todo o sistema judaico revela mais aproximadamente a plenitude de Seu caráter do que qualquer outra parte das Escrituras. Toda a Bíblia está cheia deles. Cada um dos escritores da Bíblia refere-se ao serviço levítico para ilustrar a verdade divina; e a pessoa que está familiarizada com todo o serviço do santuário, não

só recebe uma bênção do estudo, mas também entende mais plenamente outras porções do livro sagrado, pois as diferentes festas e sacrifícios são constantemente citados em toda a Bíblia.

Tipo

Levítico 23:27, 34. A Festa dos Tabernáculos vinha apenas alguns dias após o dia a expiação.

Levítico 23:40-42. O povo habitava em cabanas, viviam a vida em acampamento.

Levítico 23:42. Todos os que nasciam israelitas podiam participar da Festa dos Tabernáculos.

Antítipo

Apocalipse 22:11, 12. Logo após o decreto que encerra o juízo, Cristo vem buscar Seu povo.

Apocalipse 20:9. A morada dos remidos antes da Terra ser renovada é chamado de "acampamento dos santos".

João 3:5. É o "novo nascimento" que dá direito a uma pessoa a fazer parte do "acampamento dos santos".

Capítulo 33

O Jubileu

O jubileu era o clímax de um conjunto de instituições sabáticas. O sábado semanal foi a primeira instituição religiosa dada ao homem. (Gênesis 2:2,3) O sétimo dia da semana foi santificado e separado para ser observado como o dia de descanso de Jeová. (Isaías 58:13,14; Êxodo 20:8-11)

Depois que os filhos de Israel entraram na terra prometida, Deus ordenou que todo sétimo ano fosse "um sábado de descanso solene para a terra, um sábado ao Senhor". O povo era proibido de semear seus campos e podar suas vinhas durante o sétimo ano; tampouco poderiam juntar em seus celeiros o que crescia por conta própria. O dono da terra podia pegar tudo o que desejava para uso imediato; mas seus servos e os estranhos e até mesmo os animais, tinham direitos iguais aos do dono em aproveitar os frutos de seus campos durante o ano sabático. (Levítico 25:1-7)

O sétimo mês do ano sagrado [O ano sagrado judaico começava na primavera e o ano civil no outono.], o mês Tishrei, era chamado por alguns escritores o mês sabático, já que a maioria dos sábados e festas anuais ocorreriam naquele mês, mais do que em qualquer outro mês do ano. O primeiro dia desse mês era a Festa do Toque das Trombetas; o dia da expiação chegava no décimo dia, e a Festa dos Tabernáculos começava no décimo quinto dia; e a cada

quinquagésimo ano, o décimo dia de Tishrei inaugurava o jubileu. (Levítico 25:8-11)

A observância do sábado semanal era um sinal de que o povo pertencia a Deus; e ao permitir que suas terras descansassem durante o sábado do sétimo ano, eles reconheciam que não somente eles, mas sua terra, seu tempo e tudo o que possuíam, pertenciam a Deus. (Ezequiel 20:12,20)

O Senhor deleitava-Se de forma especial no Sábado do sétimo ano, e o desprezo de Sua ordem de observá-lo era ofensivo à Sua vista. Os filhos de Israel foram levados ao cativeiro babilônico porque não permitiram "que a terra desfrutasse seus sábados". (2 Crônicas 36:18-21) Em seu ganancioso amor pelo ganho, haviam trabalhado a terra todos os anos, e Deus os retirou dali e deixou a terra ser desolada, para que pudesse guardar o sábado durante os setenta anos.

Se a ordem de Deus sempre tivesse sido obedecida e a terra tivesse descansado todo o sétimo ano, a terra não teria "envelhecido como um vestido" (Isaías 51:6) mas teria permanecido produtiva.

Os mandamentos de Deus serão todos honrados e, como a terra esteve desolada setenta anos, guardando o sábado durante o cativeiro babilônico, para expiar a desobediência do antigo Israel, então, depois da segunda vinda de Cristo, a Terra ficará desolada mil anos, observando o sábado para expiar os muitos sábados que

foram ignorados desde então. (Apocalipse 20:1-4; Sofonias 1:1-3; Jeremias 4:23,27)

O sábado semanal era uma estrada que levava às outras instituições sabáticas; e além de ser um memorial da criação, apontava para o descanso final do Jubileu. Quando o povo de Deus, por causa de interesses mundanos o desconsiderou, se colocaram numa posição onde não podiam apreciar o plano original de Deus ao dar-lhes o sábado de descanso. (Jeremias 17:21-27)

O jubileu era o quinquagésimo ano após sete semanas de anos, e ocorreria pelo menos uma vez na vida de cada indivíduo que vivesse o curso natural de sua vida. (Levítico 25:10,11)

O Dia da Expição era o mais solene de todas as festas, e o Jubileu o mais alegre. Ao final do dia da expiação, quando os pecados de Israel haviam sido perdoados e levados pelo bode expiatório para o deserto, então as pessoas que se apercebiam do que Deus havia feito por elas estavam dispostas a perdoar as dívidas de seus semelhantes, para libertá-los da servidão, e restituir a todos sua própria terra com a mesma boa vontade com a qual esperavam que Deus lhes conceda sua herança eterna no jubileu antitípico.

No final do dia da expiação, no décimo dia do sétimo mês, no ano sabático que encerrava a última das sete semanas de anos (49 anos), as trombetas eram tocadas em toda a terra, anunciando o jubileu.

A tradição judaica afirma que todos os israelitas recebiam algum tipo de trombeta neste tempo, e quando chegava a hora que encerrava o dia da expiação, todos tocavam as trombetas nove vezes. Deus havia dito que as trombetas tocariam por toda a terra. (Levítico 25:9)

Quão parecida com a última trombeta do Senhor, (1 Coríntios 15:51-53) era o som das trombetas do jubileu no antigo Israel! O escravo exausto se levantava e livrava-se de suas cadeias. Para o homem avaro e ganancioso, que oprimia o jornaleiro e a viúva para conseguir suas posses, vinha como um toque de morte a todas as suas esperanças. (Isaías 2:20,21) Toda pessoa sob servidão era libertada, e todos voltavam à sua própria terra. (Levítico 25:12,13)

Não há registro de quaisquer cerimônias religiosas, ou ofertas, sendo exigidas durante o jubileu, diferentemente das cerimônias ordinárias dos outros anos. Era uma época em que todos, ricos e pobres, dignatários ou plebeus, compartilhavam igualmente o que crescia nos campos e nas vinhas.

O jubileu acontecia depois do sétimo sábado anual, trazendo assim dois anos sabáticos sucessivos. Mas Deus fez ampla provisão para o Seu povo, enviando Sua bênção no quadragésimo oitavo ano, quando a terra produzia o suficiente para alimentar o povo por três anos. (Isaías 37:30; Levítico 25:11,12)

Não há menção na Bíblia do Jubileu sendo celebrado alguma vez, por essa razão, alguns escritores acham que talvez não tenha

sido observado; mas todos os outros festivais mosaicos foram observados, e seria estranho se aquele que era tão organicamente ligado às outras festividades, e realmente o clímax de todos os outros festivais, fosse omitido.

O jubileu deve ter sido observado, pois a lei da inalienabilidade da propriedade da terra, baseada no jubileu, existia entre os judeus. (Números 36:4,6,7; Rute 4:1-4) Josefo fala disso como sendo observado permanentemente.

São registrados exemplos onde a obra do ano jubileu era realizado pelos israelitas. Neemias, em seu grande trabalho de reforma, exigiu que os judeus libertassem seus servos e restaurassem as terras e as vinhas aos proprietários originais. (Neemias 5:1-19)

Na véspera do cativeiro babilônico, Zedequias proclamou a liberdade a todos. Ele evidentemente desejava celebrar o Jubileu. Se tivesse agido dessa forma, isso teria lhe dado a liberdade, mas ele era muito vacilante para cumprir as exigências. O Senhor enviou uma mensagem, dizendo que ele tinha agido corretamente em apregoar a liberdade, "cada um ao seu próximo", mas que falhando em cumprir a palavra, profanara o nome do Senhor. (Jeremias 34:8-17)

Todos os interesses comerciais do antigo israelita ensinava o evangelho. Embora tivesse permissão para morar na terra prometida e gozar de seus privilégios, era apenas o mordomo, e não o dono. O decreto divino era: "A terra não se venderá em perpetuidade, porque

a terra é Minha; pois vós sois para Mim estrangeiros e peregrinos". (Levítico 25:23) Não obstante o fato de que o Senhor é dono do mundo, ainda assim Ele Se considera um estrangeiro e peregrino com o Seu povo na Terra, até o jubileu antitípico, quando Satanás, o atual príncipe deste mundo, encontrará sua condenação.

Se um homem se endividava e era obrigado a vender sua casa, esta era vendida com o entendimento de que retornaria ao seu proprietário original quando as trombetas do Jubileu fossem tocadas sobre a terra. Se o desafortunado tivesse um parente próximo capaz de redimir sua terra, o comprador não podia segurá-la, até o jubileu. (Levítico 25:25-28)

Uma pobre viúva tem um infortúnio após o outro, até que seu vizinho rico, que há muito, almejava sua terra, tenha obtido possessão, e ela com tristeza é obrigada a deixar a casa de sua infância e trabalhar por uma miséria, que não consegue suprir as necessidades de sua casa. O rico vizinho continua a lhe adiantar dinheiro, até que ela finalmente vende-se como serva. Seu caso parece sem esperança.

Mas em um país distante ela tem um irmão mais velho. Ele ouve de seu infortúnio e vem ao resgate. Seu irmão faz os cálculos com o homem que comprou a mulher, e paga o dinheiro da redenção, e ela é livre. Então o irmão começa a calcular o que é devido pela terra; mas o homem se recusa, pois o mesmo espírito que o governa, disputou com Miguel, o arcanjo, quando Ele veio de um país distante para redimir o corpo de Moisés da prisão do túmulo, (Judas

1:9) e ele diz: "Não! Não vou liberar a terra. Ela une minha fazenda, não vou me separar disso. Que direito você tem de interferir?" Então o irmão mostra provas de seu parentesco, que ele é "um que tem o direito de resgatar". (Rute 2:20, margem.) Ele entrega o dinheiro de resgate, e a casa é redimida à proprietária legítima. Um estranho poderia ter desejado ajudar a pobre viúva, mas seu dinheiro nunca poderia tê-la libertado; o preço deve ser pago por "um que tenha direito de resgatar", ou seja, um parente próximo. Quão marcantemente era o poder de Cristo assim ensinado na vida comercial cotidiana do israelita!

Um anjo não podia redimir a humanidade nem o mundo. Sua vida teria sido impotente, pois ele não era "parente próximo" da humanidade. (Levítico 25:47-49) Cristo deixou as cortes celestiais, participou da carne e sangue, "para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão. Porque, na verdade, Ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão". (Hebreus 2:14-16 KJV, ARC) Ele se tornou o "primogênito entre muitos irmãos", (Hebreus 2:11) um parente próximo, para que tenha o direito de redimir a todos os filhos e filhas de Adão; e ao longo das eras, vem a encorajadora certeza de que "Ele não Se envergonha de lhes chamar irmãos".

"Porque assim diz o Senhor: Por nada fostes vendidos; e sem dinheiro sereis resgatados", (Isaías 52:3) com o próprio "precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo". (1 Pedro 1:18,19)

Tem você cedido à tentação ao ponto de estar preso em vil servidão a Satanás? Lembre-se, você tem um Irmão mais velho que é capaz e disposto a redimir-lhe da escravidão do pecado e fazer de você uma pessoa livre em Cristo Jesus. Para ser livre, você deve reconhecê-Lo como "um parente próximo" a você. Se a pobre viúva tivesse repudiado seu irmão quando este veio para redimir-lhe da servidão, ele teria sido impotente para ajudá-la.

Satanás pode amarrar a alma até que esta pense ser dele para sempre; mas quando a alma clama por ajuda e reivindica Cristo como "um parente próximo", "aquele que tem poder para redimir", e Cristo apresenta o preço da redenção, "Seu sangue precioso", Satanás é impotente para manter a alma cativa.

O estudo das leis levíticas em relação à terra e aos servos dá nova beleza ao nome Redentor. Jó conhecia o poder daquele "que tinha o direito de redimir". Ouça-o com confiança dizendo: "Eu sei que o meu Redentor vive". Sua fé se agarrou a um poder que não só redimia do pecado, "mas traria de volta o corpo do patriarca mesmo depois que os vermes o tivessem consumido". (Jó 19:23-27)

Embora, a qualquer momento, a pessoa podia ser libertada e restabelecida ao seu antigo lar por "um parente próximo" que tivesse o direito de redimir, ainda assim o jubileu era aguardado como o grande dia de livramento para todo o Israel. Era então que todo erro era corrigido e todo israelita reintegrado em sua própria possessão. (Levítico 25:28,33,40,41)

Se alguém vendia uma habitação dentro de uma cidade murada, durante o primeiro ano após a venda, poderia ser resgatada; mas se não fosse resgatada no primeiro ano, permanecia na mão do comprador. Não voltava ao seu proprietário original no jubileu, pois as casas eram obra de pessoas, e não faziam parte no jubileu, que liberava apenas a terra e pessoas. (Levítico 25:29-30)

As cidades dos levitas estavam sob regulamentos diferentes; eram as únicas cidades muradas que faziam parte no Jubileu. Se um homem comprava uma casa de um levita, a casa que era vendida "na cidade de sua possessão" era liberada no ano do jubileu. (Levítico 25:32,33)

Os sacerdotes eram um tipo de Cristo. Nosso grande sacerdote antitípico preparou uma cidade murada para o Seu povo, (Hebreus 11:10,16) e no jubileu antitípico, eles receberão a cidade. Os regulamentos em relação às cidades dos levitas eram um constante memorial da Nova Jerusalém a ser entregue ao povo de Deus no grande jubileu final.

Era desígnio de Deus que o Seu povo Dele se lembrasse em todas as suas transações comerciais, e em cada detalhe da vida. O valor da propriedade dependia da extensão do período de tempo decorrido entre a data de compra e o jubileu. (Levítico 25:16,16)

No tipo, o jubileu se iniciava no final do dia da expiação. Da mesma forma, entendemos que o jubileu antitípico seguirá o Antitípico Dia da Expição.

"O Senhor fará ouvir a Sua voz majestosa". (Isaías 30:30) Então o piedoso escravo se levantará e sacudirá as cadeias que o prendem. A trombeta do jubileu do Senhor ressoará por todo o comprimento e largura da Terra. Os santos que dormem na prisão de Satanás, a sepultura, ouvirão o alegre som, e ele "que punha o mundo como um deserto e assolava as suas cidades; que a seus cativos não deixava ir para casa," (Isaías 14:17) será impotente para segurar sua presa; pois o nosso Redentor disse: "A presa do terrível será libertada" -- sim, livres para sempre do poder do pecado e de Satanás. (Isaías 49:25, KJV)

O plano original de Deus era que o homem possuísse a Terra. "Os Céus são os Céus do Senhor, mas a Terra, deu-a Ele aos filhos dos homens". (Salmos 115:16)

A Adão foi dado domínio sobre a Terra e tudo o que nela há. (Gênesis 1:26) Mas os planos de Deus foram frustrados, e Satanás tornou-se príncipe deste mundo. No jubileu antitípico, os redimidos do Senhor serão reinstalados no lar original do homem. A Terra restaurada à sua beleza original será dada aos filhos dos homens como seu lar eterno. (Mateus 5:5; Salmos 37:11,34) O sétimo dia, o sábado semanal, que o Senhor santificou e deu à humanidade antes da maldição do pecado sobre a terra, será observado de acordo com o plano original de Deus; e durante toda a eternidade, "de um sábado

a outro, virá toda a carne a adorar" perante o Senhor. (Isaías 66:22,23)

"Porque o Senhor tem piedade de Sião; terá piedade de todos os lugares assolados dela, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão, como o jardim do Senhor; regozijo e alegria se acharão nela, ações de graças e som de música". (Isaías 51:3)

Tipo

Levítico 25:10. O jubileu provia liberdade a todos.

Levítico 25:9. O som da trombeta anunciava o jubileu.

Levítico 25:9. O jubileu começava no Dia da Expição, o tipo do juízo.

Levítico 25:13. No ano do jubileu, cada homem voltava às suas próprias possessões.

Levítico 25:23. O Senhor sempre foi dono da Terra. O homem era apenas um mordomo.

Levítico 25:48, 49; Rute 2:20, margem. Apenas um parente próximo tinha o direito de resgatar.

Levítico 25:47-51. As pessoas vendidas como escravas eram resgatadas e libertadas.

Levítico 25:25-28. A terra poderia ser resgatada por um parente próximo.

Antítipo

1 Tessalonicenses 4:16, 17. Todos os vivos e os mortos terão liberdade.

1 Coríntios 15:51-53. O som da trombeta do Senhor, dá liberdade a todos.

Apocalipse 22:11, 12. Imediatamente depois que for promulgado o decreto que encerra o juízo, Cristo vem.

Isaías 35:1-10. O resgatado do Senhor desfrutará da Terra redimida para sempre.

Salmos 24:1; 1 Coríntios 10:26, 28. O Senhor é proprietário de toda a Terra. Ele nunca renunciou a Seu direito de posse da Terra.

Hebreus 2:14-16. Jesus nasceu da semente de Abraão, para que Ele pudesse ser parente próximo.

Romanos 8:23; Oseias 13:14, KJV. Ele, que é parente, diz: "Eu os remirei do poder da sepultura".

Efésios 1:14. Cristo comprou a possessão de Seu povo.

Levítico 25:29, 30. As residências em cidades muradas não voltavam aos proprietários originais no jubileu.

Levítico 25:32, 33. As residências nas cidades dos levitas podiam ser resgatadas. Todas voltavam aos proprietários originais no jubileu. Os sacerdotes eram um tipo de Cristo.

Gênesis 2:2, 3. O sábado semanal era uma estrada em direção ao jubileu.

Apocalipse 16:19; Jeremias 4:26. Todas as cidades terrestres serão destruídas na segunda vinda de Cristo.

Hebreus 11:10, 16; Apocalipse 21:1-27. Cristo, o sacerdote antitípico, tem uma cidade, que será dada ao Seu povo no jubileu antitípico.

Isaías 66:22, 23. O sábado será observado na Nova Terra para sempre.

Capítulo 34

As Cidades de Refúgio

No princípio da história do mundo, foi feita provisão para a punição do assassino. "Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu", foi o decreto de Jeová. (Gênesis 9:6)

O parente mais próximo do homem morto, geralmente executava o assassino; mas para evitar que, no calor do momento, devido a uma precipitação indevida, fossem mortos indivíduos que não mereciam a morte, Deus providenciou que o assassino pudesse fugir e segurar em Seu altar. Ninguém poderia ser tirado do altar sem uma investigação, e caso se descobrisse que o assassino havia presunçosamente planejado matar o homem, então era tirado do altar e morto; caso contrário, sua vida era poupada. (Êxodo 21:13,14)

Depois que os filhos de Israel entraram na terra prometida, seis cidades foram separadas como cidades de refúgio. Estas eram convenientemente localizadas, três de cada lado do rio Jordão. (Josué 20:2,7,8) As estradas que levaram a essas cidades deviam sempre ser conservadas em boas condições, para que o que fugia de diante do vingador de sangue não fosse detido em sua fuga. (Deuteronômio 19:30) As cidades estavam localizadas em um local elevado e podiam ser vistas à distância.

Quando o assassino chegava ao portão da cidade de refúgio, ele declarava "o seu caso perante os ouvidos dos anciãos da tal cidade", antes que lhe fosse concedido um lugar dentro dela. (Josué 20:3-5) Seu caso também era julgado pelos juízes da cidade, perto de onde o assassinato fora cometido, e caso não fosse um homicídio premeditado, mas cometido acidentalmente ou involuntariamente, então o culpado era restabelecido novamente à cidade de refúgio para onde ele tinha fugido. (Números 35:12,24,25)

O Salvador se refere a este juízo em Mateus 5:21. Se, a qualquer momento, o assassino passasse para fora do limite da sua cidade de refúgio, sua vida poderia ser tomada pelo vingador do sangue, "pois devia ficar na sua cidade de refúgio". (Números 35:26-28) O mandamento era: "Habitará, pois, na mesma cidade... até que morra o sumo sacerdote que for naqueles dias; então, tornará o homicida... à sua casa, à cidade de onde fugiu". (Josué 20:6) As cidades de refúgio em Israel eram muito diferentes dos asilos dos gregos e dos romanos, que muitas vezes servia de proteção para os mais perversos personagens. As cidades de refúgio serviam de proteção apenas aos que matavam uma pessoa sem inimizade. As cidades de refúgio eram cidades pertencentes aos levitas, de modo que as pessoas aí confinadas estavam sob a melhor influência. Estavam associados aos mestres religiosos de Israel, e tinham todas as oportunidades para reformar suas vidas e desenvolver um caráter justo.

A instrução em relação às cidades de refúgio era apenas uma parte do grande sistema de leis e cerimônias levíticas que ensinava

as simples verdades do evangelho de Cristo. Tyndale diz que "enquanto há uma 'luz da estrela de Cristo' em todas as cerimônias levíticas, há em algumas tão verdadeiramente a 'clara luz do dia', que o indivíduo não pode deixar de acreditar que Deus mostrou de antemão a Moisés os segredos de Cristo e a própria forma de Sua morte". O Dr. Adam Clarke diz que todo o evangelho poderia ser pregado a partir das particularidades apresentadas pelas cidades de refúgio.

Toda vez que um israelita olhava para uma das cidades de refúgio, era desígnio de Deus que se lembrasse de Cristo, a "torre do rebanho, monte da filha de Sião", (Miqueias 4:8) a quem toda alma oprimida pelo pecado pode buscar abrigo.

Satanás, o acusador, está no rastro de cada um; como "leão que ruge procurando alguém para devorar". (1 Pedro 5:8) Mas a pessoa que abandona o pecado e procura a justiça fica seguramente protegida pelo sangue expiatório de Cristo. (Êxodo 12:13; 1 João 1:7,9)

Salomão, que foi assediado pelas tentações e pelo pecado, entendeu isso quando escreveu: "Torre forte é o nome do Senhor, à qual o justo se acolhe e está seguro". (Provérbios 18:10) Davi sabia o que era habitar na cidade antitípica de refúgio quando disse: "Diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio". (Salmos 91:2)

Não poderia haver demora na busca de uma cidade de refúgio. Assim que o assassinato fosse cometido, o assassino devia fugir imediatamente; nenhum laço familiar poderia segurá-lo; sua vida dependia de sua rápida fuga para a cidade. Oh, que todos possamos aprender a lição e, ao invés de atrasar e tentar acalmar nossa consciência acusadora, quando sabemos que pecamos, fujamos imediatamente a Cristo, confessemos nossos pecados e habitemos no refúgio que Cristo tem preparado. Ele fez ampla provisão para que todos possamos "ter forte alento, nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta". (Hebreus 6:18)

Antigamente, aquele que fugia para a cidade achava vida dentro dos seus muros, mas a morte o aguardava se ele passasse além dos limites. O discípulo amado estava familiarizado com esta verdade quando escreveu: "E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida". (1 João 5:11,12) Não é suficiente simplesmente crer em Cristo. Devemos permanecer Nele se desejamos obter a vida. Deus prometeu "tomar pela mão direita". Aquele que permanece dentro do refúgio sentirá e conhecerá Seu cuidado protetor e, quando assaltado pelo inimigo, pode ouvir o Salvador dizendo: "Não temas, que Eu te ajudo". (Isaías 41:13)

No antigo Israel, aquele que fugia para o refúgio não podia passar parte de seu tempo fora da Cidade e o restante dentro de suas paredes protetoras. Não havia segurança em nenhum momento fora da cidade. Da mesma forma, nossa única segurança é habitar "no

esconderijo do Altíssimo", e "descansar à sombra do Onipotente". (Salmos 91:1) Nenhum homem pode servir dois senhores. (Mateus 6:24) Não podemos dar ao mundo e seus prazeres o melhor de nosso tempo e pensamento, e esperarmos ser protegidos das consequências finais do pecado. Nós receberemos nossos "salários", ou recompensa final, do senhor que atendermos. Se o melhor da nossa vida for gasto ao serviço do mundo, nos colocamos fora da cidade antitípica de refúgio, e finalmente receberemos a morte, que será dada a todos os que tomam o mundo como seu senhor. (Romanos 6:23)

Quando o sumo sacerdote morria, aqueles que haviam fugido para as cidades de refúgio durante seu mandato retornavam às suas casas. Eles estavam livres para sempre do vingador de sangue, e este, legalmente, não mais podia fazer-lhes mal. (Números 35:25)

Todo sumo sacerdote era um tipo de Cristo, nosso Sumo Sacerdote. O sacerdote terrestre deixava de ser sumo sacerdote quando morria. Nosso Sumo Sacerdote nunca morre; mas chegará o tempo em que Ele deixará de lado as vestes sacerdotais, e vestirá um manto sobre o qual estará escrito o nome: "Rei dos reis e Senhor dos senhores". (Apocalipse 19:16)

Não mais Ele pleiteará a causa de Seu povo perante o trono de Deus, pois cada caso estará decidido para a eternidade. Para aqueles que confessaram todos os pecados e permaneceram purificados pelo sangue de Cristo, Ele dirá: "Vinde, benditos de Meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo". Então, eles irão para a sua própria herança, sem medo do vingador

de sangue, pois os justos estarão para sempre fora do alcance do poder de Satanás. (Jeremias 31:16,17)

Satanás usurpou a autoridade sobre este mundo. Ele assombra os passos de cada filho e filha de Adão. Mas Deus sempre tem tido um refúgio na Terra. Abel habitou com segurança dentro de seu recinto sagrado, (Hebreus 11:4) e Jó percebeu seu poder protetor quando Satanás o atacou com suas tentações mais ferozes. (Jó 1:10)

O mais débil filho ou filha de Deus, que vive continuamente dentro desse refúgio, nunca pode ser derrotado pelo inimigo das almas; pois os anjos de Deus acampam em redor de tal pessoa para livrá-la. (Salmos 34:7; João 10:29)

Este refúgio é ilustrado por muitos símbolos em toda a Bíblia, cada um revelando uma característica especial do cuidado protetor de Deus. Jesus, enquanto chorava sobre os que recusaram o Seu amor, disse: "Quantas vezes quis Eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes!" (Lucas 13:34)

Feliz é a alma que pode dizer em cada tentação: "Salvou-se a nossa alma, como um pássaro do laço dos passarinhos; quebrou-se o laço, e nós nos vimos livres. O nosso socorro está em o nome do Senhor, criador do céu e da terra". (Salmos 124:7,8)

Tipo

Josué 20:2, 3; Deuteronômio 19:4, 5. As cidades deviam ser um abrigo para todos os que matassem alguém inadvertidamente ou involuntariamente.

Deuteronômio 19:2-4. As estradas deveriam ser conservadas livres, em boas condições, para que ninguém fosse impedido de fugir para a cidade.

Josué 20:3, 4. Aquele que fugia para o refúgio confessava seu pecado no portão da cidade, e se não tivesse premeditado o assassinato, era recebido.

Deuteronômio 19:11-13. Se o assassino odiasse aquele a quem tinha matado e tivesse planejado o assassinato, então ele não era recebido na cidade, mas era entregue ao vingador do sangue.

Números 35:24, 25. Ser recebido na cidade não selava para sempre o destino do assassino. Ele devia comparecer em juízo diante da congregação, e lá seu destino era decidido.

Antítipo

Apocalipse 22:16, 17; João 7:37; 1 João 1:7. Cristo é o único refúgio, neste mundo, do pecado e da destruição.

1 Coríntios 11:1; Malaquias 2:8. É desígnio de que Seu povo seja um exemplo para o mundo copiar; mas quando pecam, tornam-se pedras de tropeço no caminho dos outros.

1 João 1:9. "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça".

Mateus 7:21-23; Hebreus 10:26-29; 12:16, 17. Alguns, por medo do castigo, servem somente da boca para fora, enquanto em seus corações estão acariciando o pecado; tais não serão aceitos.

Atos 17:31; Apocalipse 3:5. Todos serão julgados diante do tribunal de Deus pelas ações cometidas no corpo.

Números 35:26, 27. Dentro da cidade havia vida, fora da cidade estava a morte.

Josué 20:6; Números 35:28. Depois da "morte do sumo sacerdote que for naqueles dias", o assassino podia retornar à terra da sua possessão.

1 João 5:11, 12. "Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida".

Mateus 25:34. Quando Cristo depuser suas vestes sacerdotais e reinar como Rei, todos os que permanecem Nele, receberão sua herança na terra renovada.

Capítulo 35

A Rocha

Rocha tem sido usada sempre como sinônimo de força e solidez. A parábola da casa construída sobre uma rocha, é um exemplo. (Mateus 7:24,25)

A palavra "rocha" é usada muitas vezes na Bíblia para ilustrar o cuidado protetor de Deus para com Seu povo. O salmista diz: "O Senhor é a minha rocha". (Salmos 18:2) "Tu és a minha rocha e a minha fortaleza". (Salmos 71:3)

"Selá", que ocorre mais de setenta vezes nos Salmos, e é definida pela maioria dos comentaristas como, "uma pausa ou nota musical", também é definido na referência marginal da Bíblia King James como "a rocha". (2 Reis 14:7, KJV, margem.)

É bastante apropriado que ao cantar acerca do grande poder de Deus ao conduzir o Seu povo, o salmista pausava um momento para meditar sobre Selá, "a Rocha", a "Rocha espiritual que os seguia: E a pedra era Cristo". (1 Coríntios 10:4)

Muitas vezes as vitórias tomariam o lugar da derrota em nossas vidas diárias se em nossas músicas inseríssemos as mesmas pausas usadas pelo doce cantor de Israel. Se na correria da nossa vida diária pausássemos para meditar sobre "a Rocha", poderíamos dizer com

Davi: "No recôndito do Seu tabernáculo, me acolherá; elevar-me-á sobre uma rocha". (Salmos 27:5)

Os quarenta anos de peregrinação dos filhos de Israel foi na Arábia Pétreia, ou na Arábia Rochosa, como às vezes era chamada. Rochas os confrontavam em cada curva da sua jornada; mas, dessas rochas, Deus fez com que fluísse água para saciar sua sede. Do mesmo modo, em nossas jornadas diárias, as rochas de dificuldades que nos parecem intransponíveis, se provarão, se nos escondermos em Cristo, nada além de uma vereda para maiores vitórias.

Deus disse: "Eis que estarei ali diante de ti sobre a rocha em Horebe; ferirás a rocha, e dela sairá água, e o povo beberá. Moisés assim o fez na presença dos anciãos de Israel". (Êxodo 17:6)

A multidão sedenta viu a água pura e refrescante escorrer da sólida rocha. Eles beberam, e foram revigorados para sua jornada. "Não padeceram sede, quando Ele os levava pelos desertos; fez-lhes correr água da rocha; fendeu a pedra, e as águas correram". (Isaiás 48:21)

Não era um escasso suprimento de água, pois "correram, qual torrente, pelo deserto". (Salmos 105:41) Durante toda a sua jornada, foram milagrosamente abastecidos com água. O fluxo não continuava a fluir do primeiro lugar onde a rocha fora ferida; mas onde quer que precisassem de água, das rochas ao lado do acampamento, a água brotava. O salmista fez bem em ordenar a

terra tremer perante o Deus que poderia transformar "a rocha em lençol de água e o seixo, manancial". (Salmos 114:8)

Quando os israelitas avistaram a terra prometida, a água deixou de fluir. Deus disse-lhes que deveriam tirar água dos poços enquanto passavam por Edom. (Deuteronômio 2:3-6) Por mais estranho que possa parecer, depois de beber das fontes milagrosas no deserto por tantos anos, agora começaram a murmurar e reclamar, porque a água já não jorrava das rochas ao lado de seu acampamento.

Então foi assim que, na fronteira de Canaã, Moisés, o servo do Senhor, cometeu o pecado que o impediu de entrar na boa terra. A pedra já havia sido ferida, e o Senhor disse a Moisés para reunir a congregação e falar à rocha diante de seus olhos, e esta lhe daria água. Moisés, que suportou pacientemente as murmurações deles por tanto tempo, tornou-se impaciente e disse: "Ouvi, agora, rebeldes: porventura, faremos sair água desta rocha para vós outros?" (Números 20:10) Então, ele feriu a rocha duas vezes, e a água jorrou.

Deus não faz acepção de pessoas, e apesar de ter honrado muito a Moisés, Ele o puniu por seu pecado. Quando Moisés feriu a rocha pela segunda vez, ele ignorou o grande acontecimento do qual a rocha ferida era um tipo. Cristo morreu uma vez pelos pecados do mundo, (Hebreus 9:28) e todos os que Lhe falarem, confessando seus pecados e suplicando perdão, receberão as curativas águas da salvação. Assim, Moisés não apenas desobedeceu a Deus, mas

manchou o belo símbolo que havia sido colocado diante dos israelitas durante todas as suas peregrinações no deserto.

Os escritores da Bíblia muitas vezes se referem à experiência, ligada à rocha ferida, para ensinar sobre o terno cuidado de Deus para com Seu povo. Isaías diz: "Cada um servirá de esconderijo contra o vento, de refúgio contra a tempestade, de torrentes de águas em lugares secos e de sombra de grande rocha em terra sedenta". (Isaías 32:2)

Paulo nos diz que esse Homem que era "um esconderijo" "um refúgio", e como "torrentes de águas", era Cristo, a Rocha. (1 Coríntios 10:4) Ele é a "sombra de uma grande rocha em uma terra sedenta". O que Ele era para os israelitas, será para todo aquele que Nele confiar. Ele diz hoje: "Se alguém tem sede, venha a Mim e beba". (João 7:37) Aquele que atende ao chamado "bebe da torrente no caminho e passa de cabeça erguida". (Salmos 110:7)

A água refrescante flui ao lado de cada acampamento. Todos podem beber livremente da fonte doadora de vida, fluindo da Rocha ferida uma vez sobre a cruz do Calvário. "Quem quiser receba de graça a água da vida". (Apocalipse 22:17) Você anseia beber? Lembre-se de que a Rocha foi ferida por você. Não cometa o erro de Moisés, pensando que deve feri-La novamente. "Falai à rocha, e dará a Sua água". (Números 20:8) Diga-Lhe que está cansado do pecado, que você deseja aceitar a Sua justiça. Dê-lhe os seus pecados, e Ele o vestirá com a Sua justiça. (Gálatas 1:4; Isaías 61:10)

O rio Amazonas derrama no oceano Atlântico um volume tão grande de água que, por quilômetros mar adentro, a água permanece doce. Conta-se que um navio navegando no oceano perto da foz do Amazonas, tinha esgotado seu suprimento de água doce e sinalizou para outra embarcação à distância, em busca de água para beber. A resposta foi sinalizada de volta: "Mergulhe e beba". O capitão pensou que não haviam entendido, e sinalizaram novamente. A mesma resposta voltou do outro lado das águas. Com indignação, ele disse: "Eles dizem: 'Mergulhe, e beba'. Jogue o balde e experimente a água". Para sua surpresa, o balde trouxe água doce e sua sede foi saciada.

Muitas vezes pensamos que estamos na terra do inimigo, e o Senhor está muito distante; mas a corrente do rio da água da vida flui por todas as portas. Temos apenas que "mergulhar e beber", se desejarmos ser guiados ao sol da presença de Deus e sentir o Seu cuidado protetor.

Como Davi, precisamos muitas vezes clamar: "Leva-me para a rocha que é alta demais para mim; pois Tu me tens sido refúgio e torre forte contra o inimigo. Habite eu no Teu tabernáculo, para sempre; no esconderijo das Tuas asas, eu me abrigo. Selá". (Salmos 61:2-4)

Enquanto o fundamento da igreja cristã é o ensinamento dos apóstolos e dos profetas, Jesus Cristo é a principal pedra angular.

(Efésios 2:20) Cristo é "a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa". (1 Pedro 2:3,4)

Cada pessoa da Terra em algum momento entrará em contato com essa Pedra. Cairá sobre ela e ficará em pedaços, para que possa ser uma nova criatura em Cristo Jesus; ou rejeitará a Pedra, e esta afinal, cairá sobre ela e a destruirá. (Mateus 21:42,44)

Bem-aventurado aquele que faz de Cristo a principal pedra angular em todas as suas tarefas diárias. Jesus nos pergunta hoje, como fez a Pedro antigamente, "Quem dizeis que Eu sou?" Nossas vidas dão a resposta. A resposta de Pedro foi: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". Esta resposta lhe fora dada pelo Pai.

Cristo respondeu: "Tu és Pedro". Nessas palavras, ele reconheceu Pedro como Seu discípulo, pois Ele lhe havia dado o nome de Pedro quando o chamou para segui-Lo. (João 1:42)

A palavra "Pedro" significava uma pedra, ou um fragmento de rocha. A forma de ensino de Cristo era usar coisas terrenas para ilustrar lições celestiais; e Ele tomou o nome de Pedro, que significa um fragmento de rocha, para direcionar a mente para a solidez da confissão e a estabilidade da causa que estava fundada sobre "a Rocha", Cristo Jesus, da qual Pedro, quando aceitou Cristo como Seu Mestre, tornou-se uma porção, ou fragmento. Todo verdadeiro seguidor de Cristo torna-se uma das "pedras vivas" na grande casa espiritual de Deus. (1 Pedro 2:5 NVI)

Cristo não disse, sobre ti, Pedro, edificarei a Minha igreja, mas imediatamente mudou a expressão e disse: "Sobre esta Rocha edificarei a Minha igreja". (Mateus 16:13-20)

Séculos antes, Isaías escreveu: "Eis que Eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada". (Isaías 28:16) Pedro e cada um dos outros filhos de Adão falharam quando testados. Cristo é o único nascido de mulher que resistiu a todas as tentações e é uma "pedra provada", apta para ser a principal pedra angular na grande igreja de Deus".

Cristo não colocou nenhum homem mortal como o fundamento de Sua igreja. Triste teria sido a condição da igreja se tivesse sido edificada sobre Pedro; pois, pouco tempo depois de ter feito a confissão acima, seu coração estava tão cheio de conclusões malignas e erradas que, como o registro afirma, Cristo lhe disse: "Arreda, Satanás! Tu és para Mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens". (Mateus 16:23)

Quando o Salvador vier nas nuvens do céu, aqueles que rejeitaram a Rocha, Cristo Jesus, clamarão aos montes e às rochas da terra para escondê-los da ira do Cordeiro. (Apocalipse 6:15,16) Nossos inimigos, então, testemunharão o fato de que "a sua rocha não é como a nossa Rocha". (Deuteronômio 32:31) "Engrandeci o nosso Deus. Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os Seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há Nele injustiça; é justo e reto". (Deuteronômio 32:3,4)

Tipo

Antítipo

"Eles beberam daquela Rocha espiritual que os seguia.
E aquela Rocha era Cristo". 1 Coríntios 10:4, trad. lit. KJV.

Êxodo 17:6. A rocha foi ferida
para salvar as pessoas da sede.

Hebreus 9:28. "Cristo foi oferecido
uma vez para tirar os pecados
de muitos".

Salmos 78:15, 16. "Da pedra fez
brotar torrentes, fez manar água
como rios".

João 7:38. Cristo disse: "Quem
crer em Mim... do seu interior
fluirão rios de água viva".

Números 20:8. "Fala à rocha... e
dará a sua água".

Lucas 11:9, 10. "Pedi, e
dar-se-vos-á...
Pois todo o que pede recebe".

Capítulo 36

Várias Leis e Cerimônias Levíticas

O cristão não pode ter vida separado de Cristo. (João 15:4, 5) Cada detalhe de sua vida é dirigido pelo grande Mestre. Isso foi tornado muito claro pelos antigos ritos e cerimônias levíticas.

Os detalhes da vida cotidiana do antigo israelita estavam sob a direção de Deus. Seu alimento, suas vestes, suas plantações e edificações, sua compra e venda, eram todos regulados pelas leis de Moisés. Para o leitor descuidado, esses requisitos podem parecer uma coleção de formas e cerimônias sem sentido; mas para o estudante da Escritura, que está acompanhando os passos de seu Mestre, cada lei levítica é um refletor, dando-lhe preciosos raios de luz do Sol da Justiça.

Lemos: "Não te vestirás de estofos de lã e linho juntamente". (Deuteronômio 22:11) A pergunta é frequentemente feita: por que essa ordem foi dada? Uma das primeiras coisas que Deus fez por Adão e Eva depois de terem pecado, foi confeccionar roupas para eles. (Gênesis 3:21)

As vestes são um tipo da justiça de Cristo, com as quais Ele veste cada um cujos pecados são perdoados. (Isaías 61:10) Antes que o homem pecasse, ele estava vestido com vestes de luz e de glória, e é o desígnio de Deus que nossas vestimentas nos lembrem

das vestes celestiais com que finalmente Ele vestirá os remidos. (Apocalipse 3:5; 19:8)

Deus diz: "Eu sou o primeiro e Eu sou o último, e além de Mim não há Deus". "Minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a Minha honra, às imagens de escultura". (Isaías 44:6; 42:8)

É impossível que parte de nossa vida seja vestida com os "trapos de imundícia" de nossa justiça própria, (Isaías 64:6) e o restante seja vestido com o manto puro e imaculado da justiça de Cristo. Não podemos servir a Deus em nossa vida doméstica e religiosa e servir às riquezas em nossa vida diária de negócios. Aquele que continua a fazê-lo nunca entrará no reino dos Céus. "Nós não podemos servir a Deus e às riquezas".

O Salvador ensinou a lição de que não podemos remendar nossas vestes sujas de justiça própria, com a justiça de Cristo. "Ninguém tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha; pois rasgará a nova, e o remendo da nova não se ajustará à velha". (Lucas 5:36)

O israelita que conscientemente recusava-se a misturar lã e linho nas suas vestes diárias, e nisto via a lição que Deus desejava ensinar, também se absteria do pecado. Seu traje todo, feito de um único tipo de tecido, lembraria constantemente do perfeito traje da justiça de Cristo, dado aos fiéis.

Quando o israelita começava todas as manhãs a se aprontar para suas tarefas diárias, outra ordem o constrangia: "Não lavrarás com junta de boi e jumento". (Deuteronômio 22:10) O boi era um animal limpo; o asno, ou jumento, era impuro. (Levítico 11:3,4) Embora cada um fosse útil, ainda assim não deveriam partilhar o mesmo jugo.

O Salvador orou, não que devamos ser tirados do mundo, mas que possamos ser guardados do mal do mundo. (João 17:15) Embora possamos fazer uso do mundo como os israelitas usavam o jumento impuro, ainda assim não devemos nos aliar com nenhuma das maldades do mundo.

"Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo?" (2 Coríntios 6:14-17)

Esta ordem inclui a relação matrimonial e toda relação comercial. Homens ímpios de negócios geralmente usam métodos para conduzir seus negócios que um cristão não poderia usar sem comprometer sua integridade cristã.

O cristão deve suportar o jugo de Cristo e não se engajar em nenhum negócio em que Cristo não possa ajudá-lo a carregar o ônus dos cuidados e das perplexidades ligados a ele. O Salvador diz a todos: "Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, porque sou

manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma". (Mateus 11:29)

Todos os preceitos do Antigo Testamento são iluminados com a glória do Filho de Deus. Isso é especialmente verdade sobre a ordem: "Não semearás a tua vinha com duas espécies de semente, para que não degenere o fruto da semente que semeaste e a messe da vinha". (Deuteronômio 22:9)

Os horticultores sabem o valor dessa ordem. Semeando trigo e aveia juntos, arruínam a aveia e prejudicam o trigo. Isto, como as outras leis levíticas, referia-se a mais do que a prosperidade temporal dos israelitas. Ensinava-lhes que se quisessem permanecer fiéis a Deus, não deveriam se associar com más companhias. "Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes". (1 Coríntios 15:33)

A Nova Versão Internacional diz: "As más companhias corrompem os bons costumes". A versão do Novo Testamento do século XX torna ainda mais forte, mostrando que a contaminação de más associações afeta mais do que o comportamento exterior. Lê-se: "Não se deixem enganar: o bom caráter é manchado por más companhias".

O Novo Testamento siríaco nos dá uma luz à parte acerca do que está incluído no termo "más companhias" ou "más conversações", como segue: "Não se enganem. Histórias do mal corrompem mentes bem-dispostas". Não importa como possam ser

recebidas, seja oralmente, seja por meio dos romances da moda, ou nas colunas do jornal, a verdade continua a ser a mesma, -- as mentes bem-dispostas são corrompidas por elas.

Assim como o trigo, que nos fornece o pão diário, é prejudicado por ser misturado com outras sementes no campo, do mesmo modo, a mentalidade mais espiritual pode ser desviada ao se associar com pessoas más, pois "a linguagem deles corrói como câncer". (2 Timóteo 2:17) "Não pecou nisto Salomão, rei de Israel? Todavia, entre muitas nações não havia rei semelhante a ele, e ele era amado do seu Deus, e Deus o constituiu rei sobre todo o Israel. Não obstante isso, as mulheres estrangeiras o fizeram cair no pecado". (Neemias 13:23-26)

"Pela contemplação somos transformados," é uma lei do nosso ser. Se com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, somos transformados segundo a Sua imagem. (2 Coríntios 3:18) Se deixamos nossa mente meditar sobre coisas más, nos tornamos maus. Como Davi, precisamos orar: "Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade; e vivifica-me no Teu caminho. (Salmos 119:37)

Ao indivíduo edificando uma casa, era dada a ordem: "Quando edificares uma casa nova, far-lhe-ás, no terraço, um parapeito, para que nela não ponhas culpa de sangue, se alguém de algum modo cair dela". (Deuteronômio 22:8) As casas na Palestina geralmente têm telhados planos, e neles as pessoas andam para desfrutar do ar

fresco, conversam juntas, dormem, etc. A necessidade do parapeito é bastante evidente.

Mas também há uma profunda lição espiritual ensinada na ordem. Cada ser humano edifica seu próprio caráter. Paulo diz: "Vós sois edifício de Deus" e todo edifício será testado pelo Senhor. (1 Coríntios 3:9-17)

É possível edificar um caráter que passará na prova do juízo e, que neste mundo seja como um farol de luz na escuridão moral do pecado, guiando outros com segurança ao porto de descanso. Por outro lado, como o telhado sem qualquer parapeito, podemos ser a causa da ruína para muitas almas. Na edificação de nosso caráter, precisamos fazer retos caminhos para os nossos pés, "para que não se extravie o que é manco" (Hebreus 12:13)

Dizem que as rígidas feições de uma estátua de mármore podem ser levadas a variar suas expressões, de modo a até sorrir, quando mãos hábeis movem uma luz brilhante diante dela; da mesma forma, a simples ordem: "Não atarás a boca ao boi quando debulha", (Deuteronômio 25:4) quando vista à luz do novo testamento, contém lições espirituais para a igreja cristã.

Ao escrever sobre o sustento do obreiro cristão, Paulo diz: "Na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi, quando pisa o trigo. Acaso, é com bois que Deus Se preocupa? Ou é, seguramente, por nós que Ele o diz? Certo que é por nós que está escrito". (1 Coríntios 9:9,10)

Então, ele continua explicando que, se recebermos ajuda espiritual de obreiros cristãos, somos obrigados a dar-lhes das nossas coisas "carnais" ou temporais. Não temos maior direito de desfrutar do auxílio espiritual derivado de obreiros cristãos sem dar ajuda financeira para sustentar a obra, do que os antigos israelitas tinham de atar a boca do boi que estava pacientemente pisando seu grão.

Paulo encerra seu argumento mostrando que o mesmo sistema de dízimo dado por Deus para sustentar Sua obra anteriormente, ainda é válido na igreja cristã. "Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados do próprio templo se alimentam? E quem serve ao altar do altar tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho". (1 Coríntios 9:13,14)

"Não atarás a boca ao boi quando debulha", contém uma lição para o obreiro cristão, bem como para aqueles para quem ele trabalha. A mordaca não é colocada no boi "quando está debulhando o cereal", mas se o boi estiver desocupado, sem pisar nenhum grão, então não há problema em amordaçá-lo. A ordem é de grande abrangência, e exige do obreiro na causa de Deus, serviço fiel; ao mesmo tempo, impõem aos outros a obrigação de sustentar fielmente os obreiros evangélicos.

Certamente, as seguintes palavras de Tyndale se aplicam a esse texto: "Os símbolos têm mais virtude e poder neles do que meras

palavras, e levam o entendimento de um homem ao âmago da questão e compreensão espiritual do assunto, mais do que todas as palavras que podem ser imaginadas".

Durante os quarenta anos que vagaram pelo deserto, os filhos de Israel passaram por experiências variadas. Como a humanidade de hoje, falharam em agradecer pelo cuidado protetor de Deus. Eles não perceberam que Deus os tinha protegido contra os répteis venenosos que infestavam seu caminho através do deserto. Deus removeu Seu cuidado protetor e permitiu que as serpentes abrasadoras surgissem entre o povo "que mordiam o povo; e morreram muitos do povo de Israel". (Números 21:5,6)

O povo confessou ter pecado e falado contra Deus e rogaram a Moisés que orasse por eles. Deus disse a Moisés para fazer uma serpente de bronze e colocá-la em um poste, e cada um que olhasse para ela viveria.

A esperança surgiu em muitos corações, enquanto levantavam as cabeças de seus queridos e dirigiam seus olhos para a serpente. Assim que o olhar daqueles que eram mordidos repousava sobre ela, a vida e a saúde voltavam para eles.

O remédio era tão simples -- apenas "olhar" -- que alguns zombavam dele; mas ao recusarem-se a olhar, recusavam a vida.

A introdução às maravilhosas palavras de João 3:16 são: "E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o

Filho do Homem seja levantado, para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". (João 3:14,15, ARC)

Assim como a serpente foi levantada no poste, assim também Jesus Cristo foi levantado na cruz. Assim como os israelitas deviam olhar a serpente de bronze, assim também os pecadores devem olhar para Cristo para a salvação. Assim como Deus não proveu nenhum outro remédio para os israelitas feridos, além deste olhar, assim também Ele não forneceu nenhum outro caminho de salvação além da fé no sangue de Seu Filho. Assim como aquele que olhava para a serpente de bronze era curado e vivia; assim também, aquele que crê no Senhor Jesus Cristo não perecerá mas terá a vida eterna.

Os efeitos mortais do pecado não podem ser removidos de outra maneira além dos meios que Deus providenciou. A antiga serpente, que é o diabo, está ferindo homens e mulheres por todo lado com sua mordida mortal; mas Cristo derramou Seu sangue na cruz do Calvário, e todo aquele que olhar para Cristo, crendo que Seu sangue o limpará de todo pecado, será livre do veneno da mordida da serpente. (1 João 1:7,9)

Da ordem: "Seja vaca, ou seja ovelha, não imolarás a ela e seu filho, ambos no mesmo dia", (Levítico 22:28) Andrew A. Bonar faz o seguinte comentário: "Alguns dizem que isto servia simplesmente para desencorajar a crueldade. Sem dúvida, tinha esse efeito. Mas uma razão típica encontra-se velada, e é muito preciosa. O Pai estava para entregar Seu Filho; e o Filho estaria, por assim dizer, separado do cuidado do Pai pelas mãos de homens ímpios. Como

isso poderia ser representado se ambos a ovelha e seu filho fossem oferecidos juntos? Esta parte da verdade nunca deve ser obscurecida, que 'Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho'. E os balidos do terno cordeiro aos ouvidos de seus pais, enquanto era tirado do aprisco, enchendo o ar de tristeza, representavam os balidos do 'Cordeiro levado ao matadouro', o qual tão tristemente clamou 'Eli! Eli! lama Sabachthani?'... Vemos assim uma imagem daquela grande verdade pendurada em cada uma das casas de Israel, 'Deus não poupou o Seu próprio Filho, mas entregou-O por todos nós'.

Tipo

Deuteronômio 22:11. "Não usarás uma roupa de vários tecidos, como de lã e linho juntos".

Deuteronômio 22:10. "Não lavrarás com boi e jumento juntos".

Deuteronômio 22: 9. "Não semearás a tua vinha com duas espécies de semente, para que não degenerem o fruto da semente que semeaste e a messe da vinha".

Deuteronômio 22:8. "Farás um parapeito para o teu terraço, para que não ponhas culpa de sangue sobre tua casa".

Deuteronômio 25:4. "Não atarás a boca ao boi quando debulha".

Números 21:8, 9. "Moisés levantou a serpente no deserto, e todos os que a olhavam, viviam".

Antítipo

Isaías 64:6; 61:10. Não podemos misturar os trapos imundos da nossa justiça com as vestes da justiça de Cristo.

2 Coríntios 6:14-17. "Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos".

1 Coríntios 15:33. Tradução do século XX: "O bom caráter é manchado pelas más companhias".
Tradução síria: "Histórias do mal corrompem mentes bem-dispostas".

Hebreus 12:13. "Fazei caminhos retos para os vossos pés, para que não se extravie o que é manco".

1 Coríntios 9:11; 1 Timóteo 5:18. "Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?"

João 3:14, 15. "E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

Capítulo 37

Rúben

O Senhor nomeia os indivíduos de acordo com o seu caráter, e uma vez que Ele escolheu os nomes dos doze filhos de Jacó, -- de onde vieram as doze tribos de Israel, -- como nomes das doze divisões dos cento e quarenta e quatro mil, deve haver algo no caráter dos filhos de Jacó e das doze tribos de Israel que merecem um estudo cuidadoso.

Existe uma relevância no significado dos nomes dados às pessoas pelo Senhor. O nome de Jacó não foi mudado para Israel até que, após um longo e cansativo combate, ele prevaleceu com Deus e com os homens. (Gênesis 32:24-28) Foi depois de José ter dado todas as suas posses para suprir as necessidades da causa de Deus, que ele se chamou Barnabé, ou "o filho da exortação". (Atos 4:36,37)

O grupo dos cento e quarenta e quatro mil, que será redimido dentre a humanidade, quando vier o Salvador, e que, durante a eternidade, "seguirão o Cordeiro por onde quer que vá", entrará na cidade de Deus organizados em doze grupos, cada um portando o nome de uma das doze tribos de Israel. (Apocalipse 14:1-4; 7:4-8) Desses exemplos, concluimos que havia um significado especial para os nomes dados aos doze filhos de Jacó.

Em toda antiga família israelita, o filho mais velho herdava, como seu direito de primogenitura, uma dupla porção dos bens de seu pai e a honra de officiar como sacerdote na casa de seu pai; e o que era de maior valor para todo o verdadeiro filho de Abraão do que riqueza ou posição terrena, ele herdava o direito de primogenitura espiritual, que lhe dava a honra de ser progenitor do Messias prometido.

Mas Rúben, o mais velho dos doze filhos de Jacó, como seu tio Esaú, (Gênesis 25:34; Hebreus 12:16) valorizou levemente o direito de primogenitura e, numa hora de descuido, cometeu um pecado que o excluiu de todos os direitos espirituais e temporais do primogênito. Ele cometeu adultério com a esposa de seu pai, um pecado que Paulo disse que não era sequer mencionado "mesmo entre os gentios", ou pagãos. (1 Coríntios 5:1; Gênesis 49:4, ARC)

Por causa desse pecado, -- o direito de primogenitura temporal -- a dupla porção da herança terrena de Jacó -- foi dada a José; (1 Crônicas 5:1) o sacerdócio para Levi; (Deuteronômio 33:8-11) e sobre Judá, o quarto filho de Jacó, concedeu-se a honra de se tornar o progenitor de Cristo. (1 Crônicas 5:1,2)

Jacó em seu leito de morte retratou o caráter que Rúben como o primogênito poderia ter possuído. "Rúben, tu és meu primogênito, minha força e as primícias do meu vigor, o mais excelente em honra e o mais excelente em poder". Podemos imaginar o triste tom da voz do velho patriarca enquanto retratava o caráter real de seu primogênito, aquele que poderia ter tido o respeito de todos --

"inconstante como a água, não serás o mais excelente". (Gênesis 49:3,4)

Há vestígios na história de Rúben da "excelência em altivez" que originalmente lhe foi outorgada, como demonstrado pela bondade de trazer para casa as mandrágoras para sua mãe, (Gênesis 30:14) e tentando salvar a vida de José, quando seus irmãos decidiram matá-lo. (Gênesis 37:21,22,29; 2:22)

Rúben foi um personagem vacilante, "inconstante como a água". Seu pai tinha pouca confiança em sua palavra; pois quando seus irmãos desejaram levar Benjamim ao Egito, Jacó não considerou a promessa de Rúben de devolver Benjamim com segurança a seu pai, mas, quando Judá prometeu ser a garantia da segurança do moço, Jacó aceitou a oferta. (Gênesis 42:37, 38; 3:8,9)

A natureza instável de Rúben parece ter sido transmitida aos seus descendentes. O mesmo caráter egoísta foi mostrado pela tribo de Rúben que desejava tomar posse da primeira terra conquistada quando saíram do Egito. Moisés, evidentemente, leu seu motivo no pedido; contudo, lhes concedeu suas posses no "outro lado do Jordão". Como resultado deste pedido, eles estavam entre os primeiros a serem levados cativos para a Assíria por Tiglate-Pileser, rei da Assíria, cerca de 740 a.C. (Números 32:1-33; 1 Crônicas 5:26)

As palavras proféticas do patriarca, "não serás o mais excelente", foram cumpridas na história da tribo de Rúben. Essa tribo não proveu nenhum juiz, nenhum profeta, nenhum herói, a

menos que seja Adina e os trinta homens com ele, que foram contados entre os homens valentes do exército de Davi. (1 Crônicas 11:42) Esses homens sem dúvida estavam entre os cento e vinte mil das tribos de Rúben, Gade e Manassés, que subiram a Hebrom para fazerem Davi rei sobre Israel. (1 Crônicas 11:37,38)

Datã e Abirão, da tribo de Rúben, com Coré, o levita, ficaram conhecidos pela rebelião que instigaram no campo de Israel; e sua destruição foi uma lição objetiva do destino de todos os que seguem um curso semelhante. (Números 16:1; Deuteronômio 11:6)

O território escolhido pelos rubenitas colocou-os em estreita proximidade com Moabe. As cidades na herança de Rúben -- Hesbom, Eleale, Quiriataim, Nebo, Baal-Meom, Sibma, -- são familiares para nós como cidades moabitas e não israelitas.

Não é de se estranhar que Rúben, tão distante da sede central do governo nacional e da religião nacional, tenha abdicado da fé de Jeová. "Seguiram os deuses dos povos da terra, os quais Deus destruía de diante deles", e ouvimos pouco sobre a tribo de Rúben até que Hazael, rei da Síria, tomou posse de seu território por um tempo. (2 Reis 10:32,33)

Quando, como tribo, eles falharam completamente em fazer a obra que Deus pretendia que fizessem em sua própria terra, o Senhor permitiu que Pul e Tiglate-Pileser os levassem para a parte superior da Mesopotâmia, onde permaneceram até que, no final dos setenta

anos de cativo, representantes das doze tribos foram novamente reunidos na terra prometida. (Esdras 6:17; 8:35; Neemias 7:73)

A história da tribo é um registro de fracassos na realização dos propósitos de Deus. Como Rúben, o primogênito, teve a oportunidade de se posicionar como líder, assim também a tribo de Rúben, situada nas fronteiras de Moabe, poderia ter se provado verdadeira para com Deus e ter sido um farol de luz a guiar os pagãos ao Deus verdadeiro; mas eles, como o pai Rúben, eram "inconstantes como a água".

Embora o patriarca e os seus descendentes não tenham cumprido os propósitos de Deus, ainda assim o nome de Rúben será imortalizado, pois, por toda a eternidade, os inúmeros milhões dos remidos lerão esse nome em um dos portais de pérola da Nova Jerusalém. Doze mil dos cento e quarenta e quatro mil serão desta classe, e entrarão no reino de Deus sob o nome de Rúben.

Como pode alguém, que aparentemente fez da vida um fracasso, ser honrado dessa forma? Esse é o grande mistério da piedade. Como pode o ladrão, que naufragou completamente na sua vida, estar com o Salvador no Paraíso? É mediante o poder do sangue de Cristo, o Redentor que perdoa o pecado.

Quando Moisés pronunciou sua bênção de despedida sobre as tribos de Israel, de Rúben, ele disse: "Viva Rúben e não morra; e não sejam poucos os seus homens!" (Deuteronômio 33:6) Podemos nos admirar como um personagem "inconstante como a água"

poderia "viver e não morrer"; mas o curso seguido por Rúben no momento de uma grande crise em Israel explica como alguém assim pode ser um vencedor.

Na época da batalha de Megido, que é, em muitos aspectos, um tipo de batalha final do Armagedom, afirma-se que "nas divisões de Rúben houve profundo exame de coração". (Juízes 5:16 KJV, margem.) Aqui está o segredo de toda a questão.

Há uma multidão de homens e mulheres no mundo hoje com caracteres como Rúben. São "inconstantes como a água", sem nenhum poder em si mesmos para fazer qualquer coisa boa; mas se começarem a examinar com determinação seus corações, descobrirão sua própria fraqueza; e se eles se voltarem para Deus, Ele virá em seu socorro e lhes dirá, como fez sobre Rúben de antigamente, "que esse viva e não morra".

Resumo

O direito de primogenitura envolvia:

Uma porção dupla dos bens, O sacerdócio da família, O progenitor de Cristo.

Rúben teve quatro filhos, cujos descendentes formaram a tribo que chamou seu nome. (1 Crônicas 5:3)

A tribo contava com 43.730 homens quando entraram na terra prometida. (Números 26:7)

Os rubenitas foram levados cativos para a Assíria. (1 Crônicas 5:26)

Capítulo 38

Simeão

Simeão era o segundo filho da não amada esposa de Jacó, Lia. Ele era um homem de fortes paixões. Sua vida e a da tribo que leva o seu nome contêm algumas das manchas mais sombrias da história do antigo Israel.

O pecado que coroou a vida de Simeão foi o assassinato dos homens de Siquém. (Gênesis 34) Levi estava aliado com Simeão nessa obra perversa, mas Simeão parece ter sido o espírito principal; pois o registro divino sempre menciona seu nome primeiro ao falar do pecado.

Há algo triste em todo o caso. O príncipe de Siquém abusou de Diná, a única filha de Jacó. É fácil imaginar como uma única irmã seria amada e estimada por seus irmãos, e especialmente pelos filhos de Lia que também era a mãe de Diná. Quando Jacó repreendeu Simeão e Levi pelo assassinato, sua única resposta foi: "Abusaria ele de nossa irmã, como se fosse prostituta?" (Gênesis 34:31)

O amor por sua irmã evidentemente provocou o ato de vingança. Eles também desejavam resgatá-la; pois Diná tinha sido seduzida para ir à casa do príncipe de Siquém, e depois do assassinato, Simeão e Levi a trouxeram para casa com eles. (Gênesis 34:26)

As palavras dirigidas a Simeão por Jacó, mostram que Deus não passa por alto o pecado de ninguém. O fato de que sua única irmã fora abusada não era desculpa para cometer esse terrível ato de vingança.

Quando os filhos de Jacó se reuniram em torno da cama de seu pai para receber sua bênção de despedida, a visão de Simeão e Levi trouxe vividamente para a mente do patriarca moribundo o detalhe desse assassinato cometido cerca de quarenta anos antes, e ele exclamou: "Simeão e Levi são irmãos; as suas espadas são instrumentos de violência. No seu conselho, não entre minha alma; e, como se encolhesse diante do próprio pensamento de que seu nome estava manchado por seu procedimento perverso, ele continua: "No seu conselho, não entre minha alma; com o seu agrupamento, minha glória não se ajunte; porque no seu furor mataram homens, e na sua vontade perversa derrubaram muros. Maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era cruel; eu os dividirei em Jacó e os espalharei em Israel". (Gênesis 49:5-7, trad. lit. KJV)

Ambas as tribos foram "divididas" e "dispersas". Mas de forma bem diferente! Os levitas ocuparam posições de honra e foram espalhados pelo país como educadores e sacerdotes religiosos. A dispersão da tribo de Simeão surgiu de elementos corruptores na própria tribo, o que reduziu seus números e finalmente resultou em lançá-los fora de sua herança.

Quando a terra foi dividida entre as diferentes tribos, à de Simeão não foi dada nenhuma parte; mas como o lote de Judá era muito grande para aquela tribo, Simeão recebeu permissão de ocupar uma porção da herança de Judá. Depois, alguns dos simeonitas foram obrigados a buscar um novo território, e foram assim separados do resto de seus irmãos. (1 Crônicas 4:27,39,42)

Nos escritos de antigos médicos judeus, afirma-se que a tribo de Simeão tornou-se tão apertada em suas habitações que um grande número deles foi forçado a procurar subsistência entre as outras tribos por ensinar seus filhos. Verdadeiramente foram divididos em Jacó e espalhados em Israel.

Quando Israel foi contado no Sinai, Simeão tinha 59.300 homens de guerra. Apenas duas tribos a superavam em força. Mas quando Israel foi novamente numerado em Sitim, Simeão era o mais fraco de todas as tribos, com apenas 22.200. Por que essa grande mudança? Os homens fortes de Simeão não sacrificaram suas vidas no campo de batalha, lutando pela honra de Deus; eles foram mortos por causa da licenciosidade de seus próprios corações. O capítulo vinte e cinco de Números relaciona a triste história da ruína de Simeão. Tem-se a impressão pelo registro que os principais homens de Simeão foram os líderes naquela grande apostasia. Eles se tornaram uma presa para as prostitutas midianitas. Verdadeiramente "a muitos feriu e derribou; e são muitos os que por ela foram mortos". (Provérbios 7:26)

Salomão, o mais sábio dos homens, que foi três vezes chamado o amado de Deus, tornou-se um escravo da sua paixão e, assim, sacrificou sua integridade ao mesmo poder enfeitiçante. (Neemias 13:26)

As margens do rio do tempo estão cobertas com os destroços de personagens que foram encalhados sobre a rocha da condescendência sensual. Israel tornou-se presa da licenciosidade antes de serem levados à idolatria. Quando os desejos licenciosos governam o coração, outros pecados seguem rapidamente.

"Bem-aventurados os puros de coração". (Mateus 5:8) O que domina seu espírito é maior do que aquele que toma uma cidade; (Provérbios 16:32) mas "como cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não tem domínio próprio". (Provérbios 25:28)

Alguns supõem que a omissão do nome de Simeão na bênção de Moisés se deveu ao desagrado de Moisés pelo comportamento da tribo em Sitim.

Pouco se fala da posição tomada por esta tribo quando o reino foi dividido; mas há duas referências que parecem indicar que sua simpatia era com o reino de Israel. (2 Crônicas 15:9; 34:6)

A mesma disposição destemida e guerreira manifestada nos pecados declarados cometidos por Simeão, estava na vida de Judite usada para proteger o povo de Deus.

Não se sabe ao certo se o livro apócrifo que tem seu nome é uma história ou um romance histórico, mas, a partir do registro ali encontrado, Judite sempre permanecerá uma das figuras proeminentes entre os libertadores de sua nação. Ela, como Jael, matou o líder do exército dos inimigos. (Juízes 4:21; Juízes 13:6-9) Ela fortaleceu-se para sua tremenda façanha por meio de oração ao "Senhor Deus de meu pai Simeão"; também em sua oração, ela fez alusão ao massacre em Siquém. (Juízes 9:2)

A história de Judite, que, como Ester, arriscou sua vida pela libertação de seu povo, está em belo contraste com o registro do rumo perverso seguido por Simeão e seus descendentes.

No Targum Pseudo-Jônatas, são Simeão e Levi que planejam matar o jovem José; e Simeão amarrou José antes de ser baixado no poço em Dotã. Isso foi apenas cerca de dois anos após o mesmo homem ter planejado e executado o assassinato dos homens de Siquém. A memória deve ter trazido todos esses eventos de forma muito vívida à mente de José enquanto estava diante de seus irmãos e ordenou que Simeão fosse preso como refém diante dos olhos dos próprios homens que uma vez o viram amarrar José com a intenção de matá-lo. (Gênesis 42:19-24)

Alguns podem achar estranho que o nome de um homem que ficou conhecido apenas por assassinato e pecado, esteja inscrito em um dos portais da Cidade Santa de Deus, e que uma décima segunda parte dos cento e quarenta e quatro mil entrará na cidade de Deus portando o nome desse homem. Mas o fato de alguém ter cometido

pecado nunca o excluirá do reino de Deus. Todos pecaram. É um pecado não confessado que impede alguém de receber a vida eterna.

Jesus é o único nascido da mulher que é sem pecado. Somente Ele, de toda a família de Adão, durante toda a eternidade, terá um registro de vida descoberto. Nenhuma parte do Seu registro será coberta. Mas nosso registro de vida, manchado pelo pecado, será coberto pela justiça de Cristo. O sangue de Cristo pode purificar do pecado mais obscuro, e mesmo os assassinos podem entrar no Céu; não como assassinos, mas como pecadores perdoados; pois "ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã". (Isaías 1:18)

Recolhidos do meio do pecado e da maldade da última geração, haverá doze mil redimidos, que por virtude do sangue de Cristo serão enxertados na tribo de Simeão, e durante toda a eternidade representarão a tribo na Terra renovada.

Resumo

Simeão teve seis filhos, cujos descendentes formaram a tribo que levava seu nome. (Gênesis 46:10)

A tribo contava com 22.200 homens quando entraram na terra prometida. (Números 26:12-14)

Judite, a única personagem notável da tribo, matou o líder do exército dos inimigos. (Juízes 13:6-14)

Capítulo 39

Levi

Quando Lia deu à luz ao seu terceiro filho, ela disse: "Agora, desta vez, se unirá mais a mim meu marido, porque lhe dei à luz três filhos; por isso, lhe chamou Levi" ou "unido". (Gênesis 29:34) Pouco percebeu Lia, com o anseio pelo amor de seu marido, que o pequeno bebê cumpriria seu nome em um sentido muito mais amplo do que ela antecipara, e ajudaria a unir os filhos de Israel ao seu grande Marido, o Criador de todas as coisas. (Isaías 54:5)

O nome de Levi parecia uma profecia da obra de vida de toda a tribo. Como Satanás, por inveja e ciúmes, separou Lia do respeito de seu marido, assim também procurou destruir Levi persuadindo-o a unir-se com Simeão para vingar o mal feito a sua única irmã. (Gênesis 34)

As palavras de Jacó em seu leito de morte revelam a magnitude do crime e como o Senhor o considerou. O coração do velho pai foi agitado pela lembrança, e ele exclamou: "No seu conselho, não entre minha alma; com o seu agrupamento, minha glória não se ajunte; ... Maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era cruel". E então, como se não suportasse pensar no crescimento deles, tornando-se uma tribo forte para perpetuar tais crimes, exclamou: "eu os dividirei em Jacó e os espalharei em Israel". (Gênesis 49:5-7, trad. lit. KJV) Era mais uma maldição do que uma bênção; mas quando um pecador se arrepende e se desvia de seus pecados, nosso

Deus transforma as maldições em bênçãos, e assim foi no caso de Levi. (Neemias 13:2)

Não há nada que indique que a tribo de Levi tivesse qualquer preeminência especial sobre as outras tribos durante a escravidão egípcia. É bastante evidente que o plano original de ter o primogênito como sacerdote da casa, continuou até o acampamento no Sinai. Os "jovens dos filhos de Israel" ofereciam os sacrifícios naquele tempo. (Êxodo 24:5) No Targum Pseudo-Jônatas, é expressamente afirmado: "Ele enviou o primogênito dos filhos de Israel, pois até então o culto era ministrado pelo primogênito porque o tabernáculo ainda não fora edificado, nem o sacerdócio fora dado a Arão".

O caráter é formado pela forma como os indivíduos encaram os eventos comuns da vida cotidiana; mas é testado pela forma como eles enfrentam as crises da vida. No Sinai, o povo de Deus passou por uma das maiores crises da história da igreja, quando toda a multidão de Israel adorou o bezerro de ouro. Foi nesse momento, quando até mesmo o próprio Deus estava pronto para destruir Israel, (Êxodo 32:10) que a tribo de Levi avançou, e por sua fidelidade ajudou a salvar a causa de Deus.

Quando Moisés desceu do monte e encontrou os filhos de Israel adorando o bezerro de ouro, ele se colocou à entrada do acampamento e disse: "Quem é do Senhor venha até mim. Então, se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi, aos quais disse: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Cada um cinja a espada sobre o lado,

passai e tornai a passar pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, cada um, a seu amigo, e cada um, a seu vizinho. E fizeram os filhos de Levi segundo a palavra de Moisés". (Êxodo 32:26-28)

No momento desta crise, a honra de Deus e Sua causa foi mais preciosa para os levitas do que todos os vínculos mundanos; nem irmãos, nem companheiros, nem amigos estavam entre eles e seu dever para com Deus. Como recompensa pela sua fidelidade, o sacerdócio -- uma parte do direito de primogenitura -- foi dado aos filhos de Levi. O que Rúben perdeu por sua infidelidade na casa de seu pai, Levi ganhou por ser fiel a Deus diante de todo o Israel.

Jacó em seu leito de morte denunciou os pecados de Levi; mas Moisés em sua bênção de despedida, exaltou-os acima de todos os outros. De Levi, ele disse: "Dá, ó Deus, o Teu Tumim e o Teu Urim para o homem, Teu fidedigno, que Tu provaste em Massá, com quem contendeste nas águas de Meribá; aquele que disse a seu pai e a sua mãe: Nunca os vi; e não conheceu a seus irmãos e não estimou a seus filhos, pois guardou a Tua palavra e observou a Tua aliança. Ensinou os Teus juízos a Jacó e a Tua lei, a Israel; ofereceu incenso às Tuas narinas e holocausto, sobre o Teu altar. Abençoa o seu poder, ó Senhor, e aceita a obra das suas mãos". (Deuteronômio 33:8-11)

Desde a queda do homem, cada família celebrava seu culto com um sacerdote próprio. Quando chegou a hora de mudar esse método

de adoração, Deus o fez de uma maneira que deu a todo Israel uma compreensão completa do assunto.

Os primogênitos homens de todos os israelitas foram contados, e encontrados 22.000. Então a tribo de Levi foi numerada, e havia 22.273. Assim, os levitas superaram o número de primogênitos; de modo que o preço de resgate para o primogênito, -- "cinco ciclos por cabeça", foi pago pelos 273 levitas, a quantidade pela qual excederam o número de primogênitos. (Números 3:46-49) Então todos os levitas foram separados para a obra de suas vidas.

O total dos números apresentados no terceiro capítulo de Números para cada um dos três filhos da tribo de Levi é de 22.300. Entende-se que estes 300 extras eram os primogênitos de Levi e, como tais, já estavam consagrados e não podiam substituir os outros.

O tabernáculo era um sinal para os filhos de Israel do seu Rei invisível, e os levitas eram como uma guarda real que servia exclusivamente a Ele. Quando o povo estava acampado, os levitas eram os guardiões da tenda sagrada. Quando viajavam, os Levitas sozinhos carregavam tudo o que pertencia ao santuário.

Quando Israel entrou na terra prometida, a tribo de Levi não recebeu nenhuma herança. Não se esperava que gastassem seu tempo e força para cultivar o solo e criar gado. O bem-estar espiritual de todo o Israel deveria ser sua obrigação; e, para que pudessem realizar com mais facilidade essa obra, os levitas receberam quarenta e oito cidades, espalhadas por todas as doze

tribos, e o dízimo era usado para seu sustento. (Números 18:20,21) Assim, a profecia de Jacó foi cumprida; eles foram "divididos em Jacó e dispersos em Israel".

A história do templo e seu serviço é a história dos levitas. Enquanto Deus foi honrado pelo Seu povo, os levitas exerciam o que lhes fora indicado; mas quando a apostasia surgiu, os levitas foram obrigados a procurar outro trabalho para seu sustento. (Neemias 13:10,11)

Levi, como as outras tribos, teve uma história muito acidentada; nem todos foram fiéis a Deus, mas a tribo continuou a existir em Israel até ao tempo de Cristo e tinha um digno representante entre os primeiros apóstolos na pessoa de Barnabé. (Atos 4:36)

Foi em tempo de crise que os levitas alcançaram a sua grande vitória. Em uma crise, as decisões são tomadas rapidamente. Muitos falham nesses momentos, porque não possuem um caráter cristão independente. Têm o hábito de seguir a liderança daqueles em quem eles confiam, e não têm força em si mesmos. Aquele que deseja sempre provar-se verdadeiro nas crises da vida, deve ter uma ligação ativa com o Deus dos Céus, e deve temer mais a Deus do que ao homem.

Moisés e Arão são dois dos personagens mais conhecidos da tribo de Levi. Havia um acentuado contraste entre os dois homens. Moisés permanecia como uma grande rocha, contra a qual as ondas batiam continuamente. Arão era mais gentil, e às vezes parecia

quase vacilante; mas Arão era um personagem forte, embora diferente do seu irmão.

O teste de coroação de Arão veio quando seus dois filhos foram feridos no tabernáculo, porque, sob a influência de uma bebida forte, ofereceram fogo estranho perante o Senhor. Arão não podia mostrar sinais de dor; ensinando assim ao povo que Deus era justo ao punir os malfeitores, mesmo que fossem seus próprios filhos.

Este não era um teste pequeno, e depois de estudar Levítico 10:11, podemos entender melhor como, apesar dos assassinatos cometidos no início da vida de Levi, o Senhor podia falar de Arão como "o santo do Senhor". (Salmos 106:16)

Uma décima segunda parte dos cento e quarenta e quatro mil estará ordenado sob o nome de Levi. Serão pessoas que, por causa do pecado, mereceram apenas maldições, mas que abandonaram o pecado; e enquanto os homens ao seu redor estavam vacilando e caindo, ficaram fiéis a Deus e à Sua causa, e receberão uma rica bênção das mãos de um Deus misericordioso.

Resumo

Levi teve três filhos, cujos descendentes formaram a tribo que levava seu nome. (Gênesis 46:11)

Arão e seus filhos oficiavam como sacerdotes.

O restante da tribo auxiliava no serviço do templo.

Personagens Notáveis

Moisés e Arão foram os levitas mais notáveis do Antigo Testamento.

Barnabé e Marcos são personagens proeminentes no Novo Testamento.

Capítulo 40

Judá

Nome, ou pedigree, separado do caráter, não tem peso nos registros do Céu. Porque Rúben fracassou no cultivo de um caráter digno do primogênito -- a quem era assegurado os direitos de primogenitura, tanto temporais quanto espirituais, -- suas bênçãos lhe foram tiradas e dadas a outros que desenvolveram caracteres dignos desses direitos.

José, que se tornou um notável gerente de negócios, recebeu a dupla porção da herança de seu pai, o direito de primogenitura temporal; mas era necessário mais do que a capacidade de controlar grandes riquezas para ter assegurado o direito de primogenitura espiritual, e se tornar o progenitor do Messias.

Os registros afirmam que Judá, o quarto filho, "foi poderoso entre seus irmãos, e dele veio o Príncipe". (1 Crônicas 5:2) Jacó, sobre seu leito de morte, pronunciou as palavras proféticas: "O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos". (Gênesis 49:10)

Como foi que Judá prevaleceu acima de seus irmãos, e assim herdou o direito de primogenitura espiritual? Este é um assunto digno de estudo cuidadoso por todos aqueles que desejam uma parte no grande direito de primogenitura espiritual pelo qual hoje podemos nos tornar herdeiros da herança eterna. Não temos registro

de Judá alguma vez prevalecendo sobre seus irmãos pela força das armas. Mas um estudo cuidadoso da vida dos doze filhos de Jacó, revela o fato de que Judá era um líder. Quando ele se ofereceu como garantia por Benjamim, Jacó concordou em deixar Benjamim ir para o Egito, embora a oferta de Rúben tivesse sido recusada. (Gênesis 43:8-13; 42:37,38)

Quando Jacó e sua família chegaram ao Egito, Jacó "enviou Judá adiante de si a José para que soubesse encaminhá-lo a Gósen". (Gênesis 46:28) Quando os filhos de Jacó estavam em grande perplexidade, porque o governante do Egito exigiu a Benjamim como refém, foi Judá que pleiteou sua causa tão fervorosamente que José livrou-se de seu disfarce, e se deu a conhecer a seus irmãos. (Gênesis 44:14-34; 45:1-3)

Por rigorosa integridade ao princípio, Judá havia ganhado a confiança de seu pai e seus irmãos. Toda a história é contada na bênção pronunciada sobre Judá por seu velho pai, antes da sua morte: "Judá, teus irmãos te louvarão; a tua mão estará sobre a cerviz de teus inimigos; os filhos de teu pai se inclinarão a ti". (Gênesis 49:8)

Seus irmãos se curvaram perante José, mas as circunstâncias eram diferentes. A riqueza e a posição de José, adquiridas em uma terra estrangeira, lhe deram a preeminência; mas Judá ganhou o respeito de seus irmãos no contato diário da vida doméstica. Essa confiança não nasceu de um dia para o outro; mas, dia a dia, a sua rigorosa integridade lhes ganhou o respeito, até que pela vontade

própria, não por força das circunstâncias, o louvaram e curvaram-se diante dele. Uma vida de conflito e vitória sobre as tendências egoístas de seu próprio coração está inserida nas palavras: "Judá, teus irmãos te louvarão".

É digno de nota que Judá prevaleceu nas mesmas circunstâncias em que Rúben falhou. Não foram pecados contra o público que impediram Rúben dos privilégios do primogênito; ele provou-se infiel na vida doméstica. (1 Crônicas 5:1) Ele não tinha em conta a honra de sua própria família. Seu pai e seus irmãos não podiam confiar nele em sua vida privada. Na mesma casa, cercada pelas mesmas tentações e ambientes, "Judá foi poderoso entre seus irmãos, e dele veio o Príncipe". (1 Crônicas 5:2)

Doze mil dos cento e quarenta e quatro mil entrarão na cidade santa sob o nome de Judá, (Apocalipse 7:5) -- pessoas que, em tempos de perplexidade, têm sido reconhecidas por seus irmãos como líderes confiáveis.

"Judá é leãozinho; da presa subiste, filho meu. Encurva-se e deita-se como leão e como leoa; quem o despertará?" (Gênesis 49:9) Nessas palavras, Jacó dá a impressão de que tão fácil quanto vencer um leão seria superar alguém com o caráter de Judá; que seria tão seguro despertar um leão velho, quanto lutar com alguém que permaneceu firme em sua integridade a Deus.

Bem que poderíamos almejar o caráter de Judá, -- essa firmeza que não renderá nossa integridade cristã, mas saberá com certeza

que o Senhor está conosco quando somos assaltados por Satanás e por todas as suas hostes. (Mateus 7:24,25)

Judá é mencionado mais frequentemente nas Escrituras do que qualquer outro dos doze patriarcas, exceto José. Dos cinco filhos de Judá, dois morreram sem filhos; mas dos três filhos restantes veio a tribo mais forte em todo o Israel.

No Sinai, os filhos de Judá totalizaram 74.600. Evidentemente, tiveram uma participação muito pequena, se alguma, na apostasia de Sitim, onde os números de Simeão foram grandemente reduzidos; pois Judá contou 76.500 quando deixaram Sitim para entrar na terra prometida.

A tribo de Judá ocupou uma posição entre as outras tribos semelhante àquela que o progenitor detinha na família de seu pai. A eles foi confiado o cuidado do sacerdócio. As nove cidades ocupadas pela família de Arão, os sacerdotes, estavam todas no território de Judá e Simeão. (Josué 21:9-16) O restante das quarenta e oito cidades ocupadas pelos levitas eram espalhadas pelas outras tribos.

Judá era uma tribo independente. Após a morte de Saul, eles não esperaram que outros reconhecessem a Davi como rei, mas o coroaram rei de Judá, e Davi reinou sobre eles sete anos e meio antes de ser coroado rei sobre todo o Israel. (2 Samuel 2:4,11)

Após a morte de Salomão, Judá e Benjamim permaneceram fiéis à semente de Davi, e formaram o reino de Judá. Este reino conservou sua própria terra por cerca de 142 anos depois que o reino de Israel fora levado cativo para a Assíria. (2 Reis 17:6; 2 Crônicas 36:17-20)

Zedequias, rei de Judá, teve a última oportunidade de salvar a cidade santa de cair nas mãos dos pagãos, (Jeremias 38:17-20) mas ele falhou, e Judá, a tribo real, foi levada cativa para a Babilônia.

O cetro nunca se afastou completamente de Judá até que veio Siló. Herodes, o último rei que reinou sobre os judeus, morreu alguns anos após o nascimento de Cristo. Em seu primeiro testamento, Herodes nomeou Antipas como seu sucessor; mas em seu último testamento nomeou Arquelau como aquele que deveria reinar em seu lugar. O povo estava pronto para receber Arquelau, mas depois se revoltaram. Arquelau e Antipas ambos foram a Roma apresentar suas reivindicações perante César. César também não confirmou nenhum deles, mas enviou Arquelau de volta à Judeia como etnarca, (Mateus 2:19-22) com a promessa da coroa se ele provasse ser digno disso; mas ele nunca recebeu. Assim, a terra estava "desamparada por ambos seus reis" durante a infância de Cristo, como foi profetizado por Isaías. (Isaías 7:14-16)

A tribo de Judá proveu uma galáxia de nomes destacados na história sagrada. Nenhuma outra tribo supriu ao mundo tantos poderosos homens de Deus. Na cabeça da lista está o nome incomparável, Jesus de Nazaré, o Leão da tribo de Judá.

A grande fé de Calebe e a sua coragem intrépida tem sido uma inspiração para homens de todas as eras. No auge da vida, sua fé era forte. Quando outros homens viram apenas os gigantes das dificuldades no caminho da entrada na terra, ele disse: "certamente, prevaleceremos contra ela". (Números 13:30) Aos oitenta e cinco anos de idade, na força de Deus, ele expulsou os inimigos da fortaleza de Hebrom. (Josué 14:6-15; 15:13-15)

Davi foi honrado acima de todos os reis terrestres ao ser tomado como um tipo de Cristo, e a inspiração chama o Salvador de "o filho de Davi". (Mateus 21:9) Judá proveu vários outros reis que, mesmo rodeados por todas as tentações da vida da corte, permaneceram fiéis a Deus.

Após o início do cativeiro, quando por um tempo parecia que o Israel de Deus quase fora apagado da Terra, quatro jovens de Judá, fiéis ao caráter de leão de sua tribo, arriscaram suas vidas em vez de se contaminarem com as finas iguarias (Provérbios 23:1-3) da mesa do rei da Babilônia. (Daniel 1:8)

Poucos anos depois, três desses homens posicionaram-se sem medo perante o rei da Babilônia, dizendo: "Fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses". (Daniel 3:18) Em cumprimento à promessa feita mais de cem anos antes, (Isaías 43:2) o Senhor caminhou com os três filhos de Judá através da fornalha de fogo, e saíram ilesos. (Daniel 6:7-10, 16-22) E Daniel, fiel à integridade de

sua tribo, enfrentou leões famintos ao invés de interromper sua comunhão com Deus.

Resumo

Judá foi o progenitor de Cristo. (1 Crônicas 5:2; Gênesis 49:10)

A tribo de Judá era descendente dos três filhos mais novos de Judá.

A tribo contava com 76.500 homens quando entraram na terra prometida. (Números 26:19-22)

O cetro não se afastou de Judá até que veio Siló. (Isaías 7:14, 16)

Personagens Notáveis

Calebe, filho de Jefoné. (Números 13:6)

Otniel, um sobrinho de Calebe, julgou Israel quarenta anos. (Juízes 3:9-11)

Ibã de Belém, da terra de Judá, julgou Israel sete anos. (Juízes 12:8-10)

Judá proveu muitos reis; entre eles estavam Davi, Salomão, Josafá, Ezequias e Josias.

O maior personagem de todos é Jesus, o Leão da tribo de Judá.
(Apocalipse 5:5)

Capítulo 41

Naftali

Naftali, o sexto filho de Jacó, foi o segundo filho de Bila, criada de Raquel. A Bíblia é silenciosa em relação à sua história pessoal, exceto a afirmação de que ele teve quatro filhos dos quais surgiram a tribo de Naftali; mas a tradição judaica afirma que Naftali era reconhecido como um rápido corredor, e que fora escolhido por José como um dos cinco para representar a família perante o Faraó.

Na bênção de Jacó, quando moribundo, Judá foi comparado a um leão, Dã a uma serpente, Issacar a um jumento forte, Benjamim a um lobo, mas "Naftali é uma gazela solta; ele profere palavras formosas". (Gênesis 49:21) Uma gazela, ou cervo fêmea, é um animal tímido, pronto para fugir na primeira aproximação do perigo. Ninguém tentaria colocar um fardo sobre um cervo.

Naftali indica um personagem bastante diferente de Issacar, deitado entre dois fardos, ou de Judá com seu régio poder; no entanto, Naftali tem um dom precioso que todos podemos almejar: "Ele profere palavras formosas". Livre de muitos dos pesados fardos e responsabilidades suportados por alguns de seus irmãos, ele tem tempo para encontrar aqueles que estão abatidos e desencorajados, e por suas "palavras formosas" encorajar os desanimados e confortar os entristecidos.

Naftali não representa a língua indisciplinada que "é incendiada pelo inferno", (Tiago 3:5-8, trad. lit. KJV) longe disso, pois ele "profere palavras formosas" e "palavras agradáveis são como favo de mel: doces para a alma e medicina para o corpo". (Provérbios 16:24)

Que ninguém pense que, porque Naftali falava "palavras formosas" ele representava um caráter frágil e instável; pois na grande batalha típica de Megido, "Naftali é povo que expôs a sua vida à morte, nas alturas do campo". (Juízes 5:18) A tradução literal do original é muito enfática, "eles destruíam suas vidas até a morte", eles estavam determinados a vencer ou morrer, e, portanto, mergulharam no mais intenso fragor da batalha. A causa de Deus era mais preciosa para eles do que a vida, e não se esquivaram de lutar nos altos do campo, expostos aos dardos ardentes do inimigo, se o sucesso da batalha o exigisse.

Haverá doze mil da tribo de Naftali que, durante toda a eternidade, "seguirão o Cordeiro por onde quer que vá", doze mil que, durante o período de prova da vida nesta Terra, falaram "palavras formosas", e em lugares difíceis, sem medo, permaneceram firmes em seu posto de dever, pronto para sacrificar suas vidas, em vez de comprometer a causa de Deus.

Na última bênção de Moisés, de Naftali, ele disse: "Naftali tem fartura do favor do Senhor e está repleto de Suas bênçãos". (Deuteronômio 33:23 NVI) Certamente, esta é uma condição a ser anelada por cada filho e filha de Deus, "ter fartura do favor". O

Senhor favorece grandemente a todos aqueles cujos pecados são perdoados; mas quão frequentemente nos encontramos insatisfeitos e impacientes, e seguimos cabisbaixos através da vida.

Porque não estamos "fartos do favor", não estamos "repletos das bênçãos do Senhor". O filho e filha de Deus que entende plenamente o que é ser purificado do pecado e vestido com a justiça de Cristo, "terá fartura do favor" e se apreciar as muitas bênçãos que recebe da mão do Senhor e contá-las no dia a dia, constatará que sua vida "está repleta das bênçãos do Senhor".

Naftali juntou-se ao resto de Israel para coroar a Davi rei em Hebrom, e o registro afirma que, com outras tribos do norte, trouxeram grande quantidade de provisões a Hebrom naquele tempo. (1 Crônicas 12:40)

Baraque, de Quedes de Naftali, é o único grande herói desta tribo, mencionado na Bíblia. A batalha travada por ele sob a direção de Débora, a profetisa, foi em muitos aspectos a maior batalha travada pelo antigo povo de Deus, e é um tipo, uma lição objetiva, da grande batalha do Armagedom. (Juízes 4:6-24)

O território que faz fronteira com a costa ocidental do mar da Galileia e que se estendia para o norte, foi dado a Naftali. Era um país fértil, e durante o reinado de Salomão era um dos seus distritos de comissariados, a cargo de Aimaás, um genro do rei. (1 Reis 4:7,15)

O território de Naftali estava no caminho dos invasores da Síria e da Assíria. Foi da boa terra de Naftali que Ben-Hadade e Tiglate-Pileser sentiram o primeiro sabor do despojo dos israelitas. Em 730 a.C., Tiglate-Pileser invadiu todo o norte de Israel, e a tribo de Naftali foi levada cativa para a Assíria.

No tempo de Cristo, Naftali já não possuía a margem do mar da Galileia, mas deveria se tornar muito mais conhecido do que quando lhe pertencia. Isaías, mais de setecentos anos antes de Cristo, profetizara que a terra de Zebulom e de Naftali veria uma grande luz, (Isaías 9:1,2; Mateus 4:15,16) e em cumprimento disso, Jesus, a "Luz do mundo", teve Sua casa na Galileia. Era o berço da fé cristã, e das margens do mar da Galileia, os principais discípulos foram chamados para a obra de suas vidas.

Oh Galileia, doce Galileia, Que ternas lembranças surgem quando penso em tua terra! Sobre tua praia semelhante aos seres humanos Caminhou o Salvador a quem adoramos.

As ondas que, uma vez Seu barco suportou Para todo o sempre ressoará o Seu louvor; E de suas profundezas, mar amado, "Segue-me", foi o Seu chamado,

Através de eras por vir, teu nome Para todo o sempre ressoará o Seu louvor; Por onde caminhou neste solo agora santificado, O Príncipe da Paz, o Filho de Deus amado.

Oh Galileia, doce Galileia, Teu bendito nome será sagrado Em cada praia, em cada arrebol Até que para sempre não mais haja pôr do sol.

--Sra. C. L. Shacklock.

Resumo

A tribo de Naftali nasceu de quatro filhos de Naftali. (Gênesis 46:24)

A tribo contava com 45.400 homens quando entraram na terra prometida. (Números 26:50)

Baraque, de Quedes de Naftali, é o único grande herói dessa tribo.

A obra de Cristo nas fronteiras do que tinha sido a Terra de Naftali fora um tema de profecia. (Isaías 9:1,2)

Capítulo 42

Gade

Da infância e a vida pessoal de Gade, o sétimo filho de Jacó, nada específico ficou registrado. Era o primeiro filho de Zilpa, a serva de Lia; mas, baseado do registro apresentado, parece que Gade e os outros filhos que nasceram a Jacó de Bila e Zilpa, estavam longe de ser personagens exemplares em sua juventude. (Gênesis 37:2)

As palavras proféticas de seu moribundo pai abrem um capítulo na vida e no caráter desse filho: "Gade, uma guerrilha o acometerá; mas ele a acometerá por sua retaguarda". (Gênesis 49:19) Gade pode ser considerado como um tipo de apóstata, que é superado por uma tropa de tentações, mas desperta para o seu perigo; e na força que lhe é dada por Deus, vence afinal, e entra nos portais de pérola da Nova Jerusalém, regozijando-se no Senhor.

O segredo dos gaditas serem vitoriosos sobre seus inimigos é dado no relato de uma das suas grandes batalhas: "Na peleja, clamaram a Deus, que lhes deu ouvidos, porquanto confiaram Nele". (1 Crônicas 5:20)

Quando Pedro descobriu que estava realmente afundando sob as ondas sobre as quais estivera caminhando, clamou: "Senhor, salva-me. E imediatamente, Jesus estendeu a mão e o segurou". (Mateus 14:30,31) Da mesma forma, aquele que se vê superado por tentações

sobre as quais fora vitorioso no passado, tem o privilégio, como Gade e Pedro, de pedir ajuda, e imediatamente a receberá, se colocar sua confiança em Deus.

A todo apóstata, o Senhor envia esta mensagem: "Convertei-vos, ó filhos rebeldes, diz o Senhor; porque Eu sou o vosso esposo e vos tomarei, um de cada cidade e dois de cada família, e vos levarei a Sião". (Jeremias 3:12-14) O Senhor usa o símbolo do casamento para ilustrar a união íntima entre Ele e Seu povo; e quando eles se afastam e O desonram, que pensamento maravilhoso! -- Ele ainda diz: "Vai, pois, e apregoa estas palavras, Eu sou vosso esposo", -- ao infiel.

Mais uma vez, o Senhor pergunta: "Onde está a carta de divórcio de vossa mãe, pela qual eu a repudiei? Ou quem é o Meu credor, a quem Eu vos tenha vendido?" Ele mesmo responde à pergunta: "Eis que por causa das vossas iniquidades é que fostes vendidos". (Isaías 50:1)

O Senhor não exige senão uma coisa do apóstata: Somente que reconheça a sua iniquidade, que transgrediu contra o Senhor, seu Deus. (Jeremias 3:13) "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". (1 João 1:9)

A cada apóstata, o Senhor diz: "Vinde, pois, e arrazoemos: ... ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se

tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã". (Isaías 1:18)

Ouçã o Senhor pleiteando com o apóstata: "Voltai, ó filhos rebeldes, Eu curarei as vossas rebeliões". (Jeremias 3:22) Essa é uma promessa maravilhosa; mas ouça novamente Sua suplicante voz: "Eu curarei as vossas rebeliões, Eu os amarei livremente: pois Minha ira foi retirada". (Oseias 14:4) Não é uma porção limitada que o apóstata recebe; o Senhor cura sua rebeldia e o ama livremente.

Quem, que alguma vez já tenha experimentado a paz e alegria dos pecados perdoados, pode recusar tais ofertas de perdão e amor?

Sobre um dos portais da cidade de Deus, o nome de Gade estará escrito, -- Gade, aquele que foi dominado por uma tropa, mas, por fim, tornou-se o vencedor.

Doze mil dos cento e quarenta e quatro mil também estarão perfilados sob o nome de Gade (Apocalipse 7:4,5) -- doze mil, que surgem da apostasia e derrota, reconhecem suas transgressões, reivindicam as promessas de Deus, lavam suas vestes no sangue do Cordeiro e entram na cidade de Deus como vencedores. (Apocalipse 7:14) É muito difícil para o coração humano reintegrar aquele que tenha traído sua confiança e tenha desprezado o amor e a amizade; mas o Deus infinito não só curará nossas rebeliões e nos amará livremente, mas também diz: "Eu, Eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados não me

lembro". (Isaías 43:25) Por serem pastores, os gaditas pediram que a sua porção lhes fosse atribuída da primeira terra conquistada "do outro lado do Jordão". Participaram da conquista da terra no lado oeste do Jordão, e não voltaram às suas famílias até que tivessem recebido uma dispensa honrosa por parte de Josué, à porta do tabernáculo em Siló. (Josué 22:1-4) Moisés obviamente refere-se à sua escolha da terra e da sua fidelidade na bênção de despedida. (Deuteronômio 33:20,21) Sua herança estava entre o território de Rúben ao sul e a meia tribo de Manassés, ao norte. Inicialmente, a herança de Gade abrangeu metade de Gileade; mais tarde, possuíram toda ela. (1 Crônicas 5:11,16) Eles tornaram-se tão intimamente identificados com Gileade, que em alguns casos o nome de Gileade é usado como sinônimo de Gade. O caráter da tribo era predominantemente feroz e guerreiro, "homens valentes, homens de guerra para pelejar, armados de escudo e lança; seu rosto era como de leões, e eram eles ligeiros como gazelas sobre os montes". Tal é a descrição gráfica apresentada desses onze heróis de Gade, o menor deles igual ou superior a cem e o maior a mil; que, sem esmorecer diante das enchentes do Jordão, juntaram-se às forças de Davi no momento de seu maior descrédito e constrangimento. (1 Crônicas 12:8,12,13, margem)

Gade, embora separado do resto de Israel a oeste do Jordão, ainda preservou alguma ligação com eles. Das seguintes palavras de Acabe, devemos inferir que Gade era considerado uma parte do reino do norte: "Não sabeis vós que Ramote-Gileade é nossa, e nós hesitamos em tomá-la das mãos do rei da Síria". (1 Reis 22:3)

Tiglata-Pileser levou Gade cativo para a Assíria, (1 Crônicas 5:26) e os amonitas habitaram suas cidades nos dias de Jeremias. O profeta lamenta esta situação nas seguintes palavras: "Acaso, não tem Israel filhos? Não tem herdeiro? Por que, pois, herdou Milcom (Moloque) a Gade, e o seu povo habitou nas cidades dela?" (Jeremias 49:1, margem)

De todas as tribos de Israel, somente Gade e Rúben voltaram para a terra que seus antepassados haviam deixado quinhentos anos antes, com suas ocupações inalteradas. A civilização e a perseguição no Egito mudaram a ocupação da maioria das tribos.

Barzilai, amigo de Davi, era um Gileadita; (2 Samuel 19:32-39) assim como Jefté, aquele "homem valente". Entre os dignos personagens de Gileade, ou Gade, estava "Elias, o tesbita", que por sua palavra trancou o céu por três anos e meio; e em resposta à sua oração, as nuvens esvaziaram-se outra vez sobre a terra.

Elias foi honrado por Deus como somente uma outra pessoa fora honrada; (Hebreus 11:5) e quando chegou a hora de sua transladação, cruzou o Jordão até a terra de sua infância, onde, pela graça de Deus, ganhou essa força de caráter que lhe permitiu reprovar destemidamente a Acabe e a Jezabel sua esposa. Foi da sua terra natal de Gileade que os carros de Deus o levaram em triunfo ao Céu. (2 Reis 2:7-14) Uma vez ele voltou à Terra, quando juntamente com Moisés "apareceu em glória", no monte da transfiguração, e falou com Jesus do grande sacrifício que em breve seria oferecido em Jerusalém. (Lucas 9:28-31)

Resumo

A tribo de Gade era descendente dos sete filhos de Gade. (Gênesis 46:16)

A tribo contava com 40.500 homens quando entraram na terra prometida. (Números 26:18)

Tiglate-Pileser levou Gade cativo para a Assíria. (1 Crônicas 5:26)

Personagens Notáveis

Barzilai, o amigo de Davi. (2 Samuel 19:32-39)

Jefté, aquele "homem valente". (Juízes 11:1)

"Elias o Tesbita" era de Gileade, ou Gade. (1 Reis 17:1)

Capítulo 43

Aser

Como muitos dos patriarcas, há pouca história pessoal registrada de Aser, o oitavo filho de Jacó por Zilpa, a serva de Lia. Lia se alegrou muito no seu nascimento e chamou-o de Aser, que significa em hebraico, "feliz". (Gênesis 30:13, margem)

Nada sabemos de sua infância e juventude, apenas que ele cresceu com seus irmãos, e entrou no Egito com o resto da família. Aser teve quatro filhos e uma filha chamada Sara, dos quais surgiu a tribo que levou seu nome. (1 Crônicas 7:30)

Quando os livros das Crônicas foram escritos, os homens da tribo de Aser foram mencionados como "escolhidos, homens valentes"; e havia vinte e seis mil deles "que estavam aptos para a guerra". (1 Crônicas 7:40)

Quando todo o Israel se reuniu em Hebrom para tornar Davi rei sobre Israel, Aser reuniu quarenta mil "especialistas em guerra". (1 Crônicas 12:36)

Como o nome Aser (a forma grega da palavra) é dado a uma divisão dos cento e quarenta e quatro mil, (Apocalipse 7:6) o caráter de Aser é algo de grande importância para considerarmos; e como pouco ou nada é registrado de sua vida, teremos que levar as palavras proféticas de Jacó e Moisés como guia no estudo.

A bênção do patriarca Jacó, quando moribundo, a Aser foi: "Aser, o seu pão será abundante e ele oferecerá delícias reais". (Gênesis 49:20 RA, NVI) Essas palavras indicam prosperidade.

Quando Moisés pronunciou a sua bênção de despedida sobre as tribos de Israel, ele disse: "Bendito seja Aser com seus filhos, agrade a seus irmãos e banhe em azeite o seu pé. O ferro e o metal será o teu calçado; e a tua força será como os teus dias". (Deuteronômio 33:24,25, ARC)

Aser parece ter tido um temperamento amável; pois era aceitável aos seus irmãos. "Banhe em azeite o seu pé". Algumas pessoas têm a feliz habilidade de sempre sair da dificuldade como se tudo estivesse lubrificado; elas aparentemente passam por cima das dificuldades onde outros caíam. Eles banham os pés em óleo e passam suavemente sobre os lugares ásperos da vida.

A promessa preciosa: "A tua força será como os teus dias", foi dada a Aser, do qual Jacó disse "oferecerá delícias reais", e de quem Moisés disse: "Banhe em azeite o seu pé". Na vida comum, aquele que banha seu pé em óleo e aparentemente passa suavemente pelos problemas da vida, recebe pouca simpatia. A simpatia geralmente é estendida àquele que não tem os pés lubrificados, e experimenta toda a aspereza pelo caminho; mas Deus sabe que a pessoa que mantém a cabeça erguida e segue alegremente através da vida, oferecendo "delícias reais" de palavras gentis de encorajamento aos outros, muitas vezes na realidade experimenta provações mais

intensas do que aquele que suspira e reclama por causa da aspereza do caminho; e a esses Ele diz: "A tua força será como os teus dias".

É uma coisa gloriosa banhar o pé no óleo! O óleo é um símbolo do Espírito Santo; aquele que até mesmo os pés estão ungidos com o Espírito de Deus, passará por cima dos lugares ásperos da vida com um coração cheio de louvor e gratidão. Sob os pés desses, haverá uma base firme de ferro e bronze. Não afundará nas armadilhas da vida, pois Deus lhe assegura: "A tua força será como os teus dias".

Os pés daquele que mergulha os pés no óleo serão calçados com ferro e bronze. Quando o discípulo amado viu em visão o Salvador que oficiava como nosso Sumo Sacerdote no santuário celestial, Seus pés eram "semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha". (Apocalipse 1:15) O bronze é formado apenas na fornalha; e os pés do Salvador semelhantes ao "bronze polido, como que refinado numa fornalha", lembrariam a João do forno de fogo da aflição através do qual o Salvador passara.

Existem alguns dos membros da família humana que estão tão imbuídos com o Espírito de Deus, e seguem tão de perto as pegadas marcadas de sangue do Salvador, (1 Pedro 2:21) que seus pés parecem revestidos de bronze, semelhantes os pés de seu Mestre. Outros têm os pés cobertos de ferro; eles também têm força especial que lhes é concedida, mas não entram em um relacionamento tão íntimo com o Mestre como seus irmãos.

Doze mil dos cento e quarenta e quatro mil serão da tribo de Aser, -- aqueles que banharão seus pés em óleo e ficarão tão cheios do Espírito de Deus que permitirão que o Senhor pelo Seu Espírito suavize os lugares ásperos em seu caminho. Como Zorobabel, as montanhas de dificuldades se tornarão planas diante deles. (Zacarias 4:6,7) Oferecerão "delícias reais", palavras de alento e conforto, que encorajarão outros pelo caminho. É bom aprender a banhar o pé no óleo e cultivar o caráter de Aser.

A Bíblia apresenta pouco mais da história da tribo de Aser do que é contado dele como indivíduo. A tribo é mencionada em ligação com as outras tribos; mas nenhuma ação independente é registrada da tribo na história sagrada.

Aser é a única tribo a oeste do Jordão, exceto Simeão, que não proveu nenhum herói ou juiz para a nação. A obscuridade que envolve os membros da tribo é penetrada por um único personagem notável: Ana, a profetisa, que "adorava a Deus noite e dia em jejuns e orações" no templo. Ela teve a honra de levar as novas de alegria do nascimento de Cristo aos fiéis que estavam aguardando a redenção em Israel. (Luke 2:36-38, margem)

O território de Aser era delimitado pelo Grande Mar, compreendia o Monte Carmelo, a cena da grande vitória de Elias, e continuava ao norte. Os descendentes de Aser não tiveram as ferozes e guerreiras propensões de algumas das outras tribos, e não expulsaram os antigos habitantes da terra; "porém os aseritas continuaram no meio dos cananeus que habitavam na terra". (Juízes

1:31,32) Como resultado de misturar-se com os pagãos, eles ficaram muito enfraquecidos.

Quando Israel foi contado no Sinai, Aser era uma tribo forte; (Números 1:40,41) mas, nos dias de Davi, eles se tornaram tão reduzidos que seu nome não é mencionado na seleção dos principais governantes. (1 Crônicas 27:16-22) Embora, como tribo, afastaram-se dos caminhos do Senhor, entre eles havia corações honestos que temiam a Deus.

Quando Ezequias celebrou a sua grande Páscoa e convidou todo o Israel para se juntarem à celebração da festa em Jerusalém, algumas tribos inteiras riram dos mensageiros e zombaram deles; "Todavia, alguns de Aser... se humilharam e foram a Jerusalém". (2 Crônicas 30:10,11) É preciso vigor moral para ser fiel a Deus quando as crescentes massas de todos os lados estão rejeitando a luz da Palavra de Deus. Esse espírito de fidelidade nunca deixou a tribo, e quando o Salvador entrou em Seu templo pela primeira vez em forma humana, das duas pessoas em toda a cidade de Jerusalém que estavam em condições espirituais para reconhecer o "Bebê como o Redentor do mundo", uma delas foi a profetisa Ana da tribo de Aser. (Lucas 2:36)

Resumo

Aser teve quatro filhos e uma filha, dos quais nasceram a tribo que levou seu nome. (1 Crônicas 7:30)

A tribo contava com 53.400 homens quando entraram na terra prometida. (Números 26:47)

Aser não proveu nenhum herói ou juiz à nação. Ana, a profetisa, é o único personagem notável da tribo de Aser, mencionado na Bíblia. (Lucas 2:36-38)

Capítulo 44

Issacar

Issacar era o nono filho de Jacó e o quinto filho de Lia, a primeira esposa. De Issacar como indivíduo, a Bíblia é silenciosa depois de registrar seu nascimento. Acerca de seu convívio com seus irmãos, não sabemos nada; mas a bênção do velho pai, enquanto moribundo, revela a história da vida de Issacar de abnegação e compartilhamento de fardos, e seu espírito manso e quieto.

Jacó o compara com o paciente asno ou jumento, suportando duas cargas tão pesadas que ele se deita debaixo delas. O fato de que este não é um animal comum, mas "forte", indica a força do caráter de Issacar. "Issacar é um jumento forte, deitado entre as suas cargas". Então, o patriarca revela o segredo da vida abnegada de Issacar, revelando a razão que o motivou a carregar os duplos fardos: "Viu que o repouso era bom e que a terra era deliciosa; baixou os ombros à carga e sujeitou-se ao trabalho servil". (Gênesis 49:14,15 RA, NVI)

Muitos perdem a bênção por murmurar e reclamar quando são obrigados a carregar duplos fardos. Mas Issacar era sustentado pelo pensamento da terra agradável que o aguardava e o descanso que viria depois. A mesma esperança susterá os portadores de responsabilidades no presente.

Na batalha de Megido, encontramos Issacar fiel ao caráter retratado na bênção de Jacó, enquanto moribundo. "Também os príncipes de Issacar foram com Débora; e como Issacar, assim também Baraque". (Juízes 5:15 RA, ARC) Nas palavras de Débora, parece que Issacar suportou o fardo da batalha ainda mais do que Baraque.

A mesma característica é dada a Issacar quando todas as tribos se juntaram para coroar Davi, rei de Israel. Issacar tinha um claro discernimento. O registro afirma: "Os filhos de Issacar... eram conhecedores da época, para saberem o que Israel devia fazer". (1 Crônicas 12:32) Eles representavam homens que portavam pesadas responsabilidades, colunas na causa de Deus. Eles não eram como os guerreiros especialistas de Zebulom, prontos, a qualquer momento, a se precipitarem impulsivamente na mais feroz batalha; mas eles eram capazes de planejar a batalha e carregar o peso do empreendimento.

É preciso todas as diferentes fases do caráter cristão para representar o perfeito caráter de Cristo. O portador de responsabilidades ocupa um lugar tão importante na obra de Deus como o régio Judá ou o mestre levita.

Haverá doze mil de cada classe naquele maravilhoso grupo, os cento e quarenta e quatro mil, "que seguem o Cordeiro por onde quer que vá".

Os filhos de Issacar eram uma tribo laboriosa, forte e valente, paciente no trabalho e invencível na guerra. Eram "homens valentes". (1 Crônicas 7:1-5) Possuíam uma das partes mais ricas da Palestina. Era delimitada a leste pelo rio Jordão, ao norte por Zebulom, e ao sul pela meia tribo de Manassés.

Muitos lugares observados na história sagrada estavam dentro das fronteiras de Issacar. Foi lá que a grande vitória de Baraque e Débora foi conquistada "em Taanaque, junto às águas de Megido". (Juízes 5:19)

Em Suném estava a residência da mulher nobre que, quando descobriu que a casa dela não era grande o suficiente para acomodar Eliseu, o "santo homem de Deus" construiu um quarto adicional e o mobiliou para que ela pudesse ter o privilégio da companhia dele em sua casa. (2 Reis 4:8-10)

Pelas ricas bênçãos que entraram em sua vida (2 Reis 4:12-37) ela percebeu a veracidade das palavras: "Sempre que o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes". (Mateus 25:40)

Foi na porta da cidade de Naim, nas fronteiras de Issacar, que as palavras do Salvador: "Jovem, eu te mando: levanta-te!", trouxeram vida e saúde ao corpo sem vida do homem a quem os seus amigos estavam carregando à tumba. (Lucas 7:11-17)

O mesmo território que foi santificado pelas pegadas do Salvador e dos profetas de Deus, também testemunhou o poder do

diabo. En-Dor, na terra de Issacar, foi onde Saul cometeu o pecado mais perverso de sua vida consultando a médium, e assim retirou-se inteiramente das mãos de Deus e tornou-se uma presa do diabo. (1 Samuel 28:7-25) Saul foi morto porque pediu conselho de "uma necromante". (1 Crônicas 10:13,14) Aqueles que seguem o mesmo curso hoje, acabarão por encontrar o mesmo destino; morrerão espiritualmente, e serão eternamente separados do Senhor. (Isaiás 8:19,20)

Jezreel, situado na planície fértil de Esdraelon, foi o cenário do ímpio assassinato de Nabote; (1 Reis 21:1-19) e nas ruas da mesma cidade, os cães comeram a carne de Jezabel. (2 Reis 9:30-37)

Tola, que governou a Israel por vinte e três anos, era da tribo de Issacar. (Juízes 10:1,2) Baasa, que governou o reino do norte por vinte e quatro anos, era da casa de Issacar. "Fez o que era mau perante o Senhor". Elá, seu filho, seguiu seus passos e foi morto por Zinri, e o poder real saiu das mãos da tribo de Issacar. (1 Reis 15:27-34; 16:1-10)

Issacar era o centro do poder de Jezabel, e a adoração a Baal introduzida por ela exerceu uma influência que continuou por muito tempo depois da sua morte.

Cerca de cinco anos antes de Issacar ser levado cativo para a Assíria por Salmaneser, (2 Reis 17:3-6) Ezequias celebrou sua grande Páscoa em Jerusalém. A tribo de Issacar havia se afastado tanto do verdadeiro culto que havia se esquecido de realizar as

purificações necessárias; contudo, alguns deles responderam ao convite e foram à festa, apesar de estarem cerimonialmente impróprios para dela participar. Ezequias estava em contato suficientemente próximo com o Senhor para discernir que o desejo no coração de servir a Deus era mais importante do que formas e cerimônias. Ele permitiu que comessem da Páscoa e, ao participarem dela, ofereceu a seguinte oração: "O Senhor, que é bom, perdoe a todo aquele que dispôs o coração para buscar o Senhor Deus, o Deus de seus pais, ainda que não segundo a purificação exigida pelo santuário"; e o Senhor, que "não vê como vê o homem", pois "o homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração", "ouviu" a oração do rei e "sarou a alma do povo". (2 Crônicas 30:17-20; 1 Samuel 16:7)

Resumo

Issacar teve quatro filhos, dos quais nasceu a tribo que levou o seu nome. (1 Crônicas 7:1)

Quando os filhos de Israel entraram na terra prometida, a tribo de Issacar contava com 64.300 homens. (Números 26:23-25)

Issacar possuía uma das partes mais ricas da Palestina.

O vale de Megido, ou a planície de Esdraelon, estava dentro das fronteiras de Issacar.

Tola, que julgou Israel por vinte e três anos, era da casa de Issacar. (Juízes 10:1,2)

Baasa, rei de Israel, era da tribo de Issacar. 1 Reis 15:27.

Capítulo 45

Zebulom

Lia foi a mãe de seis dos doze patriarcas. Vale ressaltar que, embora Jacó tenha aceitado a poligamia sob o que poderia ser chamado de força das circunstâncias, ele reconheceu Lia, a primeira esposa, como sua esposa legal. Ela foi enterrada no sepulcro da família. Quando ele morreu, pediu que fosse sepultado na caverna de Macpela. "Ali sepultaram Abraão e Sara, sua mulher; ali sepultaram Isaque e Rebeca, sua mulher; e ali sepultei Lia"; estavam entre as últimas palavras de Jacó. Parece que ele desejava que seus descendentes pudessem dizer da destacada caverna: "Ali enterraram Jacó e Lia sua esposa". (Gênesis 49:31)

Durante sua vida, Jacó permitiu que as circunstâncias e seu amor por Raquel o influenciassem; mas quando enfrentou a morte, ele reconheceu o plano original de Deus para o casamento. (Gênesis 2:24)

Zebulom era o filho mais novo de Lia; Ele era mais velho do que José, e nasceu enquanto Jacó estava servindo Labão. Jacó, em seu leito de morte, situou profeticamente a herança de Zebulom, dizendo: "Zebulom habitará na praia dos mares e servirá de porto de navios, e o seu limite se estenderá até Sidom". (Gênesis 49:13)

A porção de Zebulom na terra prometida situava-se entre os territórios de Naftali e de Issacar, fronteiro à parte sul da margem

ocidental do mar da Galileia, e supõem que tenha se estendido também para a costa do Grande Mar. Moisés, em sua bênção de despedida, falou de Zebulom como um povo marítimo. (Deuteronômio 33:18,19)

A Bíblia não registra nada de Zebulom como indivíduo, exceto seu nascimento. Três filhos lhe são atribuídos, que se tornaram os fundadores da tribo que levou o seu nome. (Números 26:26,27) Não há registro de a tribo ter tomado qualquer parte nos eventos da peregrinação ou da conquista da Palestina.

Débora, em seu cântico de vitória após a batalha do Megido, diz que entre a tribo de Zebulom estavam aqueles que manuseavam "a pena do escritor", ou como a margem lê, "aqueles que desenham com a caneta". (Juízes 5:14 KJV) Isso indicaria que eram pessoas literárias ou artísticas.

Na batalha que era um tipo da grande batalha de Armagedom, Zebulom "expôs a sua vida à morte nas alturas do campo"; ou, de acordo com a leitura da margem, "expuseram suas vidas a ignomínia". (Juízes 5:18) Deus e Sua causa eram mais preciosos a eles do que suas próprias vidas ou sua reputação.

Doze mil dos cento e quarenta e quatro mil entrarão na cidade de Deus sob o nome de Zebulom, -- doze mil que, quando os inimigos do Senhor são numerosos e populares, arriscam "suas vidas até a morte nas alturas do campo". Haverá homens em lugares altos que, como aqueles de Zebulom de antigamente, "manuseiam a caneta do

escritor" e exercem uma ampla influência; esses homens, quando a causa de Deus estiver em crise, se levantarão e "arriscarão suas vidas até a morte nos lugares altos", trazendo a vitória para a causa de Deus.

Foi puro amor que impulsionou Zebulom nessa batalha antiga, pois Débora diz: "Não levaram nenhum despojo de prata". (Juízes 5:19) Segundo o registro, parece que Zebulom e Naftali eram exceções a este respeito. Se eram mais prósperos nos bens deste mundo e mais capazes do que as outras tribos de ir à batalha como guerreiros autossuficientes, o registro não afirma.

Depois que Israel voltou do cativeiro e a causa de Deus novamente estava em uma crise, Neemias, um trabalhador autossuficiente, avançou e fez o que os outros não puderam fazer. Quando o Salvador morreu sobre a cruz e a ignomínia acumulou-se sobre os Seus discípulos, José e Nicodemos, dois homens ricos que ocupavam posições elevadas, avançaram e realizaram uma obra em favor do Salvador, que os que O amavam, talvez mais sinceramente, não podiam fazer.

Embora Zebulom e Naftali não tenham amado a Deus mais do que as outras tribos, ainda assim, segundo o registro apresentado por Débora, parece que eles mudaram a maré da batalha ao arriscar suas vidas, e "não ganharam nenhum dinheiro" pelos seus serviços.

Parece que Zebulom era uma tribo inteligente, abençoada com os bens deste mundo; mas quando surgiu uma crise na causa do

Senhor, os encontramos arriscando tudo para manter a honra do nome de Deus.

Mais de duzentos anos depois, houve outra crise na causa de Deus. Saul morreu, e o sincero de coração em Israel, veio a Davi em Hebrom, para lhe entregar o reino de Saul, "conforme a palavra do Senhor". (1 Crônicas 12:23) Cada tribo estava representada, mas nenhuma tribo excedia Zebulom em número e equipamento. Cinquenta mil guerreiros experientes vieram, trazendo seus próprios instrumentos de guerra. "Eles eram rangers de guerra", capazes de "ordenar uma batalha"; e o que era de maior valor para a causa de Deus do que números ou habilidade, "não eram de coração dobre", mas homens em quem o Senhor podia confiar numa crise. (1 Crônicas 12:33 ACF, margem)

Quem está preparado para aperfeiçoar tal caráter no temor de Deus e ter o selo de Deus colocado na sua testa? Quem almejará o caráter de Zebulom de forma tão fervorosa que estará disposto a expor sua vida a ignomínia por causa de Cristo?

A terra de Zebulom tem a grande honra de ser o lar da infância de Jesus. Nazaré estava situada dentro das suas fronteiras. O povo daqui teve a oportunidade de ver e ouvir mais de Cristo do que as pessoas de qualquer outro lugar.

Isaías profetizara que a terra de Zebulom veria uma grande luz. (Isaías 9:1,2) Verdadeiramente esta profecia foi cumprida, pois eles tiveram dentro de suas fronteiras a maior Luz que este mundo já viu.

O primeiro milagre realizado por Jesus foi em Caná de Zebulom. Foi também em Caná que o nobre veio a Jesus rogando pela vida de seu filho, e o pedido, como qualquer outra oração de fé, foi atendido pelo Grande Médico.

Resumo

Zebulom teve três filhos, cujos descendentes formaram a tribo que levou seu nome. (Gênesis 46:14)

A tribo contava com 60.500 homens quando entraram na terra prometida. (Números 26:26,27)

Na batalha típica de Megido, eles foram guerreiros autossuficientes. (Juízes 5:19)

Nazaré, o lar da infância de Jesus, estava dentro das fronteiras de Zebulom.

Isaías profetizou que Zebulom receberia grande luz. (Isaías 9:1,2)

Capítulo 46

José

Nas páginas da história sagrada, José destaca-se entre os poucos personagens de quem a inspiração não registrou falhas.

José recebeu uma das três porções do direito de primogenitura. É interessante notar que cada parte desse direito de primogenitura tem sido imortalizada.

Judá, em sua vida doméstica, aperfeiçoou tal caráter que a honra de ser progenitor de Cristo lhe foi concedida; e diante do trono de Deus no Céu, os seres santos apontam para Cristo e dizem: "Eis o Leão da tribo de Judá". (Apocalipse 5:5)

Levi triunfou no tempo de uma grande crise na causa de Deus, e assim aperfeiçoou um caráter que lhe deu o direito ao sacerdócio, cuja obra era uma sombra do grande Sumo Sacerdote no Céu. (Hebreus 8:1-5)

José, separado de seus irmãos, cercado por idólatras em uma terra estranha, conquistou uma vitória que lhe deu direito à dupla porção da herança. Duas partes da terra prometida foram entregues à família de José; e durante toda a eternidade, estas duas divisões daquele grupo distinto, -- cento e quarenta e quatro mil, -- tendo os nomes, um de José e o outro de Manassés, filho de José, recordará a

sua fidelidade. (Apocalipse 7:6,8) Isto foi anunciado profeticamente na bênção proferida por seu pai:

"As bênçãos de teu pai e da tua mãe Excederão as bênçãos das montanhas eternas, Mais elevadas do que as glórias das colinas perpétuas Deverão descansar sobre a cabeça de José, E sobre o alto da cabeça do Que foi separado de seus irmãos". (Gênesis 49:26, Spurrell)

José foi o décimo primeiro filho de Jacó, e o primogênito de Raquel, a esposa amada. (Gênesis 30:22-24) Os primeiros dezessete anos de sua vida foram vividos na casa de seu pai. (Gênesis 37:2)

Os principais pontos registrados no início da vida de José eram o grande amor de Jacó pelo rapaz, a túnica de muitas cores, os sonhos de José e a sua venda ao Egito.

Evidentemente, havia um significado marcante para essa túnica de várias cores. José não era criança quando recebeu o casaco, mas um jovem de dezessete anos de idade, com um caráter exemplar. O velho pai sabia que Rúben havia perdido seu direito de officiar como sacerdote da casa; e como o patriarca observava a vida piedosa de José, seria natural que ele o escolhesse como o único a ser digno de ocupar o sagrado cargo. É possível que, em visão, lhe tenha sido permitido ver o grande Sacerdote celestial; e que tenha feito o casaco como uma pálida representação da túnica sacerdotal que seria usada por seus descendentes.

Mas Deus não vê como vê o homem; a partir desse grupo de filhos invejosos e ciumentos, conspirando assassinato em seus corações, o Senhor tomou um, purificou-o e refinou-o até que seus descendentes fossem aptos para preencher o sagrado ofício do sacerdócio.

Os sonhos de José, revelando que a família se curvaria diante dele, eram mais do que os corações ciumentos dos dez irmãos podiam aguentar. Benjamim, o décimo segundo filho, era apenas uma criança naquele tempo.

Quando José veio a seus irmãos no campo, longe de seu pai, parece que todos, exceto Rúben, tiveram planos assassinos contra ele. A tradição judaica afirma que Simeão amarrou José antes de o baixarem no poço, planejando que devesse perecer ali; caso contrário, ele poderia ter escalado e escapado.

Quando os sonhos da infância de José se cumpriram, e seus irmãos se curvaram com os rostos em terra diante dele, então ele se lembrou de seus sonhos. (Gênesis 42:6-9) Não poderíamos concluir que José, quando ordenou aos oficiais que tomassem Simeão e o amarrassem perante seus olhos, lembrou-se de como Simeão uma vez o amarrara, sem dar atenção aos seus gritos por misericórdia, enquanto esses mesmos homens observavam sem piedade para com ele? Simeão também deve ter se lembrado disso, pois Rúben acabara de lembrar aos irmãos da crueldade deles para com José. (Gênesis 42:21-24)

José não tinha ressentimento em seu coração; ele pôde dizer a esses homens: "Não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus". (Gênesis 45:8) "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem". (Gênesis 50:20) José viu apenas a mão do Senhor em tudo. Quando vendido como escravo a Potifar, ele percebeu que estava nas mãos de Deus. Sua fé segurou firme em Deus; e ao servir Potifar, "os músculos de suas mãos eram fortalecidas por meio do poder do Poderoso de Jacó". (Gênesis 49:24, Spurrell.)

O salmista diz: "A palavra do Senhor o provou". (Salmos 105:19 ARC) Ele cria na palavra de Deus que lhe fora ensinada na infância. Foi aquela palavra que o conservou corajoso na prisão, e humilde ao governar o Egito. Sua força, tanto na adversidade quanto na prosperidade, vinha do "poderoso Deus de Jacó".

Ao considerar a rigorosa integridade de José no meio da escuridão egípcia, não devemos esquecer que Raquel, sua mãe, viveu até cerca de seus dezesseis anos de idade. Depois que ela, por meio de suas instruções piedosas, fortificara seu filho para a grande obra de vida diante dele, Deus com piedade colocou Raquel para descansar antes que José fosse vendido ao Egito, assim ela foi poupada dessa grande tristeza. E por toda a eternidade ela verá o fruto da sua educação; pois não restam dúvidas de que fora a instrução divina de sua piedosa mãe que capacitou José a estabelecer uma ligação tão íntima com Deus que "o seu arco... permanecia firme, e os seus braços foram feitos ativos pelas mãos do Poderoso de Jacó". (Gênesis 49:24)

A tradução da Septuaginta de Gênesis 49:26 junta o nome da mãe com o do pai na bênção: "As bênçãos de teu pai e da tua mãe excederão acima da bênção das montanhas eternas e mais elevadas do que as bênçãos das colinas perpétuas". O patriarca moribundo, ao pensar no caráter de José, lembrou-se dos anos de instrução fiel que Raquel lhe dera desde o seu nascimento até a morte os separar. As mães dos outros filhos não são mencionadas nas bênçãos.

Feliz a mãe que dá, e três vezes mais feliz a criança que recebe tal instrução. Existe um poder na piedosa educação da infância, que molda o caráter. Coloca um "diadema de graça" na cabeça daquele que a recebe. (Provérbios 1:7-9)

José viu a mão de Deus em todos os eventos de sua vida. Jó manifestava o mesmo espírito; pois, depois que Deus permitiu que o diabo arrebatasse todos os seus bens terrenos, ele deixou o diabo totalmente fora de questão e disse: "o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor"! (Jó 1:21) Este espírito acalentado no coração hoje tornará um homem grande, assim como nos dias de Jó e José.

Os primeiros anos da vida de José no Egito foram passados na casa de Potifar, que o fez administrador de todos os seus bens. (Gênesis 39:4-6) "Seu mestre viu que o Senhor era com ele e que tudo o que ele fazia o Senhor prosperava em suas mãos". (Gênesis 39:3)

A aparência pessoal de José é mencionada como "formoso de porte" e de "aparência". A esposa de seu mestre tentou enredá-lo; mas sua resposta: "Como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?" (Gênesis 39:9) mostrou sua rigorosa integridade; mas isso custou-lhe a sua posição. De um lugar de honra ele foi levado à prisão. Novamente, Deus vindicou José, e ele foi honrado ao tornar-se encarregado de todos os prisioneiros. (Gênesis 39:20-23) Ele aceitou sua posição na prisão como da mão do Senhor.

Após vários anos de vida na prisão, aos trinta anos, (Gênesis 41:46) ele compareceu diante do faraó e interpretou os sonhos do rei, mas teve o cuidado de atribuir toda a honra a Deus. Então foi exaltado ao segundo lugar no reino, (Gênesis 41:43) onde ensinou a sabedoria aos senadores egípcios. (Salmos 105:21,22)

Durante os sete anos de abundância, José armazenou grandes quantidades de grãos para uso durante os sete anos de fome. Ele se casou com uma esposa egípcia, e seus dois filhos, Manassés e Efraim, nasceram durante esses sete anos de abundância. (Gênesis 41:45,50-52)

José havia sido o principal governante no Egito por nove anos, (Gênesis 41:46,47; 45:6) quando seus irmãos vieram ao Egito para comprar alimento. É interessante notar que, quando José disse a seus irmãos que manteria Benjamim como refém, ele teve a satisfação de ouvir Judá, o mesmo que, anos antes, havia sugerido vender José aos

israelitas por vinte peças de prata, oferecer-se para se tornar seu servo por toda a vida, em lugar de Benjamim. (Gênesis 44:33)

José teve o privilégio de sustentar seu pai e seus irmãos por muitos anos, e de ver o cumprimento de seus sonhos juvenis. Durante a longa vida de José de cento e dez anos, não temos nenhum registro seu de ter-se demonstrado infiel para com Deus de alguma forma. Ele morreu com uma firme fé na promessa feita a Isaque e a Jacó. Suas últimas palavras foram: "Certamente Deus vos visitará, e fareis transportar os meus ossos daqui". (Gênesis 50:25)

Seu corpo foi embalsamado, e quando Moisés liderou os filhos de Israel para fora do Egito, eles cumpriram sua ordem, quando moribundo. (Êxodo 13:19)

Quando a voz de Cristo chamar os santos adormecidos de suas camas empoeiradas, José surgirá vestido de gloriosa imortalidade, para saudar o "Pastor, a Pedra de Israel" (Gênesis 49:24) mediante a fé em quem ganhou todas as suas vitórias.

Resumo

Duas grandes tribos surgiram dos dois filhos de José. (Gênesis 46:27)

Quando os filhos de Israel entraram em Canaã, os descendentes de José contavam com 85.200 homens. (Números 26:34-37; Gênesis 49:22)

José recebeu uma parte do direito de primogenitura, a dupla porção da herança. (1 Crônicas 5:1)

Essa porção do direito de primogenitura é perpetuada por toda a eternidade pelas duas divisões dos cento e quarenta e quatro mil, representando a família de José. (Apocalipse 7:6,8)

Capítulo 47

Benjamim

Benjamim, o décimo segundo filho de Jacó, ficou sem mãe no momento de seu nascimento. O único pedido registrado de sua mãe, Raquel, era que o bebê devia ser chamado de Benoni, "o filho da minha tristeza", mas Jacó mudou o nome para Benjamim, "o filho da mão direita" (Gênesis 35:16-18, margem)

O terno amor do pai por seu filho sem mãe é mostrado por sua relutância em permitir que ele acompanhasse seus irmãos ao Egito. (Gênesis 42:38) Benjamim é frequentemente chamado de jovem quando foi ao Egito; (Gênesis 43:8) mas o registro afirma que ele era o pai de dez filhos naquele tempo. (Gênesis 46:21) A forma patriarcal de governo, sem dúvida, o trouxe mais estreitamente sob a direção de seu pai do que os filhos casados atualmente.

Enquanto pouco está registrado de Benjamim como indivíduo, a tribo que levava seu nome desempenhou uma parte proeminente na história dos filhos de Israel.

O caráter da tribo parece ser retratado pelas palavras proféticas de Jacó na sua bênção de despedida: "Benjamim é lobo que despedaça; pela manhã devora a presa e à tarde reparte o despojo". (Gênesis 49:27) Essas palavras não descrevem um caráter invejável, mas sim o de uma criança indisciplinada e mimada ao ponto de ser

rebelde e petulante, como podia se esperar que o filho mais novo de uma família grande fosse, sem mãe para controlá-lo.

Este mesmo espírito teimoso foi mostrado pela tribo de Benjamim lutando até serem quase exterminados, em vez de entregar os homens ímpios de Gibeá, para que fossem punidos. (Juízes 20:12-48) Apesar de, nesse tempo, serem reduzidos em número a seiscentos, no entanto, no tempo de Davi, eles voltaram a se tornar uma tribo numerosa. (1 Crônicas 7:6-12)

Nos dias dos juízes, os benjamitas podiam prover setecentos homens que "atiravam com a funda uma pedra num cabelo e não erravam". (Juízes 20:16)

Cerca de trezentos e cinquenta anos depois, lemos que os homens valentes de Benjamim "podiam usar tanto a mão direita como a esquerda em arremessar pedras com fundas e em atirar flechas com o arco". (1 Crônicas 12:1,2) Os benjamitas eram a única tribo que parecia ter se aplicado ao arco e flecha com algum propósito, e sua habilidade no uso do arco e da funda era celebrada. (1 Crônicas 8:40; 2 Crônicas 17:17; 2 Samuel 1:22)

O território de Benjamim ficava ao norte de Judá, sendo que a linha divisória entre as duas tribos atravessava a cidade de Jerusalém.

Após a grande crise que resultou do infeliz acontecimento em Gibeá, (Juízes 19:14-39) havia muitas coisas que tinham a tendência de mudar a natureza teimosa e rebelde da tribo.

Durante vinte anos, a arca sagrada do Senhor permaneceu dentro das suas fronteiras, em Quiriate-Jearim, com um sacerdote encarregado dela. (1 Samuel 7:1,2)

Ramá, uma cidade de Benjamim, era o lar de Samuel, o profeta, que edificara um altar ao Senhor neste lugar, e oferecia sacrifícios. Samuel "de ano em ano, fazia uma volta, passando por Betel, Gilgal e Mispa; e julgava a Israel em todos esses lugares. Porém voltava a Ramá". (1 Samuel 7:15-17)

Mispa, o lugar onde eram realizadas as grandes assembleias de todo o Israel, (Juízes 20:1; 2 Reis 25:23) estava dentro das fronteiras de Benjamim. Aqui o Senhor operou uma poderosa libertação por Seu aterrorizado povo. "Trovejou o Senhor aquele dia com grande estampido sobre os filisteus e os aterrou de tal modo, que foram derrotados diante dos filhos de Israel". (1 Samuel 7:5-11)

As palavras proféticas de Moisés acerca das tribos, na sua bênção de despedida, indicam que haveria uma decidida mudança do caráter retratado por Jacó: "De Benjamim disse: O amado do Senhor habitará seguro com ele; todo o dia o Senhor o protegerá, e ele descansará nos Seus braços". (Deuteronômio 33:12)

O mesmo caráter destemido que Jacó comparou com um lobo, destruindo tudo diante dele, é mudado pelo poder convertedor do Espírito de Deus; e a força que antes era usada para destruir, agora é usada para proteger o povo e os interesses do Senhor. "O amado do Senhor habitará seguro com Ele".

É interessante notar a semelhança entre o caráter da antiga tribo e o do apóstolo líder aos gentios, que disse de si mesmo: "Eu também sou israelita... da tribo de Benjamim". (Romanos 11:1)

Saulo, depois chamado Paulo, é apresentado pela primeira vez ao testemunhar o apedrejamento de Estêvão e "consentiu na sua morte". (Atos 7:58; 8:1) Em seguida, ouvimos falar dele como um lobo devorador, assolando a igreja, entrando pelas casas e arrastando homens e mulheres e encerrando-os na prisão. (Atos 8:3) Como um lobo selvagem, sedento pelo sangue de sua presa, ele estava "respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor". (Atos 9:1) Não havia segurança para nenhum dos amados do Senhor perto de tal personagem. Mas a mesma força de caráter que faz de alguém um lobo devorador que fere e destrói o povo de Deus, será, quando convertido, um escudo e proteção da honra de Deus e de Sua causa.

Desde o momento, que Saulo, o benjamita, teve uma visão de Jesus, (Atos 9:3-9) sua natureza de lobo foi embora, e o amado do Senhor poderia habitar em segurança junto dele. Os santos de Damasco não estavam em perigo: ele que tinha planejado destruí-los era agora amigo deles. (Atos 9:10-19)

Deus nunca esquece de devolver um ato de bondade. (1 Samuel 2:30) Quando Saulo escudou e protegeu o "amado do Senhor", o Senhor o cobriu durante todo o dia; nada poderia fazer-lhe mal. A picada da serpente venenosa foi impotente. (Atos 28:1-6) Não havia água suficiente no mar para afogá-lo. (Atos 27:23-25) Deus o cobriu durante todo o dia.

A bênção dada por Moisés diz: "Todo o dia o Senhor o protegerá, e ele descansará nos Seus braços". Alguns comentaristas pensam que isso se refere ao templo sendo edificado no monte Moriá, dentro das fronteiras de Benjamim; mas àquele que tem recordações de infância sendo carregado sobre os fortes ombros de seu pai por cima dos lugares ásperos e acidentados da estrada, as palavras têm outro significado.

"Todo o dia o Senhor o protegerá", livrando-o de todo mal e perigo. E quando chegamos diante de impossibilidades em nosso caminho, coisas que nossa força nunca poderia dominar, nosso Pai celestial nos levanta em Seus braços poderosos, e nos carrega com segurança através daquilo que, sem a Sua ajuda, seria absolutamente impossível conseguir. Como a criança repousando com segurança nos braços de seu pai, com os braços firmemente apertados ao redor de seu pescoço, realizamos aquilo que está além de todo poder humano. Bendito lugar para estar! Mas é reservado àquele junto ao qual o amado do Senhor pode habitar em segurança. A voz do criticismo e da calúnia deve ser silenciada para sempre por aquele que espera ocupar esse lugar. (Tiago 1:26)

Eúde, sob o qual a terra descansou oitenta anos, era um benjamita. (Juízes 3:15,30) Era canhoto, e parece que usando sua mão esquerda, conseguiu, mais habilmente, matar Eglon, rei de Moabe, que oprimia Israel. (Juízes 3:21-26)

Saul, o primeiro rei de Israel, era da tribo de Benjamim. (1 Samuel 9:21) Deus não apenas ungiu o rei Saul sobre Israel, mas "lhe mudou o coração". (1 Samuel 10:9) Fez juntar-se a ele homens "cujos corações Deus tocara"; (1 Samuel 15:17-23) e enquanto ele permaneceu humilde, o Senhor estava com ele. Quando tornou-se exaltado em sua própria mente, foi rejeitado pelo Senhor. Então, as propensões do lobo em seu caráter foram claramente vistas; pois como um lobo devorador, por anos perseguiu Davi como "uma perdiz nos montes". Seu único desejo era matar "o amado do Senhor".

Em contraste direto com Saul, que gastou a força de sua varonilidade em conspirar para destruir o "homem segundo o próprio coração de Deus", está Mordecai, "filho de Quis, um Benjamita". Seus pais têm o mesmo nome e podem ter tido parentesco mais próximo do que o vínculo tribal. Toda a história de Mordecai é uma série de libertações do povo de problemas. Ele salvou a vida do rei persa. (Ester 2:21-23) Depois Satanás e Hamã planejaram destruir todo crente no Deus verdadeiro; (Ester 3:8-15) e enquanto Mordecai buscava fervorosamente ao Senhor por libertação, (Ester 4:1-3) Deus usou a bondade que ele havia mostrado ao rei como meio de escape. (Ester 6:1-11) Mordecai foi

elevado a uma posição exaltada no reino e foi usado pelo Senhor para escudar e proteger Seu povo. (Ester 8:7-17)

A verdadeira e duradoura vitória que se estende por toda a eternidade não depende de vínculos tribais ou tendências hereditárias, mas de uma humilde confiança em Deus. "Quanto ao Senhor, Seus olhos passam por toda a Terra, para mostrar-Se forte para com aqueles cujo coração é totalmente Dele". (2 Crônicas 16:9) Deus pode humilhar reis quando eles desprezam Sua Palavra; (2 Crônicas 36:1-4,9,10) e Ele pode tomar cativos e dar-lhes poder real. (Daniel 6:1-3; Ester 8:15; 10:3)

O caráter natural de Benjamim é o caráter do coração não convertido em todas as épocas do mundo. (Jeremias 17:9) Feliz hoje, aquele que, como Mordecai, permanecer fiel ao princípio, (Ester 3:2) e arriscar tudo para proteger o "amado do Senhor"; esse pode reivindicar a promessa dada a Benjamim de antigamente: "Todo o dia o Senhor o protegerá, e ele descansará nos Seus braços.

Doze mil tendo esse caráter, portando o nome de Benjamim, servirão ao Senhor dia e noite em Seu templo por toda a eternidade. (Apocalipse 7:15)

Resumo

Benjamim teve dez filhos dos quais surgiu a tribo de Benjamim. (Gênesis 46:21)

Quando entraram na terra prometida, a tribo de Benjamim contava com 45.600 homens.

Os benjamitas eram conhecidos por tiro ao arco e por serem canhotos. (1 Crônicas 8:40; 2 Crônicas 17:17)

Ramá, o lar de Samuel, estava dentro das fronteiras de Benjamim. Mispa, onde Israel realizava grandes assembleias, estava na terra de Benjamim.

Personagens Notáveis

Eúde, que julgou oitenta anos. (Juízes 3:21-26)

Saul, o primeiro rei de Israel. (1 Samuel 9:21)

Mordecai, que o Senhor usou para salvar a Israel nos dias de Ester. (Ester 2:5)

Paulo, o principal apóstolo aos gentios. (Romanos 11:1)

Capítulo 48

Manassés

A bênção de despedida de um patriarca significava muito nos tempos antigos; e quando José ouviu que seu pai estava doente, tomou seus dois filhos, Manassés e Efraim, e o visitou.

Depois de repetir a José a promessa da terra de Canaã que fora dada a Abraão e renovada a Isaque e a Jacó, o velho patriarca disse: "Seus dois filhos, Efraim e Manassés, ... são meus; como Rúben e Simeão". Quando Jacó viu os meninos, ele disse: "Faze-os chegar a mim... para que eu os abençoe". (Gênesis 48:1-9)

José colocou o primogênito na mão direita de Jacó e o mais novo à sua esquerda; mas o velho patriarca colocou a mão direita sobre a cabeça do mais novo, e a mão esquerda sobre a cabeça do mais velho enquanto os abençoava. Quando José viu isso, tentou colocar a mão direita de Jacó na cabeça de Manassés, o mais velho, dizendo: "Não assim, meu pai, pois o primogênito é este". Mas seu pai recusou, dizendo: "Eu sei, meu filho, eu o sei; ... também ele será grande; contudo, o seu irmão menor será maior do que ele". (Gênesis 48:15-20)

Como seu grande tio Esaú, Manassés, embora o primogênito, recebeu o segundo lugar na bênção; mas as circunstâncias eram inteiramente diferentes. Manassés não fez nada para perder seus privilégios na bênção familiar. Embora não tivesse as propensões à

guerra como Efraim, o que lhe permitiu construir o reino de Israel, o nome de Manassés sobreviverá ao de Efraim.

Havia uma porção da bênção do patriarca que parecia ser compartilhada em maior parte por Manassés do que por seu irmão mais próspero. "O Anjo que me tem livrado de todo mal, abençoe estes rapazes". (Gênesis 48:16)

A bênção do Senhor foi apreciada por Manassés e seus descendentes. Embora vivessem a uma distância do centro da nação, e do templo, e embora tivessem se tornado parte do reino do norte, ainda assim se interessaram por todas as reformas instituídas pelos bons reis de Judá. Quando o rei Asa destruiu os ídolos e restaurou o culto ao Senhor, vieram a ele "muitos" de Manassés, quando viram que o Senhor, seu Deus, estava com ele". (2 Crônicas 15:8,9)

Quando Ezequias realizou sua grande festa da Páscoa, representantes de Manassés humilharam seus corações e vieram e participaram da Páscoa. (2 Crônicas 30:1,10,11,18) Eles também se juntaram na obra de quebrar as imagens em seu próprio território. (2 Crônicas 31:1)

O trabalho de reforma nos dias de Josias também foi levado à terra de Manassés. (2 Crônicas 34:1-6) Eles não perderam seu interesse no templo em Jerusalém, mas deram de seus recursos para restaurá-lo após sua profanação durante os reinados de Manassés e Amom. (2 Crônicas 34:9) Supõe-se que o oitavo salmo foi escrito

por algum escritor inspirado da casa de José durante uma dessas etapas de reforma.

Pouco se registrou da tribo de Manassés após o estabelecimento em Canaã, mas é gratificante saber que, embora as passagens referindo-se a essa tribo sejam escassas e dispersas, todas indicam um desejo de muitos de servir ao Senhor.

A bênção do Anjo repousou sobre Manassés, e enquanto Efraim e Manassés foram os nomes das duas porções dadas a José na possessão terrena, os nomes dados às duas divisões dos cento e quarenta e quatro mil no reino de Deus serão Manassés (grego, Menases) e José. (Apocalipse 7:6,8) O nome de Manassés é assim imortalizado, enquanto o de Efraim afunda no esquecimento.

Gideão, o maior dos juízes, era da tribo de Manassés. Parece ter sido o único grande guerreiro na metade ocidental da tribo; a parte oriental era mais guerreira.

Quando Davi saiu com os filisteus para lutar contra Saul, os guerreiros de Manassés juntaram-se a Davi; mas quando os príncipes dos filisteus não permitiram que Davi fosse com eles para a batalha, sete guerreiros valentes, "capitães de milhares dos de Manassés", juntaram-se a Davi em Ziclague. "Eles ajudaram Davi contra aquela tropa" que havia levado cativa a família de Davi; "Pois todos eram homens valentes". (1 Crônicas 12:19-22)

Após a morte de Saul, dezoito mil da meia tribo de Manassés "foram apontados nominalmente para vir a fazer rei a Davi" em Hebrom. (1 Crônicas 12:31)

As cinco filhas de Zelofeade, da tribo de Manassés, são as primeiras mulheres mencionadas na Bíblia a ter direito a uma herança em seu próprio nome. (Números 27:1-8)

Se Rúben nunca tivesse perdido seu direito de primogenitura por causa do pecado, ou se Dã não tivesse formado um caráter tão semelhante ao de Satanás a ponto de ter seu nome omitido da lista das doze tribos, o nome de Manassés nunca seria dado a uma das divisões dos cento e quarenta e quatro mil. Em toda essa experiência estão lições para cada filho de Deus.

Quando Deus diz: "Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa", (Revelação 3:11) é bom que prestemos atenção à admoestação. Se não o fizermos, podemos descobrir, quando tarde demais, que permitimos que o mundo roubasse nosso amor pelo Mestre; e que nosso discernimento se tornou tão obscurecido pelo pecado e pela incredulidade que, como Rúben, ficamos muito aquém de realizar a obra que era desígnio do Senhor que cumpríssemos. Alguém que, como José, tenha sido separado daqueles da mesma fé, sem as oportunidades que desfrutamos, por simples fé e confiança em Deus, realizará a obra que falhamos em fazer e receberá a recompensa que podíamos ter obtido.

O caminho do tempo está coberto com os destroços de caráter de homens que uma vez foram verdadeiros e fiéis membros do Israel de Deus, (Romanos 2:28,29) e que estavam "escritos para a vida em Jerusalém"; (Isaías 4:3, margem) mas permitiram que Satanás enchesse seus corações com inveja, ciúmes, e criticismo, até que, como Dã, perderam sua firmeza nas coisas celestiais e não mais são contados com o Israel de Deus.

"Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa".

Resumo

O único filho de Manassés mencionado é Maquir, cuja mãe era uma concubina; dele surgiu a tribo de Manassés. (1 Crônicas 7:14)

Quando Israel entrou em Canaã, a tribo de Manassés contava com 52.700 homens. (Números 26:34)

Gideão, o maior dos juízes, era da tribo de Manassés.

As primeiras mulheres mencionadas como tendo direito de propriedade em seus próprios nomes, eram da tribo de Manassés. (Números 27:1-8)

Capítulo 49

Os Cento e Quarenta e Quatro Mil

Gênesis é o livro dos começos, Apocalipse, o livro dos finais. As linhas mais importantes da verdade apresentadas por todos os escritores do Antigo Testamento se unem no Apocalipse. Gênesis nos apresenta as doze tribos de Israel; o Apocalipse nos mostra os últimos representantes das tribos de pé sobre o monte Sião, no eterno reino de Deus. (Apocalipse 14:1)

Os remidos do Senhor são uma multidão inumerável, que nenhum homem pode contar; mas entre essa multidão, há um grupo separado, contado e mencionado pelo número, -- cento e quarenta e quatro mil. Este grupo é composto por doze divisões diferentes, cada uma contendo doze mil almas redimidas; e cada divisão tem o nome de uma das doze tribos de Israel. (Apocalipse 7:4-8) A lista apresentada em Apocalipse varia um pouco da lista dos doze filhos de Jacó, (1 Crônicas 2:1,2) pois Dã é omitido, e a divisão extra recebe o nome de Manassés, o filho mais velho de José.

Este grupo tem privilégios especiais. Eles estão em pé sobre o monte de Sião com Cristo, (Apocalipse 14:1) e "seguem o Cordeiro por onde quer que vá". (Apocalipse 14:4) Eles têm o elevado privilégio de servir a Cristo no templo celestial; (Apocalipse 14:5) e, como todas as hostes redimidas, são irrepreensíveis diante de Deus, e na sua boca não há engano.

A grande ceifeira morte tem depositado uma geração após a outra dos santos de Deus no silente túmulo; e para que ninguém venha a temer que a sepultura seja o fim definitivo dos fiéis, Deus pronunciou a seguinte promessa por meio do Seu profeta: "Eu os remirei do poder da sepultura e os resgatarei da morte". (Oseias 13:14, trad. lit. KJV.)

Os cento e quarenta e quatro mil são redimidos da Terra -- dentre os seres humanos. (Apocalipse 14:3,4) Eles estão vivos sobre a terra quando o Salvador vem, e serão trasladados, juntamente com a inumerável hoste que virá de suas camas empoeiradas, revestidos de gloriosa imortalidade, quando Cristo vier nas nuvens do céu. (1 Tessalonicenses 4:16,17)

Os cento e quarenta e quatro mil distinguem-se de todos os outros por terem o selo do Deus vivo nas suas frentes. Todos os que têm esse selo estão incluídos neste grupo. (Apocalipse 7:2-4) Esta marca distintiva é chamada de "nome do Pai". (Apocalipse 14:1) A Ezequiel, evidentemente, foi mostrada a mesma obra, e menciona isso como uma "marca" na testa. (Ezequiel 9:4)

Estamos familiarizados com o termo "selo" em relação a documentos legais. Um selo contém o nome da pessoa que emite o documento, seu cargo ou autoridade e a extensão de sua jurisdição. O selo colocado sobre as testas dos cento e quarenta e quatro mil, é o selo do Deus vivo. Os selos estão anexados a leis e documentos legais; portanto, devemos esperar que o selo de Deus esteja ligado à Sua lei. O profeta Isaías, olhando através dos tempos, viu um povo

que esperava que Cristo viesse do santuário celestial para a Terra, e a mensagem de Deus para eles era: "Sela a lei no coração dos Meus discípulos". (Isaías 8:16)

A Bíblia foi dada por meio de profetas, homens santos, a quem Deus usou como porta-vozes, para tornar conhecida Sua vontade ao Seu povo; (2 Pedro 1:20,21) mas a lei de Deus -- os dez mandamentos -- não foi dada por meio de nenhum agente humano. Deus Pai, Cristo o Filho, e miríades de seres celestiais desceram sobre o Monte Sinai, (Salmos 68:17) quando os dez mandamentos foram proclamados à vasta multidão de Israel -- mais de um milhão de pessoas. (Deuteronômio 10:1-5; Êxodo 31:18; 32:15,19) Então, para que não houvesse nenhum erro ao escrever a lei que Ele havia dado, Deus chamou Moisés ao monte e deu-lhe duas tábuas de pedra, sobre as quais Ele gravou com Seu próprio dedo os mesmos dez mandamentos que Ele tinha falado aos ouvidos da multidão. Esta lei será o padrão pelo qual todo filho e filha de Adão será julgado. Será que Deus colocou Seu selo nesta lei, pelo qual todos podem conhecer seus reclamos? Lembrando que o selo deve conter, primeiro, o nome de quem promulga a lei; segundo, o cargo ou autoridade investida no legislador; e terceiro, o território sobre o qual ele governa, procuremos o selo na lei de Deus.

Os três primeiros mandamentos, e também o quinto, mencionam o nome de Deus, (Êxodo 20:3-7,12) mas não O distingue de outros deuses. (1 Coríntios 8:5) Os últimos cinco mandamentos mostram o nosso dever para com os nossos semelhantes, mas não contêm o nome de Deus. (Êxodo 20:13-17)

O quarto mandamento contém, primeiro, o nome, "o Senhor, teu Deus"; segundo, a afirmação de que o Senhor, seu Deus, é o Criador de todas as coisas, e, portanto, tem o poder de promulgar esta lei; terceiro, um registro de Seu território, que consiste nos "céus e a Terra", que Ele criou. (Êxodo 20:8-11)

O quarto mandamento exige que todos os que habitam no território do Senhor Deus, o Criador, santifiquem o sétimo dia da semana, que Ele santificou e abençoou, (Gênesis 2:2,3) como memorial da Sua obra criadora.

O mandamento do sábado contém o selo da lei. A palavra sinal, às vezes é usada como sinônimo de "selo". (Romanos 4:11) Do sábado, Deus diz: "Entre Mim e os filhos de Israel é sinal para sempre". (Êxodo 31:13,16,17) "Também lhes dei os Meus sábados, para servirem de sinal entre Mim e eles, para que soubessem que Eu sou o Senhor que os santifica". (Ezequiel 20:12)

Deus abençoou e santificou o sábado; (Gênesis 2:2,3) e para aquele que o santificar, é um sinal, ou selo, do poder de Deus para santificá-lo. (Isaías 58:13,14) Existe um conhecimento de Deus na devida observância do sábado. "Santificai os Meus sábados, pois servirão de sinal entre Mim e vós, para que saibais que Eu sou o Senhor, vosso Deus". (Ezequiel 20:20)

Durante a Idade das Trevas, quando a palavra de Deus foi escondida do povo, o selo foi retirado da lei de Deus. Domingo, o

primeiro dia da semana, um dia em que Deus trabalhou, (Gênesis 1:1-5; Ezequiel 46:1) foi substituído pelo sábado do sétimo dia, no qual Ele descansou. (Gênesis 2:2,3) O Senhor revelou por meio do profeta Daniel que surgiria um poder que "cuidaria em mudar" a lei de Deus, (Daniel 7:25; 12:7) e que a lei lhe seria entregue nas mãos durante mil e duzentos e sessenta anos, um período de tempo mencionado por ambos, Daniel e João. Depois que esse período tivesse passado e a Bíblia estivesse novamente nas mãos do povo, o verdadeiro sábado do quarto mandamento seria restaurado e observado. A violação na lei seria reparada, e a lei seria selada nos corações dos discípulos do Senhor, que estariam ansiosamente aguardando por Seu retorno.

Em Apocalipse 7:2, esta mensagem de selamento é representada como proveniente do oriente, ou nascente do sol. Devemos entender disso que começaria como o nascer do sol, primeiro uma luz fraca, aumentando constantemente até iluminar toda a Terra.

Quatro anjos foram comissionados para segurar os quatro ventos até que a obra fosse terminada. Os ventos são um símbolo de guerra. (Daniel 11:40) Em cumprimento disso, podemos esperar que, durante algum período da história do mundo, os ventos de guerra fossem milagrosamente segurados, enquanto a obra de restauração do selo à lei de Deus estivesse avançando na Terra.

Sempre houve sobre a terra alguns observadores do sábado do sétimo dia; mas a obra de restaurar a brecha que havia sido feita na lei teve início em 1845, por aqueles que estavam aguardando a

segunda vinda do Senhor. Depois que o tempo estabelecido para Ele passou, no outono de 1844, a atenção daqueles que esperavam que Cristo voltasse à Terra naquela data foi dirigida ao santuário celestial, onde, pela fé, viram Cristo oficiando como Sumo Sacerdote. Ao acompanharem o Salvador em Sua obra, "abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no Céu, e foi vista a arca da Aliança no Seu santuário". (Apocalipse 11:19) Sua atenção foi atraída para a lei contida naquela arca, (Êxodo 25:16) e alguns deles reconheceram os reclamos do sábado do Senhor, e aceitaram-no como o selo da lei. Em torno de 1847-1848, o sábado começou a ser pregado como o selo da lei do Deus vivo.

Em 1848 ocorreu uma das maiores revoluções de muitos séculos nos negócios nacionais da Europa. Decididas mudanças foram feitas em algumas das principais nações. Num breve período de tempo, muitas das cabeças coroadas da Europa se submeteram ao povo. Parecia que uma guerra universal era inevitável. Em meio ao tumulto e ao conflito, veio uma súbita calma. Nenhum homem podia atribuir qualquer razão para isso, mas o estudante da profecia sabia que os anjos estavam segurando os ventos até que os servos de Deus pudessem ser selados nas suas fronteiras.

A testa é o trono do intelecto; e quando os honestos de coração veem e reconhecem as reivindicações da lei de Deus, eles santificarão o sábado. O selo colocado na testa pelo anjo não pode ser lido pelo homem, pois somente Deus pode ler o coração. Simplesmente descansar no sétimo dia de todo o trabalho físico não colocará o selo sobre a testa de ninguém. O descanso é necessário,

mas com o descanso deve estar também a vida santa e consagrada que esteja em harmonia com o dia santo e consagrado. (Isaías 58:13)

Ezequiel viu um anjo colocando uma "marca" sobre as frentes daqueles que estavam angustiados por causa das abominações praticadas pelo profano povo de Deus. (Ezequiel 9:1-4) Aqueles que estão tranquilos em Sião seguindo a correnteza, com as afeições de seus corações voltadas ao mundo, nunca receberão o selo do Deus vivo.

A reforma do sábado -- a obra de selamento de Apocalipse 7:1-4 -- surgiu como o sol. Durante alguns anos, havia apenas alguns que observavam o sábado do quarto mandamento; mas assim que indivíduos aqui e ali, em todas as partes do mundo, descobriram que toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse, ensina que o sétimo dia é o sábado, e que Cristo (Lucas 4:16; Mateus 5:17,18) e os apóstolos (Lucas 23:54-56; Atos 17:2; 16:13; 18:4,11) o guardaram, eles aceitaram-no; (Romanos 3:19) e hoje em todas as divisões da Terra há aqueles que honram a Deus como o Criador, santificando o dia que foi abençoado e santificado como memorial da Sua obra criadora.

Na igreja cristã não há judeus nem gentios; todos são um em Cristo Jesus. (Gálatas 3:28) Todos somos enxertados na família de Abraão. (Romanos 11:17-21; Gálatas 3:29) Os cento e quarenta e quatro mil não são necessariamente descendentes literais dos judeus, (Romanos 11:21-23) mas são aqueles que receberam o selo do Deus

vivo em suas fronteiras, cujas vidas estão em harmonia com os santos preceitos de Jeová.

Em Apocalipse 14:9-14, somos informados de um poder que se opõe à lei de Deus, e que tem uma marca que tentará impor sobre o povo por meio do poder civil. (Apocalipse 13:13-18) Desde que o sábado do Senhor é dado por Jeová como um sinal de Seu poder e Seu direito de governar, o sábado espúrio, ou domingo, o primeiro dia da semana, será a marca do poder opositor. A lei de Deus ordena a todos santificar o sétimo dia da semana, o memorial da criação de Deus; mas as leis da Terra ordenarão todos a descansar no domingo, o primeiro dia da semana. (Apocalipse 13:16,17)

Quando este teste vier, cada pessoa terá que decidir por si mesma. Muitos, como Pedro e João, quando enfrentaram os magistrados e o encarceramento, dirão: "Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens". (Atos 5:29)

Este conflito continuará, diz João, até que o dragão, Satanás, tornar-se-á tão irado com a igreja que "pelejará com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus". (Apocalipse 12:17)

Desse conflito serão reunidos os cento e quarenta e quatro mil. Sua experiência será semelhante à dos filhos de Israel saindo do Egito. O faraó não permitia que eles descansassem no sábado. Ele chamou a instrução de Moisés e Arão "palavras mentirosas"; (Êxodo 5:9) ou como o Dr. Adam Clarke expressa, o faraó disse: "Deixe a

religião em paz e preocupem-se com seu trabalho". Naquele "mesmo dia" (Êxodo 5:5,6) que o faraó reclamou que Moisés e Arão estavam instruindo o povo a descansar, o rei deu a ordem: "Daqui em diante não torneis a dar palha ao povo, para fazer tijolos", e os fardos dos filhos de Israel aumentaram grandemente. (Êxodo 14:19-31) Satanás estava determinado a fazer com que os israelitas não pudessem honrar o sábado do Senhor; mas Deus libertou o Seu povo e destruiu Faraó e todo o seu exército.

Na Terra, a marca distintiva dos cento e quarenta e quatro mil é o selo de Deus nas suas fronteiras; no Céu, será o cântico maravilhoso que eles cantarão: "Entoavam novo cântico diante do trono, ... e ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da Terra". (Apocalipse 14:3) "Entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro". (Apocalipse 15:3) É uma canção que conta uma experiência -- maravilhosa melodia! Nem mesmo o coro dos anjos pode juntar-se a esses maravilhosos acordes enquanto ecoam pelas abóbadas do céu. Mesmo Abraão, o amigo de Deus, com toda a sua fé, não pode se juntar a essa música. Que coro será! Cento e quarenta e quatro mil vozes em perfeito acorde, cantando a "canção de Moisés, servo de Deus e a canção do Cordeiro".

Como as doze tribos, depois de atravessar o Mar Vermelho, todas unidas na canção do triunfo, assim também os últimos representantes das doze tribos de Israel na Terra, uma poderosa falange em pé sobre o mar de vidro diante do trono de Deus no Céu, cantarão o cântico de Moisés e do Cordeiro.

Resumo

Os cento e quarenta e quatro mil recebem o selo do Deus vivo nas suas frentes. (Apocalipse 7:2-4)

Eles obtêm a vitória sobre a besta e sua imagem. (Apocalipse 15:2)

São redimidos dentre a humanidade. (Apocalipse 14:3, 4)

Encontram-se em pé sobre o Monte Sião. (Apocalipse 14:1)

"Seguem o Cordeiro onde quer que vá". (Apocalipse 14:4)

Cantam um cântico que ninguém mais pode cantar. (Apocalipse 14:3)

Servem a Cristo no templo celestial. (Apocalipse 7:15)

Um selo anexado a um documento legal deve indicar o nome, cargo ou autoridade do que emite o documento, e o território sobre o qual ele governa.

Deus tem um selo; este selo está ligado à Sua lei. (Apocalipse 7:3,4; Isaías 8:16)

O quarto mandamento contém o selo da lei de Deus. Dá o nome Dele, -- Senhor Deus; Sua autoridade, -- o Criador; e o Seu território, o Céu e a Terra que Ele fez. (Êxodo 20:8-11)

Sinal e selo são termos sinônimos. (Romanos 4:11)

O sábado é o sinal, ou selo, da lei de Deus. (Ezequiel 20:12,20)

Uma bênção é pronunciada sobre aquele que observar o sábado. (Isaías 56:1,2)

Capítulo 50

As Tribos Perdidas

Muito tem sido falado e escrito sobre as tribos perdidas de Israel, e muitas teorias fantasiosas têm sido inventadas em relação a elas. Não tentaremos seguir nenhuma dessas linhas de discussão, mas falaremos das tribos que estão verdadeiramente perdidas.

Nos capítulos anteriores, vimos que Rúben, Simeão, Levi, Judá, Naftali, Gade, Aser, Issacar, Zebulom, José, Benjamim e Manassés não só tinham parte na terra da Palestina, mas que seus nomes foram imortalizados, e serão representados no reino de Deus por toda a eternidade, enquanto os nomes de Efraim e Dã caem no esquecimento. São as tribos perdidas de Israel.

Por que o altivo Efraim, que foi a força do reino de Israel, e Dã, que foi ultrapassado apenas por Judá no número de seus guerreiros quando entraram na terra prometida, foram excluídos do último grande encontro de Israel como tribos?

Efraim era filho de uma princesa egípcia que era idólatra, até onde temos algum registro. É muito provável que a maior parte da vida de Efraim tenha se passado entre os egípcios, pois podemos supor que dificilmente, devido aos seus altivos vínculos, ele tenha se associado muito aos israelitas em Gósen, até que surgiu um rei que não conhecia José. (Êxodo 1:8) Manassés morava no mesmo ambiente; mas o fato de Efraim ter recebido o primeiro lugar na

bênção do patriarca, pode ter enchido seu coração de orgulho e dado um molde diferente à sua vida. Efraim tinha cerca de vinte e um anos quando recebeu a bênção de Jacó. Ele teve o exemplo piedoso de seu pai diante dele por muitos anos; pois José viveu para ver os filhos de Efraim da terceira geração. (Gênesis 50:23)

Apenas um vislumbre da vida pessoal de Efraim é apresentado. O registro afirma que seus filhos, em uma expedição saqueadora, roubaram o gado pertencente aos homens de Gate, e os homens de Gate os mataram. "Pelo que por muitos dias os chorou Efraim, seu pai, cujos irmãos vieram para o consolar". (1 Crônicas 7:21,22)

Enquanto Efraim ainda estava de luto pela perda de seus filhos, outro filho lhe nasceu, e ele o chamou de Berias, ou "mal", "porque as coisas iam mal na sua casa". (1 Crônicas 7:23) Por mais estranho que pareça, de Berias veio o mais ilustre de todos os seus descendentes, -- Josué, o grande líder de Israel. (1 Crônicas 7:27) "Oseias, filho de Num", (Números 13:8,16) foi escolhido como um dos dez espias, e depois de sua fidelidade ter sido testada nessa ocasião, seu nome foi mudado de Oseias, "ajuda", para Josué, "a ajuda de Jeová". Esta mudança de nomes era comum nos tempos antigos, pois os nomes de então indicavam o caráter do portador. Abrão tornou-se Abraão quando recebeu a promessa; e depois da noite da luta, Jacó, o enganador, tornou-se Israel, o príncipe de Deus. (Gênesis 17:5; 32:28, margem)

Outro ilustre descendente de Berias era sua filha, Seerá, que edificou duas cidades. (1 Crônicas 7:24)

Samuel, o último juiz de Israel, era da tribo de Efraim. Foi em Siló que Ana entregou Samuel a Eli, o sacerdote. (1 Samuel 2:24-28) Samuel é um dos personagens fortes da Bíblia. Poucos homens ocuparam tantos ofícios durante uma vida longa e útil como Samuel. Ele oficiou como sacerdote, mas não era um sacerdote. (1 Samuel 7:9) Julgou Israel todos os dias de sua vida. (1 Samuel 3:1-21) Era também um grande educador, e estabeleceu as escolas dos profetas. Quando ainda criança a Samuel foi confiado o Espírito de profecia, e geralmente supõe-se que uma parte da Bíblia foi escrita por ele.

Efraim como tribo teve muitas vantagens; mas eles não conseguiram aproveitar-se delas. Eles eram invejosos e ciumentos, sempre sensíveis sobre supostas desfeitas. (Juízes 8:1; 2 Samuel 19:41-43)

Após a morte de Salomão, o reino foi dividido e, a partir desse momento, a história de Efraim é a história do reino de Israel.

Jeroboão, seu primeiro rei, era um efraimita. Foi Deus que rasgou o reino das mãos de Roboão e deu dez tribos a Jeroboão; (1 Reis 11:29-31) e se ele tivesse andado humildemente com Deus, uma história completamente diferente teria sido escrita de Efraim. Foi o mesmo espírito de ciúme e suspeita que tinha prejudicado a história de sua tribo, que influenciou Jeroboão a fazer os bezerros de ouro, e colocá-los em Betel e Dã, estabelecendo assim um sistema de culto idólatra. (1 Reis 12:26-33) O Senhor enviou uma mensagem de advertência e até realizou um milagre sobre a pessoa

do rei; (1 Reis 13:1-6) mas "Jeroboão não deixou o seu mau caminho". (1 Reis 13:33)

Há poucas coisas mais tristes do que o constante declínio da tribo arrogante e ciumenta de Efraim do pináculo do sucesso -- seu líder, o líder da nação inteira, e o centro de culto em Siló dentro das suas fronteiras, -- ao repentino cativo e total esquecimento que encerrou sua carreira.

Algumas das mensagens mais inflamadas foram enviadas pelo Senhor à tribo de Efraim. Quase todo o testemunho de Oseias foram apelos para que Efraim se arrependesse. "Eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os nos Meus braços, mas não atinaram que Eu os curava. Atraí-os com cordas humanas, com laços de amor; ... mas o Assírio será seu rei, porque recusam converter-se". (Oseias 11:3-5)

Oseias apresenta a razão da queda de Efraim: "Efraim se mistura com os povos e é um pão que não foi virado". (Oseias 7:8) O reino de Deus e os reinos do mundo são inteiramente distintos. Ninguém pode servir a Deus e às riquezas. Efraim era "pão que não foi virado", ele não tinha uma experiência completa nas coisas de Deus. Uma pessoa não pode se misturar com as pessoas do mundo, gastando sua força na busca da riqueza e da fama, e ao mesmo tempo ser um membro do verdadeiro Israel de Deus.

O Senhor implorou a Efraim, dizendo: "Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel?" (Oseias 11:8) Mais uma vez,

Ele disse: "Embora Eu lhe escreva a minha lei em dez mil preceitos, estes seriam tidos como coisa estranha". (Oseias 8:12)

A idolatria foi o grande pecado de Efraim; ele não conseguiu apreciar as coisas sagradas de Deus. Depois que as súplicas do Senhor foram rejeitadas, a palavra foi anunciada: "Efraim está ligado a ídolos; deixem-no só!" (Oseias 4:17 NVI) "O meu Deus os rejeitará, porque não O ouvem" (Oseias 9:17) nem aceitam o Seu amor.

Há muitos idólatras no mundo de hoje, viajando pela mesma estrada sobre a qual Efraim passou. Eles não estão adorando ídolos feitos de metal, madeira ou pedra, pois os deuses populares do presente não são dessa forma; eles são dinheiro, riqueza, prazer e posição elevada. Deus está chamando por eles, mas eles, como Efraim, estão ligados aos seus ídolos. Como Efraim de antigamente, são considerados como parte da igreja de Deus, mas o teatro e locais de diversão têm mais atração para eles do que a casa de oração, e a sociedade mundana é mais agradável do que a companhia dos santos. Um dia serão levados cativos por um rei maior do que os reis da Assíria e da Babilônia. O grande Rei de todos os reis surgirá e sacudirá terrivelmente a Terra. "Naquele dia, os homens lançarão às toupeiras e aos morcegos os seus ídolos de prata e os seus ídolos de ouro, que fizeram para ante eles se prostrarem... ante o terror do Senhor e a glória da Sua majestade, quando Ele se levantar para espantar a Terra". (Isaías 2:20,21)

Dã era o quinto filho de Jacó, e seus descendentes constituíram uma das fortes tribos de Israel. Sessenta e quatro mil e quatrocentos guerreiros estavam perfilados sob o estandarte de Dã quando entraram na terra prometida. (Números 26:42,43) Por alguma razão, a grande tribo de Dã recebeu uma das mais pequenas porções da herança, e, com o tempo, seguiram para o norte e lutaram contra "Lesém, e a tomaram, e a feriram a fio de espada; e, tendo-a possuído, habitaram nela e lhe chamaram Dã, segundo o nome de Dã, seu pai". (Josué 19:40-48) Jeroboão estabeleceu seus bezerros de ouro, um em Betel no território de Efraim, o outro na cidade de Dã; e os danitas foram entregues à idolatria. Mesmo antes dos dias de Jeroboão, encontramos os danitas adorando imagens esculpidas. (Juízes 18:30)

Quando o tabernáculo foi edificado no deserto, Deus especialmente dotou Aoliabe, da tribo de Dã, com sabedoria para "elaborar desenhos e trabalhar em ouro, em prata e em bronze", (Êxodo 31:3-6) e também lhe deu habilidade para ensinar aos outros a mesma arte. (Êxodo 35:34) Esses presentes permaneceram com a tribo de Dã, e foram, sem dúvida, a razão pela qual eles foram atraídos para a rica cidade de Tiro, e ligaram-se matrimonialmente com seus habitantes. (1 Reis 7:13,14)

Anos depois, quando Salomão construiu o templo, Hirão, rei de Tiro, enviou um descendente de Dã, alguém que ainda possuía os dons dados aos seus antepassados pelo Senhor, para elaborar desenhos e trabalhar em ouro, em prata, e em bronze, para o templo, (2 Crônicas 2:13,14) em Jerusalém.

A tribo de Dã ainda preservou seu lugar entre os israelitas no tempo de Davi; (1 Crônicas 27:22) mas depois disso o nome aplicado à tribo desaparece, e raramente é mencionado, exceto quando se refere à cidade do norte com esse nome. Sansão é o único governante provido a Israel pela tribo de Dã. Ele julgou Israel por vinte anos. (Juízes 13:2; 15:20)

A bênção pronunciada sobre Dã por Jacó, retrata seu caráter: "Dã julgará o seu povo, como uma das tribos de Israel. Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo e faz cair o seu cavaleiro por detrás". (Gênesis 49:16,17) Como a bênção pronunciada sobre Rúben, a primeira parte retrata o caráter que ele poderia possuir, se ele tivesse abraçado as oportunidades que Deus colocou em seu caminho. Que contraste entre um juiz, respeitado e honrado por todos, e uma serpente à beira da estrada, pronto para prender suas presas mortais na carne de cada um dos que passam!

Dã foi o primeiro filho nascido das concubinas, mas o velho patriarca deu-lhe um lugar de honra entre as tribos de Israel. Naturalmente, ele era dotado do rápido e aguçado discernimento que faz um bom juiz; mas não exerceu o presente como Deus designara; usou isso para detectar o mal nos outros, em vez do bem.

"Uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo e faz cair o seu cavaleiro por detrás". Que palavras poderiam descrever melhor a língua maligna que "é posta ela mesma em chamas pelo

inferno" e está "carregada de veneno mortífero?" (Tiago 3:6-8) Dã representa o caluniador, pois a víbora atinge o calcanhar do cavalo. Tais personagens são odiados por Deus e pelos seres humanos. A palavra do Senhor diz: "Ao que às ocultas calunia o próximo, a esse destruirei". (Salmos 101:5) As palavras proféticas de Jacó revelam por que a tribo de Dã não faz parte da herança eterna; Deus havia decretado, muito antes de selarem seu destino por seu curso perverso, que nenhum caluniador deveria se achar sobre o Monte Sião.

O salmista faz a pergunta: "Quem, Senhor, habitará no Teu tabernáculo? Quem há de morar no Teu santo monte?" Em outras palavras, quem Te servirá dia e noite no Teu templo, e permanecerá contigo no monte Sião? "O que não difama com sua língua, não faz mal ao próximo, nem lança injúria contra o seu vizinho"; é a resposta de Jeová. (Salmos 15:1,3)

Rúben, por "profundo exame do coração", superou seu caráter natural, que era "impetuoso como a água", até que se pudesse dizer dele: "Viva Rúben e não morra"; e Levi, pela graça de Deus, mudou sua maldição proferida por seu moribundo pai em uma bênção. Judá, com a ajuda do Senhor em sua vida diária, "foi poderoso entre seus irmãos", a tal ponto que próximo da morte, seu pai podia dizer: "O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos". Gade, embora vencido por uma tropa de tentações, alcançou a vitória e "venceu afinal". Benjamim, de devorador "como um lobo", aprendeu a confiar em Deus tão plenamente que dele poderia ser dito: "Todo o dia o

Senhor o protegerá, e ele descansará nos Seus braços". Aser aprendeu a "banhar o pé no azeite", e passar suavemente sobre as provações que, sem o Espírito de Deus, nunca poderia ter superado.

Efraim e Dã, com as mesmas oportunidades que seus irmãos tiveram de superar traços malignos em seus caracteres, falharam em obter a vitória, e não são contados com os cento e quarenta e quatro mil que estarão em pé no santo monte de Deus e habitarão em Seu tabernáculo.

Em famílias sobre toda a terra hoje a mesma história está sendo repetida. Irmãos, criados pelos mesmos pais, cercados pelos mesmos ambientes, estão passando as mesmas experiências registradas dos filhos de Jacó. Destes, como o trigo e o joio, o mandamento é dado: "Deixai-os crescer juntos até à colheita". A mesma luz do sol e tempestade que amadurecem as espigas douradas de trigo para o celeiro, amadurecem o joio para a destruição final; então as mesmas bênçãos diárias do Pai das luzes amadurecem um indivíduo para o reino de Deus e o outro para a destruição final.

Cada um é o arquiteto de seu próprio caráter. O chamado é estendido a todos: "Olhai para Mim e sede salvos". Aquele que conservar sua mente firme em Deus, pela contemplação, será transformado. Dia após dia, ocorrerá uma transformação no coração, que fará com que os anjos se maravilhem com a obra operada na humanidade.

O mesmo Cristo que uma vez andou pela terra, vestido em forma humana, por meio de Seu divino Espírito, habitará em todo ser humano que abrir a porta do seu coração e convidá-Lo a entrar. Aquele que medita em Cristo e estuda a Sua vida sem pecado, ao contemplar a glória do Senhor, será "transformado, de glória em glória, na Sua própria imagem".

"Cristo posa para ser retratado em cada discípulo". É possível para a pobre humanidade caída, mediante o poder de Deus refletir o caráter divino. Cristo cobre a vida arruinada com o manto imaculado de Sua própria justiça. Deus e os anjos contemplando o indivíduo assim vestido, veem apenas o caráter perfeito do divino Filho de Deus; e durante as intermináveis eras da eternidade, os remidos testemunharão o poder transformador do sangue de Cristo.